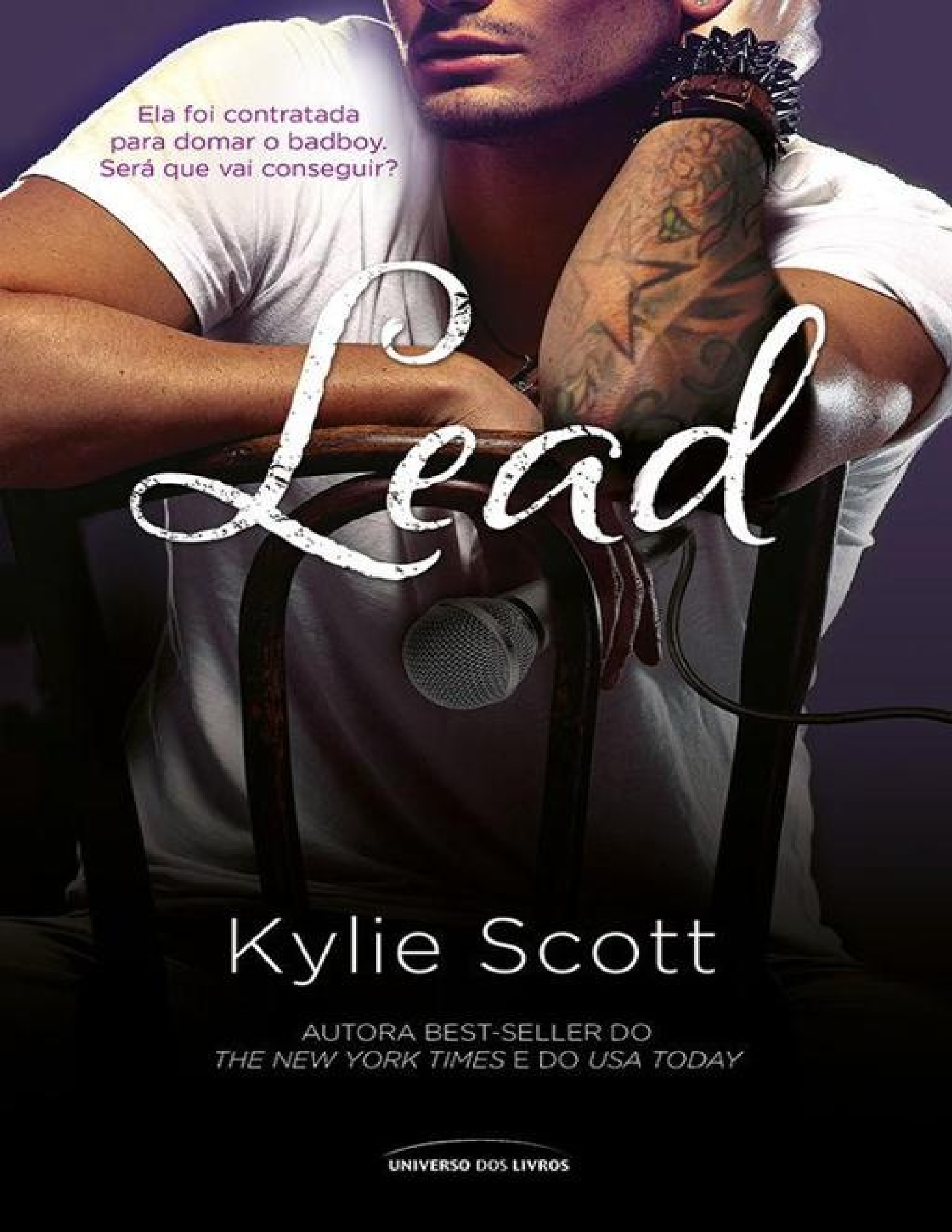

Ela foi contratada
para domar o badboy.
Será que vai conseguir?
Lead
Kylie Scott
AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES E DO USA TODAY
UNIVERSO DOS LIVROS

Lead

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 • 6º andar • Bloco 2 • Conj. 603/606
Barra Funda • CEP 01136-001 • São Paulo • SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Kylie Scott

Lead

São Paulo
2016

UNIVERSO DOS LIVROS

Lead

Stage Dive, 3

Copyright © Kylie Scott 2014

© 2016 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Editora-chefe: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Aline Graça e Letícia Nakamura

Tradução: Francisco Sória

Preparação: Laura Moreira

Revisão: Alexander Barutti e Plínio Zúnica

Arte e adaptação de capa: Francine C. Silva e Valdinei Gomes

Diagramação: Carlos Roberto

Design original de capa: Lisa Marie Pompilio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S439L

Scott, Kylie

Lead / Kylie Scott ; tradução de Francisco Sória. – São Paulo : Universo dos Livros, 2016. (Stage Dive, 3)

352 p.

ISBN: 978-85-503-0029-0

Título original: *Lead*

1. Literatura australiana 2. Literatura erótica I. Título II. Sória, Francisco

16-0613 CDD 823

Com agradecimentos especiais a Jo Wylde,
Sali Pow e Natasha Tomic.

Dedicado à Associação dos Leitores de Romance da Austrália.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido e à minha família por mais uma vez aderir às loucuras que vieram junto de outro prazo. Seu amor e afabilidade em momentos de pressão são extraordinários. Eu não teria conseguido sem o apoio incondicional deles e se não se dispusessem a comer comida de micro-ondas.

Muito obrigada a todos da St. Martin Press e da Pan Macmillan, tanto australiana quanto britânica, em especial às minhas editoras maravilhosas, Rose Hilliard, Haylee e Catherine. Obrigada à minha adorável agente, Amy Tannenbaum, da Jane Rotrosen Agency, por acreditar insistentemente em mim e por seus ótimos conselhos. Agradeço também a Chasity Jenkins da Rock Star PR & Literary Services pela amizade e pela ajuda, e a By Hang Le pelos desenhos incríveis e pelo afeto.

Um obrigada adicional às meninas do Groupies. Vocês são demais.

Ser blogueira de livros é um ato de amor. Não creio que se possa pagar o suficiente pela dedicação obstinada e pontual a ler, revisar e manter a comunidade leitora informada das últimas notícias, lançamentos recentes etc. – como sempre, sei que vou me esquecer de pessoas importantes, então por favor me perdoem… – Natasha is a Book Junkie, The Rock Stars of Romance, Maryse's Book Blog, Smut Book Club, Totally Booked Blog, Aestas Book Blog, Give me Books, Love N. Books, Angie's Dreamy Reads, Globug and Hootie Need a Book, The Autumn Review, About That Story, The BookPushers, Wicked Little Pixie, Heroes and Heartbreakers, Hopeless Romantic, Smexy Books, Under the Covers Book Blog, Book Thingo, Shh Mom's Reading, Hook Me Up Book Blog, Anna's Attic Book Blog, Kaetrin, Nelle, Jodie e Jess do Indie Author's Down Under, Sassy Mum, as meninas do Fictionally Yours, Melbourne, Angie, Mel e o Triple M Bookclub, The Book Bellas, Random Hot Guy of the Day, VeRnA LoVeS bOoKs, Valley of the Book Doll, Up All Night Book Blog, Lit Slave, Three Chicks and Their Books, Love Between the Sheets, Rude Girl, Joyfully Reviewed, Night Owl Reviews, Crystal, Cath, Dear Author, Twinsie Talk Book Reviews, A Love Affair with Books, Harlequin Junkie, Sahara, Kati, Martini Times Romance, Booktopia, Rosemary's Romance Books e muito, muito mais. Se você reservou um tempo para ler e fazer uma resenha de

um dos meus livros, muito obrigada.

PRÓLOGO

DOIS MESES ATRÁS...

A boca do homem continuava a se mover, mas eu me apartara do mundo havia um tempo. Não estavam me pagando o suficiente para isso. Impossível. Era o segundo dia de trabalho e eu já queria me jogar pela janela. Eles disseram que a indústria musical seria divertida. Eles disseram que teria glamour. Eles mentiram.

– … É tão difícil de entender? Estou sendo claro o suficiente com você? Éclair é um docinho comprido, com cobertura de chocolate e creme no meio. Não esse, esse… negócio redondo que você comprou. DE NOVO – o idiota gritou, seu maxilar tremia.

Na mesa, a enfermeira deslizou um pouco mais em seu assento, apenas para o caso de ele querer fazer dela seu próximo alvo, sem sombra de dúvida. Justo. Ela provavelmente também não estava recebendo o suficiente. Só uma masoquista aproveitaria isto por cem dólares a hora. Eu geralmente procurava empregos temporários que duravam cerca de dois meses ou menos. Era tempo suficiente para ganhar algum dinheiro, e também curto o bastante para evitar o envolvimento em algum tipo de drama.

Geralmente.

– Está me ouvindo? – O falso bronzeado de sua pele mudava da cor alaranjada para um espantoso tom de vinho conforme a raiva aumentava. Se ele tivesse um ataque cardíaco, eu não faria respiração boca a boca nele. Alguma outra alma corajosa faria esse sacrifício.

– Senhorita… seja lá qual for o seu nome – ele disse. – Volte à loja e desta vez pegue o que eu pedi!

– Morrissey. Meu nome é Lena Morrissey.

Passei um guardanapo a ele, com cuidado para não encostar, pois uma boa profissional sempre mantém distância. Além de o cara ser repugnante.

– Isso é pra você.

– O que é?

– É um bilhete do gerente da loja de rosquinhas pedindo desculpas porque os éclair, aqueles docinhos compridos, gostosos e em formato de pinto, estão em falta. Parece que só serão assados mais tarde, já que acho que você não entendeu quando te falei isso ontem. Pensei que seria mais fácil você acreditar em mim se a informação viesse de um posto mais alto na hierarquia do mundo das rosquinhas.

O pobrezinho olhou para mim, perplexo, depois para o guardanapo, e depois voltou o olhar para mim.

– O nome dele é Pete. Pareceu bem legal, talvez você devesse ligar para ele, caso precise de uma verificação posterior. Você vai ver o número anotado no canto do papel.

Tentei apontar os tais dígitos, mas Adrian afastou a mão bruscamente, amassou o papel e o jogou em um amontoado de lixo. Bem, eu tentei.

Mais ou menos.

A risada rolava solta em seu escritório. Um cara bonito e com um cabelão loiro piscou para mim. Fiquei feliz por estar divertindo o Loirinho. Eu, por outro lado, estava sem dúvida prestes a ser despedida.

Espera, mas aquele era Mal Ericson, do Stage Dive?

Caralho, era mesmo.

Então os outros três homens deviam ser o restante da banda. Tentei desviar os olhos, mas eles tinham vontade própria. Celebridades, hein. Pelo menos consegui conhecer algumas antes de me ferrar. Eles não pareciam particularmente diferentes das pessoas normais, talvez um pouco mais bonitos. Mesmo tendo desistido dos homens, não se pode negar o apelo que eles tinham. Os dois caras com cabelo escuro e pele lisinha folheavam juntos alguns documentos. Deviam ser David e Jimmy, os irmãos Ferris. Ben Nicholson, o baixista, era maior que todos eles e estava todo esticado, com as mãos atrás da cabeça, adormecido.

Parabéns para ele. É um ótimo jeito de passar o tempo durante uma reunião.

—

Mal acenou para mim.

– Lena Morrissey, né?

– Sim.

– Gosto de você. Você é engraçada.

– Obrigada – respondi, seca.

– Mal, meu velho – Adrian se intrometeu. – Só espera eu me livrar dessa… mulher. Daí podemos continuar nossos negócios.

O monstro corporativo voltou seus olhos brilhantes para mim:

– Está demitida. Saia daqui.

E lá vamos nós. Emiti um longo suspiro.

– Calma aí. – Mal pôs-se de pé com um ar arrogante. Movimentava-se como uma serpente. – Então você faz serviços burocráticos?

– Eu fazia, sim.

Ele me lançou um sorriso.

– Você não parece impressionada. Não sou impressionante, Lena?

– Claro que é. Só estou um pouco ocupada agora, sendo despedida e tal, pra poder apreciar a magnificência do momento. – Pus as mãos na cintura e o fitei nos olhos. Ele era bonito e aposto que aquela carinha já funcionou com inúmeras mulheres. Mas não comigo. – Pode ficar tranquilo, vou surtar loucamente mais tarde.

Ele se apoiou no beiral da porta.

– Promete?

– Com certeza.

– Estou confiando em você, hein.

– E eu agradeço, senhor Ericson. Não vou decepcioná-lo.

– Que espertinha você. Gostei disso – ele exibiu um largo sorriso.

– Obrigada.

– De nada.

Balançando a cabeça, ele encostou o dedo nos lábios.

– Está solteira, Lena?

– Por que quer saber?

– Curiosidade. A julgar pelo seu descontentamento, devo assumir que a resposta seja sim. E pena para os caras por aí, por deixarem passar uma dama como você.

Uma batelada de caras por aí não “me deixou passar”. Eles preferiram foder minha vida, por isso a expressão de descontentamento. Mas é óbvio que não contaria isso a ele.

– Ei, Mal? – Adrian friccionou a grossa corrente de ouro em seu pescoço como se fosse uma coleira.

– Um minuto, Adrian. – Mal me mediu vagarosamente de cima a baixo e seus olhos se prolongaram no volume de meus seios. Peitos grandes, baixa estatura e quadris largos eram características da família. Minha mãe era igualzinha, então havia muito pouco que eu pudesse fazer a respeito. No entanto, o azar no amor parecia ser inerente a mim. Mamãe e papai estavam casados há quase trinta anos, e minha irmã, prestes a se casar – não que eu tivesse planos de ir à celebração. É uma longa história. Ou curta e ruim, você decide.

De um jeito ou de outro, eu estava muito bem como estava: voando sozinha.

– Acho mesmo que você pode ser a escolhida – disse o baterista, dissipando meus pensamentos.

Pisquei.

– É mesmo?

– Sim. Quero dizer, olhe só pra você, tão linda e adorável. Mas o que eu amo especialmente é esse seu olhar de vá-se-foder por trás dos óculos astutos.

– Você gosta, é? – Meu sorriso era capaz de mostrar todos os dentes.

– Ah, com certeza. Mas você não é pra mim.

– Não?

– Infelizmente não – ele balançou a cabeça.

– Droga.

– É, eu sei. É mesmo uma pena pra você – ele suspirou, colocando o cabelo atrás da orelha, e olhou por cima do ombro. – Cavalheiros, sobre o problema que estávamos discutindo antes: posso ter encontrado uma solução.

David Ferris desviou o olhar de Mal para mim, e depois para o Mal novamente. Ele enrugou a testa ao dizer:

– Está falando sério?

– Cento e dez por cento.

– Você a ouviu, ela é uma secretária – disse Jimmy, o mais velho dos irmãos Ferris, que sequer desviou o olhar do jornal. Sua voz era suave e profunda, mas ainda assim soava desinteressada. – Ela não tem qualificações.

Mal soltou um grunhido.

– Porque as que tinham um monte de diplomas chiques fizeram um belo trabalho de merda, né. Quantas você demitiu? E fugiu de quantas outras até agora? Tá na hora de enxergar o problema por um outro ângulo, cara. Abra sua mente para a maravilhosa senhorita Lena Morrissey.

– Do que vocês estão falando? – perguntei, confusa.

– Pessoal. – O babaca do Adrian começou a chacoalhar as mãos em sinal de pânico. – Vocês não podem estar falando sério. Vamos parar e refletir.

– Dá um tempo, Adrian – respondeu David. – Não é fácil lidar com ele. Acha que ela dá conta?

Jimmy resmungou.

– Acho que sim – disse Mal, que de tão animado pôs-se a dar pequenos saltos. Ele levantou os punhos como se fosse lutar. – Mostre-nos do que é capaz, Lena. Me derrube. Vamos lá, campeã, você consegue. Me imobilize!

Que maluco. Eu tirei da minha cara o punho com o qual ele me provocava.

– Senhor Ericson, o senhor tem mais ou menos cinco segundos para dizer algo que faça sentido, ou vou embora daqui.

David Ferris me lançou um pequeno sorriso. De aprovação, talvez? Não sei e não importava. Aquele circo já estava rolando há tempo demais e eu tinha satisfações a prestar na agência de empregos. Já que essa não era a primeira vez que eu metia os pés pelas mãos no trabalho, as chances de eu ser perdoada eram pequenas. Pode ser que eles tenham pedido que eu tivesse mais calma uma ou duas vezes. Mas sério, a vida é muito curta pra aguentar essas merdas; se você deixar que pisem em cima de você, vai ter o que merece. Aprendi do jeito difícil.

Curvando os ombros em sinal de desapontamento, Mal suspirou.

– Tá bom, tá bom. Não precisa brincar comigo. Não tô nem aí.

Ele e David trocaram um olhar, e o guitarrista cutucou o irmão com o cotovelo.

– Pode ser que valha a pena. Que tal pensar um pouco sobre isso?

– Ela enche o saco do Adrian e de repente é a escolhida? – Jimmy perguntou. – Sério?

– O Mal está certo. Ela é diferente.

Adrian soltou um gritinho de desespero. Insignificante ou não, meu coração vibrou ao ouvi-lo. Talvez o dia não tenha sido um desperdício total, no fim das contas.

– Diga, Lena – incitou Mal, desenhando um sorriso em seu rosto. – Você gosta de Portland?

– Não é lá que chove sempre? – perguntei. Pra ser sincera, a ideia de me mudar para um lugar tão ao norte do Pacífico não me parecia muito aprazível.

Mal grunhiu.

– Eu sei, querida Lena, eu sei. Acredite, já tentei fazer com que voltássemos para L.A., mas eles não se mexem. Os irmãos Ferris vão ficar em Portland por um tempo. Até o menino Benny se ajeitou por lá…

Ben, o baixista, abriu um dos olhos e estendeu um olhar cansado até nós. Ele, então, fechou-o e voltou a dormir.

– Ah, vai, Jimbo – disse Mal, saltitando novamente. – Me ajude a convencê-la de que Portland não é uma completa bosta!

Enfim, depois de um longo momento, Jimmy suspirou e se voltou para mim.

Ele conseguiu, com facilidade, exercer sobre mim o efeito que Mal não conseguira. Tudo pausou, menos a minha pulsação, que batia frenética atrás das minhas orelhas. O homem era lindo, assemelhando-se muito às estrelas: eu só podia olhar demoradamente para ele, mas ele estava muito fora do meu alcance. Ainda assim, instantes como aquele precisavam ser significativos. A mudança do destino sob nossos pés deveria parecer algo grande. Mas, em vez de luzes e música dramáticas, o que recebi foi um olhar carrancudo e gélido do cara vestido em um terno impecável. O cabelo escuro pendeu sobre o rosto e o colarinho,

emoldurando as maçãs do rosto de um anjo, mas os maxilares eram de uma criança teimosa. Todos os outros centímetros visíveis dele pareciam de um macho bem desenvolvido. Mas o jeito com que ele se apoiava sobre o maxilar… nem tanto.

Além disso, ele podia ser bonito, mas sem dúvida não era agradável. Eu já tinha conhecido homens desagradáveis o suficiente para distinguir. Acredite em mim quando digo que ele era bonito.

Ergui a sobrancelha em resposta.

Sua expressão suavizou-se levemente.

Eu o imitei.

– Uau, vocês estão se dando bem como uma casa em chamas, hein? Parece que se conhecem há anos! Acho que ela seria uma ótima assistente pessoal para você – completou Mal. – Diga a ele, Lena.

– Assistente pessoal? – repeti, sem a menor noção do que era aquilo.

– Desde quando eu preciso de uma assistente? – Jimmy me mediu dos pés à cabeça, seus lábios posicionados em sinal de clara desaprovação.

– Desde que você precisa de companhia para ficar sóbrio – o irmão dele rebateu com calma, e até com um pouco de frieza. – Mas a escolha é sua. Se não quiser dar uma chance a ela, a gravadora vai te achar outra pessoa. Alguém adequado.

Jimmy recuou e seus largos ombros curvaram-se para dentro. Quase me senti mal por ele. O cara podia não ter a mais vívida das disposições, mas não faria mal ao irmão dele mostrar algum apoio. Irmãos. O que se podia fazer?

– Eles precisam dar sorte e conseguir alguém que você aguente e que possa estar por perto às vezes, certo? – perguntou David. – Você está indo muito bem, mas não podemos arriscar que você tenha uma recaída agora.

– Não vou ter uma recaída.

– Vamos cair na estrada em breve e seu cotidiano vai virar uma merda. É uma situação que pode te jogar na direção de antigos hábitos com facilidade. Você ouviu o que o último terapeuta disse.

– Tá bom, Dave, tá bom. Meu Deus. – Apesar de o irmão estar falando, o olhar congelante de Jimmy estava preso em mim.

Encarei-o de volta, impassível. Não sou do tipo que arreda o pé de um desafio.

– Vou contratá-la – ele disse.

– Uhm, senhor Ferris, não concordei com nada ainda. – Eu ri.

– Mas há condições – Jimmy retomou a fala.

Atrás de mim, Mal arremessava seus punhos no ar, simulando ruídos abafados de uma plateia. Meu comentário pareceu ter sido ignorado por completo.

– Não é pra você ficar me enchendo o saco o tempo todo – Jimmy disse, ainda

sem parar de me encarar.

– Um momento, por favor. Então você está me contratando pra ser sua assistente? – indaguei, só pra ter certeza.

– Não, estou te oferecendo um período de experiência como minha assistente. Um mês, digamos… se muito.

– O que vou precisar fazer e quanto vou receber por isso? – Eu aguentaria um mês com ele. Provavelmente. Mas a remuneração tinha que ser boa.

– Vai precisar não me encher o saco e vai receber o dobro do que você estava recebendo.

– O dobro? – Minhas sobrancelhas se elevaram, vagarosas.

– E você não pode comentar com ninguém sobre o que acontece comigo, a menos que eu tenha um surto – ele disse. – Nesse caso, só poderá falar com os membros da banda ou com nosso chefe de segurança. Entendeu?

– De que tipo de surto estamos falando, exatamente?

– Confie em mim, se acontecer, você vai perceber. Qual é o seu nome mesmo?

– Lena.

– Tina?

– Não, “Lena”. L-E-N-A.

Adrian fingiu engasgar e mais parecia que alguém o estava enforcando. Mas não importava. A única coisa que importava era que a sobrancelha de Jimmy Ferris tinha se suavizado. A raiva ou tensão ou sei lá o quê se esvaiu de seu rosto e ele me dedicou uma expressão pensativa. Ele não sorriu. Não chegou nem perto disso. Mas, por um momento, refleti sobre o que poderia impeli-lo a sorrir.

A curiosidade era cortante.

– Le-na – sua língua sinuosa pronunciou meu nome como se estivesse experimentando uma roupa. – Tá certo. Fique fora do meu caminho e vamos ver o que acontece.

CAPÍTULO UM

Jimmy estava enlouquecendo.

A porta do quarto de hotel estremeceu e foi possível ouvir um ruído alto de colisão do outro lado. No interior do cômodo uma voz se ergueu; no entanto, as palavras eram incompreensíveis. Talvez fosse melhor ficar no corredor um tempo. Era tentador. Tudo isso era minha maldita culpa; eu deveria ter ido embora há duas semanas. O fato era que, apesar da grana, não me dei bem com esse trabalho. Porém, toda vez que eu abria a boca para pedir demissão, as palavras sumiam.

Eu não sabia explicar.

– E aí? – Ev se moveu em minha direção vestindo apenas um vestido preto simples. Seus dedos se moviam nervosamente. Os cabelos loiros dela estavam arrumados para trás, formando um coque elegante.

– Oi.

– David está falando com ele.

– Tá. – Eu devia ter posto um vestido também, para dar um ar mais tradicional. A última coisa que eu queria era envergonhar Jimmy em público, em especial num dia como aquele. Em novembro, na região norte de Idaho, só podia estar fazendo um frio de lascar. Como eu era nativa de uma região mais quente, não tinha meias-calças quentes o suficiente para aquele frio todo.

A banda e sua comitiva já estavam em Coeur d'Alene havia mais de uma semana e o humor de Jimmy estava terrível desde a nossa chegada. Ainda pior que o normal. A mãe de Mal havia falecido quatro dias antes, perdendo a batalha contra o câncer. Até onde eu tinha entendido, Lori tinha sido uma espécie de mãe substituta para os irmãos Ferris, já que a mãe biológica deles tinha sido desprezível e os abandonara quando ainda eram crianças. Cheguei a ver Lori umas poucas vezes. Ninguém podia negar que ela era uma pessoa maravilhosa.

Mais gritos abafados. Outra batida.

– Acho que eu não deveria ter saído para tomar café da manhã. – Café, torradas e mais xarope de bordo[1] do que eu deveria ter consumido estavam revirando meu estômago. Comer pra se sentir melhor era uma merda. – Achei que tinha voltado da academia com ele.

– Não dá pra você vigiá-lo o tempo todo.

– Mas sou paga para tentar. – Encolhi os ombros. – Deus me ajude.

– Só que se você o fizesse, ele te despediria por ficar enchendo o saco dele, do jeito que ele fez com as outras. Conceder espaço para ele respirar é uma boa coisa. – Ev se encolheu ao ouvir o barulho de um novo impacto vindo do quarto da destruição. – Geralmente.

– Hmm.

Jimmy não tinha demitido todos os cinco profissionais que me antecederam; alguns ele coagiu a se retirarem. Ou, pelo menos, foi assim que ele descreveu. Mas não me preocupei em corrigi-la.

– David vai acalmá-lo – Ev completou, com certeza na voz.

Era fofo como ela adorava o marido e o via como um herói. Eu não me lembrava da última vez que tivera tanta confiança em um companheiro. David e Ev tinham se casado em uma noite de bebedeira em Las Vegas. A história estampou todos os noticiários. Parecia ser uma bela de uma história, embora não a tivesse ouvido inteira ainda. Ev tinha me convidado para sair com ela e as amigas umas duas vezes, mas eu sempre arrumava uma desculpa. Não que não apreciasse o gesto, mas é que não parecia correto, já que eu trabalhava para o cunhado dela.

Em todo caso, meu trabalho era lidar com Jimmy. Lancei a Ev um pequeno sorriso para me desculpar e deslizei a chave do quarto na fechadura. Era chegada a hora de bancar a durona – o que, segundo meu ex, eu fazia muito bem.

Abri a porta devagar e com muita calma. Um copo foi arremessado em uma parede, a pouco mais de um metro de mim, o que me perturbou consideravelmente. Em resposta, me atirei ao chão com o coração saltando do peito.

– Lena! – Jimmy berrou. – Sai daqui, caralho!

Puta que pariu, esses astros do rock são uns filhos da puta. Sério.

Que sorte eu ter colocado calças, afinal. Não teria sido legal esfolar meus joelhos no carpete. Além disso, no minuto em que chegássemos em Portland, ou eu finalmente ia me demitir, ou ia exigir um pagamento referente ao risco de acidente no trabalho, ou ambos. Nem a pau que eu estava ganhando o suficiente para aguentar aquilo.

– Jogue mais alguma coisa, Jimmy, e eu vou enfiar meu salto de sete centímetros tão fundo na sua bunda que você vai precisar que uma equipe de cirurgiões o remova de lá! – Eu o fitei por trás da minha franja escura. – Estamos entendidos?

Ele ergueu a sobrancelha.

Eu fiz uma careta.

A boa e velha história.

– Você está bem? – David Ferris atravessou a suíte de luxo, passando por um criado-mudo quebrado e um abajur em pedaços. Ele ofereceu sua mão para me ajudar a levantar. Ambos os irmãos Ferris eram bonitos e tinham dinheiro, fama e talento. No entanto, apenas um deles tinha boas maneiras. Muito aquém da etiqueta, meus olhos ficaram grudados no homem furioso do outro lado do quarto.

– Estou ótima. Obrigada – eu disse enquanto arrumava os óculos.

– Não acredito que ele tenha usado alguma coisa – sussurrou David. – Deve ser só um dia ruim, sabe?

Meu Deus, como eu torcia para que ele não tivesse usado nada. Para o bem de todo mundo.

– São tempos difíceis para todo mundo, Lena.

– Tô sabendo.

Do outro lado, Jimmy se movia para a frente e para trás com as mãos fechadas. Geralmente, o homem era uma princesa, um boneco usado para exibição, arrumado e perfeito. O cabelo deslizou para trás e decorou sua imagem. A condição excepcional de ele ser um deus do rock tornava-o ideal para se deliciar com os olhos. Era seguro fantasiar com ele e satisfazer minha libido enquanto ficava bem debaixo de seu nariz.

(Infelizmente, meu apetite sexual não tinha morrido quando fiz meus votos de abstenção de homens. A vida seria tão mais simples se tivesse…)

Contudo, hoje Jimmy parecia bem humano. Estava seminu, com os cabelos escuros marcando os traços fenomenais de seu rosto e a barba por fazer delineando seu maxilar. Não havia sequer vestígio de seu controle inabalável. O estado dele e do cômodo era impressionante. Parecia que nada tinha sido deixado intacto. Eu devo ter feito a cara de um daqueles palhaços de parques infantis nos quais se atira uma bola na boca para ganhar um prêmio. Minha cabeça virava de um lado a outro para dar conta de toda a bagunça.

– Que zona – murmurei.

– Quer que eu vá chamar Sam? – David perguntou, se referindo ao chefe da segurança.

– Não, pode deixar. Obrigada.

– Não consigo imaginar ele te atacando, mas… ele tá bem fora de si. Tem certeza?

– Absoluta. A gente se encontra lá embaixo. – Confiança é tudo. Segurei a porta para ele sair e ele passou por ela, lançando-me olhares de preocupação. Aparentemente, meu sorriso falso não estava convencendo.

– Talvez seja melhor eu ficar – ele disse. – Só por via das dúvidas.

– Você me contratou para lidar com ele. Não se preocupe, vai ficar tudo bem – respondi ao fechar a porta na cara de David e Ev.

Jimmy andava de um lado para o outro e ignorou minha presença.

Eu respirei fundo, e depois de novo. Bem calma e devagar. Relaxada e tranquila. Todas aquelas conversinhas usuais circundavam minha memória. Não é preciso ser perfeita pra concluir um trabalho, é preciso estar motivada. Eu podia pensar o que quisesse sobre aquele cara, mas o meu trabalho era cuidar do bem-estar dele; essa era, portanto, minha prioridade. Faria meu melhor com ele. Enquanto atravessava o cômodo com cuidado, ouvia o vidro estilhaçar-se sob meus sapatos. Passei pelo sofá virado e por uma luminária quebrada. Não queria nem adivinhar qual seria o preço a pagar por essa destruição toda. A segurança já devia estar por aqui. Com certeza outros hóspedes deviam ter escutado o barulho e registrado reclamações. Talvez a diária de cinco mil dólares comprasse uma parede a prova de som das boas.

Enquanto me aproximava, Jimmy me lançou um olhar obscuro. As pupilas pareciam normais, de tamanho regular. Ele se atirou na cadeira da sala de jantar, demonstrando irritabilidade e agressividade, mas excelente coordenação. Talvez não tivesse consumido nada.

– O que tá acontecendo? – perguntei, parando em frente a ele.

Não havia sinal de sangue, apesar de seus punhos estarem arranhados e rosados, com um aspecto machucado. De pernas abertas, ele encostou os cotovelos nos joelhos e apoiou a cabeça.

– Saia, Lena. Quero ficar sozinho.

– Não me parece uma boa ideia.

Ele resmungou.

– Isso não é meio clichê? Quebrar o quarto do hotel e tal?

– Foda-se.

Suspirei.

Tá, então provocar não tinha sido uma boa ideia. Ajeitei os óculos acima do nariz, concedendo-me uma oportunidade para pensar. Era hora de tentar algo novo. O homem vestia apenas uma calça social preta; não usava camisa nem sapatos. E por mais agradáveis que fossem seu peito e ombro tatuados, ele não podia ir daquele jeito a um funeral. Especialmente não com aquele tempo.

– Jimmy, a gente vai sair daqui a pouco. Você precisa terminar de se arrumar. Não quer se atrasar, quer? Isso seria desrespeitoso.

Não houve resposta.

– Jimmy?

– Odeio quando você usa esse tom – ele falou, ainda encarando o chão.

– Que tom?

– Quando você tenta soar como minha terapeuta. O que você não é, então pare com essa merda.

Como não havia resposta correta nesse caso, resolvi manter a boca fechada.

Veias saltavam em seu pescoço e uma gota de suor percorreu a musculatura de suas costas. Apesar da raiva, a posição dele era de derrota. Jimmy Ferris era mais do que um babaca ocasional e arrogante, mas era forte e orgulhoso. Nos dois meses em que eu havia sido sua babá, já o tinha visto de tudo quanto era jeito, e a maioria era ruim. No entanto, nunca o tinha visto abatido. Doía, e essa dor era indesejada e surpreendente.

– Preciso de uma coisa – ele continuou, com voz gutural.

– Não!

– Lena… caralho. Não consigo…

– Consegue sim.

– Só pega uma coisa pra mim – ele insistiu.

– Não vou fazer isso, Jimmy.

Ele se pôs de pé, com a fúria estampada no rosto. Todos os meus instintos de sobrevivência gritavam para que eu recuasse, que corresse para me esconder. Papai sempre dizia que eu era teimosa demais para o meu próprio bem. Jimmy parou diante de mim. Ele era muito mais alto que eu, apesar dos meus saltos, e os passatempos favoritos dele eram correr e levantar peso. A adrenalina subindo fazia total sentido, mas Jimmy não me machucaria.

Tinha quase certeza de que não.

– Só um drinque – ele rosnou.

– Ei…

– Você não faz ideia de como é isso. Só preciso de um mísero drinque para ficar bem. Daí eu paro de novo, juro.

– Não.

– Pegue o telefone e peça.

– Você quebrou o telefone.

– Então vá lá embaixo e me busque um drinque, caralho!

Balancei a cabeça.

– Você trabalha pra mim! Sou eu quem paga seu salário. Você responde a mim. – Ele bateu com o dedo no peito para enfatizar sua declaração. – Lembra?

– Sim, mas eu não vou pegar bebida pra você. Pode me ameaçar o quanto quiser. – Minha voz falhou, mas não dei para trás. – Isso nunca vai acontecer. Nunca.

Ele rugiu.

– Jimmy, você precisa se acalmar agora.

O maxilar dele se contraiu e as narinas inflaram.

– Não quero precisar chamar ninguém aqui. Mas estou quase. Então, por favor, se acalme.

– Porra! – A guerra interna que ele tentava controlar se esvaiu de sua face. Com as mãos na cintura, ele voltou-se para baixo para me olhar. Não disse nada por um longo momento, sua respiração grosseira era o único som presente no aposento. – Por favor, Lena…

– Não. – Merda, eu não havia soado convincente. Embolei as mãos sobre o estômago para invocar alguma força. – NÃO.

– Por favor – ele pediu novamente, com os olhos avermelhados. – Ninguém precisa saber. Vai ficar só entre eu e você. Eu preciso de algo que me alivie. Lori era… importante pra mim.

– Eu sei e sinto muito pela sua perda, mas beber não vai te ajudar – respondi, enquanto procurava na memória todas as palavras de sabedoria que tinha lido na internet. Mas meu sangue pulsou e foi impossível pensar direito. Eu podia não estar com medo dele, mas estava morrendo de medo por ele. Jimmy não ia falhar. Eu não permitiria. – Beber é uma solução temporária que só vai piorar a situação a longo prazo. Você sabe disso. Você vai conseguir passar o dia sem. Você consegue.

– Vamos enterrá-la hoje. – A voz dele falhou e ele se jogou outra vez na cadeira. – Ela nos deu comida, Lena. Quando não tínhamos comida em casa, ela punha Davie e eu na mesa da casa dela e nos alimentava. Ela nos tratava como se fôssemos filhos dela.

– Ah, Jimmy…

– E-eu não vou conseguir…

Aparentemente, eu também não. E, para provar, fiquei ali de pé como uma inútil, com o coração partido. Eu ficava imaginando o que poderia ter acontecido com ele para torná-lo uma pessoa tão dura. Claro que eu imaginava, mas nunca tinha pensado em nada parecido.

– Sinto muito mesmo – eu disse, mas as palavras sequer começavam a ser suficientes.

A verdade era que Jimmy precisava de um psicólogo, conselheiro ou algo do tipo. Qualquer pessoa, menos eu, que não tinha nenhuma ideia de como lidar com a situação. O homem estava se desintegrando diante dos meus olhos e assistir à cena era uma tortura. Eu tinha sido tão cuidadosa nos últimos anos, caminhando pelas beiradas e me resguardando. E agora, de repente, sentia a dor dele como se fosse a minha própria, que dilacerava minhas entranhas e me deixava vulnerável. O ambiente ao meu redor se movia; o quarto era um borrão.

O que eu ainda estava fazendo ali?

Quando aceitei o trabalho, a descrição tinha sido assustadoramente simples:

colar nele e nunca, fosse na vida, na morte ou na demissão – e no que mais os advogados pudessem usar contra mim – permitir que ele consumisse uma gota sequer de álcool, ou um mísero grama de droga. Nem mesmo um comprimidinho. Dado o fato de que ele estava limpo havia quase seis meses, não parecia uma tarefa tão difícil.

Até aquele momento.

– Vou procurar uma camisa pra você – eu disse, piscando como se fosse louca e dando meu melhor para não transparecer o meu abalo. Fosse eu qualificada ou não, era tudo o que ele tinha naquele momento. – Precisamos que você termine de se arrumar, daí nós vamos.

Ele não disse nada.

– Vamos superar isso, Jimmy. Vamos superar o dia de hoje e as coisas vão melhorar. – Embora as palavras não tivessem soado bem, eu esperava que fossem verdade.

Ele permaneceu em silêncio.

– Pode ser?

– Por que eu disse que faria um discurso durante o enterro? O que é que eu tinha na cabeça? – ele grunhiu. – Os caras deviam saber que não ia dar certo, que não deviam ter me dado essa responsabilidade. Não tenho a menor condição pra fazer nada do tipo. Mas o Dave ficou falando: “Fale alguma coisa, eu vou ler uma poesia; vai dar tudo certo”. Quanta baboseira.

– Você consegue.

– Não consigo. – Ele esfregou o rosto com as mãos. – Se eu não quero estragar o enterro da melhor pessoa que já conheci, então preciso de um drinque. Só um, daí eu paro de novo.

– Não. – Eu o encarei. – Eles pediram que você falasse porque, por mais que eles odeiem admitir, você é quem falaria melhor. Você é o vocalista. Você não precisa beber. Brilhar no palco é o seu trabalho, é quem você é.

Ele me contemplou por um bom tempo. Foi tempo suficiente para tornar difícil o ato de olhá-lo nos olhos.

– Você consegue, Jimmy. Eu sei que sim. Não tenho a menor dúvida.

Nada. Ele nem ao menos piscou, só continuou me olhando. Sua expressão não era perversa; não sei precisar o que era, além de exagerada. Sequei minhas mãos suadas nas laterais da calça.

– Tudo bem – eu disse, em uma tentativa de fuga. – Vou buscar suas roupas.

De repente, braços fortes me agarraram, me puxando em sua direção. Eu cambaleei, mas fui interrompida por um rosto quente indo ao encontro do meu estômago. O apertão dele foi brutal, como se esperasse que eu fosse lutar contra ele ou rejeitá-lo. Eu apenas me mantive de pé, abismada. Seu corpo inteiro

tremeu, os tremores passaram para mim e chacoalharam meus ossos. No entanto, ele não emitiu um ruído sequer. Senti algo umedecer a parte da frente da minha blusa, fazendo-a grudar.

Poderia ser suor, mas eu tinha o péssimo pressentimento de que não era.

– Ei. – Os dois últimos meses não tinham me preparado para aquilo. Ele nunca tinha precisado de mim para nada. Se muito, eu o enfadava. A gente se desentendia, ele tentava se livrar de mim, eu fazia piada. O *modus operandi* já tinha há muito se estabelecido.

O homem que me abraçava era um estranho completo.

Minhas mãos tocaram seus ombros nus, o pânico emergia de dentro. Eu certamente não deveria encostar nele, nem um pouco que fosse. O contrato de cento e doze páginas tinha sido bem claro a esse respeito. Antes disso, ele mesmo tinha evitado todo tipo de contato, mas agora seus braços me envolviam com força, os dedos cravavam na minha pele. Tinha quase certeza de ter ouvido minha costela quebrar. Caramba, como ele era forte! Na minha família também somos durões, do contrário eu teria morrido espremida.

– Jimmy, não tô conseguindo respirar… – gemi.

O apertão afrouxou-se um pouco e eu fiquei lá, sôfrega, e meus pulmões trabalhavam além do habitual. Os braços volumosos, no entanto, permaneceram ao meu redor. Eu obviamente não iria a lugar algum.

– Talvez eu deva chamar Sam – falei, num ímpeto de genialidade, assim que recuperei o fôlego. O chefe de segurança deles comumente se assemelhava a um bandido vestindo terno, mas aposto que ele dava ótimos abraços.

– Não.

Merda.

– Ou David. Não quer que eu fale pro seu irmão vir aqui? – Ele balançou a cabeça contra o meu corpo, virando-a para a esquerda e depois para a direita. Outro não.

– Você não pode dizer a eles.

– Não vou contar. Prometo.

O silêncio ecoou em meus ouvidos.

– Só preciso de um minuto – ele afirmou.

Continuei lá, imóvel e inútil, enlaçada a ele. Eu ou um manequim: teria dado no mesmo. Que merda, eu tinha que fazer algo. Vagarosamente, minhas mãos escorregaram para baixo. A necessidade angustiante de confortá-lo era muito mais importante do que qualquer possibilidade de processo jurídico. O calor beijou as palmas de minhas mãos. Ele parecia febril, com o suor resvalando pelos contornos rígidos de seus ombros e de seu grosso pescoço. Minhas mãos acariciaram-no e fizeram o melhor que podiam para acalmá-lo.

Chegava a ser perturbador de tão bom sentir que ele precisava de mim, sentir essa proximidade com ele.

– Está tudo bem. – Dedilhei seu espesso cabelo escuro. Era tão macio. Não era de se espantar que eles não quisessem que eu o tocasse; agora que eu tinha começado, não conseguiria parar. Devia ter vergonha de mim mesma, por ficar me aproveitando do corpo do pobre homem por tanto tempo. Mas era ele quem tinha iniciado o contato. Ele tinha me procurado para obter conforto e, aparentemente, quando nos aproximamos, eu tinha uma quantidade assustadora de conforto para oferecer.

– O que vou dizer? – ele indagou, com a voz abafada contra o meu corpo. – Como é que vou fazer um maldito discurso?

– Diga o quanto ela significava pra você. Eles vão entender.

Ele escarneceu.

– Não, é sério. Apenas dê vazão ao que você sente.

Ele inspirou, trêmulo, e repousou a testa em minha barriga.

– Para completar, ela ligou.

– Ela? – Lancei um olhar atento para o topo da cabeça dele. – Quem te ligou?

– Minha mãe.

– Ah. – Isso só podia ser uma notícia ruim, porém era melhor do que imaginá-lo tendo alucinações com a recém-falecida. Mas ainda assim… – O que ela queria?

– A mesma merda de sempre: dinheiro. – A voz dele soou áspera e tão baixa que precisei me inclinar para ouvi-lo. – Avisei pra ela manter distância de nós.

– Ela está na cidade?

Ele concordou.

– E ameaçou dar uma passada no enterro. Respondi que ia mandar prendê-la se ela fizesse isso.

Nossa, aquela mulher parecia um pesadelo.

– Davie não sabe – ele disse. – E vai continuar não sabendo.

– Tudo bem. – Não sabia até que ponto isso era inteligente, mas a escolha não era minha. – Não vou contar a ele.

Os ombros dele se contraíram num espasmo e sua infelicidade envolveu o ambiente como uma casca impenetrável. Nada mais existia além daquilo.

– Vai ficar tudo bem. – Inclinei a cabeça e me curvei sobre ele, abrigando-o com meu corpo. Meu coração doeu e o desapego emocional era um sonho. A vontade de confortá-lo era forte demais. Ele geralmente era um homem muito irritadiço, imprudente e mal-educado. A raiva, porém, facilitava meu trabalho. Quando ele se comportava como um imbecil, eu podia permanecer indiferente na maior parte do tempo. Mas esses sentimentos novos que me percorriam eram

perigosos. Sutis e frívolos, aconchegantes e melosos. Eu jamais aguentaria me importar tanto assim.

Merda.

O que diabos estava acontecendo comigo?

Ele apertou as curvas dos meus quadris e voltou seu rosto para mim, vulnerável pela primeira vez. Todas as suas defesas pontiagudas estavam adormecidas pela dor e isso apenas tornava sua beleza mais evidente. Subitamente, meus lábios secaram e eu os lambi. Seus dedos se contraíram e depois relaxaram contra mim e ele fez cara de desaprovação quando viu a poça na parte frontal da minha blusa.

– Foi mal.

– Sem problemas.

Ele me soltou e minhas pernas vacilaram, trêmulas pela perda.

A intimidade se esvaiu e um estranhamento logo tomou seu lugar, apressado como a onda de uma maré. Eu podia sentir os muros dele voltando aos seus lugares. Os meus eram mais lentos, mais fracos. Que droga. Em algum momento desde que entrara ali, algo ou alguém trocou meu titânio por papel alumínio e me deixou totalmente aberta e exposta. Era tudo culpa dele. Por um momento, ele tinha de fato descido do pedestal que criara para si mesmo. Ele tinha sido sincero comigo, me mostrado seus medos, e eu não tinha feito nada além de murmurar palavras confortantes e vagas. Sério, eu não conseguia sequer me lembrar delas. Não seria de estranhar se ele se fechasse para mim novamente.

Além disso, estávamos desconfortavelmente próximos. Eram poucos os centímetros que nos afastavam. Jimmy me lançou um olhar levemente envergonhado para reforçar a situação, no caso de eu não ter reparado. Estava claro que se arrependia. Quer dizer, ele tinha chorado para a assistente que tinham contratado. Pelo amor de Deus.

– Vou pegar suas roupas – eu disse, agarrando a primeira ideia útil que me apareceu.

Cega, cambaleei pelo cômodo. Havia um enorme fluxo de pensamentos e sensações misturados num borrão. Eu precisava falar com a mamãe porque, até onde sabia, não havia histórico de problemas cardíacos na família. Tio John foi levado pela leucemia. Vovó morreu porque fumava um maço por dia. Acho que a tia-avó Valéria pegou uma infecção pulmonar estranha por causa de um fungo, mas é só o que eu acho. Quem sabe é a mamãe. Seja lá o que meu coração estivesse tramando, não podia ser nada bom. Eu só tinha vinte e cinco anos, era jovem demais para morrer. Contudo, devia estar na idade certa para me tornar uma hipocondríaca completa.

Retirei uma camisa e uma gravata de seu closet, no monstruoso quarto

principal. O meu quarto, localizado do outro lado da suíte, também não era nada mal. Esse quarto, no entanto, poria o Ritz no chinelo. Os lençóis, cobertores e travesseiros estavam estendidos sobre a cama gigante. Também não rolava nenhum sexo bizarro e maluco porque, até onde eu tinha notado, o homem ou era assexuado ou abstêmio. Ou os dois. Ainda assim, ele claramente não tinha dormido bem. Eu podia até imaginá-lo virando e revirando na enorme cama robusta com aquele corpo grande e forte, mas completamente sozinho com suas más lembranças. E eu estava no quarto em frente ao dele, também sozinha e sem dormir particularmente bem. Algumas vezes, à noite, meu cérebro simplesmente não se calava ou desligava e ontem à noite tinha sido exatamente assim.

Permaneci imóvel, hipnotizada pelo emaranhado de lençóis e cobertores.

De novo meu coração fez um movimento estranho, totalmente fora de contexto. Era melhor ignorar o acontecimento entre minhas pernas. Tenho certeza de que alguma cláusula do meu contrato proibia toda e qualquer umidade da minha parte, especialmente se tivesse algo a ver com o senhor James Dylan Ferris.

– Olá – ele disse ao aparecer do meu lado, me dando um puta susto.

– Oi – hesitei na resposta, um pouco sem fôlego de novo por um motivo qualquer. Talvez eu precise fazer uns exames no meu pulmão pra ver se está tudo bem, só para ter certeza. – Você precisa se limpar rapidinho. Vamos.

Ele me seguiu como uma criança obediente. As luzes do banheiro branco eram tão claras que, depois daquela comoção toda, quase me cegaram. Tá, e agora? Tinha garrafas e tubos espalhados por todo o balcão. Ainda assim, meu cérebro encurralado não tinha nada a oferecer.

– Precisamos nos apressar – sussurrei, mais para mim do que para ele.

Coloquei a camisa e a gravata no balcão, peguei uma toalha de rosto e a molhei. Se eu já não estivesse maquiada, teria encharcado o rosto com aquela água gelada, para conseguir acordar daquela bizarrice. Enquanto isso, Jimmy estava com o olhar perdido, e sua mente, óbvio, estava longe novamente. Quando ergui a toalha, ele não esboçou nenhuma reação. Esquece, não temos tempo pra isso, eu mesma faço o trabalho. O tecido úmido encostou nele, fazendo-o recuar, com as narinas infladas.

– Fique parado – aconselhei, voltando a atenção para o primeiro banho de esponja que dei em alguém. Basicamente, eu o tinha esfregado como uma louca por limpeza. Até lavei atrás de suas orelhas, no meio do fervor.

– Meu Deus – ele disse, tentando escapar de mim.

– Fique parado.

Depois foi o pescoço, e então os ombros. Molhei a toalha de novo e parti para seu peitoral e suas costas, apressando o processo. Era melhor não pensar, apenas

enxergá-lo como Jimmy, meu chefe. Ou, melhor ainda: o corpo sob minhas mãos era feito de pedra, não era real, apesar das palpitações que emergiam de todo o seu corpo. Desejos primitivos não importavam quando um emprego estava em jogo, então os hormônios e emoções que fossem para o banco de trás. Eu ia conseguir.

– Certo. Camisa. – Peguei a camisa grossa de algodão puro e a estendi para ele, que esticou o braço; aquela pele macia resvalando entre meus dedos fazia com que cócegas percorressem o meu corpo. Dedilhei-o ao fechar os botões. – Precisamos de abotoaduras. E não sei dar nó em gravata.

– Deixa comigo.

– Ok. – Entreguei-lhe a tira delgada de seda preta. Tudo pronto. Eu precisava tomar um ar, e quanto mais frio, melhor.

Jimmy deu a volta e retornou ao quarto. Do alto do armário, ele pescou um par de abotoaduras de prata e as prendeu nas mangas da camisa. Pensando bem, provavelmente eram de platina, pelo que eu conhecia dele. Pude ver tatuagens à espreita por baixo das abotoaduras na camisa e acima do colarinho. Não era possível disfarçar o astro do rock que ele era. Ele não tinha sido feito para se esconder. Era bonito demais para isso.

– Precisa de mais alguma coisa? – perguntei, seguindo-o como um filhotinho de cachorro perdido. Meus dedões estalaram e se contraíram enquanto minhas mãos pairavam ao lado do meu corpo. Ele não precisava saber que me deixava inquieta.

– Estou pronto. – Meias e sapatos aguardavam ao pé da cama. Ele se sentou e começou a calçá-los. A jaqueta do paletó estava pendurada na cadeira e um sobretudo de lã preta estava dobrado por cima. Estava tudo bem, tudo pronto.

– Cadê seu discurso? – perguntei.

A sobrancelha se ergueu.

– Tá no meu bolso.

– Ótimo. Só preciso pegar minha bolsa e meu casaco.

– Você está bonita, aliás. – Ele torceu o queixo e me fitou.

– Ah, obrigada.

– Só constatando um fato: você está bonita. – Ele se virou.

Já eu, sequer me movi. A princípio fiquei espantada com o elogio, mas aí, por algum motivo, me ocorreu que deixar Jimmy sozinho podia não ser uma boa ideia. Era desconfortável. E se ele se zangasse de novo e eu não estivesse ali para dissuadi-lo? A sobriedade dele era importante demais para arriscar.

Com os lábios apertados, ele observou a mancha que secava lentamente em minha blusa.

– Você não vai mesmo contar pra ninguém?

– Não. Nunca.

O ar deixou seu corpo por entre os dentes, e sua expressão tornou-se mais branda.

– Tá bom…

Concordei com a cabeça, sorrindo.

– Viu, Lena?

– Sim?

– Não há nada aqui. Nem comprimidos ou bebida. Não fiquei chapado. – Ele se voltou para mim. – Posso fazer um teste se precisar, e você pode vasculhar o quarto…

– Não, eu sei – respondi, perplexa. – Se tivesse ficado, você não teria pedido pra eu arranjar algo de que já dispunha, e estaríamos neste momento tendo uma discussão completamente diferente. Ou você voltaria para a reabilitação, e eu estaria dispensada.

– Verdade.

Ambos ficamos quietos por um momento. Cruzei meus braços sobre o peito e fiz uma careta, tensa e preocupada.

– Pode me deixar sozinho – ele disse. – Não tem problema, vá buscar suas coisas. Faça o que tiver que fazer para podermos sair logo.

– Certo! – Deixei escapar uma risadinha envergonhada. Merda, eu tinha esquecido completamente. – Tá, tudo bem, vou buscar minhas coisas.

– Ótimo. – Ele passou a mão pelos cabelos do jeito que eu o vira fazer uma dúzia de vezes por dia desde quando comecei a trabalhar para ele. Não era nenhuma novidade, porém no mesmo instante meu coração fez de novo aquele negócio de parar e contrair.

Não. NÃO.

Não podia ser por causa dele, eu me recusava a acreditar.

– Você vai ou não vai? – Seu rosto se contorceu de irritação, graças a Deus. Seu franco aborrecimento não deixava dúvida: estávamos de volta ao normal.

– Sim, Jimmy, eu vou.

– Agora?

– Neste minuto. – Saí do quarto e bati a porta atrás de mim.

Eu não sentia nada por Jimmy Ferris. Mas que ideia ridícula. Ele era um ex-viciado e, por mais que eu o admirasse e respeitasse por retomar o controle e assumir aquela batalha, eu não queria me envolver com alguém que mal estava sóbrio há seis meses. Além do mais, Jimmy não era exatamente um cara legal na maior parte do tempo. Seu estado natural era a falta de interesse e consideração por todos os habitantes do planeta.

Mas o pior de tudo era que o homem era meu chefe.

Eu não sentia nada por ele; não podia, de jeito nenhum. Eu já me apaixonara por criminosos completamente babacas, instáveis e inadequados no passado, mas já tinha superado isso. Especialmente a parte do babaca e instável. Não era nem um pouco possível que eu sentisse algo por ele. Eu tinha evoluído enquanto pessoa e essa porra toda, né?

Segurei-me na parede mais próxima.

– Merda. – Respirei fundo e foquei no enterro.

As coisas iam melhorar.

Xarope de bordo, ou *maple syrup* em inglês, é um preparo culinário bastante consumido pelos norte-americanos. Assemelha-se a uma calda de caramelo e costuma ser servido com panquecas ou torradas. (N. T.)

CAPÍTULO DOIS

As coisas não melhoraram.

A mãe de Mal aparentemente amava lírios e minha cabeça ficou zonza com o cheiro doce e abundante. Tínhamos lugares reservados lá na frente, junto da família, o que foi bom, porque a igreja estava cheia. Foi esquisito em vários níveis estar sentada com os Ericson, já que eu mal os conhecia, mas era onde Jimmy queria que eu estivesse. A segurança se posicionou na frente, bloqueando qualquer pessoa que não tivesse sido convidada. Apesar dos seguranças e do mau tempo, um grupo de fãs se reunia lá fora. Eles clamaram por Jimmy, balançando camisetas e outros objetos para serem autografados por ele quando entramos. Eu quis gritar para eles que estavam sendo abusivos, mandar que fossem se catar. Jimmy não estava lá por eles. Você pensa que vai haver mais privacidade porque o cara está na cidade dele, ainda mais numa situação como aquela. Algumas pessoas simplesmente não pensavam, ou não eram aptas a pensar. O que elas desejavam era mais importante e todo o resto que se danasse.

Meu Deus, como eu odiava gente assim.

Lá na frente, o pianista pôs-se a tocar um hino e os presentes cantaram junto o melhor que conseguiam. A fala de Jimmy seria em seguida. Seu rosto ainda parecia mais pálido do que o normal, até um pouco acinzentado. O homem não estava pendendo para o meu lado, mas ele claramente não estava bem. Tomei sua mão na minha e segurei-a, mesmo quando ele tentou fugir ao contato. O olhar que ele lançou às nossas mãos unidas foi de clara desorientação.

– Está tudo bem – eu disse.

Ele desistiu de tentar se livrar de mim, então começou a mexer na gravata.

– Você vai arrasar, Jimmy.

A música atingiu a todos em cheio. Mal se voltou para nós e, meu Deus, a cara daquele homem. Seu aspecto estava devastado, a perda era visível no seu olhar. Anne, a namorada do baterista, estava ao lado dele, com o braço envolto em sua cintura. Tinha rolado um tumulto com o grande caso de amor deles uma ou duas semanas atrás. Foi bom vê-los juntos de novo, especialmente em uma ocasião como aquela.

Mal fez um sinal de anuência para Jimmy, e podia ter começado comigo

agarrada a ele, mas agora os papéis tinham se invertido: seus dedos cruzaram os meus, comprimindo-os com força, mas ele não se moveu além disso. Estava congelado.

Do meu outro lado estava David, que pendeu para a frente, elevando as sobrancelhas.

– Jim?

Havia um burburinho no salão; a multidão cada vez mais impaciente. No púlpito, o pastor deu um passo à frente e alongou o pescoço, à procura de quem enfim falaria.

Alguém tinha que fazer alguma coisa.

– Vamos lá. – Posicionei minha mão nas costas dele e o empurrei. Vigorosamente.

Ele piscou com lentidão, como se eu o tivesse despertado de um sono profundo.

– Tá na hora, Jimmy, é a sua vez – sussurrei. – Levanta.

Com passos lentos e doloridos, ele foi até o altar. Eu o segui, e o peso de todos aqueles olhares fizeram meus pelos da nuca se arrepiarem. Não importava. Andamos lado a lado, minha mão o guiava, posicionada atrás de suas costas. Um passo após o outro em direção à plataforma. Pesquei o discurso no bolso dele, desamassando-o na frente dele. Houve um burburinho na plateia por causa do nosso estranho comportamento. Eles que se danassem. A única coisa que importava era ajudar Jimmy a superar intacto aquele dia.

– Cê tá bem? – perguntei.

Ele escarneceu.

– Sim.

Por um momento, seu olhar se voltou para a multidão, onde encontrou David e Ev, o baixista assustadoramente alto Ben, e depois Mal e Anne. Então ele se virou para mim, sua boca numa expressão sombria, mas os olhos pedindo algo. Ofereci um pequeno sorriso a ele, e um joinha discreto. Nenhuma parte de mim duvidava que ele fosse conseguir. Não sei quais outras características ele tinha, mas Jimmy Ferris era especial e complicado, bonito e bestial, tudo misturado. Um artista nato.

Em resposta, seu queixo se moveu um milímetro e eu expeli um punhado de ar. Ele podia e ia dar conta daquilo.

Mesmo assim, eu podia sentir a dor dele em mim, ameaçando me partir em duas. Algum tipo de carregamento de empatia se instaurara no hotel e agora eu não podia separar meus sentimentos dos dele. Pior ainda, eu não queria. Conscientemente ou não, ele tinha se aberto para mim, e agora eu não podia deixá-lo sozinho com todos esses problemas.

Amanhã eu daria um belo de um passo para trás. Hoje, ele precisava de uma amiga.

—

– Olá – ele saudou com sua voz gutural e vigorosa soando com perfeição. – Meu nome é Jimmy Ferris. Conheci Lori Ericson quando ela deixou que a gente ensaiasse em sua garagem. Eu tinha uns dezesseis anos na época. A princípio, o senhor Ericson não estava muito contente com a gente tocando lá, mas Lori o tranquilizou. Ninguém mais ia querer nos ajudar. Pra ser sincero, a gente fazia um barulho do caralho. Quer dizer… a gente não tinha ideia do que estava fazendo. No verão, ela nos trazia jarras enormes de Ki-suco. Quem me conhece não vai se espantar se eu disser que jogava um quarto da garrafa fora e completava com vodca barata porque tinha convencido os caras da loja a me venderem. – Ele fitou o irmão, que devolveu um sorriso contido.

– Enfim… – Ele limpou a garganta e continuou. – Teve uma vez que ela voltou à garagem e me pegou no flagra. Não importava que eu fosse maior do que ela, Lori me pegou pela orelha e quase arrancou minha cabeça fora. Daí ela me arrastou para fora e arrancou meu couro. Eu tinha uns dois centímetros de altura quando ela terminou. Boazinha ou não, a Lori sabia como te botar no devido lugar. E, depois que tinha terminado, ela se acalmou e conversou comigo. Sobre vários assuntos, nada em específico. Mas depois daquele dia, toda vez que eu ia lá ela arranjava um tempo para conversar comigo, nem que fosse por dois minutos. Naquela época, nossa própria mãe já tinha ido embora, então não era uma atitude que eu via em casa. Mas então, eu não era filho da Lori. Provavelmente nem era a criança que ela queria perto de seu filho, mas, ainda assim, ela sempre cuidou de mim. Ela vigiava a mim e a David, se certificava de que estávamos alimentados e vestidos, que tínhamos o que precisávamos. Ela se preocupou quando todos estavam cagando e andando. – Ele fez uma careta em desaprovação e limpou a garganta. – Ela se preocupou quando ninguém estava *nem aí*.

Seus dedos se esticaram, e ele os curvou enquanto fez uma pausa.

– Eu gostaria de contar a vocês que parei de beber na garagem da Lori depois daquele dia, que é assim que a história terminou. Mas uma parte de mim ainda estava viciada, acho, mesmo naquela época. Eu cheguei a parar por alguns dias, mas fiquei muito mais sorrateiro depois do incidente. Não podia suportar a ideia de que a estava desapontando. Talvez isso soe como se ela não tivesse feito o bastante, ou que não tenha sido muito enfática. No entanto, ela tinha feito algo enorme: tinha sido a primeira pessoa que conheci que me fez almejar ser melhor,

ser uma boa pessoa. Se você consegue incentivar até um cara como eu a querer ser um homem melhor, então você é realmente especial.

Jimmy pegou com cuidado o papel à sua frente e o dobrou novamente. Não importava, não era necessário. A poesia estava nele, no modo como estava abrindo o coração para aquelas pessoas. Ele se manteve em pé, encarando a multidão. O relato dele podia não ser bonito, mas havia força e orgulho em seu posicionamento. Diante daquela visão, meu coração se preencheu com entusiasmo, uma sensação de satisfação que eu há muito não sentia. Não que eu tivesse feito a homenagem, mas ainda assim…

– Esta pode parecer uma história esquisita para vocês – ele disse, comedido e calmo. – Sem dúvida, não mostra meu lado mais gracioso, porém acho que eu ficaria aqui o dia inteiro para explicar o quanto Lori era importante. O que a tornava tão especial era que ela… se importava. Se importava de verdade com as pessoas. E isso é muito raro e bonito. É por isso que vamos sentir muita saudade dela.

Com a palma da mão, limpei uma lágrima que escorria em meu rosto, antes que Jimmy pudesse notar. Infelizmente não fui rápida o suficiente, mas pelo menos não fui a única naquela situação. Que sorte o salão não ter sido inundado.

Ele se virou para mim, inexpressivo.

– Vamos.

Funguei.

– Tá.

Ele colocou a mão na minha cintura para me guiar na direção do banco, enquanto retornávamos aos nossos assentos. Antes de nos sentarmos, Mal se levantou. Emudecido, ele envolveu Jimmy com seus braços, apertou-o com força e deu-lhe um tapinha nas costas, daquele jeito que os homens fazem. Jimmy demorou um pouco para assimilar o cumprimento e devolver o tapinha. O pianista recomeçou a melodia e todos se levantaram ao nosso redor. As vozes inundaram o ambiente.

Deslizei no banco rumo ao meu lugar. Jimmy posicionou-se ao meu lado e o tecido de sua calça roçou em mim. Esperei que ele reclamasse para que eu fosse mais para o lado – não que houvesse mais espaço, pois tinha aparecido do nada uma bolsa feminina. Mas ele não reclamou. Na verdade, depois de toda aquela comoção, parecia uma boa ideia ficar perto. Para ele, claro. Para mim, estava tudo bem.

Ele olhou rapidamente para o lugar no qual tínhamos nos encostado e perguntou:

– Você está bem?

– Sim, e você?

Ele emitiu um ruído que se assemelhou a um sim.

– Que bom. – Sosseguei as mãos em meu colo.

Lá no púlpito, o pastor discursava. A perna de Jimmy se inclinou com um pouco mais de firmeza contra a minha. Contudo, ele estava olhando para a frente e parecia não ter consciência do movimento de sua coxa. Não havia nenhum indicativo disso em seu rosto. Talvez fosse seu jeito de me prestar reconhecimento, de me agradecer. Ou então estava com câimbras, tanto faz. Um sorriso modesto encurvou meus lábios e meus ombros relaxaram com o alívio.

Tínhamos conseguido. Tínhamos superado.

CAPÍTULO TRÊS

Aquela torta de mirtilo estava uma perdição.

Precisei de duas fatias para ter certeza, mas agora eu sabia.

Sentei em um canto da sala de estar dos Ericson; Ev estava de um lado, e Anne, do outro. Havia pratos no colo de todo mundo. O velório tinha sido diferente: foi algo envolvendo comida, boa música e quase todas as pessoas que os Ericson conheciam. No início, pairava no ar um clima melancólico. É claro. Porém, o falatório e as risadas abafadas aos poucos encheram o ambiente até que se tornaram a celebração da vida de Lori em vez do luto por sua morte. Agora, cinco horas depois, a multidão começara a diminuir. Disfarcei um bocejo, piscando os olhos cansados. Tinha sido um dia daqueles, com toda aquela emoção e seus altos e baixos.

Mal ajoelhou-se aos pés de Anne, seus lábios volumosos estavam compreensivelmente encurvados para baixo nas extremidades. Não que eu tivesse adquirido o hábito de admirar homens comprometidos. No entanto, às vezes era difícil não notar esse tipo de coisa.

– E aí – Anne disse com suavidade, posicionando sua mão na bochecha dele.

– Preciso de alguma coisa que me deixe feliz.

– O que posso fazer para ajudar?

– Diga que me ama. – Ele se inclinou e ela o encontrou no meio do caminho, desferindo um beijo gentil em seus lábios.

– Eu te amo, Mal – ela completou.

– Ama nada. Só está dizendo por dizer. É péssimo você mentir sobre isso pra mim. Como consegue dormir à noite?

– Durmo muito bem, bem do seu ladinho. – Ela sorriu e enroscou os braços ao redor do pescoço dele. Por um longo momento, ficaram abraçados, brincando e murmurando meiguices.

– Cadê o Jimmy? – perguntou Ev, interrompendo o espetáculo.

Acho que não devíamos ficar assistindo às intimidades do casal apaixonado, mesmo que eles estivessem sussurrando bobagens melosas e se pegando na nossa frente. Eram tão fofos. Tá, eu podia admitir que às vezes sentia falta de um alguém especial, embora os homens com quem me relacionara tivessem me

causado mais problemas do que conforto, daí meus votos de celibato e solteirice. Eu tinha que me proteger do meu mau gosto no quesito homens, ainda que considerasse meus próprios abraços insuficientes.

– Lena? – Ev riu. – Oi?

– Desculpe. Ah, o Jimmy… está lá fora com o senhor Ericson. Acho que precisava de um momento "sem Lena".

– Ele fez um discurso lindo para a homenagem.

– Fez mesmo.

– E você fez um ótimo trabalho em incentivá-lo a ir lá.

– Obrigada. – Estudei o prato vazio.

– Ele não teve contato com muitas mulheres com quem pudesse contar – ela disse, num tom progressivamente baixo. – Como ele mesmo disse, a mãe deles foi embora muito cedo. Apesar de eu achar isso uma bênção. Pelo que David me falou, ela não é o tipo de pessoa que se deseja ter por perto.

– Jimmy procura não falar muito sobre ela. Na verdade, ele geralmente não fala muito sobre nada. – Comecei a viajar de novo. Tinha conhecido mais sobre ele nas últimas duas horas do que nos últimos dois meses. Era muita coisa para assimilar. A maneira como eu o via tinha mudado, em vários sentidos.

– Realmente, Jimmy não é o que se pode chamar de tagarela.

– Você está sendo boazinha. Se eu conseguir arrancar duas palavras dele sobre os compromissos em sua agenda, fico feliz.

– E, ainda assim, você foi a que durou mais. – Com um pequeno suspiro, Ev cruzou as mãos sobre a barriga. Ela também tinha experimentado várias das sobremesas. – Você está claramente fazendo algo certo.

– Hm. O que será? – Continuei a observar o teto mais um pouco, meditando.

– Não sei. Talvez ele goste de você. Talvez esteja se sentindo sozinho e goste de ter você por perto.

– Ah, claro. Estamos falando do mesmo Jimmy Ferris aqui? Aquele astro do rock?

– Que vergonha, Lena – ela provocou, o sorriso em discordância com suas palavras. – Já está aqui há tempo suficiente para saber que ser um astro do rock não necessariamente significa o que você acha que significa.

– Talvez…

– Se ele está introspectivo, deve ter um motivo.

– Ele conversou com você sobre isso? – indaguei.

Ela riu alto.

– Rá, creio que não. Ele se mantém a uma distância educada de mim, como de todo mundo. Mas nunca se sabe. Pergunte com jeitinho e talvez ele fale com *você*…

Enruguei o nariz. Apesar dos acontecimentos inéditos de hoje, a ideia de Jimmy falando comigo de um modo que não fosse gritando ordens pra cá e pra lá parecia bem improvável.

– Ele também poderia me demitir por me meter na vida dele.

– Verdade. Faz parte dos riscos que corremos quando nos importamos com as pessoas.

Alguma coisa na fala dela me deixou incomodada.

– Ah, não. Nosso relacionamento é estritamente profissional.

– Sei. – Não confiei nem um pouco no sorriso dela.

Com passos barulhentos, David se moveu em nossa direção. Um pequeno filhotinho de cachorro se agitava em suas mãos, o rabo se mexia freneticamente. O homem não estava exatamente sorrindo.

– O cachorro mijou no meu sapato.

– Ops. – Ev lançou-lhe um olhar sarcástico.

– Não é engraçado – resmungou David, falando igualzinho ao irmão, tanto que pareciam gêmeos. Era bonitinho.

– Muito bem, Killer. – Mal tomou o cachorro das mãos de David. – Que orgulho de você, filho.

– Ele não vai trocar esse nome? – Ev perguntou.

– Agora meio que já acostumei. – Anne ergueu os ombros e se esticou para afagar a cabeça do cão.

O filhote tinha sido o presente de aniversário da Anne, na semana anterior, embora Mal tivesse escolhido o nome antes de entregá-lo. Killer viera junto com um apartamento luxuoso que aceitava animais, o que retirava qualquer tipo de espinho do caminho.

Eu, com certeza, não reclamaria.

Um urro alto veio do lado externo, sendo prontamente seguido por outro, só que, desta vez, o ruído se prolongou. Poderia ter sido um animal, só que havia palavras entre aqueles gritos furiosos.

– É uma mulher? – perguntei, retraindo-me.

– Que porra é essa? – Mal entregou o filhote a Anne e saiu correndo.

Mal e David se apressaram até a porta, enquanto Ev e eu ficamos logo atrás. Do lado de fora, o ar gelado estapeou meu rosto, em contraste com o ambiente quentinho da casa. Era uma cena muito estranha e perturbadora: sob a copa de uma árvore, uma única mulher se ocupava em gritar com Jimmy.

Que porra é essa, mesmo.

David correu na direção deles.

– Mãe, o que está fazendo aqui?

– Seu maldito ingrato! – ganiu a senhora, ignorando completamente o caçula.

– Acha mesmo que não vou contar tudo a eles?

Jimmy sequer piscou.

– Pode falar. Não vou mais te dar dinheiro, já te avisei sobre isso de manhã. O que diabos você estava pensando que ia ganhar ao aparecer aqui?

Ela tinha um longo cabelo escuro e o tipo de maçãs do rosto em que era possível se cortar. Os traços da família eram óbvios, apesar da sua pele abatida e do cabelo quebradiço escorrendo por suas costas.

– Suas ameaças não me assustam – ela retrucou.

– Mãe, estamos em um funeral. Vá embora daqui – disse David, posicionando-se ao lado do irmão.

– Davie, você sempre foi mais gentil comigo do que ele. Vai ajudar sua pobre e velha mãe, não é? – A voz dela era nociva e soava falsamente carinhosa. – É só um empréstimo, querido. Uma ajudinha pra eu conseguir me ajeitar de novo.

Os ombros do homem se alinharam.

– Até onde sei, Jim já te emprestou dinheiro mais do que o suficiente, dinheiro esse que você jogou pela janela. Não é mesmo?

– Preciso comprar meu remédio.

– Remédio? Que mentira! – grunhiu Jimmy. – Você precisa é sair daqui antes que chamemos a polícia.

– Vá embora, mãe – David completou. – Não está certo isso. Estamos aqui nos despedindo da Lori. Tenha um pouco de respeito, tá?

As pessoas se amontoavam na porta de entrada, atrás de nós, e assistiam ao episódio com olhos arregalados e rostos curiosos. Mesmo assim, aquela desgraçada prosseguiu com a encenação. Como uma mãe podia ser tão maldosa estava além da minha compreensão, mas eu estava preocupada mesmo era com o efeito daquilo sobre Jimmy. Caramba, essa era a última coisa que ele deveria estar presenciando hoje.

Silenciosamente, me coloquei atrás dele, de modo a ficar próxima, caso ele precisasse. Eu agarraria a primeira oportunidade de pôr um fim àquele momento de merda.

A mãe deles continuou tagarelando:

– O que foi que essa certinha maldita fez na vida, além de me julgar e virar meus meninos contra mim?

– Vamos lá, mãe, assuma um pouco da sua responsabilidade… – Jimmy disse, com a voz falhando. – Você fez isso sozinha, anos antes de a gente conhecer a Lori.

A mulher rosnou para ele e, para tanto, realmente ergueu parte de seu lábio, como se fosse um animal raivoso. Não teria me surpreendido nem um pouco se ela começasse a espumar pela boca. Uma mistura potente de ódio e insanidade se

apossou de seus olhos. Não era à toa que Jimmy tinha lá seus problemas. Eu não conseguia sequer imaginar como alguém se sentiria por ter que enfrentar uma situação dessas desde a infância.

– Você não passa de uma viciada – ele disse, encarando-a para provocá-la. – É só uma merdinha nojenta com quem temos o desprazer de ter um grau de parentesco. Agora suma daqui, antes que liguemos para a polícia vir te buscar. Fale o que quiser para a imprensa porque não vou te dar mais um dólar sequer para comprar drogas. E se você pensa que eu vou permitir as suas chantagens para cima do Dave, você perdeu o pouco juízo que ainda tinha.

O rosto dela ficou roxo, como se estivesse tendo uma convulsão.

– Saia daqui.

Sua boca se contorceu quando se atirou sobre ele. Suas unhas sujas varreram o rosto do filho, deixando-lhe marcas de arranhões. Sem pensar duas vezes, dei um passo à frente para apartá-los, mas Jimmy estava muito ocupado, segurando os braços da mulher na tentativa de contê-la, para se incomodar comigo. O irmão apenas observou, com a boca entreaberta. Tomada pela raiva, a mulher partiu de novo para cima de Jimmy com os dentes rangendo.

Havia sangue escorrendo no rosto de Jimmy e já fazia muito tempo desde a última vez que eu vira uma cena assim. A raiva percorreu meu corpo, aquecendo-o apesar do frio.

Os irmãos se aproximaram. Não importava. Movi-me para a frente, forçando meu corpo entre eles, e empurrei aquela vadia com força bem no meio de seu peito. Era óbvio que Jimmy não estava esperando por isso. Ele não conseguiu segurá-la, e ela tombou no chão duro e frio. Seu velho casaco verde soltou-se, revelando um vestido de verão desgastado. Seus braços estavam raquíticos e cobertos por machucados seriamente avermelhados. Deus do céu, como ela ainda estava viva?

– Vou te processar! – ela urrou para mim. – Isso é agressão! Acha que eu não sei merda nenhuma, não é?

Ah, tá bom. Mal sabia ela que eu não tinha nada que valesse a pena ser tomado, então não adiantaria de nada me processar.

– Nem tente, mãe. – Jimmy me empurrou com o cotovelo para atrás de si, num gesto muito gentil. – Estou sangrando aqui. Seu ataque foi injustificado, Lena só estava me protegendo. Os policiais vão rir de você, caso tente prestar queixa.

– É o que vamos ver. – Os traços esqueléticos do rosto dela se contorceram com malícia. Devagar, a senhora Ferris pôs-se novamente em pé, vestindo o casaco e prendendo-o com força contra seu corpo.

Os filhos permaneceram calados.

– Sua puta estúpida. – Ela cuspiu em mim e depois cambaleou sobre a grama, caminhando em direção à rua. Nunca tinha ficado tão feliz em ver as costas de alguém.

– Então não tem nenhuma chance de eu ir para a cadeira, certo? – perguntei, curiosa. Tá bom, talvez eu estivesse um pouquinho assustada com as ameaças da mulher maluca.

– Claro que não. – Jimmy me encarou sobre o ombro. Três linhas de sangue desenhavam-se em seu rosto.

Aquela visão trouxe o frio de volta rapidamente.

– Precisamos limpar seu rosto. Vamos entrar.

– Você sabia que ela estava na cidade? Da última vez que ouvi falar, ela estava em Los Angeles – disse David.

Ele assistia à mãe caminhando à distância, seu cabelo esvoaçante com o vento.

– Ela me encontrou no hotel, tinha ligado hoje de manhã.

– Por que não me disse nada? – Os lábios de David se apertaram.

– Já tinha coisa demais acontecendo pra precisar se preocupar com ela também – respondeu Jimmy.

– Porra, cara. Ela é minha mãe.

– É, e minha também.

A testa do irmão ficou toda enrugada. Devia ser uma característica dos Ferris, já que os dois reproduziam aquela expressão em tempos de estresse, perplexidade ou qualquer outra sensação. Enquanto isso, Jimmy não se movera nem um centímetro; apenas ficou lá, sangrando.

– Está frio – interrompeu David.

Jimmy se virou e lançou um último olhar para a mãe. Para qualquer um, sua expressão deve ter parecido entediada e irritadiça, mas os dedos passando com nervosismo pela barra da jaqueta o entregaram, ao menos para mim. Ele não estava impassível como gostaria que todos achassem, não estava sequer perto disso.

– O que você quer fazer, colocá-la em uma clínica? Ela não ia ficar. Devemos comprar roupas mais quentes pra ela? Ela vai trocá-las por drogas e bebida em menos de um minuto. É a única coisa com a qual ela se importa e a única coisa que ela quer.

– Tá, mas…

– Mas o quê? – perguntou Jimmy, com o sangue pingando lentamente de seu rosto.

– Merda. – Seu irmão passou a mão pelo comprimento do cabelo, na altura dos ombros. Realmente eles eram parecidos em muitos aspectos. – É tão fácil assim para você simplesmente virar as costas?

– Sei que está frio, Davie. Eu sei.

– Caramba, cara. Tá tudo bem? – perguntou Mal.

Jimmy estremeceu, como se tivesse recebido um golpe.

– Sim. Sinto muito por ela ter aparecido aqui e tudo o mais…

– Meninos, a culpa não é de vocês. – Todo mundo deveria ter um pai como o de Mal. A voz dele era íntegra e não tolerava baboseiras. A boca de Jimmy abriu-se para protestar e o senhor Ericson levantou a mão. – Não, filho. Já chega. Vamos entrar agora e sair deste vento.

Terminado o showzinho, os espectadores começaram a se movimentar casa adentro. Jimmy balançou a cabeça em concordância e obedeceu. Eu segui Mal e ele rumo ao banheiro debaixo da escada, cada parte de mim palpitava em agitação. Eu não costumava ser violenta, mas daria tudo para sentar a mão naquela mulher de novo.

O banheiro era um cômodo apertado e compacto. Aparentemente, os Ericson não tinham reformado a casa com a ajuda do dinheiro de Mal. A casa era uma construção antiga com dois andares, agora repleta de arranjos florais. Contudo, as fotos enfileiradas no corredor demonstravam as cores que lá floresciam durante a primavera. Minha mãe amava jardinagem. Ela sempre ficava inquieta nos fins de semana de inverno, sem saber ao certo o que fazer. Geralmente, ela pegaria para si um daqueles kits caros e completos que alguém jogou fora no momento em que a terra começara a se aquecer. Uma onda repentina de saudade de casa me inundou.

O que era bobagem.

Não queria voltar para casa agora, de jeito nenhum. Não agora que todo o nervosismo causado pelo casamento ridículo da minha irmã tinha se acalmado. Tudo bem. Então ia passar um tempo com meus pais, me reconciliar e consertar as coisas. Eu ia reencontrar velhos amigos e me deparar com o que tinha sobrado para mim na volta para casa. Era uma promessa.

– A mamãe mantinha todos os itens de primeiros socorros aqui. – Mal revirou o armário debaixo da pia, retirando de lá uma caixa branca puída. – Ah, aqui está você.

– Não está tão feio assim – disse Jimmy. – Vou só dar uma lavada.

– Óbvio que não – retruquei.

– E arriscar uma infecção nesse rostinho lindo? – Mal estava impaciente e intercedeu com intransigência. – Por favor, princesa. Por mim?

Jimmy ofereceu-lhe um sorriso falso e pegou a caixa.

– Tenho quase certeza de que prefere a Lena como sua enfermeira. Vou deixar vocês, crianças, brincarem sozinhos.

Eu me espremi contra a parede e Mal passou por mim, voltando para o

corredor.

– Grite se precisar de algo.

A tampa da velha caixa rangeu alto quando Jimmy a abriu.

– Tá.

– Obrigada. – Sorri para Mal.

Ele deu uma piscadinha.

– Certo. Senta aí na beirada da banheira – instruí, tomando as rédeas da situação.

– Está estragada. – Jimmy sentou-se e analisou as manchas vermelho-escuras na frente da camisa.

– Você tem outras.

– Encomendei esta especialmente na Saville Row, em Londres. Tem ideia de quando custou?

Por favor, o cara tinha mais dinheiro que Deus.

– Está me pedindo um empréstimo?

Ele grunhiu.

– Porque, pra ser sincera, não sei se gosto de você o suficiente para fazer isso.

– Não sabia sequer que você gostava de mim – ele afirmou e alisou a camisa, como se adiantasse alguma coisa. Ele tinha razão: a coisa merecia uma viagem só de ida para o lixo.

– Hmm, você não é tão mau assim. Já conheci muito, muito piores. – E não precisávamos abordar essa questão nos próximos dez anos. Fechei a boca, levantei os óculos e me pus a revolver o estojo de remédios. – Olha só o que temos aqui.

– Viu, Lena, sobre hoje…

Esperei que ele prosseguisse. E continuei esperando.

– O quê?

Ele desviou o olhar para a parede, evitando me fitar.

– Eu só… Eu só queria dizer que… ahm…

– Simmm?

– Que, hmm, você foi útil.

– Eu fui útil? – Minhas sobrancelhas se ergueram até uma altura perigosa, eu podia sentir. Depois de tudo o que tínhamos passado hoje, *útil* era o suficiente?

Ele deu de ombros.

– É, na maior parte do tempo.

– Na maior parte do tempo? Eu fui útil na maior parte do tempo. – Vagarosamente, chacoalhei a cabeça, recolhendo um sorriso de incredulidade. Que bom que a minha autoconfiança não dependia dele, ou agora haveria uma pequena destruição me esperando na esquina. Aquele homem me cansava.

Parecia justo pagar na mesma moeda. – Acho que esse foi o elogio mais gentil que já recebi, senhor Ferris. Foi lindo como uma poesia. Nunca mais vou pensar na palavra "útil" do mesmo jeito.

Ele expirou com desdém, fitando-me com firmeza.

– Que ótimo. E eu disse "útil *na maior parte do tempo*".

– Isso, desculpe, "útil na maior parte do tempo". Uau, não sei como te agradecer.

– Falar menos talvez fosse um bom começo. Vamos terminar logo com isso.

– Sim, senhor. É pra já, senhor. – Fiz menção de bater continência, mas me contive.

No corredor, ouviam-se uma série de ruídos, já que o velório estava chegando ao fim. Havia o tilintar de pratos e o barulho de talheres. Pude ouvir Mal se despedindo de alguém e, na sequência, a batida violenta de uma porta. Deve ter sido o vento. Alguma música antiga do Bob Dylan tocava ao fundo.

– De nada, aliás – eu disse num tom mais brando, oferecendo-lhe uma trégua. Afinal de contas, o dia dele tinha sido muito pior do que o meu e estava muito claro que para ele era difícil agradecer. Não que ele de fato tentasse. – Fico feliz de ter conseguido ajudar.

Ele me encarou com olhos desprotegidos. Pelo menos, não estavam frios e rígidos como de costume.

– Eu também – ele respondeu, com a voz baixa.

Por um momento, cheguei a esquecer de mim. Apenas nos observamos em silêncio, como se esperássemos ou estivéssemos tentando descobrir algo. Não sei, foi estranho.

Então, ele mudou de assunto.

– Lena, e aí? – Ele apontou para sua bochecha. – Ainda estou sangrando.

– Verdade. – Rasguei uma tira de gaze e então travei uma luta com a tampa do antisséptico. Malditas travas de segurança para crianças. – Vamos ver se dou um jeito em você. – Quando o espiei novamente, ele tinha voltado a encarar o vazio; parecia ter sido desligado.

– Vai doer – eu disse, umedecendo a gaze. – Sabe-se lá as sujeiras que ela tinha embaixo da unha. Temos que limpar muito bem.

Ele torceu o nariz ante o cheiro.

– Não finja que não está gostando.

– Assim você me magoa. Como se eu fosse gostar de te causar dores moderadas ou desconforto… – Eu não conseguia apagar o sorriso de meu rosto. É claro que nem cheguei a tentar. Batalhar verbalmente com Jimmy estava rapidamente se tornando mais divertido do que a maior parte dos momentos que já tivera com homens pelados. O que era triste.

Muito triste.

Com cuidado, comecei a limpá-lo, enxugando o sangue em sua bochecha. Tentei não pensar demais nas coisas, mas minha mente se recusou a reduzir a velocidade. Tínhamos, então, nos encostado mais em um dia do que jamais pensara ser possível. A julgar pela minha atual situação cardíaca, isso não era bom sinal. Fiz uma careta de concentração. Minha nova percepção sobre ele estava me deixando louca. Não tínhamos nos conectado, na verdade; aquilo era só resultado do fluxo de emoções de hoje e tal. Tinha vivenciado mais dramas e altos e baixos do que experimentava em muito tempo e colocar tudo aquilo em perspectiva levaria algum tempo. Amanhã retornaríamos a Portland e as coisas voltariam ao normal, com Jimmy ignorando em absoluto a minha existência. Não havia motivos para surtar.

Em todo caso, eu não podia abandonar o cara agora. Não se pode chutar uma pessoa que está caída.

– Ai! – Ele se contorceu.

– Não seja tão molenga.

Se ao menos minhas mãos parassem de tremer e me entregar… Felizmente, Jimmy pareceu não notar. Quanto mais eu me inclinava sobre ele, mais maluca ficava. Honestamente, aquele dia tinha sido uma merda: Mal perdera sua maravilhosa mãe enquanto Jimmy e David sofriam por causa de uma mãe terrível, que estava bem viva. Onde é que estava a justiça naquilo?

Diversos pacotes de gaze e litros de antisséptico depois, eu havia terminado. Se aquela desgraçada deixasse cicatrizes, eu faria mais do que empurrá-la da próxima vez. Só para me certificar, passei um monte de pomada no rosto dele, o suficiente para que a pele ficasse branca como um boneco de neve.

– Queria ter batido mais nela – confessei. – Desculpe, sei que ela é sua mãe, mas…

– Não faça isso de novo, Lena – ele replicou. – Ela não é racional. Você podia ter se machucado.

– Rá, então você teria que me aguentar.

– Até parece.

– Você não seria meu enfermeiro também? Que triste. – Ri suavemente. Se eu pudesse manter a situação leve e tranquila, estaria tudo certo. Ou, pelo menos, o mais leve e tranquilo que já tínhamos tido. No entanto, a aura de infelicidade que pairava sobre ele tornou impossível o plano de criar distância.

– Não foi culpa sua – eu disse.

Ele se virou, suas mãos seguravam a velha caixa de primeiros socorros, fazendo-a ranger outra vez.

– Terminou?

Com cuidado, continuei a espalhar a pomada. Sabe, meu maior problema é a minha boca. O fato de eu ter uma e usá-la bem mais do que eu provavelmente deveria. É irritante em especial quando ela está obstinada em trazer à tona informações que me fazem parecer idiota.

– Uma vez namorei um cara que vendeu meu carro pra comprar erva.

Jimmy recuou, afastando-se de meus dedos.

– Deve ter rendido bastante erva.

– Sim. – Apoiei as palmas das mãos nos quadris, desviando os dedos melecados do meu corpo. – Às vezes, é preciso excluir pessoas da sua vida, pro seu próprio bem.

– Acha que não sei disso? – ele perguntou em um tom falsamente calmo.

– Lá fora, você não podia bater nela – eu disse. – Mas ela precisava ir embora. Parecia que o mínimo que eu podia fazer era dar um empurrão nela na direção certa. E não me arrependo.

– Da próxima vez, não se meta.

– Vai haver uma próxima vez?

– Espero que não. – A dor em seus olhos era comovente. Deus do céu, ele estava me matando. Aquilo precisava parar.

– Você está bem – enunciei ao lavar as mãos na pia. Já havíamos nos encostado o suficiente e isso estava alimentando a errônea ideia de que Jimmy e eu éramos próximos, que éramos amigos ou coisa do tipo. Não éramos e eu tinha que superar. O histórico determinava que, uma vez burro o suficiente para nutrir sentimentos por um cara, meu coração permanecia empacado até o amargo final. Minha coleção de ex-namorados imbecis era épica. Eu não era confiável quando se tratava de misturar pênis e emoções. Ele era apenas meu chefe; nada mais, nada menos.

Jimmy se levantou e se espreguiçou.

– Que dia desgraçado.

– Sim.

– Fique feliz quando acabar e pudermos ir embora.

Ele se observou no espelho por cima do meu ombro.

– Lena, não posso ir lá fora desse jeito! Caramba.

– Não tem um curativo grande o suficiente no kit que vá cobrir toda a extensão do machucado. Fiz o melhor que pude com o que tinha.

– Estou ridículo.

– Você está ótimo – tirei sarro.

Ele praguejou.

– Por que não se acalma?

– Não estava falando com você – ele retrucou.

Ele se curvou e eu recuei, só que não havia espaço, nenhum lugar para o qual eu pudesse ir. Qualquer tipo de contato entre a parte dianteira dele e minhas costas deveria ser evitado a todo custo. No entanto, é basicamente impossível encolher a bunda. Acredite, eu tentei. Então me detive em espremer meus quadris contra o armário, na tentativa de sair de seu caminho. Era muito improvável que eu conseguisse diminuir de tamanho, mas é sempre possível sonhar.

Atrás de mim, ele começou a mexer na bochecha, fazendo expressões estranhas.

– Pare – eu disse. – Vai fazer com que sangre de novo.

Gélidos olhos azuis se estreitaram no espelho, em minha direção.

– Que tal eu perguntar ao senhor Ericson se ele não pode lhe emprestar uma camisa?

Ele moveu o queixo em sinal de concordância. Nove em cada dez vezes, aquele era seu método de comunicação favorito. Muito mais eficaz do que perder tempo com palavras de verdade.

– Ahm, Jimmy? Se você puder parar de se olhar no espelho um instante…

– O que foi?

– Aqui é um lugar pequeno. Pode me dar um pouquinho de espaço para eu me mexer, por favor?

Seu olhar moveu-se para as minhas costas, pela curva de minha bunda avantajada e pela minúscula distância que nos separava.

Sem nenhum comentário, ele se deslocou para a esquerda, para que eu pudesse ir para a direita.

– Obrigada.

– Pergunte se ele tem uma camisa completamente branca, tá?

– Claro.

– E rápido.

Nada de por favor ou obrigado. Nada de nada.

Que típico.

Encontrei o senhor Ericson de pé em frente à pia da cozinha, contemplando o lado de fora da janela. Havia música e conversas emanando da sala de estar, mas ele se manteve isolado. Ninguém podia ajudá-lo nessa ocasião. Não devia haver muitas coisas mais devastadoras do que perder sua companheira, sua outra metade.

E se tivesse sido minha mãe ou meu pai?

Merda. Minha garganta se apertou. Afastei aquela ideia horrível. Ambos estavam bem, eu tinha falado com os dois outro dia. No entanto, isso ia acontecer eventualmente, já que eles estavam envelhecendo. Minha jornada sem

rumo precisava chegar ao fim. Eu precisava voltar e visitá-los cedo ou tarde porque nunca me perdoaria se acontecesse algo.

Não pareceu correto interromper o senhor Ericson. Jimmy teria de aguentar.

Dei um passo para trás e meu cotovelo acertou uma fruteira que estava no balcão. O vidro tilintou alto, avisando a todos em um raio de trinta metros que eu estava presente. O senhor Ericson se virou, com uma expressão de espanto.

– Lena. Seu nome é Lena, não é?

– Sim, senhor Ericson. Desculpe incomodá-lo.

– Por favor, me chame de Neil. O Jimmy está bem? – As linhas em seu rosto se multiplicaram.

– Ele está bem. – Eu sorri. – Mas haveria algum problema se ele pegasse uma camisa emprestada? A dele ficou com sangue respingado.

– Claro que não. Me acompanhe. – Ele me guiou pelas escadas carpetadas até um quarto forrado com papel de parede floral, no segundo andar. O aroma dos lírios chegava até ali. Repousava sobre a cômoda uma foto de casamento e, debaixo dela, havia um retrato informal dos anos 1970, acho.

– Sua esposa deve ter feito muito sucesso com essas botas brancas de cano alto – sugeri, pendendo para o lado para observar melhor. Era bem óbvio que Mal havia herdado o sorriso da mãe, além do brilho travesso no olhar. Aposto que a senhora Ericson se realizou em vida e que viveu cada dia como se fosse o último.

Espero que sim.

– Ela fazia sucesso com qualquer coisa, Lena. – A profundidade da tristeza na voz do senhor Ericson era imensa, então o afeto também devia ser. – Foi a mulher mais bonita que eu já conheci.

As lágrimas atingiram meus olhos.

– Qual você considera mais razoável? – Ele se levantou em frente ao guarda-roupa aberto, metade do espaço era ocupado pelas roupas de Lori. Fileiras organizadas de saias, calças e blusas. Alguns vestidos. Como superar quando metade da sua vida se vai?

Apanhei a primeira camisa que vi. Eu precisava sair dali.

– Esta aqui está ótima, obrigada.

– Tem certeza? – Sua sobrancelha se elevou.

– Sim. Jimmy vai adorar, obrigada!

Me retirei de lá antes que me desfizesse em lágrimas e envergonhasse a nós dois. O homem já tinha que lidar com o suficiente. Desci correndo as escadas, ofegante.

– Aqui está. – Estiquei a camisa para Jimmy.

Ele se deteve e inclinou a cabeça.

– Está demitida.

– O quê?

– Lena, dê uma olhada nisso.

Obedeci.

– Hm. Bom, é bem brilhante e alegre. Com certeza ninguém vai prestar atenção na sua cara.

– Pois é. E é por isso que está demitida.

– Acho que a falta de harmonia entre o rosa e as árvores de Natal vermelhas é bem estilosa. E a animação dos veados é interessante… Pera aí, aquele ali está pulando ou na verdade está montando no menorzinho?

Dedos nervosos desabotoavam a camisa branca já estragada. Ele arrancou os botões que faltavam e os atirou nos quatro cantos do cômodo.

– Deus do céu, tem até um ménage rolando nas costas. Essa camisa está mesmo com tudo. Mas acho que, se existe alguém com a capacidade de usá-la, esse alguém é você. – Eu devia parar. Sem dúvida. Mas não conseguia. – *O* Jimmy Ferris. Quer dizer, nossa, você é praticamente o rei dos estilosos.

– Não sei por que diabos aguento você.

– Eu também não. Mas continua me pagando e eu continuo por aqui. – Me encolhi.

– Maravilha. Saia daqui.

– Tá certo, chefe.

Parei hesitante diante da porta, tentando não rir.

– Vai mesmo vesti-la?

Ele atirou a camisa manchada no chão, seu maxilar em ação.

– Preciso, não é? Não posso ofender Neil.

– Desculpe.

– Tá. Eu acreditaria muito mais nessas desculpas se você não estivesse rindo.

Era verdade. Os risos fluíam de mim, deviam ser resultado de todo o estresse do dia. Porém, a expressão na cara do Jimmy era hilária. A maneira como ele manuseou a camisa, como se fosse merda de cachorro, e a demonstração de nojo no posicionamento de sua boca tornavam a situação ainda melhor.

– Você falou sério quando me demitiu? – perguntei ao secar os olhos. Sem dúvida resolveria vários dos meus problemas. Ou, pelo menos, o maior deles: *ele*. Se eu não tivesse que vê-lo todos os dias, meus sentimentos adversos se dissipariam até sumir, certo? Certo.

Quer dizer, é provável que sim.

– O que está acontecendo? – David caminhou pelo corredor com aquele seu jeito descolado e eu dei um passo para o lado para que ele tivesse mais espaço. – Como está a sua cara e que porra é essa que você está usando?

– Pergunte à Lena.

– Não dá. Sua camisa é tão feia que a fez chorar.

Ri ainda mais alto. Senti um esbarrão na barra da minha calça, seguido por um rosnado.

– E aí, Killer. O que você acha da camisa do tio Jimmy, hein? – Tomei o cachorro fofinho em minhas mãos antes que ele esburacasse minha roupa. – Não é maravilhosa?

– Beleza? – Mal se juntou a nós, ficando atrás de mim e de David, espiando por cima de nossos ombros. – O que é isso, uma reunião no banheiro? Preciso ir buscar o Ben?

Jimmy resmungou mais um pouco e vestiu o terno com uma rapidez incrível.

– Nossa, você tá usando a merda da camisa de veados – comentou Mal, afagando a cabeça de Killer, basicamente chacoalhando o filhote. – Que ótimo, cara. Comprei para o meu pai há uns anos pra fazer piada, mas acho sensacional que você se sinta seguro e macho o suficiente para usá-la.

– Acho que combina com você. – Me permiti um sorrisinho. – Reflete sua beleza interior como poucas outras roupas fariam.

– Claro, claro. – Mal sorriu e, dessa vez, assemelhou-se mais ao que costumava ser. Com certeza tinha sido a melhor tentativa do dia. – Preciso devolver esse carinha à mãe dele. Tá na hora de ir pra casinha.

– Até mais, Killer. – Entreguei o filhote a Mal, que o segurou bem alto com uma das mãos.

– Viu, não duvido que Mal teria pegado outra camisa para você – eu disse.

– Não. – Jimmy parou de mexer nos botões do terno e seu rosto ficou mais límpido. Toda aquela raiva parecia ter-se esvaído. – Pelo menos serviu pra alguma coisa.

– Mandou bem no funeral. – David cruzou os braços sobre o peitoral e se inclinou sobre a porta. – É sério. O discurso foi muito bonito.

– Acha que já podemos voltar para o hotel? Queria malhar. – Jimmy coçou a nuca.

Numa evasão completa às palavras do irmão, parecia que a distância que ele buscava era mais do constrangimento, como se os elogios não existissem no mundo de Jimmy. O que era estranho para um astro do rock. A considerar pela sua meticulosidade com a aparência, era possível pensar que ele se deliciaria com toda e qualquer atenção conferida a ele. O homem era uma contradição ambulante.

Não houve sinais de surpresa na cara de David quanto à reação de Jimmy. Ao contrário, ele sorriu.

– Beleza. Vou buscar Ev e Ben.

– Tá.

David fez uma pausa.

– Olha, mais cedo, sobre a mãe… Não tive a intenção de…

– Tá tudo bem – Jimmy o interrompeu. – Deixa pra lá.

– É que… eu não desisti de você. Parece cruel não dar a mesma chance a ela.

Jimmy inspirou fundo.

– Você quase desistiu de mim. Você ameaçou desistir, lembra? Todos vocês agiram assim, mas não é essa a questão. Dei à mãe todas as oportunidades ao longo dos últimos anos e ela se limitou a pedir mais e mais dinheiro a cada vez. Ela não quer ajuda. Está perfeitamente bem vivendo na sarjeta.

David se contorceu. Encarei meus pés e fiquei em silêncio. Não teria dado para cortar o ar com uma faca; seria preciso uma serra elétrica, para dizer o mínimo.

Estranho como o diabo.

Se David não estivesse bloqueando a saída, eu teria corrido para fora, para que eles tivessem privacidade e resolvessem a situação. No entanto, eu estava presa, sendo forçada a testemunhar a cena. Duvidei imensamente que Jimmy fosse gostar de que eu conhecesse tanto dele em um só dia. Não no aspecto físico, mas sim os seus segredos, seu passado. Era o tipo de informação que tinha o potencial de restringir as pessoas, e Jimmy era um candidato improvável a querer estar numa situação assim. Ele fazia com que meus esforços em permanecer alheia, cultivados no decorrer dos anos, parecessem brincadeira de criança. A proximidade no relacionamento com o irmão, com quem ele também trabalhava, era um claro exemplo.

– É – David suspirou, voltando-se para o corredor. – Parece que você tem razão.

Aguardei até que eu e Jimmy estivéssemos a sós para falar. Por um prolongado instante, o único som que se ouvia eram os pingos da torneira. Era hora de quebrar o silêncio.

– Ele está certo – comecei. – O discurso foi perfeito.

Jimmy me fitou por trás de suas sobrancelhas escuras. Seus olhos estavam gélidos como uma tempestade, e seu maxilar, tenso.

– Foi brilhante – prossegui, mantendo o foco na parte positiva de seu diálogo com o irmão. – Simplesmente fantástico, bem do jeito que eu disse que seria.

A extremidade da boca de Jimmy arquejou. Algo dentro de mim se acendeu ao observar essa reação.

– Você tinha que seguir por esse caminho, né? – ele perguntou.

– Tinha, sim.

– Que ótimo. Não tinha te mandado sair daqui? – Balançou a cabeça.

– Você sempre me manda sair dos lugares. Eu já teria percorrido metade da distância até Yukon se te obedecesse. – Bocejei com elegância. Se não fosse tão divertido provocá-lo, haveria uma possibilidade razoável de eu parar. De leve. – Ainda não me disse se estou demitida mesmo ou não.

Suas sobrancelhas se ergueram, ansiosas.

– O que você acha, Lena?

– Acho que, apesar das suas palavras, você continua me pagando. E o dinheiro fala por si só.

Ele não respondeu.

– Também acho que, se eu for embora mesmo, você sentiria minha falta, Jimmy Ferris. – Por um breve momento, uma parte carente e confusa de mim desejou ardentemente que ele concordasse, o que era sinal de completa loucura. Eu devia arrancar essa parte bobinha e cauterizá-la, removê-la do meu corpo. Sem dúvida seria a decisão saudável a se tomar. Qualquer expectativa ridícula de uma emoção semelhante a carinho vinda de Jimmy era um erro dos grandes: ou ele já nascera assim, ou suas atitudes carinhosas tinham sido enterradas há muito tempo por aquela mãe desgraçada que ele tinha. Além disso, ficar sozinho era melhor, acho que ambos sabíamos disso. Graças à situação, aconteceu de passarmos juntos o tempo em que costumávamos ficar sozinhos. Me parecia melhor do que se sentir sozinho.

– É mesmo? – Ele me direcionou um olhar sedutor. – Por que não sai daqui e a gente descobre?

– Tá bom. – Sorri.

CAPÍTULO QUATRO

DOIS DIAS DEPOIS...

– O quê? – bradou Jimmy com uma voz decidida, sem jamais tirar os olhos da TV. Na tela, rolava uma partida de hóquei, os alguéns contra os outros alguéns. Não, para ser sincera, não me importei o suficiente para descobrir quem estava jogando.

Estávamos em Portland havia dois dias e tínhamos retomado boa parte de nossa rotina com apenas uma ou outra mudança no comportamento.

– Hein? – perguntei, com o dedo percorrendo a tela do meu tablet.

– Você tá me olhando de um jeito estranho.

– Não estou, não.

– Está sim! – ele rugiu, fitando de canto de olho com visível impaciência. – O dia todo.

– Não estou. Você é que está imaginando coisas.

Ele não estava imaginando coisas. Desde o dia em Coeur d' Alene, a situação mudara. Eu tinha mudado. Eu parecia não ser capaz de ver, ouvir ou mesmo ficar perto dele sem reagir de uma maneira que eu realmente não queria. Contrariando as minhas expectativas, minhas emoções não se dissiparam. Ao contrário: elas pareciam ter se instaurado permanentemente, afundando-se cada vez mais em meu coração e em minha mente. Todo o contato recente com seu modo de pensar e seu passado perturbado havia alterado as coisas de maneira irreversível, tanto na maneira como eu olhava para ele quanto na frequência. A verdade era que essa atração horrível e idiota, ou o diabo que fosse aquilo, provavelmente emergia à minha frente toda vez que eu me voltava para ele. Pelo menos era o que parecia.

– Não vou surtar de novo nem nada do tipo, Lena – ele disse. – Relaxa.

Silêncio.

– Não, eu sei. Não estou preocupada com isso.

– Então pare de me olhar – resmungou.

– Não estou te olhando! – protestei, dando uma espiadinha.

Ele deslizou ainda mais sobre a beirada do sofá, com uma carranca estampada naquele rostinho lindo. A roupa de ficar em casa do Jimmy era uma calça jeans e um pulôver. Duvido que um modelo profissional as teria vestido melhor. O cara tinha um estilo e uma presença inatos. Já eu, com meu cabelo bagunçado preso no alto da cabeça e óculos na ponta do nariz, provavelmente tinha a cara de uma candidata precoce a mulher louca dos gatos. Faltava só uma caixinha de areia.

Deixei o tablet de lado em sinal de desistência. Era uma causa perdida. Por estar próxima a ele, aparentemente minha concentração se assemelhava à de uma criança de quatro anos carregada de açúcar. Além disso, eu tinha ido até ali por um motivo em particular:

– Você não retornou a ligação do seu irmão.

– Hum.

– Ele já ligou duas vezes.

Ele limitou-se a erguer um ombro.

Gotículas de água chuviscaram na parte exterior da janela e um poste de luz brilhava ao longe, configurando o típico clima frio daquela época do ano. Estremeci só de pensar em como estaria lá fora.

– Posso ir buscar o telefone, se você quiser – sugeri. – Estava mesmo indo pegar uma bebida.

– Por que está aqui embaixo? Você geralmente fica no seu quarto à noite. – Ele jogou o cabelo para trás.

– Tem algum problema eu estar aqui?

– Não foi isso que eu disse, só estou checando se alguma coisa mudou.

Muita coisa tinha mudado. Muita coisa mesmo e mais um pouco, que eu ainda estava tentando digerir, porém sem nenhuma conclusão satisfatória até o momento. Posso ter mentido um pouquinho sobre não estar preocupada com ele. Ele parecia bem, mas ainda era meu trabalho ficar de olho nele. O velório e o surto dele ainda eram recentes.

– Não mudou nada – menti. – Acho que apenas fiquei entediada de ficar sozinha.

Abracei meu cardigã verde e confortável, constrangida. Sem contar que precisava ter um motivo para essa questão ter sido mencionada. Não investiguemos qual, mas era fato que eu o irritava; conseguia atingir esse objetivo só de respirar, dada a intensidade do humor de Jimmy. No entanto, nunca tinha me preocupado com isso antes. Devo estar ficando molenga. Talvez eu não devesse ter descido, ou então fosse melhor abandonar a missão “passar-tempo-com-o-Jimmy-e-dar-uma-olhada-nele” e voltar para o quarto.

– Tá – ele respondeu.

Foi só isso. Todo aquele alvoroço interno e ele sequer se deu ao trabalho de

pronunciar uma palavra inteira sobre a minha presença ali. Acho que ele realmente não ligava.

– Está com frio? – indagou.

– O quê?

Ele repousou a cabeça no encosto do sofá e lançou, devagar, um olhar para mim. Embora sua expressão não tenha mudado, seus olhos pareciam mais quentes. Ou talvez fosse só a minha imaginação.

– Você está toda agasalhada – explicou. – Quer que eu ajuste a temperatura?

– Não, obrigada. – Seria útil eu colocar um sutiã com bojo para que o formato de meus mamilos não ficasse tão visível para ele. Todavia, o cômodo estava agradável e quentinho, e o sofá sob minha bunda, muito confortável. Jimmy não economizava nas extravagâncias. Ele não era mão de vaca.

– Tô bem – prossegui.

Ele ergueu o queixo.

– Então, quem está ganhando o jogo? – Me ajeitei, apoiando um pé sobre o sofá.

– Não estou tão a fim de ver isso. Pode escolher outra coisa, se quiser.

– Beleza. – Estiquei o braço em busca do controle remoto.

Um risinho leve escapou dele; um som raro, de fato, mas delicioso. Revolveu minha pele de um jeito muito estranho, mas ainda assim gostoso. Se algum dia ele risse de verdade em voz alta, eu estaria com problemas.

– De jeito nenhum, Lena. Só eu fico com o controle remoto. Vou passar pelos canais e você me avisa se algo te interessar.

– Só você fica com o controle?

– É.

– Controlador.

– É um equipamento de última geração, Lena. Uma encomenda especial vinda da Alemanha. – Ele chacoalhou o apetrecho negro em sua mão como se fosse um cetro. Rei Jimmy. Bem que ele queria. – Sem chance que eu vou arriscá-lo com você.

– O quê? – Fiquei boquiaberta. – Como assim não vai *arriscá-lo* comigo?

– A máquina de café. – Ele agarrou uma almofada e socou-a atrás da cabeça, mudando para o próximo canal, no qual passava um programa de culinária.

– Continue. – Eu gostava de comida. Só não tinha um desejo particular em prepará-la. Sempre foi minha mãe quem cozinhou em casa, e eu estava de boa com isso. – Eu mal encostei na máquina de café. Foi alguma falha mecânica aleatória, culpa do universo.

– Tanto faz.

Em seguida, passamos por algum especial sobre os anos 1980. Dava para

perceber pelos cabelos, tão empinados e de aparência ressecada. Imagina as maravilhas que um tratamento com queratina não teria feito por aquelas mulheres. E aquelas ombreiras enormes, credo.

– Continue, por favor – eu disse. Veio um episódio antigo de *The Vampire Diaries* em seguida. – Ah, Ian, como você é lindo. Mas já vi esse, então pode mudar também.

– Benzadeus. – Jimmy espremeu o botão e fomos para um documentário sobre a natureza, ou pelo menos era o que eu esperava, já que a imagem de um cavalo preto e reluzente montando numa égua com aparência razoavelmente apavorada inundou a tela.

– Olha, é que nem aquela camisa que você pegou emprestada do senhor Ericson! – Bati palmas com empolgação e um pouco de malícia. – Cavalos trepando, que beleza.

– Você gosta disso, não? – perguntou com uma voz travessa.

Com um aperto no botão, uma extensão incrível de corpos expostos e saltitantes preencheu a tela. Com exceção dos peitos da mulher no meio do sanduíche de homens, que permaneciam bizarramente estáticos. E, ao contrário dos meus, não estavam nem um pouco acesos.

– Que graça – suspirei. – Nada melhor do que dupla penetração para expressar o amor verdadeiro.

Jimmy se arrastou e mudou de canal, no qual havia carros zunindo ao redor de uma pista de corrida.

– Por que tantos homens têm o senso de humor de um babaquinha pré-adolescente fedido e cheio de espinhas? – ponderei em alto e bom som.

– Você não acha charmoso? – ele indagou, a sobrancelha arqueada.

– É estranho quando se trata de mim, eu sei. – Tomei uma almofada nas mãos e a afofei no peito. – Tive um namorado uma vez que achava engraçado quando… Na verdade, não. Não quero te contar essa história. Nunca.

– Conta.

– Não. Sou mais feliz se fingir que ele nunca existiu. Vamos deixar minhas escolhas vergonhosas sobre o quesito “homem” no passado.

– Ah, que injusto – ele disse. – Você sabe bastante sobre minhas cagadas.

Antes que eu pudesse responder, a Fórmula 1 se transformou em *Downton Abbey* e não contive a animação:

– Pare aqui. Pare!

Jimmy se contraiu, esfregando a orelha.

– Pelo amor de Deus, não grite.

– Esse programa é ótimo! – Um dos casais da série estava conversando, ornado com as vestimentas comuns à classe alta britânica. Que incrível. – E

particularmente pertinente à nossa situação, na minha opinião.

– Hein? – Com o lábio curvado, ele encarou a tela, claramente dessensibilizado com aquele esplendor. Plebeu.

– É sobre o cotidiano em uma residência nobre da Inglaterra, na virada do século XIX para o XX.

– Aham. O castelo e essas roupas meio que deram na cara.

– Esses vestidos não são lindos? – Abracei alegremente a minha almofada. Sou partidária do jeans na vida e na morte, mas sonhar é bom. – Olha, tem os senhores ricos, que têm tudo, e os servos deles, que não têm nada e precisam ficar correndo o dia todo atrás dos senhores, satisfazendo a cada um de seus caprichos, para mal receber um "obrigado" em troca. Quer dizer, são tratados basicamente como cidadãos de segunda classe e são muito menosprezados pelos patrões. Não acha um atraso?

Meu comentário irônico gerou um resmungo. Apesar de que, para ser sincera, ele era capaz de pôr bastante emoção em um resmungo, uma variedade de tons e personalidades. O que Jimmy acabara de fazer era quase uma frase, uma história. Ele tinha deixado de ser um homem das cavernas para assumir uma forma artística.

– Aquela é a Lady Mary. – Apontei para a tela. – Ela fala um monte de coisas horríveis que ela não sente de verdade, sempre para se esconder atrás de uma imagem desagradável e mal-educada. No fundo, ela tem um coração amável e uma consciência, como todo mundo. Será que não parece com alguém que a gente conhece?

– Você fala pra caramba. – Ele bocejou. – Vamos assistir ou não?

– Vai assistir comigo?

– É até bom ter companhia. – Manteve os olhos na TV. Pensei ter identificado uma nota de melancolia em sua voz. Talvez Ev estivesse certa e ele de fato se sentisse só. Os meninos iam para lá e para cá com frequência durante o dia, mas já que Mal decidira ficar um tempo em Idaho com a família, a banda acabou dando um tempo. Jimmy estava mais inquieto que o normal, perdido sobre o que fazer consigo mesmo. No entanto, até que era normal o período da noite ser calmo naquela casa.

– É mesmo – concordei.

Ficamos em silêncio por um tempo, ambos fitando a televisão. Bem, com exceção dos momentos em que eu o espiava fortuitamente. Vou ser uma especialista em assuntos secretos quando enfim sair de Portland.

Ele pôs as mãos atrás da cabeça, com o rosto relaxado e os olhos abertos. O interessante foi que ele pareceu envolvido no drama da série. Serve para mostrar que a gente não deve julgar as pessoas. Foi agradável – um avanço – ficar lá,

sentada na companhia dele, em vez de ficar no quarto, sozinha. Eu devia fazer isso mais vezes. Para o bem dele, é claro.

– Tem certeza de que não quer ligar para o David? – insisti.

A extremidade de seus lábios se contorceu.

– Se você quiser, posso colocar no jogo de novo rapidinho.

– Tá certo, não é da minha conta. Vamos só ver *Downton Abbey* em silêncio, então?

– Vamos – ele respondeu com sua voz profunda.

QUATRO DIAS DEPOIS...

– Lena, você viu minha camiseta velha do Led Zeppelin?

– Não.

– Tem certeza? – Suas sobrancelhas se juntaram numa única linha escura e rabugenta. Os arranhões em seu rosto estavam cicatrizando bem, graças a Deus, embora isso não tivesse diminuído minha vontade de todos os dias esganar a mãe dele.

– Pois é. Não vi.

– Não tô conseguindo achar…

– E desde quando isso é novidade? – Depositei minhas mãos nos bolsos da calça. – Jimmy, você tem mais roupas que a Cher, a Britney e o Elvis juntos. Às vezes as coisas se perdem.

– Tem certeza de que não viu?

– Caramba, Jimmy, o que você acha? Que roubei para dormir com ela, ou algo assim? – Ri com amargura. Sem dúvida, a verdade merecia uma boa gozação. Dessa vez eu tinha atingido um novo patamar.

Eu sequer tinha planejado roubar aquela merda, mas aquela camiseta tinha voltado da lavanderia com as minhas roupas. Foi a primeira blusa que encontrei depois de sair do banho, pronta para ir dormir. Sem pensar eu a vesti, e ela era tão macia, com o cheiro dele impregnado ao fundo do sabão em pó. Desde aquela noite, me deparei com ela no meu corpo toda vez que ia para a cama. Minha vergonha não tinha limites. E não, ainda não tinha pedido demissão. As palavras sequer chegaram perto da minha boca.

– Não. – Ele fez uma careta.

– Que eu alimento um desejo secreto e anseio ficar perto de você, chegando a roubar sua camiseta, como se fosse uma pervertida bizarra?

– Lógico que não acho isso, porra! – ele retrucou, carrancudo, se esticando para alcançar o beiral da porta. Todos aqueles músculos salientes alongaram as mangas da camiseta branca que ele vestia da melhor maneira possível. Tudo que

eu podia fazer era não começar a babar, já que minha frequência cardíaca estava se manifestando em uma região próxima às minhas coxas. E quem seria capaz de culpá-la? Eu é que não. Talvez, se eu transasse, essa sensação iria embora e as coisas voltariam ao normal. Parecia mais sensato eu evitar me esfregar em algum homem, para não ter perigo de me empolgar e namorar de novo. Porém essa situação nova tinha mudado tudo.

– Bom, é claro que não! Isso seria loucura. – E não é que era essa a verdade? Lou-cuuuu-ra. Me tranquem e joguem a chave fora porque não é como se eu estivesse sã.

– É que não consigo descobrir onde ela está.

Nem mesmo os anjos conseguiriam sorrir com tamanha inocência. Até poderiam tentar, mas aqueles pequenos mentirosos desbocados fracassariam com suas asinhas.

– Jimmy, não sei onde está, mas depois dou uma olhada, tá?

– Tá – respondeu, acrescentando depois: – E pare de me olhar estranho.

– Não estou te olhando estranho!

SEIS DIAS DEPOIS...

– Ah, vai – ele gritou. – Desta vez eu vi. Foi um olhar.

– O quê?

– Você olhou para mim. – Seu dedo ameaçador pousou sobre o meu nariz.

– Não é permitido olhar para você? Sério? Essa é uma daquelas ordens esquisitas que gente famosa dá? Ninguém pode falar com você ou te olhar, e precisamos levar potes de pudim aonde quer que você vá? – Desviei o dedo com um tapa.

Seus olhos se estreitaram.

Lá no fundo, talvez eu tenha sentido um ímpeto de culpa. Mas era questão de sobrevivência: eu não tinha escolha. – Não estou usando nada e não vou ter uma recaída – ele murmurou.

– Eu sei.

– Sabe mesmo?

– Sim.

– Então o problema não sou eu, é você.

Sirenes e alarmes ressoaram em minha mente.

– Do que diabos você está falando?

– Negue o quanto quiser, mas eu tenho razão. Tá rolando alguma coisa com você – ele disse em tom baixo. – Não sei que porra é, e nem quero saber. Só quero que pare. Entendeu?

– Jimmy, é sério, não tá rolando nada! – Enrolei o comprimento dos meus cabelos, formando um nó solto, de modo a manter minhas mãos ocupadas para prevenir que a tremedeira desse na cara que eu me sentia culpada, essa traíra. – Você já retornou a ligação de David? Ele ligou de novo. Estou ficando cansada de inventar desculpas por você.

– Tô ocupado. – Ele me deu as costas, contemplando o lado de fora da janela. – E eu te pago pra você inventar desculpas por mim.

– Estou pensando em cobrar a mais para mentir. Alguém precisa pagar pela mancha na minha alma.

Ele não respondeu. Seus ombros amplos pareciam inclinados por causa de um peso, sua coluna encurvou-se. Não era bom sinal. Aparentemente, eu não conseguia fazê-lo abandonar aquele humor nem com piadas.

– Você tem estado meio tenso nos últimos tempos – eu disse. – Por que não agendo uma massagem para você? Não seria legal? E depois disso, a gente podia relaxar e assistir à TV.

– Claro, parece ótimo. Vou sair pra correr de novo. – Ele me vislumbrou por cima do ombro; em seu maxilar havia um músculo retesado.

– Está chovendo.

– Eu não vou derreter. – E ele saiu sem dizer mais nada, desaparecendo pelo corredor. Ele tinha razão, é claro, algo estava acontecendo comigo. O que estava acontecendo entre ele e seu irmão me preocupava.

SETE DIAS DEPOIS...

– Está fazendo de novo! – disse Jimmy, parando de se exercitar. Pingos de suor escorriam por sua linda face. – Não é minha imaginação. Você está fazendo de novo, porra.

– Hã? – repliquei com paciência ao me sentar na bancada de mármore preto e branco da cozinha, porque Jimmy admitia apenas o bom e o melhor. Sua casa era dispendiosa e luxuosamente sóbria, até demais. Três andares de paredes cinza lisas no lado de fora e decoração preta e branca no lado de dentro. Parecia basicamente que um pós-modernista vomitara aqui e que o decorador tirara o dia de folga. Como se um bocado de cor fosse matar alguém. Eu estava em vias de começar a comprar enfeites, almofadas, um vaso ou outro, todos coloridos como um arco-íris, para espalhá-los pela casa em sinal de protesto, só para ver como ele ia reagir.

– Você está *sim* olhando estranho pra mim o tempo inteiro.

– Não, estou filtrando seus e-mails. São coisas totalmente diferentes. – Retirei meu olhar daquele corpo quente (em todos os sentidos da palavra) e voltei-o para

o laptop. – Olha só, a Garota da Lingerie te mandou outra foto, usando um sutiã rosa decotado com franjas. Achei que as franjinhas deram um toque especial. Ela até anexou um vídeo em que ela as faz balançar, que criativa!

– Exclua.

– Mas e se ela disser algo importante?

– É uma estranha me enviando fotos dela seminua dançando e se esgueirando em cima de móveis.

– Pois é, hoje temos uma máquina de lavar. Muito sensual, de uma maneira erótico-doméstica. Me parece uma alegação poderosa sobre o feminismo, que mulher profunda – assenti.

– Tá bom. – Ele pausou seus exercícios. – Essa mulher não vai me dizer nada que eu queira ouvir.

Do lado de fora, a centelha de um relâmpago acendeu o céu e me fez dar um salto. O ruído do trovão veio em seguida.

– Esse foi perto. – Observei-o retomar a sequência, apesar da manifestação da natureza. – Tem uns fãs seus que são malucos; mas, por sorte, alguns são gente boa.

Um grunhido.

O problema das flexões é que elas remetem ao ato sexual (metem. Haha). Todo aquele suor, tensão, o sobe-e-desce da região pélvica. Era nojento, devia ser proibido. Além do mais, eu precisava transar, ou pelo menos encontrar alguém disposto a andar de mãos dadas comigo. Talvez eu tivesse alcançado os limites da restrição física e estivesse faminta por contato. Deus do céu, eu esperava que fosse apenas isso. O fato de ele ter me abraçado antes do velório despertara certas necessidades em mim que eu não conseguia satisfazer sozinha, infelizmente; ficar ao lado dele também não estava ajudando. A gente tinha desenvolvido o hábito de passar as noites juntos, decidindo de quem era a vez de escolher o programa na TV.

Era bom. Demais.

Na noite passada, quando eu estava a caminho da sala de estar, percebi que ele quase sorriu e mudou de lugar, de seu cantinho no sofá, como se estivesse esperando por mim ou coisa do tipo, numa previsão da minha chegada. Eu só podia estar interpretando os sinais do jeito errado. Retribuí um sorriso desajeitado, sentei-me e assisti a quinze minutos de futebol americano antes de recobrar os sentidos, de tão espantada que tinha ficado. Mesmo que estivesse errada, já tinha dado tempo de desistir do afastamento de homens, sexo e romance. Ou ao menos da parte referente a homens e sexo. Eu não podia ficar seguindo o Jimmy como uma adolescente apaixonada. A questão era que o tempo que eu passara com ele acabou me amolecendo, de algum modo. Uma

necessidade de companhia ou anseio pelos amigos que abandonei quando decidi cair no mundo, uns anos atrás, quando tudo deu errado.

Se ao menos ele não fosse tão bom de secar… Cruzei minhas pernas, espremendo uma coxa na outra. O suor escureceu a camiseta de algodão fino dele e o tecido grudado delineava cada um daqueles vários músculos. Cara, ele tinha muitos só nos braços! Sem contar no resto do corpo…

– Lena!

– O que foi?

– Pare.

Minha boca cerrou-se.

– Você fica me olhando o tempo inteiro e é estranho pra caralho. Não aguento mais.

Deus do céu, ele estava certo.

Eu o observava com frequência, não conseguia evitar. E, quando eu não podia contemplá-lo, pensava nele. Pensava basicamente em como não queria sentir nada por ele, mas mesmo assim sentia. Estava enlouquecendo. Na verdade, eu já tinha enlouquecido em Coeur d'Alene, para ser absolutamente sincera. Meu coração imbecil entrava em êxtase, como se autorizasse o sentimento. Todos os sentimentos bobinhos com relação a ele cresciam progressivamente dentro de mim, espremendo os últimos resquícios de bom senso.

Isso tinha que acabar.

Eu não podia passar por isso de novo.

– Preciso ir – balbuciei. Quando pensava em deixá-lo, era como se cravassem um garfo de plástico no meu coração, mas o que eu poderia fazer?

Ele se deteve um instante.

– O quê?

– Quero dizer… Estou cansada e trabalho pra caramba. Acha que é fácil lidar com os e-mails dos fãs?

– Ninguém te pediu para fazer isso. Você começou por conta própria.

– Bom, não dá pra eu ficar te seguindo o dia todo pra lá e pra cá, sem fazer nada. Preciso de estímulos mentais.

Com um ruído de irritação, Jimmy se colocou em pé de um jeito exageradamente atlético. Exibido. Aposto como ele era incrível na cama. Não, esquece, ele devia ser um amante egoísta, do tipo que fica ocupado demais se admirando no espelho do teto para prestar atenção no acontecimento em curso. A região entre minhas pernas tinha é que sossegar o facho.

– Me conta como ficar vendo fotos de garotas dançando de lingerie por aí estimula a sua mente. Preciso ouvir sua explicação. – Ele franziu levemente a testa.

– Nem todas são assim. Algumas delas são bem legais e só querem uma foto sua autografada ou um “obrigado por entrar em contato, fico feliz que tenha gostado do novo álbum”. Você as estava ignorando. Achei grosseiro.

– O gerenciamento pode cuidar disso. E, se você estiver cansada, vá tirar um cochilo e saia da minha frente com essas suas bizarrices. – Ele me encarava como se eu morasse do outro lado das paredes de um hospício. Para ser sincera, era justo.

– Tá bom – disse ao bater no teclado, desligando o laptop. – Eu vou.

– Por Deus, você anda muito temperamental. Pior que eu.

Soltei um riso nervoso.

– Jimmy, você realmente acabou de fazer uma piada sobre si mesmo?

Ele franziu levemente o canto da boca. Meu bom Deus, ele tinha uma covinha? Minha pulsação se acelerou como se estivesse soltando fogos. Eu simplesmente adorava covinhas. Eram tão lambíveis, tão divinas.

– Lena – ele resmungou.

Fiquei molhada no mesmo instante.

– Desculpa. Eu… O que é isso?

Parei e cheirei o ar. Havia um estranho cheiro esfumaçado na sala, misturado ao odor do suor de Jimmy e aos resquícios de sua colônia. Pensei que minha imaginação pudesse estar me pregando peças, mas não era o caso. Meu coração bateu mais forte no fundo do peito. Conhecendo os sinais, esse não parecia ser um dos bons.

– Isso o quê? – ele perguntou.

– Esse cheiro de cigarro – disse ao me levantar, contornando a mesa. – Está vindo de você.

Ele se acocorou.

– Não sei do que você está falando.

– Está na sua jaqueta também.

Seu olhar se voltou para a peça em questão, pendurada no encosto de uma cadeira da cozinha. Era uma jaqueta cinza, impermeável, não muito sofisticada, mas eu podia apostar que custou uma fortuna. Perfeitamente apropriada para sair e fumar. Ele lambeu os lábios, fitando o vazio.

– Lena…

– Você voltou a fumar, não foi?

– Não preciso da sua permissão. Eu faço o que quiser.

– Então por que escondeu de mim?

Ele se levantou de súbito, esfregando as mãos.

– Porque não é da sua conta.

– Tenta outra, amigo. Você e a sua saúde são precisamente da minha conta.

Estendendo a mão, ele tentou alcançar a jaqueta. Infelizmente para ele, eu já havia me adiantado nesse sentido. Puxei a peça na minha direção, vasculhando os bolsos um a um. Isso devia ser recente, mas ainda assim eu devia estar prestando mais atenção e descoberto no instante em que começou.

– Me dá isso – disse, puxando uma manga solta.

Peguei o maço dourado de um bolso lateral e o escondi atrás de mim, fora de seu alcance.

– Acabou, Jimmy. Você se esforçou tanto para ficar saudável e não vai desistir agora.

– Você vai reclamar sobre eu beber café também? Ele jogou a jaqueta de lado, amassando-a. Seu cabelo úmido colava no rosto e seus olhos chispavam de fúria.

– É só uma merda de um cigarrinho ocasional. Eu parei com todo o resto. Me devolve isso, Lena.

– Você sabe que não deveria estar fumando. Está até com ar de culpa.

– Não estou com ar de culpa – disse com a voz incisiva e um tremendo ar culpado. – Sou um homem adulto e, repito, isso não é da sua conta.

– Eu me importo com você – rapidamente me afastei dele, dando alguma distância entre mim e o feroz astro do rock. A bela e enorme mesa de jantar para oito pessoas seria uma barricada apropriada. A considerar pelo olhar dele, talvez uma cerca elétrica fosse mais recomendada. Uma vara de tocar gado também não seria má ideia.

– Você parou de fumar por um motivo – eu disse. – Qual foi?

– Me devolve.

Ele estendeu a mão para exigir de volta o que era seu, com a boca reta, sem se impressionar.

– Você mesmo escolheu parar com isso meses atrás, não foi? Por que você fez isso, Jimmy? Me conta.

Ele se recusou a responder. Em vez disso, foi para a esquerda, e eu, é claro, fui para a direita, mantendo a mesma distância e a mesa entre nós. Segurança era essencial.

– Lena – falou com a voz baixa. – Eu realmente não estou a fim de sair nessa tempestade hoje para comprar outro maço, então você vai me devolver esse. Depois disso, você vai manter o nariz fora do que não te diz respeito.

– Não.

– Isso é uma ordem, Lena.

Será que ele realmente achava que ordens funcionavam comigo? Pelo jeito, parecia que sim. Muita esperança insana da parte dele.

– Vamos chegar a um acordo aqui – eu disse, puxando uma cadeira ao redor da mesa. – Acho que precisamos sentar e conversar sobre isso como adultos.

Discutir os prós e os contras, ter certeza de que você está tomando uma decisão consciente.

Seu corpo enorme se manteve estranhamente firme, e seus dedos seguravam com muita força o encosto da cadeira à sua frente.

– É claro. Podemos fazer isso.

– Muito obrigada. É tudo o que peço.

Lentamente, ele se sentou. Então ergueu a cabeça, esperando que eu fizesse o mesmo. As veias de seu pescoço e braços saltavam de sua pele. Deus, eu esperava que ele não estivesse à beira de um ataque. O homem devia pensar que eu era uma idiota. Minha respiração estava acelerada e meus seios se erguiam e recuavam por baixo da camiseta. Por um momento, ele os fitou e seu rosto se iluminou. Seios eram mesmo uma distração incrível.

Talvez eu não conseguisse fazê-lo parar de fumar a longo prazo. Sabia disso, mas estava certa de poder impedi-lo naquela noite e então conversar apropriadamente sobre o assunto. Infelizmente, ele se sentou entre mim e o triturador de lixo, que teria ajudado na hora de destruir o maço. Eu teria que ser criativa.

– Fico feliz que podemos ser razoáveis quanto a isso – comecei, fingindo ir em direção à cadeira para me sentar. – Obrigada por concordar em ter essa conversa comigo, Jimmy.

Seu lindo sorriso era repleto de dentes afiados.

– É claro, Lena. O que você quiser.

– Que fofo – respondi, sorrindo.

Então eu disparei.

Fui tomada pela adrenalina e minhas pernas estavam dando tudo de si. Eu ia dar descarga nos malditos cigarros no banheiro do corredor à frente. Perfeito. Por sorte, não era muito longe, pois, apesar de eu ter saído na frente, ele se aproximava rapidamente. Considerando que ele gostava de corrida e eu de torta, era o esperado.

A campainha da porta da frente ecoou pela casa toda. Estava em sincronia com as batidas do meu coração e os passos pesados de Jimmy atrás de mim. Consegui alcançar a beirada da porta do banheiro, deslizando pelo escorregadio piso de mármore, já muito perto. Jimmy passou o braço pela minha cintura, me segurando. Estando ele de pés descalços e eu com meias, nenhum de nós tinha exatamente uma boa tração. Tínhamos, por outro lado, bastante ímpeto. Me atirei para a frente, tirando de súbito os pés do chão gelado e duro. Se não fosse pela pegada de Jimmy, eu teria caído de boca no chão do corredor. Assim, meus joelhos sofreram um pouco do impacto, mas ele ficou com o restante. Ele caiu, apoiando as mãos no chão de mármore, desacelerando nossa queda e me

segurando na distância necessária para evitar que meu rosto encontrasse o chão, mas com isso acabei soltando o maço, que voou para longe no chão.

Novamente, a campainha soou.

Meu cabelo tinha se desfeito do coque e caía sobre meu rosto num escuro emaranhado. Avistei o maço alguns metros adiante, perto da porta principal, e tentei me arrastar na direção dos malditos cigarros.

Jimmy pôs um fim à situação quando simplesmente soltou o peso monstruoso de seu corpo em cima de mim, me prendendo ao chão de bruços. Seus músculos o deixavam tão volumoso quanto um filhote de elefante.

Aparentemente, quando amassada, eu fazia um som horrível, algo como "*umph-urgh*".

Jimmy riu com maldade.

– Sai de cima de mim – gritei, me debatendo sob ele.

– Você vai desistir?

Sua respiração estava quente na minha orelha e a extensão de seu tronco pesando sobre as minhas costas. Em qualquer outra situação, teria sido muito excitante. Minha bunda acidentalmente esfregou em sua virilha e uau, caramba. Fui inundada por uma onda de calor.

Maldição. Tá, isso era excitante.

– Nunca!

– Você nunca vai vencer.

Seus dedos suados seguravam meu pulso, impedindo que eu alcançasse o tesouro. Senti seu pênis ereto, pressionado contra meu traseiro. Que inferno, agora ele também estava gostando disso. Só podia ser uma resposta física da parte dele.

– Você está sendo ridícula.

– Ah, e você não está? – respondi prontamente, sentindo meus mamilos perfurarem o chão de mármore.

– Lena…

Alguém bateu na porta da frente. Ah, certo, nós tínhamos um visitante esperando do lado de fora na chuva. Enquanto isso, estávamos nos engalfinhando de modo pseudossexual diante da porta principal. Excelente.

Ouvi o tilintar de chaves e a porta se abriu. David Ferris entrou junto a uma rajada de ar frio e úmido. Fui atingida por uma folha tardia de outono. Jimmy a removeu com cuidado antes que eu pudesse reagir. O vento foi interrompido quando David fechou a porta atrás de si, então nos encarou.

– Vocês – ele disse, com expressão de quem segura o riso. – Isso é luta livre ou o quê?

– Sim, claro – respondi, tamborilando minhas unhas curtas no chão e apoiando

a cabeça na outra mão. – Estava chovendo muito pro Jimmy ir correr e… precisamos improvisar.

David segurava o riso por detrás das bochechas, abrindo um sorriso. – Certo. Ótimo.

Nas minhas costas, Jimmy resmungou.

– Ela estava agindo feito louca sobre um negócio. Longa história.

– Eu estava fazendo o meu trabalho e me importando com o seu bem-estar – retorqui. – Você já pode sair de cima de mim?

David então percebeu o maço de cigarros próximo aos seus pés. As rugas em sua testa eram muito numerosas para contar. Com o bico de sua bota de combate, ele chutou o maço na nossa direção. Reagindo rapidamente, Jimmy os alcançou. Merda.

– Você voltou a fumar, Jim?

A voz de seu irmão expressava profundo desagrado e decepção. Cada centímetro de Jimmy estava tenso sobre as minhas costas.

– São meus – eu disse.

– Não, não são.

O peso monstruoso de meu chefe desapareceu de cima de mim. Antes que eu pudesse me erguer, ele passou as mãos por debaixo dos meus braços. Fui botada em pé como se não pesasse mais que um dente-de-leão.

Jimmy limpou a garganta.

– Uma coisinha a mais pra você desaprovar em mim, certo, Dave?

– Não é bem assim – retrucou o irmão, com o rosto sombrio. – Estou tentando ligar pra você a semana inteira.

– Sim. Desculpa, andei ocupado.

– Certo.

Os dois irmãos se encararam por um longo tempo. Essa reunião não estava indo bem, afinal. Se Jimmy cerrasse ainda mais seus lábios, eles iriam simplesmente desaparecer. As mulheres de todo o mundo lamentariam essa perda. Pelo menos eu iria.

A dor e o arrependimento nos olhos de David eram terríveis de se ver. Certamente Jimmy o perdoaria. Ele era da família. Sim, eu não era exatamente um modelo no quesito de perdão fraterno, mas com eles era diferente. Eles se amavam.

– Foi bom você ter vindo – eu disse. – Como está a Ev?

– Bem. Obrigado – David respondeu, acenando com a cabeça.

– Estávamos resolvendo uma coisa aqui, Dave.

Com seus dedos envolvendo com firmeza o maço de cigarros, Jimmy seguiu com sua rotina de evitar os problemas. Ele olhava para o chão como se este

tivesse comido o último doce de manteiga de amendoim do pacote. Não que ele comesse doces, mas você entendeu.

– Falo com você depois – ele dispensou o irmão, sem nem ao menos fitá-lo.

Fiquei sem reação.

– Jimmy…

– Depois, David, ok?

Sua voz firme ecoou pela sala. O silêncio que se seguiu era estarrecedor.

– Não – disse, me aproximando dele e mantendo a voz baixa. – Vocês precisam conversar.

– Tudo bem, Lena – David coçou a cabeça e me lançou um olhar levemente envergonhado. – Ele vai falar comigo quando estiver pronto.

Cerrando a mandíbula, Jimmy me fitou sem dizer nada.

Sem dizer mais nada, David deu as costas e abriu a porta, rumo à tempestade. Jimmy bateu a porta. Ouvi o barulho do plástico quando ele amassou o maço de cigarros até parecer uma bolota de lixo.

– Vai atrás dele. Agora.

Corri para o closet do corredor, pegando a primeira jaqueta que encontrei. Ele jogou a bola de papelão e tabaco sobre uma mesinha. Aqueles cigarros certamente estavam inutilizados.

– Fica quieta, Lena.

– Não. Você só tem um irmão e ele é um cara bem decente – disse, soltando as palavras, apressada. – Ele errou em dizer o que disse e em apoiar a sua mãe em Idaho e eu sei que isso machucou você, mas Jimmy, ele também sabe disso e se arrepende. Isso o está devorando, dá pra ver nos olhos dele.

– Não vamos falar disso.

– Também tenho uma irmã e nos odiamos. Isso basicamente dividiu nossa família no meio. Confie em mim, você não quer que a situação de vocês chegue nesse nível – continuei, segurando seu braço. – Jimmy?

Ele se soltou de mim.

– Podemos não falar disso?

– Todo mundo comete erros às vezes. Você, em particular, sabe disso. Ele é seu irmão e ama você. Dê uma chance de ele se desculpar.

– Agora você está do lado dele também, é? – perguntou ao me encarar. – Davie sempre foi o menino bonito com o coração mole. As garotas adoram ele. Ele está comprometido agora, Lena, e não vai te dar o que você precisa.

– Ah, tá bom. – Joguei a jaqueta contra ele, fazendo-o recuar um passo. Estava tão frustrada que poderia tê-lo chutado. – Você está falando sério? Não estou interessada no seu irmão. Estou do seu lado. Sempre.

Ele não pareceu convencido.

– Só estou preocupada com você e com o abalo que você sofreu na última semana, consumido por isso e com saudade dele. David estava errado, mas sabe disso. Juro.

Por um momento, ele me olhou.

– Por favor, Jimmy.

Ele desviou o olhar, com seu pomo-de-adão trêmulo. Então, de súbito, girou a maçaneta e saiu correndo na chuva. O vento gelado atingiu meu cabelo e veio cortante na direção de meu rosto. Me enrolei na jaqueta esquecida, caída atrás da porta parcialmente aberta. Jimmy correu pela frente da casa na direção do 4x4 preto parado à calçada. A porta do carro se abriu e David desceu. Primeiro, mantiveram uma boa distância um do outro, David de braços cruzados e Jimmy com as mãos na cintura. Então David se aproximou e bateu no ombro dele, como se implorasse. Jimmy pareceu amolecer depois disso e eles se aproximaram. Logo estavam face a face, obviamente em meio a uma conversa íntima, apesar de estarem parados na chuva. Bom. Isso é bom. Acho que David acenou com a cabeça. Era difícil ter certeza.

Algumas folhas douradas e marrons voaram para dentro da casa.

Jimmy fez menção de retornar para o interior da construção e o irmão segurou seu braço, puxando-o para um breve abraço com tapinhas nas costas.

Sim. Obrigada, menino Jesus.

Por fim, Jimmy correu para dentro de casa, encharcado até os ossos.

– Cuidado, não vai escorregar com os pés molhados.

Ofereci a jaqueta a ele, que a recusou com um sinal e depois tirou a camiseta. Muita água escorria de seu cabelo molhado pelo rosto e pescoço.

– Vou pegar uma toalha.

– Não se incomode. Estou congelando.

Ele se dirigiu ao banheiro, foi direto para o banho e ligou a água quente.

– Está tudo bem entre vocês dois?

– Sim – disse ele, tirando sua calça de moletom, exibindo sua cueca preta apertada ainda com um considerável volume na frente. Por Deus, suas coxas, seu tanquinho, seu tudo. Com a cabeça tomada por súbitas fantasias sexuais, fiquei surpresa de ter conseguido pensar em alguma coisa. Meu corpo estava em choque, com a pulsação acelerada. Eu poderia aquecê-lo. Com certeza, meu rosto e outras partes pertinentes do meu corpo pareciam estar pegando fogo. Podia apostar que a pele dele tinha um gosto divino.

Jimmy ergueu uma sobrancelha.

– Lena?

Eu pisquei.

– O que é, você está esperando pra me dizer que estava certa outra vez?

– Com certeza?

– Considere feito.

Jimmy ficou de pé, com as mãos nos quadris, me olhando. Eu não saberia decifrar o ar em seus olhos, mas seus lábios se abriram e parecia que ele estava à beira de me perguntar algo.

Então mudou de ideia.

– O que você ainda está fazendo aqui? A menos que queira esfregar as minhas costas, vou precisar que saia.

Meus olhos se arregalaram o máximo possível.

– O quê? Sério?

Gentilmente, ele me segurou pelo antebraço e me removeu do banheiro.

– Sai daqui, Lena.

– Só estava tentando falar com você.

Eu realmente não estava tentando falar com ele, mas agora precisávamos mesmo discutir essa história de esfregar as costas dele, e se eu, como funcionária do mês, poderia atender às suas necessidades.

– Fale comigo depois.

– Mas…

Daí ele bateu a porta na minha cara.

Legal.

Babaca.

A frustração era uma fera enorme e nojenta que estava se apossando do meu coração. Abracei a mim mesma, me protegendo do frio. Aparentemente, parada na porta, eu também havia me molhado por causa do vento e da chuva. No entanto, a dor maior era de ter sido expulsa do paraíso, também conhecido como banheiro. Como ele era ingrato. Mostrei o dedo do meio para a porta.

– Você fez bem – disse ele do outro lado.

– Obrigada – respondi, abaixando o braço.

– Dave e eu estamos bem de novo.

– Ótimo – gritei de volta.

– Sim, você tinha dito.

– Fico contente – disse, sorrindo. – Você vai parar de fumar?

Ele resmungou, xingando baixo:

– Sim, tá bom, mas sai da minha porta enquanto eu estou no banho, isso é assustador.

Revirei os olhos. Não é como se eu fosse ver muita coisa pelo buraco da fechadura.

Vamos fingir que eu não tentei.

Eu sorri.

—

O horário das duas e meia da madrugada não costumava ser gentil comigo. Era bem no meio do nada com lugar nenhum. Muito tarde para ter uma boa noite de sono, muito cedo para começar o dia.

Me virei na cama, ficando de costas, e encarei o teto. Continuava tão empolgante e iluminador como nas últimas quatro horas. Na minha mesinha de cabeceira, o copo de água estava vazio. Fazia sentido, visto que minha bexiga estava estourando. Me sentia completamente desconfortável. Aposto que Jimmy pagou uma fortuna neste colchão e que reis e rainhas provavelmente dormiam em algo do tipo. Ainda assim, para mim não estava funcionando.

Com um grunhido, afastei as cobertas e me arrastei para o banheiro. Depois de me aliviar, lavei as mãos. Já que estava de pé e ranzinza, pareceu uma boa ideia ir atrás de chocolate.

Não questione a minha lógica. Fazia sentido para minha mente privada de sono e era isso que importava.

Desci lentamente as escadas. Uma luz inconstante vinha da sala de estar e projetava sombras oscilantes na parede oposta. Eu tinha deixado Jimmy assistindo a um documentário sobre Phil Spector algumas horas antes. O senhor Spector pode ter sido um gênio da música, mas, considerando onde ele acabou, pareceu macabro demais pro meu gosto e dei boa-noite para o astro do rock.

A enorme tela mostrava, em silêncio, tigres rugindo e um passeio pela savana dourada. Jimmy estava desmaiado no sofá, adormecido havia algum tempo. Os traços em seu belo rosto não eram menos determinados e firmes em repouso. Ainda assim, pareciam ter amolecido um pouco sem toda aquela ira. Os longos cílios negros repousavam e seus lábios estavam ligeiramente entreabertos. Pareciam tão macios. Um sentimento, uma sensação invadiu meu âmago, se espalhando por mim, fazendo meus dedos dos pés formigarem. Tinha a ver com ele. Era quente e frio, eterno e impossível. Era físico, mas também era algo mais. Eu queria conhecê-lo, cada minúsculo pedacinho dele. E eu queria que ele me conhecesse. Queria ser uma parte real de sua vida, não apenas sua funcionária. Ser a pessoa a quem ele confidenciava seus pensamentos mais sombrios, alguém em quem ele confiasse.

Era loucura.

Já reparou em como o mundo parece diferente no auge da madrugada, quando você está acordado há tempo demais? Há algo de surreal, mas ao mesmo tempo muito claro, tão silencioso que você pode ouvir a verdade sussurrada das coisas que você não poderia trazer à tona sob a luz do dia. Meus sentimentos por

Jimmy não estavam sumindo. Eu era tola de imaginar que iriam mesmo se desfazer enquanto eu vivia em sua casa e respirava o mesmo ar que ele. Esses sentimentos não iriam embora.

Se eles não fossem, eu precisaria partir.

Não conseguiria suportar ter o coração partido outra vez. Especialmente em uma situação em que eu podia prever isso à distância, como no caso de Jimmy Ferris. Ele precisava de mim como ajudante e como amiga, não como a pestinha apaixonada que o encarava incessantemente. Ele já tinha uma coleção dessas.

Inspirei fundo e expirei. Se ao menos eu não me sentisse completamente dilacerada pela mera ideia de deixá-lo… Era uma imagem brutalmente dramática, porém verdadeira. Era como a velha analogia de puxar o *band-aid*: melhor sofrer uma dor menor agora do que ter seu coração partido e arruinado lentamente.

Ainda assim, as próximas semanas seriam difíceis.

Assim que eu arranjasses uma substituta, talvez fosse sentar em alguma praia por aí, sentindo pena de mim mesma. Ou fugir um pouco da chuva e passar algum tempo ao sol, pedir drinques exuberantes com guarda-chuvas em miniatura e frutas. Podia esperar o casamento da minha irmã e me esconder em casa enquanto ela estivesse em lua de mel. Sim, eu tinha um plano.

Os pés de Jimmy estavam juntos, seus braços pressionados contra o peito. Pobrezinho. Ele devia estar com frio. Não parecia bom depois da chuva daquela tarde. Peguei dois lençóis no armário, coloquei um aos seus pés e estendi o outro sobre ele. O fino tecido o cobria dos ombros aos pés.

– Melhor assim – murmurei.

– Sim – ele murmurou de volta, abrindo um olho na minha direção. – Belo pijama.

– Fique você sabendo que pijamas de flanela com estampa de ursinhos de pelúcia são a última moda – retorqui ao me sentar, visivelmente cansada. – O que está fazendo aqui?

– Peguei no sono. Você me acordou quando desceu as escadas.

Ele se sentou lentamente, esfregando a cabeça. Seus cabelos negros se espalhavam para todo lado e a televisão desenhava sombras em seu rosto.

– Que horas são?

– Pouco mais de duas e meia.

– E o que você está fazendo acordada?

– Não consegui dormir – expliquei, dando de ombros. – Às vezes não consigo desligar a porcaria da minha cabeça.

Ele concordou, bocejando.

– Aposto que conseguimos encontrar algo melhor que um documentário sobre

natureza para assistir.

– Você não precisa me fazer companhia, já está tarde. Ou cedo – emendei. – Vai pra cama, eu vou ficar bem.

Ele pegou os lençóis e os atirou no meu colo.

– Depois que eu acordo, não consigo voltar a dormir tão fácil.

– Desculpa se te acordei. Me passa o controle?

Ele riu sombriamente.

– Lena, Lena. Que vergonha. Não estou bem acordado, mas não sou doido.

– Garotos e seus brinquedos – resmunguei me enrolando no cobertor e me acomodando. Ele me deu meio sorriso com um ligeiro vislumbre da covinha. Estava mais para um quarto de sorriso com ar maligno, mas ele estava melhorando na arte de sorrir e era o que importava. Seria um dos grandes arrependimentos da minha vida se eu nunca visse aquele sorriso inteiro. Aposto que era letal de várias formas.

Não falamos muito. Era legal simplesmente pela companhia.

A última coisa de que me lembro era de estar espalhada na minha metade do grande sofá, assistindo a um filme legal em preto e branco sobre gângsteres nos anos 1940. Acordei em minha própria cama na manhã seguinte, cuidadosamente acomodada, tão cuidadosamente aninhada nas cobertas que tive dificuldade em tirar os braços de baixo delas. Era óbvio que Jimmy tinha me carregado e me botado na cama. Quanto tentei agradecê-lo, ele simplesmente me ignorou e mudou de assunto.

Velhos hábitos.

CAPÍTULO CINCO

TRÊS SEMANAS DEPOIS...

– Lena!

Ergui a cabeça de sobressalto e a caneca de café saltou de minhas mãos. O líquido quente escaldou meus dedos ardentemente.

– Merda.

Jimmy desceu correndo pelas escadarias internas.

– Onde você está?

– Na cozinha.

– Que porra é essa? – ele rugiu, entrando agitado na cozinha, pingando de suor.

Eu suspirei como apenas os que sofrem há muito tempo sabem e esfreguei as manchas de café no meu suéter verde.

– Que porra o quê, Jimmy?

Pude ouvir mais uma sequência de passos pesados atrás dele. Ben, o baixista, chegou em seguida. Imagine um lenhador sensual com habilidades musicais e terá uma imagem bem precisa dele. Ele estava igualmente suado, o que era apropriado, visto que ambos estavam correndo.

– Oi, Ben – disse, acenando para o grandalhão, que respondeu com um movimento do queixo. Espere, era um sorriso em seu rosto? Ele se reclinou contra a parede e cruzou os braços, obviamente se acomodando por algum motivo.

O que quer que estivesse acontecendo aqui, eu já não estava gostando.

Jimmy jogou o telefone no balcão da cozinha na minha frente.

– Por que raios tem um tal de… – ele apanhou o celular, mexendo na tela. – … Tom Moorecomb muito ansioso para falar comigo sobre a vaga de novo assistente?

Meu estômago se revirou.

– Ah, isso.

– Sim, isso.

– Estava esperando a hora certa para te contar.

Com as sobrancelhas juntas, Jimmy apoiou as mãos no balcão.

– Vamos tentar agora, então.

– Bem, decidi deixar este adorável emprego – respondi de cabeça erguida, falando em claro e bom tom profissional. Exatamente como tinha praticado inúmeras vezes no chuveiro, na cama e no banheiro. Basicamente em qualquer lugar e hora em que eu tivesse um momento. Sem mais desculpas. – Não que eu não valorize o tempo que passamos juntos, mas sinto que estou pronta para encarar novos desafios. Tom é quem eu sugeri que contratasse como meu substituto. Ele tem histórico em aconselhamento, mas é…

– Você está se demitindo?

Nunca tinha sido tão difícil olhar em seus olhos.

– Sim, Jimmy, estou. É chegada a hora.

– Você organizou tudo pelas minhas costas! – Não era uma pergunta, era uma afirmação e uma bem raivosa. Seu olhar subitamente ficou gélido. Tive sorte de não congelar onde estava.

Em vez disso, concordei, apesar do formigamento em toda a minha pele.

– Quando?

– Quando eu organizei isso ou quando eu saio?

Ele ergueu o queixo. Entendi como um sim para ambas as perguntas.

– Nas últimas duas semanas e em duas semanas – respondi. – Pensei em passar alguns dias treinando o Tom para garantir que, quando eu partir, tudo fique bem. É claro que há outros candidatos, fica a seu critério contratá-lo ou não.

– Que maduro da sua parte.

– Mas você vai precisar de alguém pra me substituir.

– Quando você planejava me contar, Lena?

– Em breve.

Ele arqueou a sobrancelha.

– Neste fim de semana… em algum momento. Eu com certeza ia dar a notícia bem antes da chegada do Tom para a entrevista, na segunda-feira. Você ia querer tempo para se preparar e… – Lancei meu sorriso mais encantador. Não importa o que aconteça, nunca admita um erro desses. – No máximo na segunda-feira de manhã, sem sombra de dúvida.

Jimmy ficou subitamente pálido.

Limpei a garganta.

– Falando da experiência anterior do Tom, o que é importante ressaltar é que, ao contrário de mim, ele realmente tem certa experiência em um campo relevante…

– Não.

Pisquei.

– Como?

– Não. Você não vai se demitir.

– Ah, vou sim.

Ele sacudiu a cabeça apenas uma vez, de forma violenta, talvez até brutal. Fiquei surpresa que ele não tenha se machucado. Apesar de saber que ele provavelmente não apoiaria minha decisão, com certeza não esperava esse nível de obstinação.

– Sou uma secretária, Jimmy, não uma conselheira para viciados. O fato é que, em primeiro lugar, eu nunca deveria ter aceitado este trabalho. Não sou qualificada nem particularmente boa nisso.

– Acho que estou em uma posição melhor para dizer. Que inferno, Lena. Isso é ridículo, o que você quer que eu diga?

Dei de ombros, surpresa com a resposta.

– Adeus, eu acho. E, se não se importar, uma carta de recomendação seria legal.

Ele não disse nada por um momento, só deixou sua cabeça pendendo para trás a fim de encarar o teto. Os músculos de seu pescoço eram grossos, e as veias saltavam sob a pele.

– Qual é o problema real aqui? Você quer mais dinheiro?

– Não. Para ser sincera, você provavelmente já está me pagando mais do que deveria. Não que eu esteja pedindo para reduzir ou coisa do tipo.

– Então o quê?

Seu olhar me atingia e reparei no azul de seus olhos, mais claros que os de seu irmão. Os olhos de Jimmy eram como um céu sem nuvens, de um azul perfeito. Eram lindos, porém raramente serenos. Preferia nem ter reparado, quem dirá ficar poética a respeito disso.

– Por que você quer tanto que eu fique? – Ergui as mãos. – Na maioria dos dias você mal me suporta. Na última semana, você parou completamente de falar e só grunhiu comigo por três dias, e agora vem me dizer que não ia suportar ficar longe de mim? Sem essa.

Ben riu.

– Ela tem razão.

– Depois, Benny – disse Jimmy, sem tirar os olhos de mim.

– Bem, divirtam-se – disse o homenzarrão ao sair, despreocupado em esconder seu sorriso.

– Eu… eu fiquei um pouco mal-humorado na semana passada – respondeu, cruzando os braços com pressa. – Não tem nada a ver com você.

– Não, claro que não, mas eu tenho que conviver com você, então essas crises de mau humor me afetam também.

Mais caretas.

– Não é que tenha a ver conosco. – Sacudi a cabeça. – Quer dizer, não há um *nós*. Não sei nem por que usei essa palavra. Essa decisão só diz respeito a mim. É hora de seguir em frente.

Jimmy cerrou sua mandíbula.

– Não gosto de mudanças.

– Bem, vamos tentar fazer a transição da forma mais suave possível.

– Estou acostumado a ter você por perto. Nós nos damos tão bem. Por que raios eu precisaria me dar ao trabalho de botar alguém novo na minha casa só porque você ficou incomodada com algo que nem é tão importante assim?

Minha boca se abriu, mas não saiu nada dela. Eu estava oficialmente estupefata, ainda incerta em definir qual a pior coisa que ele dissera. Eu não saberia dizer, mas na verdade nada disso deveria ter me surpreendido. Esse era o Jimmy em toda a sua glória, rude pra caralho e sem nenhum traquejo. Pelo menos eu me dispunha a fingir que me dava bem com as pessoas na maioria das vezes.

– Então? – ele grunhiu. Enquanto eu demorava demais para responder, ele usou a própria camiseta vermelha para secar o suor do rosto.

– Os meus motivos, que são pessoais, são importantes. Talvez não para você, mas com certeza para mim.

Ele olhou para o lado, mordendo os lábios com uma expressão realmente agressiva. Será que algum homem já tinha sido tão maltratado assim? Não, de acordo com aquela expressão, parecia que não.

– Minha decisão está tomada – eu disse.

– Eu pago vinte por cento a mais.

– Você não estava me ouvindo? Não é pelo dinheiro.

– Ah, merda. Cinquenta.

Eu torci o nariz.

– Jimmy…

O movimento de suas mãos cortou o ar.

– Basta. Eu dobro o salário. Você para de palhaçada e não falamos mais nisso, entendido? Agora eu tenho mais o que fazer.

– Para! – gritei.

Ele me encarou sem piscar. Sua hostilidade parecia vazar de todos os poros.

– Estou indo embora.

– Por quê? – ele perguntou por entre os dentes. – Vamos lá, você me deve uma explicação, Lena.

As pesadas nuvens escuras do lado de fora finalmente tinham cedido e começava a chover. Ainda assim, Jimmy esperava. Tentei fechar os olhos para evitar vê-lo, mas, por Deus, eu simplesmente não conseguia. Não era nada do que eu tinha planejado.

– Sei que não somos melhores amigos, mas achei que estávamos indo bem – ele disse.

– Estamos, basicamente.

– Então por quê?

– Não sou a pessoa certa para este trabalho.

– Olha pra mim.

Eu abri um olho e ele parecia razoavelmente calmo. Seus braços enormes estavam cruzados sobre o peito, coberto pela camiseta suada, mas à parte disso ele não parecia mais estar com raiva. Então abri o outro olho. Coragem minha, eu sei.

– Ao contrário dos outros parceiros de sobriedade, você não me irrita completamente – ele disse.

– Eu sei. Sou útil, no geral. – Eu ri. Não que fosse particularmente engraçado. – Por que está brigando tanto por isso?

– Porque a gravadora e o Adrian ainda querem alguém por perto pra ficar de olho nas coisas. Acontece que eu concordo que não é má ideia – ele disse. – Não preciso do seu aconselhamento, que bagunce a minha cabeça, nem que me dê a sua versão da baboseira filosófica que te anima. Só preciso que você esteja aqui, é muito difícil?

– Não é, mas isso não explica por que raios você está tão determinado que essa pessoa seja eu.

– Olha, você é basicamente a melhor candidata, ok? Outra pessoa poderia ser muito pior. Não quero arriscar. Você tem que ficar.

Meu nariz se torceu tanto que eu podia sentir.

– Alto lá, é por causa do que aconteceu antes do funeral? – ele perguntou.

Abri a boca, mas não tinha nada a dizer. Ele não se referia à parte em que ele ficara agarrado a mim, mas, graças à minha consciência pesada, era só nisso que eu conseguia pensar.

– Sim, é. – Sua testa se enrugou. Ele levou a mão ao cabelo, agarrando um punhado e puxando-o. – Aquilo foi… Era uma circunstância extenuante. Você nunca esteve em perigo comigo, Lena. Nunca.

– Eu sei.

– Você sabe? Achei que tinha te assustado demais com aquilo – ele disse. – Sei que eu destruí aquele quarto, mas eu nunca…

– Não tem a ver com aquilo.

– Então qual é o problema?

Eu dei as costas, com a cabeça fervilhando em busca de uma mentira minimamente plausível. Devia haver algo que eu pudesse usar, mas fazê-lo acreditar que eu tinha medo dele não era justo. Ele já tinha problemas demais para lidar.

– É esse o problema – rugiu ele, esfregando o rosto com as duas mãos. – Merda.

– Não, de verdade, não é isso. Eu entendo que naquele dia você estava em um momento terrível.

– Então é o quê? Do que você precisa, de um pedido de desculpas? – Seus olhos estavam tomados pela irritação. – Puta merda. Sinto muito, ok?

Fiquei de boca aberta.

– Impressionante. Você é assustadoramente ruim com pedidos de desculpas, não é?

Seu celular vibrou no balcão, mas ambos o ignoramos.

– Jimmy, para futuras referências, quando você se desculpar com alguém, talvez seja melhor parecer pelo menos um pouco sincero. Talvez você deva considerar não resmungar, nem ofender a pessoa. Entendido?

Ele bateu o pé e chutou o chão, como um menino a ser repreendido.

– Ok. Desculpa… e tal.

– Ligeiramente melhor.

– Estamos resolvidos, então? Estamos bem?

– Posso dizer ao Tom que venha na segunda-feira?

– Lena! Merda – disse, exasperado. – Por quê?

As palavras ficaram entaladas em minha garganta. Eu poderia ter engasgado com elas, e talvez esse fosse um destino melhor do que contar a verdade, considerando a situação. A tensão só crescia dentro de mim, enorme e terrível. Ah, se eu pudesse simplesmente desaparecer…

– POR QUÊ? – o babaca gritou, reverberando por todo o ambiente.

– Porque eu gosto de você! E não grita comigo.

Silêncio.

O mais absoluto e puro silêncio.

Pequenas marcas de expressão apareceram em seu nariz.

– O que você disse?

– Você me ouviu.

– Você *gosta* de mim?

A forma como ele disse, contorcendo a língua como se sentisse nojo em seu paladar, fez com que me sentisse diminuída. Talvez nunca me recuperasse.

– Sim.

– Só pode ser brincadeira.

– Não – respondi, com o coração saindo pela boca. Na verdade, esquece a boca, meu peito parecia ter sido completamente aberto. E eu ali parada, completamente exposta, com tudo à mostra. Nojento, na verdade. Eu não precisava gostar disso. – Então?

Ele me encarou.

– Diga alguma coisa!

O filho da mãe começou a rir.

Enormes gargalhadas preencheram o lugar e fui invadida pelo som, que ecoava na minha cabeça. Eu não conseguia fugir. Havia facas na estante da cozinha, várias facas brilhantes enfileiradas. Seria muito fácil apanhar uma e atirar nele, testando a sorte, para ver onde iria atingir. Talvez eu não estivesse em perigo com ele, mas ele estar em perigo comigo já era uma possibilidade completamente diferente. Eu o imaginei sangrando, surrado no chão. Isso me refreou um ato violento imediato, apesar dos meus punhos cerrados.

– Agora você entende o motivo de eu não querer te contar – expliquei, mais para mim mesma. Não havia chance alguma de ele ter me ouvido, rindo daquele jeito. Então ele se ergueu, limpando as lágrimas que corriam de seus olhos. Eu rezei com fervor para que Deus o matasse naquela hora, mas nada aconteceu, e Jimmy apenas continuou rindo.

– O sentimento mais forte que tenho por você neste momento é ódio – comentei. – Caso você esteja se perguntando.

Gradualmente (em torno de um século depois), seu riso diminuiu e por fim cessou. Não era uma batalha fácil para ele. Cada vez que ele me olhava, mesmo pelo reflexo do chão ou da janela, o riso ressurgia em seu rosto. Eu só podia esperar.

E fazer comentários ácidos.

– Que ótimo – eu disse. – É bom que você finalmente tenha se expressado.

– Desculpa. – Ele esfregou a mão na boca, mas isso não o ajudou a esconder o sorriso. – Por Deus, achei que todas aquelas vezes em que você estava me olhando estranho era porque você tinha algum problema de atenção, precisasse ir deitar ou algo assim. Eu não fazia ideia…

– Excelente. – Aplaudi, suscitando a abertura de seu sorriso novamente. – Voltando para a nossa discussão, isso claramente cruza uma barreira profissional e, portanto, eu tenho que partir.

– Não, não cruza. Não seja tonta, Lena.

– Você está feliz assim, Jimmy, vivendo em negação? É o clima agradável desta época do ano? – perguntei, encarando-o com firmeza. – Sabe, já tive meu coração machucado por toda sorte de babacas no passado e jurei que nunca mais

passaria por isso. Então não vou jogar o jogo do amor não correspondido com você. Isso simplesmente não corresponde muito bem à minha ideia de diversão, sinto muito.

Meu sorriso pode ter sido um pouco exagerado, mas o dele foi brilhante. Aquele sorriso conseguia mover montanhas e também podia partir corações. Eu podia sentir o órgão desaparecendo dentro de meu peito. Ser rejeitada doía. Não que eu esperasse ele se jogar de braços abertos em mim, eu estava tão impressionada com meus sentimentos inapropriados quanto ele. Mas será que ele precisava se derreter em riso histérico?

Que elegante, se apaixonar por alguém de quem você não gosta na maior parte do tempo. Quem fazia algo assim tão estúpido?

Além de mim, é claro.

– O que vai acontecer é o seguinte – ele disse, com a voz resoluta e um tanto entediado. – Você vai superar essa paixonite tonta que tem por mim e vai nos fazer o enorme favor de esquecer que isso aconteceu, ok?

– Você é um idiota. – Por Deus, ele era mesmo. Ele realmente era idiota. Lancei-lhe um olhar que não deixou sombra de dúvida nesse aspecto em particular. – Você acha que, se eu pudesse simplesmente desligar isso, já não o teria feito? Você acha realmente que quero sentir isso por você?

– Não tem a ver comigo, Lena. É a questão da fama. Assim que perceber isso, você simplesmente esquece e segue em frente.

– Esse é o problema. *É* com você. É por isso que eu não consigo seguir em frente – esclareci, apontando na direção dos meus seios, que incidentalmente eram um dos motivos de tanta agitação.

O olhar de Jimmy recaiu sobre o referido decote antes de voltar para o meu rosto. Seus lábios estavam trêmulos de raiva, como se eu o tivesse desafiado a me observar.

– Acontece que eu gosto desse trabalho – eu disse. – Já pagava bem antes de você começar a jogar dinheiro em mim. Vivo no seu palácio sem pagar nada e, na maior parte do tempo, o trabalho é fácil. Está tudo bem, mas a verdade é que, às vezes, quando você não está sendo um babaca completo, eu gosto tanto de você que chega a doer. Gosto da sua verdadeira personalidade que aparece quando não tem ninguém olhando.

– Lena…

– Está tudo nas pequenas coisas. Como quando você finge não se lembrar de quem é a vez de escolher o que vamos assistir na TV e eu acabo escolhendo mais vezes que você. De como você fica comigo quando eu não consigo dormir.

Ele esfregou a nuca.

– Qual é, Lena. Vamos lá. Isso é loucura. Não tem nada de mais.

– Engano seu. É alguma cosa. Sei que você não sabe muito bem elogiar, mas não é nem metade do monstro que gosta de parecer.

– Tá, você tem razão. Eu sou um doce de pessoa incompreendida. Merda.

– Não estou dizendo que você é perfeito. Nós dois sabemos que você está bem longe disso e, bem, eu também estou. Só queria dizer que… – procurei por palavras e frustrantemente não as encontrei. Que merda de conversa. – Aaah! De novo.

– Então o que é? Você está preocupada que os seus… – disse ele, fazendo as aspas no ar – … *sentimentos* interfiram no trabalho?

– E se, por algum motivo, você surtar de novo e eu não conseguir ser durona e te dizer não, porque estou com pena de você? E se eu ceder? É um risco muito grande.

– Isso não vai acontecer – ele assegurou, encaminhando-se para o outro lado do balcão, passando por mim, pegando um copo da prateleira e enchendo-o de água. Sem pausa nenhuma vez, ele bebeu a água e pude ver seu pomo-de-adão trabalhando. O cheiro de seu suor infestava o ar. Se eu não precisasse falar, ficaria tentada a segurar a respiração. Não precisava do cheiro dele me intoxicando, as coisas já estavam difíceis sem isso.

– Pode acontecer – falei. – Você não está levando isso a sério. E está precisando de um banho.

– É esse o ponto.

– Qual?

– Você não deveria tomar decisões precipitadas até decidir o que quer. Nos últimos cinco minutos, você admitiu gostar de mim, e em seguida disse que me odiava. Já disse que eu sou um idiota e, agora, que estou fedendo.

– É claro que está fedendo. Está pingando suor.

Seu olhar impressionado não me deixou por um instante e ele se reclinou no balcão.

– Sim, mas se você estivesse mesmo tão inundada por esses supostos sentimentos por mim, não iria se importar. Ainda iria me querer. Na verdade, a maioria das mulheres me desejaria ainda mais.

Minha cabeça estava explodindo na tentativa de decifrar o que ele queria dizer. Não, não, não, pensamentos ruins, horríveis, pensamentos carnais muito errados.

– É mesmo?

– Sim. As mulheres que se interessam por mim não se importam com um pouco de suor. O que você acha que acontece depois de algumas horas na cama? Suor, é claro. Essas outras mulheres, elas não fazem todos esses comentários sarcásticos. Elas certamente não me insultam a cada dois minutos. – Ele lançou

um olhar lento, que não era de apreciação. – Isto é, achei que todos aqueles olhares estranhos fossem por causa do que aconteceu em Idaho. Sempre achei que você gostasse de boceta. Se bem que isso seria uma grande perda, mas, francamente, é isso que eu tinha pra dizer.

Quantos anos de cadeia eu pegaria por estrangulá-lo? Essa era a pergunta.

– Espere um pouco. Você está realmente sugerindo que qualquer mulher que não te bajule só pode ser gay?

Ele deu de ombros.

– E você ainda se pergunta por que eu te insulto.

– Você fazer o que precisa ser feito não é um problema, Lena. Sei que não vai ter nenhum problema em me dizer não.

Completamente alheio à minha incredulidade quanto ao que acabara de ouvir, ele estalou o pescoço, lançando outro olhar entediado.

– Qualquer que seja o problema aqui, resolva. Entendo que esteja com vergonha, mas supere isso. Ok?

Não fiz nenhuma promessa, mas também não poderia fazer muito mais que isso. Se eu abrisse a boca, tinha sérias dúvidas de que conseguiria formar alguma palavra.

– Ok, estamos resolvidos então – disse Jimmy ao sair do cômodo, como se não tivesse nada com que se preocupar no mundo.

CAPÍTULO SEIS

Ouvi a batida na porta do meu quarto pouco antes da meia-noite.

Depois de nossa *conversa*, tudo estava de volta ao normal. Jimmy se exercitava de manhã e à tarde, normalmente junto a pelo menos um dos rapazes. Visto que eu não era exatamente uma conselheira para mantê-lo sóbrio, e fazer o papel de sombra dele ficou chato depois de certo tempo, assumi a função de assistente do Jimmy. Eu checava e-mails, ocasionalmente lendo as partes de que ele precisava saber. Conversava com Ev (esposa e assistente de David), com todos os pobres desafortunados novatos no escritório do Adrian, o agente da banda, e com o encarregado das relações públicas da banda. Havia muito a se fazer para manter um astro do rock organizado. Mais recentemente, também negociei com os construtores e técnicos responsáveis por transformar o porão em um estúdio perfeito. Com o projeto quase completo, os rapazes começaram a se reunir para ensaios e composições aqui, em vez de na casa de David, por ter mais espaço.

No geral, nos mantínhamos ocupados.

Habitando a mesma casa, e muitas vezes o mesmo cômodo, ainda assim não nos falávamos necessariamente muito. O silêncio não era desconfortável e eu já havia me acostumado com ele. Normalmente, depois de um tempo Jimmy colocava música para tocar. Hoje estava tocando The Dead Weather,[2] o que era apropriado, visto que o tempo lá fora piorava cada vez mais. No entanto, estávamos suficientemente em paz em nossos próprios mundos. Volta e meia havia uma troca de olhares curiosos, mas eu estava determinada a ignorá-los.

Ele bateu na porta do meu quarto e, sem esperar por autorização, entrou.

– Estive pensando.

– Não falei que podia entrar.

Eu o observei do alto de meus óculos de leitura, deitada no meio da minha enorme cama, apoiada sobre pelo menos três almofadas. Conforto era importante.

– Estamos na minha casa. Belo pijama. É a vez dos patinhos, agora? Legal. – Ele lançou um olhar impressionado aos meus trajes de flanela, pois, é claro, sua alteza estava impecável (jeans de marca e uma camiseta de mangas compridas

que lhe serviam perfeitamente), não importava a hora. O mais bagunçado que ele ficava era quando estava ligeiramente suado por conta de uma corrida e, ainda assim, seu cabelo escuro úmido parecia ter sido cuidadosa e casualmente penteado por uma modelo de lingerie.

– Você só está com inveja do meu estilo fantástico.

Apoiei meu *e-reader* no peito, fazendo o melhor possível para esconder meus mamilos felizes.

– Aposto que você dorme de Armani, não é? Prada, talvez?

Ele riu.

– O que você quer, Jimmy?

– Nunca entrei aqui antes.

– Você entrou na noite em que me botou na cama depois que eu dormi no sofá – eu o lembrei.

– Eram praticamente quatro da manhã, não parei pra olhar.

Ele caminhou lentamente pelo quarto, observando meus pertences. Pode-se dizer que tenho certos problemas de organização em meu espaço pessoal. Havia roupas jogadas na cadeira e sapatos embaixo dela. No banheiro, o balcão de mármore da pia estava forrado de maquiagens, cremes de cabelo e produtos de higiene feminina. Já estava confortável até demais desde que me mudei para cá e expandi os meus pertences. Nos últimos anos, tinha vivido com o mínimo. Era prático para quem estava sempre de partida, mas agora o excesso de coisas faria de uma eventual mudança um pesadelo.

Jimmy arqueou as sobrancelhas.

– Você não deixa ninguém da limpeza entrar?

– É claro que deixo.

– A casa é limpa duas vezes por semana, Lena. Como raios você bagunça esse lugar tão rápido?

– É um dom. Não deixo as minhas coisas espalhadas pela casa. Esse é um espaço pessoal e não é da sua conta. Você entrou por algum motivo em especial?

Ele me encarou com as mãos no quadril.

– Sim, depois da nossa conversa, eu queria saber em que pé estamos.

– Você entendeu bem que me mandar ficar não me obriga de fato a ficar?

– Talvez.

Ele se aproximou da minha mesa e começou a mexer na bagunça. Metade das coisas da minha bolsa estava espalhada pela mesa junto com algumas revistas. Maldição. Eu havia deixado uma delas aberta. Merda. Já tinha passado vergonha o suficiente hoje. Por Deus, espero que ele não repare.

– Deixe minhas coisas no lugar, Jimmy.

– O que é isso? – Ele pegou exatamente aquela. Claro. Então começou a ler. –

“Um guia para superá-lo”. Interessante.

– Você não esperava sinceramente que eu desse as costas e fosse embora sem ao menos investigar as minhas alternativas, esperava?

– Acho que sim – respondeu, dando de ombros.

– Ótimo. Sua fé em mim é reconfortante. Então, no que você está pensando?

– Nos seus sentimentos – disse ele de supetão, olhando por cima da revista.

Respirei fundo.

– Jimmy, estou impressionada. Você conseguiu dizer isso com uma voz quase normal dessa vez.

– Pratiquei um pouco lá embaixo.

Ele sentou-se na beirada da minha cama, com as pernas abertas, se sentindo completamente em casa. O que fazia certo sentido, devo concordar.

– O que têm os meus sentimentos?

– Sabe, essa revista não é tão ruim assim. Alguns desses conselhos até parecem bons – disse ele, ainda lendo.

– Você já sofreu por paixões não correspondidas, imagino?

Ele fungou.

– Claro que não. Sempre tive quem eu quis.

– É claro que teve.

Abaixei a cabeça, pensativa. Fui trouxa em pensar o contrário. Sem dúvida ele já havia deixado um rastro de corações partidos pelo mundo afora.

– Nem sempre foi algo bom. – Seu ar de arrogância desapareceu de seu rosto e ele fez uma careta, cerrando os lábios. Ele fitou o vazio, repassando algumas lembranças, suponho. Quando ele percebeu que estava sendo observado, engoliu em seco e sacudiu a revista. – Vamos fazer isso.

– Isso o quê?

– Primeiro, você precisa sair e conhecer gente nova – disse ele, sorrindo, e prosseguiu: – Você obviamente não é muito boa em conseguir um encontro, mas não se preocupe, vou te ajudar nisso. Segundo lugar: tente focar nos meus defeitos.

– Você realmente quer que eu siga essa lista para me ajudar a superar minha paixonite por você?

– Sim, e pare de me interromper. É importante. Segundo lugar: foque nos meus defeitos – continuou, me lançando um olhar irônico. – Você não vai ter problema nenhum nessa parte. Terceiro lugar: pare de sentir pena de si mesma, carência ou raiva.

Ajustei os óculos no meu rosto e respondi:

– Certo.

– Sim. Honestamente, Lena, isso não é muito atraente. Ninguém quer ver

essas bobagens.

– Certo.

– Quarto lugar: parece que eles amontoaram várias coisas aqui. Saia com os seus amigos. Tente algo novo. Entre em forma. Se mime um pouco. Se divirta. Aproveite a vida. Vá viajar. Pinte as unhas, essas merdas. Blá, blá, blá. Você entendeu.

– Aham – murmurei.

– É basicamente isso.

– E eu preciso seguir esses passos?

Ele me lançou um olhar demorado.

– Você disse que não queria ir embora, que gostava do trabalho. Prove.

Soltei uma risada forçada. Minha decisão já estava tomada e não fora fácil. Voltar atrás não parecia certo.

– Jimmy, por favor. É só um artigo idiota, provavelmente escrito pelo estagiário entediado no horário de almoço. Não é uma ciência exata. Não vai resolver nada.

– Então por que estava aberto nessa página?

Boa pergunta. Mechas de cabelo preto pendiam sobre sua testa, cobrindo seus olhos. Casualmente, ele as jogou para trás. Meus dedos estavam coçando para fazer isso, pentear seu cabelo para trás, acalmar sua testa febril. Não que sua temperatura estivesse propriamente quente.

E ele achava que a sabedoria de uma revista poderia me ajudar.

– Nunca se sabe, Lena. Pode ser que funcione. – Jimmy largou a revista sobre o meu colo, com um olhar fuzilante. – Acho que você me deve essa tentativa.

Ergui o queixo.

– Devo, é?

– Te dei uma chance. Ofereci um trabalho e fiz todo o esforço possível para te acomodar. Não é justo que você vá embora depois de dois meses sem fazer o seu melhor para resolver o assunto. Você me deve essa.

– Você me contratou porque achou que eu seria mais fácil de manipular do que a um profissional, e o Mal e o David te convenceram a aceitar ajuda. Vamos manter o foco na verdade.

Ele ergueu lentamente um ombro e o abaixou.

– Isso importa? Eu te dei o trabalho, você disse que gostou. Podia fazer pelo menos um esforço.

– Vou pensar a respeito.

– Pense. – A sombra de um sorriso passou por seus lábios. – Sei bastante sobre vícios e sobre desejar coisas que não fazem bem, Lena. No fim das contas, só cabe a você a decisão de tomar o controle das coisas e lutar ou desistir.

Jimmy Ferris é uma substância controlada, ilegal e perigosa. Curiosamente, eu sabia disso. Esse homem me afetava de muitas formas e não fazia diferença o quanto eu tentasse resistir. Maldição.

Ele se dirigiu para a porta, fechando-a lentamente atrás de si.

– Boa noite.

– Boa noite.

—

Despertei assustada com um baque que mais parecia um tiro. Saltei da cama, piscando na penumbra. O que diabos foi isso? Uma sombra borrada se aproximou de mim.

– O que…

– Levanta – ordenou Jimmy. – Nós vamos correr.

– Você só pode estar doido.

– Hora de acordar. O primeiro dia de treinamento para acabar com os seus sentimentos por mim está para começar – disse ele, ao abrir as cortinas, permitindo a entrada da fraca luz do dia. – Você tem um par de tênis, né?

Tateei a mesinha de cabeceira à procura de meus óculos e os enterrei na cara. O mundo ficou menos borrado.

– Por Deus, Jimmy, mal amanheceu ainda!

Um Nike preto voou em minha direção e mal tive tempo de desviar.

– Ei!

– Vamos lá, se mexa!

Em seguida, ele atirou uma calça de corrida ao pé da minha cama. Sua Alteza já trajava sua roupa de corrida completa, toda preta. Pronto e animado para começar.

– Você tem um top de corrida em algum lugar? Com esse tamanho todo, acho que você vai precisar de um.

– Sai da minha gaveta! – disse, jogando longe as cobertas ao me encaminhar na sua direção. – Para de mexer nas minhas roupas íntimas, babaca!

Ele me ignorou e continuou a escavar nas gavetas.

– No meio em que trabalho não é algo que eu nunca tenha visto antes. Se apresse, você precisa ficar pronta.

– Repetindo: você ficou doido?

– Eu já disse, não vou arrumar outra pessoa, então vou ajudar você a se ajudar. Vamos trabalhar naquela listinha para superar esses seus sentimentos bobos. Se alguém pode acabar com uma paixão, esse alguém sou eu.

– Vou dizer onde você vai enfiar essa lista. Se precisar de ajuda, só vou pegar

uma luva de borracha, lubrificante e já te encontro.

Com um suspiro, Jimmy endireitou sua postura. Seu punho estava erguido e ele lentamente abriu a mão. Fora do meu alcance, ele revelou uma calcinha preta de seda.

– Venha correr comigo e eu te devolvo.

– Estou muito tentada a te dar logo um soco no saco pra acabar com isso. Quer dizer, vai acontecer uma hora ou outra, certo?

Ele não fez menção de se proteger e não demonstrou hesitação. Em vez disso, o canto de sua boca se curvou ligeiramente e sua covinha apareceu. Aquilo mexia comigo, e eu estava certa, ele tinha pelo menos uma covinha. Ele sacudiu a calcinha em suas mãos. Dada a minha pouca altura e a altura excessiva de Jimmy, eu não a alcançaria.

– Você quer que eu pule feito uma idiota? – perguntei com ar de desdém.

– Eu ficaria encantado.

– Não me faça te matar a esta hora da manhã, Jimmy. Não é civilizado.

O breve sorriso desapareceu e ele entregou a calcinha na minha mão.

– Obrigada.

– Você pensou um pouco sobre a lista, pelo menos? – perguntou, com as mãos novamente no quadril, me olhando de cima.

De fato, eu tinha refletido longa e seriamente sobre a lista. Se, por um lado, fazia bastante sentido fugir de Jimmy, também seria doloroso. Sempre restaria um pouco de culpa. E se ele e o meu substituto não se dessem bem? Às vezes, eu e Jimmy também nos estranhávamos, mas ainda assim eu era capaz de mantê-lo sóbrio e na linha e, visto que isso era o mais importante, nossa estranha parceria se revelara um sucesso.

– O que você quer, Lena? – questionou ele, massageando sua têmpora. – Sei que você já teve problemas com alguns escrotos no passado, mas não é o caso. Não vou causar nenhum dano. Só quero que você siga fazendo o seu trabalho.

– Eu sei.

– Cara – grunhiu ele. – Ajudaria se eu pedisse *por favor*?

– Não tenho certeza – respondi com honestidade. – Talvez. Você realmente sabe o que significa essa palavra sem nenhum tom de sarcasmo e ironia?

Ele pendeu a cabeça para trás em silêncio, como se implorasse aos Céus.

– Por favor.

– Por favor o quê?

– Venha correr comigo. Siga a lista. Para com essa merda, Lena, por favor.

Ele pareceu sincero, e também estava certo a meu respeito, eu não queria mesmo, cem por cento, ir embora. Sabia que era importante recompensar um bom comportamento.

– Ok, Jimmy. Vamos tentar.

—

– Meu Deus, eu odeio você – resmunguei, arrastando-me atrás do infeliz de quem eu tanto gostava.

– Percebe? Já está funcionando. – Jimmy ainda não tinha começado a suar. Sua bunda atlética parecia estar achando pura diversão. – E ainda por cima, você fica mais saudável. Todos ganham.

– Eu sou saudável. Como frutas.

– Na torta não conta.

Ah, se eu tivesse raios laser nos olhos. Maldita falta de tecnologia.

– Não estou dizendo que tenha algo de errado com você – ele disse, olhando para mim sem parar de correr. Exibido do caralho. Se ao menos ele caísse de bunda, eu ia me divertir muito. Ele observou longamente, ainda que sem muita apreciação, o meu quadril. – Gosto de um pouco mais de carne.

Murmurei impropérios, pois não tinha fôlego suficiente para expressar meus pensamentos em voz alta.

– Podemos correr todos os dias e lentamente aumentar a distância. Você pode até comer mais torta assim. O que acha?

Ele soava um completo babaca condescendente e mostrei-lhe o dedo do meio.

– Lena, olha para mim.

Parei e olhei. Em seguida, me abaixei e tomei fôlego; afinal, fazer várias coisas ao mesmo tempo é importante para a mulher moderna.

– Você é uma garota bonita e suas curvas são legais – disse ele, ainda correndo sem sair do lugar. – Ficar mais saudável não vai fazer mal algum. Aumenta os níveis de energia e coisa do tipo.

Jimmy me achava bonita?

É claro, ele poderia estar apenas sendo gentil. De qualquer maneira, não importava, não mesmo. Eu tinha que parar de surtar com cada lunático que conhecia e manter o equilíbrio. Apesar disso, as piadas com torta estavam me irritando. Os restaurantes nos arredores tinham um estoque de saladas, carne grelhada, massas e, sim, de vez em quando, torta. Eu não obriguei ninguém com uma arma a fazer tortas e o que eu comia não era da conta dele, então sua opinião não deveria sequer ser importante.

Não deveria ser, mas acabava sendo.

– Não preciso me conformar com os seus ideais de beleza – respondi ao recuperar o fôlego.

Ele estava observando as casas gigantescas e árvores secas ao nosso redor,

mas seu olhar voltou a parar em mim.

– É claro que não, eu nunca disse que precisava.

– Nem todos nasceram perfeitos como você, Jimmy.

– Você está irritada? – questionou ele, aproximando-se. – Lena, eu tenho um monte de defeitos. Nós estamos vivendo bem próximos nos últimos meses e você mais do que ninguém já deveria ter percebido isso. Não gostar da sua aparência não é um deles. Se quiser me detonar por alguma coisa, escolha outro assunto, pois esse não vai funcionar.

Nenhum de nós falou por um momento. Olhamos um para o outro e nossa respiração fazia fumaça no ar gélido da manhã.

– Pode ser que eu esteja um pouco na defensiva quanto a isso – admiti, por fim.

– Acho que percebi – respondeu, tirando o cabelo do rosto. – Eu provavelmente me expressei mal. Coloque isso na minha lista de defeitos: dificuldades de comunicação.

– Em particular nas formas socialmente aceitáveis.

Jimmy me olhou, impressionado.

– Você acha isso relevante, o que todo mundo pensa?

– Às vezes. Um pouco.

Ele bufou.

– Você não pode se deixar afetar pelo que as pessoas pensam, Lena. Se elas quiserem pensar o pior, elas vão. Não vou gastar minha energia tentando deixar todo mundo feliz. Já tenho bastante trabalho em me manter centrado.

Havia certa sabedoria nas palavras dele, apesar de não serem exatamente precisas.

– As pessoas vão julgá-la de uma forma ou de outra. Elas adoram a porcaria da própria opinião e ficam contentes em jogar isso na sua cara, quer você pergunte ou não. Você tem que ser feliz consigo mesma.

– Sim. Mas você mesmo se importa com o que os rapazes pensam – retruquei.

– Claro.

Ele voltou a correr, agora mais lentamente, graças a Deus.

Ainda que relutante, acompanhei seu ritmo. Meus pobres calcanhares e coxas ardiam. Sem dúvida, eles me odiavam intensamente agora e eu não podia culpá-los.

– Tem a Ev e a Anne. Você se importa com elas também.

Ele resmungou.

– E o senhor Ericson.

Infelizmente, eu tinha dificuldade até para acompanhar o ritmo mais lento dele.

– Apesar da dificuldade em se comunicar, você não costuma parar pra pensar antes de falar. Todos fazemos isso, não é?

– Vamos falar de outro defeito, tá bom?

– Certo.

Vasculhei minha mente em busca de munição.

– Você é…

– Eu sou autocentrado.

– Sim, é verdade. Você é bem arrogante e narcisista.

Uma mulher que também corria passou ao nosso lado, coberta da cabeça aos pés com uma roupa de Lycra. Ela olhou para Jimmy e sorriu, convidativa. Ele acenou com a cabeça para ela e voltou a focar em seu trajeto.

– Não exatamente sem motivo, mas sim. E você não namora – disse ao parar (ele também parou sorrindo, felizmente). Correr e conversar, pelo menos para mim, não funcionava. Nem correr e respirar, aparentemente. – Para que tudo isso? Você se empenha tanto com o visual, malha, compra as melhores roupas. Parabéns, funciona, mas você só sai a trabalho ou para ver os rapazes; é praticamente um eremita.

– Você está tentando perguntar alguma coisa?

– Por quê?

– Por que me cuido tanto ou por que sou um eremita?

– Vamos começar com a primeira – eu disse.

Ele deu de ombros.

– Eu sou vaidoso. O que posso fazer?

– Então você está completamente feliz consigo mesmo?

– Com a minha aparência? Com certeza – respondeu ele, arqueando a sobrancelha. – Minha aparência é o que sempre me ajudou, sempre trouxe atenção para mim. Verdade. Não sou um poeta como o David ou altamente talentoso com um instrumento. Eu canto bem, sim, mas temos que encarar que essa é a minha única contribuição e, nesse ramo, é preciso usar cada vantagem a seu dispor.

Olhei para ele chocada, com a testa franzida.

– Você realmente acredita nisso.

Ele olhou de volta para mim, imitando minha expressão de choque.

– Jimmy, você é bem mais que um rostinho bonito. Tem uma voz linda.

Eu sabia bem disso. Ele cantava até eu dormir no meu iPod toda noite.

– Por Deus, quantos Grammys você já ganhou?

– É só um concurso de popularidade, nada mais – disse ele, lambendo os lábios. – E você?

– Eu o quê?

– Você é completamente feliz com a sua aparência?

Pelo menos dessa vez segui meu próprio conselho e pensei de verdade antes de abrir a boca.

– Obviamente não, dada a nossa conversa de um instante atrás, mas tento ser. Não é tão fácil com todas as representações de beleza da mídia e blá, blá, blá. Eu nunca vou ter um metro e oitenta, com pernas da altura dos meus ombros e, como você disse, eu gosto de torta. Não estou disposta a controlar o que eu gosto pelos próximos cinquenta anos simplesmente para não ter celulite nas coxas. Os pequenos prazeres são importantes.

– São mesmo – ele respondeu com a sombra de um sorriso passando por sua boca. – É preciso ser prudente, no entanto. Não quero voltar para os maus hábitos. Sexo, drogas, álcool, eles vinham no mesmo pacote para mim. Para mudar a sua vida, parar com as porcarias destrutivas, é preciso conhecer os seus gatilhos.

– Você não faz sexo desde que parou com as drogas?

– Não.

– Verdade?

– Sim.

Meus olhos se arregalaram o máximo possível e depois um pouco mais.

– Ah.

Bem, era extremo, mas obviamente funcionara. O homem tinha convicção. Na verdade, sua honestidade tinha me impressionado. Acho que ele estava falando sério sobre me ajudar a superar os sentimentos por ele.

– Você nunca bebia ou usava drogas quando estava sozinho?

Ele suspirou.

– Sim, eu usava. É por isso que os rapazes ou você sempre estão por perto, para garantir.

– Não o tempo todo, mas você se comprometeu – mencionei. – Acho que é preciso coragem de verdade para fazer o que você fez, uma mudança de vida.

Ele resmungou.

– Não tente aliviar a minha barra, Lena. Não sou uma pessoa legal. Trepei com a primeira namorada do meu irmão. Você sabia disso?

Sacudi a cabeça.

– Sim, e isso o magoou demais. Eu tinha tanta inveja dele que mal conseguia respirar. Menti, trapaceei, roubei, destruí tudo que tinha algum significado para mim e machuquei todos à minha volta. Sempre tinha apagões, tive duas overdoses, quase morri. O que você acha que isso fez com os rapazes? Ficar me visitando no hospital, me ver daquele jeito? – Ele olhava para todo lado, menos para mim.

O vento gelado soprava entre nós.

– Essa é a verdade, é quem eu sou. Não alivie a minha barra. Sou o mesmo babaca temperamental e egoísta que sempre fui, sóbrio ou não. – Sua respiração tinha acelerado, ainda que estivéssemos parados. – A questão é: você nunca vai ter uma vida me seguindo por aí. Você está melhor sem mim, eu sei disso e não me importo. Esse, Lena, sou eu.

Não tinha nada a dizer.

Jimmy deu as costas e se dirigiu para casa.

The Dead Weather é uma banda alternativa de Nashville, no Tennessee, cujo nome em tradução literal significa “Tempo Morto”, configurando um trocadilho com as condições climáticas do dia. (N. T.)

CAPÍTULO SETE

O jantar de Ação de Graças da banda aconteceu na véspera do feriado. Dei um monte de desculpas para minha mãe sobre o porquê de não poder ir para casa e, por sorte, ela aceitou.

Todos se reuniram na casa nova de Mal e Anne, em frente à antiga casa de David e Ev. Antiga considerando que eles moraram ali havia uns seis meses. Ambas as casas eram espetaculares, com muito brilho, caras e tão novas quanto se pode imaginar. As varandas tinham vista para o Distrito Pearl. Muito legal.

Um retrato de Lori, mãe de Mal, estava em posição de destaque. Jimmy tinha parado para admirá-la assim que chegamos. Seu irmão se aproximou em seguida e conversaram baixo. A dor da perda de alguém não é algo que desaparece com facilidade.

Aparentemente, Ben não tinha contado a mais ninguém acerca de meu pedido de demissão. Apreciei imensamente sua discrição. Jimmy mal tinha falado depois de nossa conversa. Apesar disso, pela manhã, ele veio bater novamente na minha porta e jogou os tênis em mim, e eu me arrastei com pena atrás dele, suando o caminho inteiro. É difícil dizer quão longe fomos, pois era apenas agonizante depois dos primeiros metros. Mais tarde, um massoterapeuta veio me mimar, cumprindo mais um item da lista. Devo admitir: aquelas três horas de prazer pagas pelo Jimmy compensaram toda a corrida.

Não toda, mas o suficiente. Parecia um pedido silencioso de desculpas, ou talvez uma forma de ele me encorajar. Talvez, ainda, outro truque barato para me convencer a ficar.

Agora ele estava sentado à minha frente, com o cabelo espalhado pelo rosto. Esteticamente falando, ele reinava como imperador supremo sobre suas terras. Mesmo que eu tentasse fingir que ele não fazia meu tipo, isso não podia ser negado. Estava sempre tão perfeito que quase não se percebia o caos e a dor que o habitavam. As coisas que ele me havia dito ainda ecoavam em minha mente. Por Deus, ele tinha ferrado até o próprio irmão. Não é de se impressionar que as coisas fiquem difíceis entre eles de tempos em tempos.

Ao meu redor, a conversa do jantar continuava, mas nada daquilo me fascinava tanto quanto Jimmy. Ele era uma enorme dicotomia entre o bem e o

mal, o belo e o terrível.

Ele havia deixado sua jaqueta de lã na entrada e enrolado as mangas de sua camisa vagamente estampada. Meu visual estava mais sóbrio, consistindo em botas de cano baixo, jeans apertado e uma blusa longa de amarrar. No quesito escolha de roupas, ele me vencia. Jimmy se mexia em seu lugar, apoiando um cotovelo na mesa. Seus punhos eram bem grossos, e eu nunca havia reparado que suas mãos deviam ser muito fortes. Quando lutamos pelo maço de cigarros, apesar das circunstâncias, ele foi gentil. Tão gentil quanto se pode ser quando se está rolando no chão com alguém. A lembrança de seu peso sobre mim se apoderou de meus pensamentos. Graças a Deus ele havia parado de fumar. Me dera sua palavra e estava cumprindo à risca. Uma mistura de tatuagens cobria seu braço direito. Havia uma estrela, um coração, chamas e palavras. Eu adoraria chegar mais perto e estudá-las, realmente dedicar algum tempo para entender aquilo. Tomei um gole d'água, pois minha garganta seca precisava de alívio. No alto de sua camisa, dois botões estavam abertos e era possível avistar um pouco de belos pelos negros saindo de seu peito.

Legal.

O babaca ainda estava usando botas de sola grossa, algo em que reparei quando ele pisou no meu pé.

Dei um pulo na cadeira.

– A Anne está falando com você, Lena! – ele disse.

Merda, eu o estava encarando de novo. Culpa dele. Se ele se sentasse ao meu lado em vez de na frente, isso nunca teria acontecido. Tentei chutá-lo de volta, mas meu pé balançou no ar, sem rumo. Ele e suas longas pernas que se danassem.

– Jimmy, você a chutou? – perguntou Ev por entre os dentes.

– Não – mentiu ele.

Ev me olhou com curiosidade, como se à espera de que eu dissesse a verdade.

– Seria bobo e juvenil da parte dele, mas não foi nada, só me sentei rápido demais – respondi. – Acho que me empolguei.

– Ela faz isso às vezes – confirmou Jimmy. – Uma garota muito empolgada essa Lena.

Abri para ele meu sorriso mais forçado.

Do outro lado da mesa, a mãe de Anne, convidada de honra, olhou torto para nós. Perdi a chance de causar uma boa impressão. Todos estavam se esforçando para não soltar palavrões e esperavam um comportamento normal. Todos, com exceção do filhote psicótico Killer, que já havia sido banido algum tempo atrás para seu cercadinho para nos dar paz. Ben se sentia mal por ter de mantê-lo trancado por tanto tempo, mas pelo menos ele podia ficar na mesa. O cãozinho

devia reclamar do tratamento diferenciado, que era, para dizer a verdade, bem injusto.

Jimmy limpou a garganta ruidosamente, chamando a atenção de todos na mesa.

– Acho que não contei pra vocês, mas a Lena tem falado em ir embora.

Boom! Eu tinha caído na armadilha.

Uma rajada de perguntas sobre como, quando e por quê, além de manifestações de descontentamento, tomou a sala. Ainda mais do que eu imaginara. Do outro lado da mesa, Jimmy deu um sorriso malicioso, seguido por um olhar de "o que você esperava?". Devolvi com minha encarada de "seu babaca, que desnecessário e escroto da sua parte". Nós tínhamos uma excelente comunicação não verbal.

Maravilha.

– Não, não! – disse Mal da cabeceira da mesa. – Vamos com calma, Lena. Por que você quer sair? Você é a única que se adaptou a nós e não irrita o Jim profundamente. Você não faz ideia da raridade disso.

Estava rodeada por um mar de rostos tristes. Bem, à exceção da mãe de Anne, que apenas revirava sua comida. Até mesmo a irmã de Anne, Lizzy, parecia abalada com as notícias, e só tínhamos nos visto duas vezes. Esse nível de apego era surpreendente e tocante.

As lágrimas brotaram em meus olhos à medida que a solidão me atingiu em cheio. Não tinha noção de que estava tão solitária, mas o quanto essas pessoas se importavam me pegou desprevenida. Elas realmente me queriam por perto.

– Que merda você aprontou? – David ralhou com o irmão.

O sorriso desapareceu do rosto de Jimmy.

– Nada – eu disse subitamente, saindo em defesa dele. – Jimmy não fez nada. Só acho que talvez seja hora de seguir em frente. Ainda não estou bem decidida.

Então começou a competição de olhares entre os irmãos. Aparentemente Jimmy venceu, pois David desviou o olhar primeiro, com as sobrancelhas bastante franzidas. Demonstrar emoções na testa obviamente é um traço da família Ferris.

– O que você faz, Lena? – perguntou a mãe de Anne. Jan, esse era o nome dela. Ela parecia estar na casa dos cinquenta anos e seu cabelo era loiro com um tom avermelhado apagado.

– Ela é minha assistente e me ajuda a ficar sóbrio – disse Jim, sem hesitar. – Ela me deixa sem beber e limpo.

As pessoas se calaram, desviando o olhar. Jan ficou boquiaberta como um peixinho dourado, mas não disse nada. Dadas as poucas coisas que Anne dissera sobre sua mãe, Jan era a última pessoa que poderia julgar alguém. Não era

exatamente a mãe do ano havia pelo menos vinte anos.

Normalmente não discutíamos sobre os problemas de Jimmy quando havia mais gente ao redor. O mundo inteiro sabia dos detalhes mais sórdidos, não era preciso especificá-los. Quando ele se internou na clínica, as notícias de sua decadência se espalharam por todo lado, mas parecia que, de alguma forma, Jan não sabia de nada disso.

O silêncio se estendeu e, à minha frente, Jimmy parecia tenso e distante. Seus olhos árticos fitavam o vazio. Talvez aquelas pessoas sentissem vergonha por sua história, como se ninguém ali tivesse falhas. Ele havia ido mais fundo que a maioria, era verdade, mas também havia encontrado a saída do fundo do poço. Sua força vinha de várias formas. Sempre presumi que a discussão sobre seus vícios ficasse adormecida pela manutenção de sua privacidade. O silêncio, no entanto, parecia errado e me incomodava.

Por que raios ninguém falava nada? Talvez eu devesse começar.

– Eu gostei de trabalhar para o Jimmy – comecei, dobrando e apoiando meu guardanapo na mesa. – Ainda gosto. O problema é comigo, não com ele.

Seu olhar se aqueceu ligeiramente por um momento, e sua face foi ganhando vida.

– Qual é o problema? – perguntou David.

– É pessoal e prefiro não discutir.

– Ela precisa de uma vida, esse é o problema – disse Jimmy, e se distanciou da mesa, ganhando algum espaço. – Ela precisa de uma vida social e estar comigo o tempo todo não é a maravilha que vocês imaginam.

David abriu metade de um sorriso.

– Ela está entediada? – disse Anne. Ela me estudava de seu lugar. – Isso é algo que podemos resolver.

Tudo isso me suscitava uma sensação ruim.

– Gente, é uma decisão pessoal e não um projeto de grupo. Obrigada por se importarem, mas…

– Não, docinho – interrompeu Mal, que me estudava do alto de sua taça de vinho tinto. – Não acho que ela esteja entediada, só precisa de um amigo. Um amigo especial, se é que você me entende.

– Juro, essa é a resposta dos caras para tudo – riu Ev.

– Vejam bem. Todo mundo precisa de alguém especial para trepar e abraçar. Não tem vergonha nenhuma nisso – disse Mal, ignorando o assombro de Jan. Anne não pareceu se importar, achando tudo interessante. – E ela precisa de alguém que não seja o Jimmy, por motivos óbvios.

– Por que não o Jim? – perguntou David ao se sentar do outro lado da mesa.

– Porque ela trabalha para mim? – arguiu meu chefe, ajeitando o colarinho de

sua camisa. Ele parecia não apreciar ser o assunto principal da conversa do mesmo jeito que gostava de me jogar para os lobos. Sinto muito, parceiro.

– Davie, por favor – continuou Mal, como se Jimmy não tivesse dito nada. – Pare e pense sobre o assunto. Todo mundo que dorme com o cara o acaba odiando.

– Não é verdade – disse Jimmy.

– Não? Diga o nome de uma mulher com quem você transou e com a qual você ainda fale.

O tempo pareceu se prolongar, mas Jimmy não respondeu e ninguém conseguiu vir em seu resgate.

– Precisamente. Você não tem nenhum cuidado depois e isso incomoda. – Mal se virou para David. – Ele não tem nem mesmo a cortesia básica de fingir estar interessado em um segundo encontro. Não pede nem o telefone ou algo assim. É só rude.

– Que horror – comentei, me divertindo imensamente. Foi apenas pela graça de Deus que consegui evitar uma segunda investida da bota de Jimmy contra meus pés. Ele errou, acertando uma das pernas da minha cadeira. Tripudiei bastante com o olhar.

– E você – disse Mal, apontando o dedo para mim. – Você está sempre atormentando ele. Não consegue se controlar. Vocês têm as suas discussões, é fofo e engraçado, todos rimos pelas costas, mas imagine, Davie, meu caro. Imagine se eles estivessem mesmo agasalhando o croquete. Íamos passar todos os feriados ouvindo os dois se alfinetarem na ceia, fazendo cena. Não está rolando nada.

Fiquei com a boca aberta.

– O que quer que aconteça, não se peguem. Quero a sua palavra. – Mal, que ainda me apontava o dedo, começou a balançá-lo. – Isso faria da nossa vida um inferno.

A mãe de Anne se retirou da mesa.

– Quando foi que eu sugeri ficar com a Lena? – perguntou Jimmy com um longo grunhido, e olhou para os céus pedindo ajuda. – Alguém cale a boca dele. Atirem nele, ou algo assim, qualquer coisa.

Ben coçou a cabeça.

– A Lena e o Jim brigam muito.

David e Ev pareciam um tanto perplexos.

– Então, espera aí. Devo ir ou ficar? – perguntei. – Não estou entendendo.

– Ah, você não pode ir embora – prosseguiu Mal. – Pessoal, quando foi a última vez que o Jimmy teve um amigo, além de nós, que não estivesse se chapando com ele nem fornecendo drogas?

Depois de um momento, David sacudiu a cabeça.

– Para ser sincero, não me lembro.

– Talvez na época da escola – disse Ben. – Aquele rapaz que ajudava a montar os shows, no último ano?

– Meu Deus, você está certo – disse Ev, com os olhos brilhando de emoção.

– Lena é a única amiga dele. Não podemos deixá-la partir.

– Ela não é minha única amiga – disse Jimmy, corando.

– Quieto, Jimmy! – ordenou Mal. – Os adultos estão conversando.

– Também não sei se eles ficarem juntos seria uma boa ideia – concluiu Ben.

– Talvez você e o Mal devessem cuidar da própria vida – soltou David, que passou um braço ao redor dos ombros de Ev.

– Mas que casal não briga? – perguntou Anne.

– Ela o cutuca, querida – disse Mal. – Eu já vi. Ela acha engraçado provocá-lo. Imagino o que isso significa.

Os olhos dele brilharam de curiosidade.

Rapidamente me endireitei em meu lugar.

– Ok. Acho que essa conversa já foi longe demais.

– Sabe, tinha essa garota no segundo ano que sempre me provocava, mas sempre que a gente brincava de pega e beija, ela vinha com tudo – Mal comentou, divagando. Ele se virou para Anne e disse: – Está tudo bem, moranguinho. Eu era rápido, ela nunca me pegava.

– É um alivio – sorriu Anne.

– Acho que eu tinha um pouco de medo de germes de menina na época, mas ela me lembra da Lena com o Jimmy. Já te contei sobre como o David encontrou os dois rolando no chão um dia desses?

– Aquilo foi uma intervenção profissional – respondi.

– Jim, por curiosidade, quantas intervenções da Lena acabam se tornando físicas? Você já reparou se ela fica arrumando desculpas para *manusear* você, por assim dizer?

– Eu não faço isso – comentei em um tom de voz mais elevado.

– Olha como ela fica agitada quando eu tento descobrir um pouco mais a respeito dela – disse Mal. – É por isso que você está pensando em pedir demissão, não é? Tem receio de se apegar demais?

– Mal, já chega – interveio Anne. – Deixe a pobre garota em paz.

De súbito, fui tomada por uma onda de raiva crescente. Ele não tinha noção de onde estava mexendo. Fiquei de pé rapidamente, lançando minha cadeira para trás.

– Você não faz ideia do que está dizendo!

– Porra. – Jimmy se levantou e cruzou a mesa na minha direção, segurando

meu pulso. – Calma, Lena.

– Mas…

– Calma – repetiu Jimmy. – Ele está sendo um idiota.

Bufei.

– Isso – disse Mal. – Mantenha a sua amiga sob controle, Jimmy.

– Mal. – Jimmy sustentava um olhar hostil, demonstrando grande infelicidade. Ele acariciou meu pulso para me acalmar, fazendo movimentos com seu dedão, para a frente e para trás. Não acho que ele tenha sequer percebido o que estava fazendo. – Estou falando sério. Hoje é Ação de Graças, chega dessa merda. – Voltou-se para mim e perguntou: – Tudo bem?

Eu me acalmei na hora. Por menos que gostasse de admitir, suas carícias tinham funcionado bem.

– Sim – respondi.

Mal não disse mais nada, mas sorriu ao perceber que Jimmy ainda me segurava. Maldito, ele estava nos manipulando.

Infelizmente, toda essa atenção fez Jimmy olhar para a própria mão. A careta em seu rosto quando reparou que ainda segurava meu pulso foi suprema, como se os dedos pertencessem a outra pessoa. Rapidamente, me desvencilhei de suas mãos e retornei para meu lugar.

Havia várias coisas interessantes para observar naquela sala. O homem à minha frente e qualquer expressão que ele demonstrasse em seu rosto perfeito já não eram tão importantes. Por exemplo, Anne estava ocupada massageando as próprias têmporas. Se meu namorado fosse tão insano assim, eu provavelmente estaria fazendo o mesmo. Enquanto isso, Lizzy estava ocupada verificando seu telefone, enquanto a mãe delas, Jan, ainda não havia retornado à mesa. Ev, David e Ben ainda estavam discutindo a possibilidade de fazer de mim e Jimmy um casal. Maravilha, esse jantar tinha virado oficialmente um inferno. Nenhuma quantidade de torta de abóbora era capaz de compensar a situação e era tudo culpa do Jimmy, por trazer esse assunto à tona.

– Certo. Calem a boca, todos vocês. – Jimmy socou a mesa, interrompendo a conversa, fazendo todos os pratos e a prataria tremerem. – A Lena não vai embora, nós não estamos transando nem nada, então, todos vocês… parem.

Ninguém falou nada por um momento.

Mal relaxou em seu assento sem se alterar.

– Por que o drama, cara?

– Por Cristo – reclamou Jimmy, esfregando o rosto com as mãos. – Olha, a Lena está pensando em ir embora, mas já tenho uma ideia de como fazê-la ficar. A ajuda de vocês seria bem-vinda, na verdade, se conseguirem agir como gente normal por uma merda de minuto ao dia.

Foi tão assustador que eu poderia ter engasgado.

– Jimmy.

– Então, ela precisa sair mais. Conhecer pessoas – ele disse. – Benny, você sairia com a Lena, ou não?

– O quê? – Morri.

– É uma ótima ideia – comentou Ev, empolgada, enquanto David concordava com a cabeça.

Ben abriu um enorme sorriso afável.

– É claro, Jim, eu adoraria.

– Bom – disse Jimmy apressadamente, se esquivando das minhas tentativas de chamar sua atenção. – Só não pode ser amanhã à noite, já temos planos. Na noite seguinte, que tal?

– Tudo bem por mim – respondeu Ben.

– Legal. Já tem alguma ideia de lugar?

– Ei! – exclamei, estalando os dedos na direção de Jimmy. Rude, porém eficiente. – Parem com isso. Não preciso que ninguém me desencalhe.

– Faço por gosto, não se preocupe – completou, voltando sua atenção para Ben.

– Jimmy – soltei em um tom ríspido de alerta.

As pessoas ao nosso redor nos olhavam em choque e o que seria apenas um agradável jantar de Ação de Graças estava se transformando rapidamente em uma guerra.

– Nós vamos manter o plano ou não, Lena? Você disse que ia tentar. Vai dar pra trás agora?

Ah, a culpa. Ele sabia muito bem ser um merdinha manipulador.

– Você está me envergonhando – completei em voz baixa.

Ele se inclinou em minha direção e respondeu um pouco mais baixo.

– Não, preste atenção. Essas pessoas aqui são seus amigos. Ninguém está te julgando ou pensando mal de você.

– Eu estou julgando – Mal se intrometeu. – Ai, não me bate, moranguinho. Só estou sendo honesto. Não tem por que ela nos deixar, nós somos os melhores!

– Lena – Ben me fitava com seus olhos negros. – Está tudo bem. Eu ia adorar sair com você. O que acha?

Jimmy me observava com paciência, assim como todos à mesa. Não parecia haver nenhuma malícia ali, apenas sua costumeira vontade de que as coisas funcionassem do seu jeito. Eu havia concordado com os quatro passos, era verdade, mas até onde me constava, isso não envolvia ser transformada na piada da noite. Se bem que, para um encontro, Ben Nicholson era uma opção excelente. Atraente, bom de papo, rico feito a rainha da Inglaterra. Esse homem

preenchia vários dos meus requisitos e, aparentemente, queria mesmo sair comigo.

Algo importante, devo dizer.

Na pior das hipóteses, seria uma noite agradável com um amigo. Na melhor delas, meus sentimentos magicamente se redirecionariam de Jimmy para alguém que – surpresa! – poderia retribuí-los. Todos ganhariam com isso.

– Talvez seja hora de voltar a sair um pouco. Posso lidar com isso – concluí, com as costas eretas e o peito estufado. Não era hora de meias medidas. Resolver de vez ou voltar para casa. Me dirigindo ao baixista, perguntei: – Ben, o que você acha de ir jantar comigo qualquer dia?

– Adoraria – me respondeu com um sorriso.

– Ótimo. Combinado então.

Não foi tão difícil assim.

– Certo. – O ar arrogante de Jimmy pareceu se diluir um pouco. Ele amassou seu guardanapo e continuou. – Aonde vai levar a Lena, Ben?

Com a boca aberta, o baixista pareceu pensar um pouco.

– Que tal aquele bar esportivo? Allen's?

– Ela não curte muito esportes, e não seja sovina. É a Lena, vão para algum lugar bacana. Descontraído, mas bacana. O ambiente é importante.

Meu bom Jesus. Afundei em meu assento.

– Obrigada pela preocupação, Jimmy, mas Ben e eu podemos resolver isso depois. Sozinhos.

– Tá bom, vejamos – Ben coçou sua barba curta, pensativo. – Que tal aquele restaurante japonês que a gente costuma ir?

– Não. Ainda falta algo – resmungou Jimmy.

– Então o que você sugere? – perguntou Ben, com os olhos iluminados.

– Posso reservar uma mesa pra vocês em um lugar que conheço no centro?

– Resolvido – concluiu Ben. – Valeu, Jim. Lena, estou ansioso para o nosso encontro no sábado. Pego você às oito.

– Certo – concordei com um sorriso desanimado.

Do outro lado da mesa, Lizzy me olhou torto. Entendi o recado. O peru e o molho de cranberry pesavam como chumbo em mim agora.

– Você também está ansiosa, não é mesmo, Lena?

O sorriso de Jimmy pareceu diminuir um pouco, mas pode ter sido só a minha imaginação.

Me senti como se tivesse levado uma pancada.

– Sim. Muito.

—

– Pega! – Uma colher de sobremesa foi jogada em meu colo.

– Que tal parar de jogar as coisas em mim? Já é ruim o bastante que você precise começar o dia assim.

O dia de Ação de Graças propriamente dito tinha sido mais calmo, e ficamos só nós dois em casa. Liguei para meus pais pela manhã e conversamos por um bom tempo. Acompanhei Jimmy ao encontro do Alcoólicos Anônimos. Ele entrou e o esperei do lado de fora, sentada no corredor, bebericando um copo de café bem quente. Ele saiu calmo e de bom humor, o que é sempre um bom sinal.

– Você tem um sono muito pesado. Preciso te acordar de um jeito ou de outro. Falando nisso, você já correu um pouco melhor hoje de manhã.

– Obrigada – resmunguei. Aquilo me acalmou um pouco. Jimmy não era muito de elogios, se bem que no outro dia ele disse que eu era bonita, então talvez estivesse aprendendo alguns.

– Sim, você só hiperventilou duas vezes. É um avanço.

Ou não.

– Grata pelo retorno.

– Agora dá um espaço, você está ocupando todo o sofá. – Com isso, ele se jogou no sofá por cima de mim, trazendo um pote de sorvete e outra colher nas mãos.

– O que estamos fazendo?

– Pense nisso como uma terapia de aversão. Toma. – Ele me entregou o pote. Era sorvete de baunilha francês com cookies de chocolate. Aí, sim. Já tinha até começado a salivar.

– Bom, mas eu não me vejo detestando você se continuar me dando sorvete.

Ele ligou a televisão. Na tela, havia pássaros voando sobre a água, raios de sol ao longe e um grande rio caudaloso. Era tão familiar quanto inesperado.

– *Diário de uma paixão*? – perguntei, entre uma colherada e outra. – Sério?

– Falar dos meus defeitos no outro dia não funcionou muito bem. Achei legal tentar outra vez. – Ele se ajeitou no lugar. – Aquele artigo dizia que você precisa passar um tempo com suas amigas, ver uns filmes melosos, comer um bocado de sorvete, falar mal de mim e tal. Só que eu conheço os meus defeitos melhor que qualquer outra pessoa, então, lá vamos nós. – Ele pausou. – Ou você prefere que eu chame as garotas pra ficar com você?

– Não, tá bom assim. – Devorei um pouco mais daquela maravilha de lactose e massa de biscoito. Era verdade, eu já tinha passado noites demais assistindo à televisão com ele. Era confortável. Além de que pareceria idiota e patético se eu aceitasse subitamente os insistentes convites da Ev para sair à noite, depois que o Jimmy expôs a minha falta de vida social. – Você disse que não tocava nenhum

instrumento, mas tenho certeza de que ouvi uma guitarra hoje.

– Eu disse que não toco tão bem quanto os outros, não que não toco.

– Você compõe? – perguntei.

– Para a banda? Não. O Dave faz todas as letras.

– E pra você?

– Sim, Lena. – Jimmy riu asperamente, bateu na minha colher e pegou mais sorvete. – Eu escrevo canções românticas sobre o quanto eu sou gostoso. Sou narcisista a esse ponto.

Ergui a cabeça, observando-o de cima a baixo.

– Isso te incomoda. Que eu fale disso.

– Não dou a mínima – tossiu ele.

Por um longo momento, ele encarou a televisão enquanto eu o observava. Algumas coisas obviamente o afetavam, mas eu não imaginava que a minha opinião fosse uma delas. Levei um tempo para digerir a informação de que ele se importava de verdade com algo dito por mim. Racionalmente, eu sabia que ele tinha mais emoções do que demonstrava, mas vê-las de perto conferia uma nova perspectiva. Até o funeral da Lori, eu não fazia ideia disso. Ele era como o Super Homem, as balas ricocheteavam nele e não havia lugar para emoções. Mas agora...

Eu precisava ser mais cuidadosa. Ele não era tão durão quanto aparentava.

– Sinto muito – eu disse, por fim.

Ele me olhou esquisito.

– Pelo quê?

– Por dizer que você é um narcisista.

– Repetindo, eu não dou a mínima. – Ele sempre pronunciava essas palavras pausadamente. – Logo depois eu mesmo não te disse que sou fútil?

Tá bom, ele não tinha emoções profundas, erro meu. O homem era tão reprimido que chegava a doer. Se bem que, pensando um pouco, fazia sentido. A mãe dele tinha feito um belo trabalho, e ele vinha escondendo que bebia e usava drogas desde os quatorze ou quinze anos. Uma personalidade reclusa e cheia de segredos devia emergir naturalmente nessas situações. Não precisei nem procurar na internet pra entender isso.

– Procurei o significado de narcisista – disse ele, como se pudesse ler meus pensamentos. – Não acho que eu esteja no nível de passar dias a fio me admirando no espelho. Já o seu caso, que só vê defeitos quando se olha, parece um problema maior. Talvez minha preocupação não seja tão besta assim.

– Não é bem assim, eu não vejo só os defeitos.

– Mas também não fica feliz com o que vê. Isso não faz sentido para mim.

Fechei a cara.

Seguimos vendo o filme em silêncio.

Passei-lhe o pote de sorvete antes que eu acabasse comendo tudo.

– Se bem que não estou convencida de que você seja realmente um narcisista. Posso ter me enganado nessa.

Ele lançou um olhar inquisitivo.

– Pensei bem no que você disse, sobre a sua aparência ser uma ferramenta, e acho que é simplesmente uma parte da sua vida com que você se acostumou a manter em extremo controle.

Ele sacudiu a cabeça.

– Lena, sem psicologia barata hoje, pode ser? Para o seu próprio bem.

Talvez ele estivesse certo. Não era o meu ponto forte.

– Tudo bem então, vamos mudar de assunto. Me conta das músicas que você escreve.

– Eu não disse que escrevia.

– Mas também não negou.

– Sou só o vocalista, Lena. Só isso.

– Você toca guitarra. Eu ouvi mais cedo.

– Meu Deus, como você é irritante. – Ele se ajeitou no sofá, abocanhando mais um pouco daquela maravilha de sorvete. – Estou aprendendo a tocar ainda, tá? Chega. Não quero falar a respeito.

– O David sabe?

– Não. – Seus olhos flamejaram. – E você não vai falar nada.

– Te dou a minha palavra.

O fato de eu concordar de imediato pareceu acalmá-lo. Ele se reclinou no sofá, respirando fundo. Um músculo em sua mandíbula se movia rapidamente, como se Jimmy estivesse rangendo os dentes.

– A gente devia estar falando mal de mim ou algo assim.

– Não podemos ficar assim, de boas? Todo esse lance de corrida e libertação está ficando cansativo. Você nem é um assunto tão interessante quanto pensa.

Ele abriu um daqueles quase sorrisos.

– Por mim, tudo bem.

Peguei de volta o sorvete. Pode me processar, se quiser. Era muito bom.

– A gente precisa mesmo assistir isso? – Ele torceu o nariz com ar de desdém. Era bem fofo.

– Foi ideia sua – respondi, sorrindo. – Quais são os outros filmes que você pegou?

– *Titanic*, *Thelma e Louise* e *O lado bom da vida*.

– Uma combinação interessante. Coloca *Thelma e Louise*, acho que você vai gostar mais. Tem um final feliz e empolgante.

– Beleza.

Ele apertou alguns botões no controle remoto e a voz sensual de Brad Pitt surgiu na tela gigante. Era um filme muito bom. O Brad Pitt era realmente um exemplar magnífico de masculinidade.

– Podemos voltar pro começo do filme, Rei do Controle Remoto? Está na metade.

Ele voltou.

– Gente loira se diverte mais,[3] todo mundo sabe disso – comentei. – Já pensou em descolorir o cabelo?

Ele me lançou um olhar estranho.

– Talvez *eu* devesse ficar loira.

– Não, não faz isso – disse rapidamente, parecendo preocupado. – Você está bem assim. Estou te falando tem vários dias. – Ele pegou de volta o pote de sorvete e completou. – Você que não me escuta.

Hum.

– Achei que você só estava sendo gentil.

Deixei cair um pouco de sorvete derretido nos meus jeans. Limpei com o dedo e lambi em seguida. Era por isso que eu não podia ter coisas boas.

Ergui o olhar e me surpreendi ao notar que Jimmy observava a minha boca. Seus olhos me fitavam com os lábios entreabertos. Fiquei paralisada.

Não podia ser.

Ele não podia estar pensando em mim desse jeito. Era impossível, mas as evidências diante de mim alegavam o contrário. Meu estômago pareceu dar um nó bem apertado e a adrenalina correu solta em minhas veias. Ele tinha me excitado com muita facilidade. Acho que ele nem percebeu o que estava fazendo.

– Jimmy?

Ele desviou o olhar de minha boca para os olhos e fechou a cara novamente.

– Não sou bonzinho e não digo nada por dizer. Pare de implorar por elogios se não vai acreditar neles. Não desperdice o meu tempo.

Uma resposta bastante exaltada, até mesmo para ele.

– Obrigada – respondi. – É bem gentil da sua parte… de uma forma esquisita.

Ele continuou assistindo ao filme sem me responder.

– Sabe, se eu acabar indo embora, ainda podemos nos ver de vez em quando, fazer algo juntos. Não vou desaparecer da sua vida.

Ele jogou a colher na mesa de centro, acertando o móvel com um baque violento.

– Jimmy?

Tinha falado aquilo para confortá-lo, mas claramente fui mal interpretada.

– Respondendo à sua pergunta, eu já estive na capa de uma centena de revistas, já perdi a conta. Tenho um monte de discos de platina e um espólio que vale em torno de sessenta e dois milhões – disse, ríspido e pouco amigável. – Se não tivesse perdido um bom patrocínio e arruinado uma turnê por causa das drogas, teria ainda mais. Tenho esta casa e outra em Los Angeles. É lá que fica a minha coleção de carros e algumas pinturas de que gosto.

– Impressionante. Devo ter uns quatro mil de economias no banco. Meu relógio é a prova d'água. Provavelmente não vale nada. – Arregacei a manga do suéter para exibir o relógio antes que parasse de funcionar. – Por que está me contando essas coisas?

– Porque, na última overdose, o Dave foi bem claro. Ou eu parava ou estava fora. Saía da banda e dessa vida. Ele não aguentava mais; nenhum deles, na verdade. – Ele esticou os braços no encosto do sofá, arranhando o couro com os dedos. Apesar da pose descontraída, ele estava muito longe da tranquilidade.

Eu já tinha entendido essa parte, pelo que disseram em Coeur d'Alene, mas ainda era difícil ouvir isso vindo dele. Os rapazes eram o seu mundo, significavam tudo para ele. Eu não podia imaginar como ele se sentira. Não importava o que ele tivesse feito, e imagino que tenha sido muito, eu o aceitava. Não mudava os fatos. A mãe dele o machucara e o abandonara; o pai falhou com ele; o irmão e os melhores amigos ameaçaram expulsá-lo da banda. Agora, eu estava falando em ir embora. Apesar da nossa relação, eu tinha sido parte importante da vida dele até o momento, e uma parte de que ele particularmente gostava, a seu próprio modo.

Minha vontade de partir certamente traria uma reação.

– Então eu parei – ele continuou. – Cortei relações com todo mundo em Los Angeles, todo mundo que tinha algo a ver com a vida de antes. Vim pra cá e recomecei. Eles têm me dado muito apoio, meu irmão e a banda. Entendo por que eles estavam dispostos a virar as costas pra mim, entendo mesmo. Não vou dizer que não fico ressentido de vez em quando, mas fui eu que forcei a barra.

– Jimmy…

– Apenas ouça. – Parecia que seus olhos frios jamais sairiam do meu rosto. – Se você partir, eu vou desmoronar e voltar a usar. Saiba disso. Não estou tentando te chantagear, só estou esclarecendo alguns fatos. Os rapazes provavelmente estavam certos ontem à noite, quanto a você ser a minha única amiga além deles. A gente nem sempre se dá bem, mas, ainda assim, te considero uma amiga.

Ele soltou o sofá para agarrar os cabelos, puxando com força as mechas negras.

– Você é uma amiga que eu pago para manter por perto, o que é incrivelmente

patético e complicado, mas é assim que funciona.

– Posso continuar sendo sua amiga. Eu gostaria de manter a nossa amizade.

Ele puxou os cabelos com mais força.

– Não vai ser a mesma coisa.

Minha boca se abriu, mas eu não soube o que dizer. Ele estava certo, não seria a mesma coisa. Eu não o veria todos os dias, não conversaríamos todos os dias, nem passaríamos quase todas as noites juntos. Essa parte da minha vida, todo o tempo com ele, seria uma lembrança. A tristeza em mim era enorme e me dominava. Já não achava possível me controlar. Um pouco mais e eu ia explodir, decorando a sala minimalista dele com pedacinhos emotivos de Lena.

Ele ficaria puto.

Minha língua idiota ficou parada por muito tempo.

– Não sei o que dizer.

– E eu pedi a sua opinião? Não!

– Ei – resmunguei, ameaçadora. – Presta atenção.

Ele virou o rosto, com a mandíbula trêmula.

O filme continuava rolando na tela, mas ninguém se importava.

– Lena, a questão aqui é que a lista é importante e não vai funcionar se você não se comprometer. Não venha com esse papo de que podemos ser amigos se você for embora, tá bom? Só… leve a sério.

Respirei fundo ao analisar seus traços fortes. Tudo na minha vida era bem complicado e confuso quando o assunto era o coração. Não sei exatamente quando isso aconteceu, provavelmente no começo da adolescência, quando perdi o interesse em pôneis e em purpurina para me interessar por garotos.

Ainda me ressentia com esse fato às vezes.

– Está bem, eu me comprometo – respondi, sendo essa a única resposta possível.

– Que bom.

Ele se sentou, relaxado, cruzando os braços contra o peito, aparentemente satisfeito, mas eu já sabia que a lista não ia funcionar.

“Blondes have more fun” é uma das músicas de maior sucesso de Rod Stewart, lançada no álbum homônimo, no ano de 1978. (N. E.)

CAPÍTULO OITO

– Você vai usar isso? – questionou Jimmy, reclinado no corrimão ao pé da escada, me assistindo descer. Ele trajava um terno preto com camisa branca, bem clássico e bem caro. Aposto que custava mais do que eu ganhava em um mês. Ele era um grande exibido, e eu era hormonalmente suscetível a ele. Culpa minha, por que não?

– Sim, vou usar isto mesmo – respondi. – Por quê?

– Por nada.

Assim que tivesse um tempo eu ia escrever pro Papai Noel pedindo de Natal a habilidade de ler pensamentos. Ou pelo menos os pensamentos de Jimmy. Se bem que eu acho que não ia gostar do que ia encontrar lá.

– O que tem de errado?

Ele observou minha blusa azul-marinho e branca de poá, *legging* preta e botas.

– Nada. Só achei… uma escolha interessante.

– Eu gosto.

– Sim, é bem legal. Só achei que você podia se arrumar mais.

– A gente só vai jantar no centro. Era pra ser descontraído. – Ajustei os óculos no rosto. Armação preta, desta vez, a combinação estava boa. Além do mais, ainda que a contragosto, eu havia me maquiado e alisado o cabelo castanho. Longo e grosso, era meu único orgulho e alegria, mas Jimmy não parecia se impressionar com isso. Não é de se estranhar que eu tivesse dificuldade em acreditar em seus elogios quando ele me olhava com desdém no dia seguinte.

– Você parece bem. – Ele balançou as chaves do carro em seus dedos.

– Fica quieto. Quais os planos? – perguntei. – Achei que você fosse ficar em casa hoje.

– Vou levar você. Já avisei o Benny que vamos encontrá-lo no restaurante.

– Quê? Por quê?

– Ele não precisa vir te buscar, se eu já vou para aqueles lados mesmo.

Ele apanhou meu casaco vermelho e me ajudou a vesti-lo. A típica dicotomia do seu comportamento. Vem, bagunça a minha cabeça, me insulta e no momento seguinte é um perfeito cavalheiro.

– Obrigada. Você vai à casa do David?

– Uhum.

– Pelo menos você não fica sozinho.

Ele concordou e se dirigiu à garagem. O novo estúdio, quase terminado, ficava na frente, e o restante do espaço estava atulhado com equipamentos de musculação e instrumentos musicais. Nos fundos ficava a garagem propriamente dita para os dois carros de Jimmy. O Plymouth Barracuda preto e cromado de 1971 brilhava à meia-luz. Sempre quis roubar as chaves e sair para dar uma volta nele, mas, como sempre, ele pegou a Mercedes nova. Tão sensível.

Dirigimos em silêncio o caminho inteiro sob uma leve chuva. Em vez de parar na frente do restaurante, ele deu a volta no quarteirão e estacionou na primeira vaga que viu.

– Você não ia só me trazer? – perguntei, pegando meu guarda-chuva.

– Só vou te levar lá dentro, dar um oi pro Ben.

– Tudo bem.

Saímos do carro juntos e Jimmy passou o braço pelas minhas costas, me ajudando a segurar o guarda-chuva sob as fortes rajadas de vento. O restaurante especializado em fusão de culinária francesa e asiática era bem elegante. Cadeiras e mesas de madeira entalhada, detalhes em seda vermelha nas paredes. Avistei meu reflexo em um espelho antigo, que mostrava meu cabelo úmido e frisado com perfeição. Bem, eu tentei. O penteado alternativo de Jimmy ainda estava perfeitamente em ordem, é claro. Duvido que a mãe natureza se arriscaria em bagunçá-lo, mesmo com o pior tempo. Afinal, ela mesma deve ter tido muito trabalho para fazê-lo.

Em uma mesa de canto, Ben se levantou e acenou. Estranhamente, seu sorriso se abriu quando avistou seu colega de banda ao meu lado. Acenei com a cabeça para a bela moça loira tatuada na recepção e atravessei o labirinto de clientes do lugar. Não havia ninguém em trajes de gala à vista e então entendi que estava bem-vestida.

– Olá, Jim. Não sabia que ia se juntar a nós hoje – comentou Ben, com um sorriso para mim. – Lena, você está fantástica.

– Ora, obrigada, Ben. Você também está adorável.

Ele se inclinou com intenção de beijar meu rosto, tendo que se abaixar um pouco mais, enquanto eu, já na ponta dos pés, esticava o pescoço. Além da minha baixa estatura, ele era muito alto.

– É bom vê-lo, Ben. – Jimmy estendeu a mão rapidamente, cruzando o espaço entre mim e Ben, fazendo com que eu perdesse o equilíbrio. Antes que eu caísse, Jimmy agarrou meu cotovelo e me reequilibrei.

– Sim, Jim. – Ben deu um forte aperto de mão. – Igualmente.

– Ele só veio me deixar e dar um oi – intervim. – O que já foi feito, aliás.

– Na verdade, tenho tempo pra uma bebida. – Jimmy ergueu a mão e um garçom se aproximou. – Uma Coca-Cola pra mim e um gim-tônica pra ela. Obrigado.

O garçom anotou o pedido e se retirou. Ben já tinha à sua frente uma garrafa de cerveja.

Troquei olhares com Jimmy e ele percebeu meu descontentamento.

– O que foi? Errei na bebida?

Sem esperar por uma resposta, ele puxou uma cadeira da mesa ao lado. Sem virá-la na direção da mesa, sentou-se de frente para o encosto, com as mãos apoiadas no alto da cadeira. Ele sempre parecia pronto para uma sessão de fotos. Esse jeito dele, uma graça natural, me perturbava profundamente. Ainda se ele fosse como as pessoas comuns, desajeitado e cheio de defeitos. Mas não.

– Sei que essa é a sua bebida de sempre, Lena. Só isso.

– Eu ia beber água. – Com algum esforço voltei a sorrir. – Como você sabe o que eu bebo? Nunca bebi na sua frente. Nunca.

Jimmy já tinha problemas demais, eu não precisava ser insensível com ele. Eu sempre considerava o respeito, apoio, solidariedade, essas coisas.

– No segundo casamento do Dave com a Ev. – O casal tinha decidido fazer outro casamento na comemoração dos seis meses de casados. Tudo de muito bom gosto, como se pode imaginar. Na época, eu estava trabalhando para Jimmy havia mais ou menos um mês. – Eu fiquei conversando com o Ben na varando por uma hora e você estava do lado de dentro – explicou. – O garçom deve ter passado, pois quando olhei vi uma gim-tônica na sua mão, que já tinha acabado quando voltei.

– Como você percebeu ou mesmo se lembra? – perguntei. – Não sei se me sinto lisonjeada ou preocupada.

– Não ache nada. – Ele empinou o queixo como sempre. – Meu nome é Jimmy Ferris e sou um alcoólatra. Eu sei o que o Ben bebe. Sei o que você bebe. Nem olhei pra cara das nove pessoas sentadas ao nosso redor, mas tenho certeza do que cada uma delas está bebendo.

– Duvido – exclamou Ben.

Jimmy sorriu sombriamente e se ajeitou em seu lugar, aproximando o rosto de Ben para demonstrar que não precisava olhar de novo para as mesas.

– Na mesa das garotas à minha esquerda. Duas tequilas e um Long Island. Tem uma perdedora com um suco de laranja puro, deve ser a motorista da rodada. O casal atrás de mim é mais fácil ainda, a garrafa está na mesa. Porters. O desafio é a mesa dos rapazes à direita. Um deles está tomando uma cerveja lager, mais fácil. E os outros dois? Copos de destilado. Liquido âmbar, só não é puro. A dica, crianças, é o copo de água ao lado. Eles são experientes, sabem que

uma dose de água abre o sabor do whisky. Conhecendo a carta da casa, vou apostar em Johnnie Walker Blue Label – finalizou, dando de ombros. – A menos que eles bebam puro malte e, nesse caso, eu não faço a mínima ideia.

– Caramba – disse Ben. – Você devia estar na TV.

– Eu estou na TV, besta.

– Não devia ter te deixado entrar. Você costumava beber aqui. Este lugar é um dos seus gatilhos.

Jimmy fez um muxoxo de pouco caso e abriu os braços.

– O mundo inteiro é um gatilho para mim.

– Jimmy, é sério. É melhor ir embora.

– Ainda não.

– Ele acha que não vou me comportar com você – comentou Ben, ao apoiar seu celular na mesa.

Franzi a testa

– Isso é ridículo.

Jimmy respondeu com um mero olhar descolado.

– Amo o Ben como um irmão, mas o conheço faz muito tempo. Sem ofensas, certo, Ben?

– Sem ofensas. – A tela do celular de Ben se acendeu e ele se aproximou do aparelho para ler a mensagem.

O mais calmo possível, Jimmy se aproximou e deu um tapa na cabeça do amigo como se fosse uma criança malcomportada.

– Não seja tão rude. Você está num encontro com a Lena, guarda isso.

– Estou esperando uma notícia, agora desgruda.

Ben tomou um gole de sua cerveja e piscou para mim.

– Então, Lena, do que vamos falar?

– Jesus! – resmungou Jimmy. – Vai deixar todo trabalho pra ela? Sério?

Alguém me mate.

– Tem visto algum filme interessante?

Fiz que sim com a cabeça.

– Sim. Assistimos a *Thelma e Louise* na noite passada. Eu já tinha visto, mas é sempre bom.

– Você e Jimmy assistiram juntos?

Acenei com a cabeça.

– A gente costuma assistir à televisão à noite. Você já viu?

– Não posso dizer que vi.

– Não acaba bem – disse Jimmy. – Isso eu garanto.

– Depende do seu ponto de vista – retruquei com um sorriso.

O garçom trouxe as nossas bebidas. Seus olhos se arregalaram ao avistar

Jimmy, e em seguida encarou Ben. Em sua defesa, ele não fez um alarde sobre a identidade de seus clientes. Acabei pedindo uma água tônica pura e deixei o gim de lado.

– Você está bonitão, Jim. Agora eu queria ter vindo de terno também. – Ben tinha vindo com um suéter vermelho e calça jeans. Ficava bem nele. Deus abençoe os caras rústicos que usam jeans azul apertado. Hmm. O estilo arrumadinho de Jimmy, com seus ternos e afetações, nunca foi o meu tipo. Essa minha atração por ele ia basicamente contra todas as leis da natureza. Eu precisava superar e tinha que tentar.

Me reclinei para a frente, determinada a me empenhar naquele encontro. Quem sabe eu e Ben não daríamos certo. Certamente, como casal, faria mais sentido.

– Você devia ter trazido flores pra ela – comentou Jimmy. – Teria sido legal.

Ben deu um tapa na própria testa.

– Isso. Eu devia ter…

– Você não devia nada. Tudo bem. – Lancei a Jimmy um olhar intimidador. Luzes vermelhas, sirenes, alerta de perigo.

Ele, é claro, ignorou.

– Mande flores lá pra casa amanhã.

– Claro, Jim.

O celular de Ben piscou novamente sobre a mesa e ele espiou.

– Desculpa, Lena, mas eu preciso responder aqui.

– Cara – Jimmy estendeu a mão novamente, mas segurei seu punho no ar.

– Sem problemas, Ben – respondi. – Leve o tempo que precisar.

Jimmy arregalou os olhos.

– Quem é, Benny?

– Ninguém – respondeu, sem tirar o olhar do celular.

– E esse ninguém é mais importante do que ser educado com Lena, imagino.

Enterrei as unhas na palma da mão.

– Você não devia estar a caminho da casa do David e da Ev? Não queremos te segurar aqui.

– Está tudo bem, não marquei hora com eles.

– Jimmy, tenta entender a mensagem. Hora de ir embora.

Ele se voltou com um olhar de sofrimento.

– Um homem não pode terminar o refrigerante em paz? É pedir muito?

– Sim. Por favor, saia.

– Você não se importa se eu ficar um pouco mais aqui, não é, Ben?

– Não, pode ficar, Jim. Então, Lena – disse Ben, após finalmente largar o celular e voltar para sua cerveja, com um leve sorriso. – Viu o jogo ontem?

Grunhindo, Jimmy esfregou as mãos no rosto.

– Ela acabou de contar que vimos um filme ontem! Ela detesta esportes! Você está entediando a moça, isso é um desastre.

Uma das melhores coisas nesse restaurante eram as mesas pequenas. Eu pude facilmente chutar a canela de Jimmy, mal precisei me esticar.

– Que merda foi essa? – Ele se abaixou para inspecionar a perna da calça. – É um traje feito sob encomenda, Lena. Tenha um pouco de respeito.

– Desculpa – menti alegremente, em uma demonstração exemplar de minhas habilidades. – Acertei você com a bota?

– Não! Você me chutou de propósito!

Mordi os lábios, nervosa.

– Seu babaca! Eu menti e te dei cobertura na outra noite, na Ev!

Com um movimento preciso, Jimmy apanhou um guardanapo e limpou cuidadosamente sua calça. Seus belos olhos maliciosos flamejavam em ameaças de vingança.

Pode vir, querido.

– Por que vocês vivem se chutando? – perguntou Ben, interrompendo os olhares acalorados. – Só curiosidade.

Jimmy deu de ombros.

– Todo mundo tem um hobby, Ben.

– Certo. – Ele parecia espantado e, para ser honesto, esse encontro era uma grande farsa. Seu telefone vibrou novamente – Desculpa.

– Você parece bem ocupado com quem quer que esteja mandando mensagem. Podemos tentar outra noite, quem sabe sem o nosso acompanhante – completei, lançando um sorriso doce a Ben, enquanto o de Jimmy foi notavelmente mais seco.

– Não, o Jim está certo, estou sendo rude e vou guardar o celular. – Deu uma última olhada na tela e o apoiou com a tela na mesa. – E… o que vamos pedir?

Com um floreio ele me passou o menu.

– Algo te chamou a atenção?

Jimmy bebericou sua Coca-Cola em silêncio. Ele devia estar emburrado, mas me recusei a olhar.

– Tudo parece tão bom! – Também parecia ridiculamente acima do preço. Eu sempre costumava dividir a conta em encontros, mas dessa vez isso me levaria à falência. Claro, Jimmy escolheu o lugar mais caro da cidade. Fiquei tentada a chutá-lo mais uma vez, por diversão.

O celular de Ben vibrou mais uma vez e Jimmy se adiantou para pegá-lo. Ele arqueou as sobrancelhas assombrado ao olhar a tela.

– Que merda, cara. Qual é o seu último desejo?

– Não é da sua conta.

Ben segurou a mão de Jimmy, que pôs o celular de volta na mesa.

– Certo. Boa sorte nessa, vou garantir que o seu funeral seja inesquecível.

Ben não respondeu.

– Acho que vou ficar só com uma entrada – interrompi a aparente discussão deles. – Não estou com tanta fome assim.

– Tem algo errado? Não sabe o que pedir? – perguntou Jimmy, roubando o menu de mim. Ele olhou por um tempo e prosseguiu. – Por que não pede o frango com gengibre, tem uma calda caramelizada. Você gosta de coisa doce. E… tem *vermicelli* com folhas asiáticas. Deve ser bom, acho que vai gostar.

– Eu posso pedir sozinha, obrigada – respondi, seca. – Só não estou com fome.

– Você não comeu nada desde a hora do almoço. É claro que está com fome – seu rosto demonstrava confusão. – Vamos, o chef é bom, ou eu nem teria vindo aqui.

– Só uma sopa ou algo assim já está bom. Pode me devolver, por favor?

– Não.

– Jimmy!

Ele ergueu o cardápio longe do meu alcance.

– Me conta qual é o problema.

Ben não falou nada e se manteve escondido atrás de seu próprio menu. *Covarde. Já chega.* Eu não poderia sair com um homem que não se dispunha a me defender de uma clara opressão. Além do mais, ele era alto demais, eu ia viver com torcicolo de tentar alcançar sua boca para um beijo.

– O problema é você. – Estava rubra de raiva. – O problema é o seu comportamento. Não devia nem estar aqui.

Ele ergueu a cabeça com altivez e me observou, ainda sem devolver o maldito menu. Juro que fiquei com sangue nos olhos, mas pode ter sido o reflexo do tecido escarlate que ornava as paredes do restaurante.

Estalei os dedos, apressando-o.

– Devolve.

Um instante depois suas feições se acalmaram e, afinal, ele me devolveu o maldito menu.

– Você está preocupada com dinheiro.

Imitei Ben e me escondi atrás da pasta preta do menu.

– Lena? – Jimmy fisgou o menu com a ponta dos dedos, abaixando-o para me ver. – Eu ou o Ben vamos pagar. Por que raios você está preocupada com isso? Aproveita, come o que quiser. Foi pra isso que te trouxe aqui.

Fechei os olhos por um momento, mentalizando um lugar calmo e feliz, mas

não tive sucesso.

– Jimmy, eu sempre divido a conta nos meus encontros. É o meu jeito e espero que você respeite isso. Além disso, você não me trouxe aqui. Tá, na prática foi, mas… Esquece. Eu vim pra um encontro com o Ben. Você deveria estar em outro lugar e não sentado aqui, preocupado com o meu pedido, com quem vai pagar ou com o assunto da conversa.

– Se eu estivesse em outro lugar você ia acabar comendo uma sopa que nem queria e ir pra casa com fome depois de ficar entediada em ver o Benny brincar no celular a noite toda. É melhor eu ficar por aqui – completou, apoiando o queixo no encosto da cadeira. – Não é, Ben?

– Certo, Jim. – Ben se levantou. – Gente, eu só vou no banheiro, não demoro.

– Tá bem – respondeu Jim, sem tirar os olhos de mim.

Com um breve sorriso, Ben deu as costas para sair, parando antes para pegar o celular.

– Melhor levar isso. Sério, estou me divertindo muito com vocês dois. Devíamos fazer isso mais vezes. Até mais ver.

Assisti ao homenzarrão sair pelo corredor. Suas costas enormes desapareceram no caminho mal iluminado. Saindo, saindo e saiu.

– Ele não vai voltar, né? – perguntei.

– Não. Ele já deve estar na porta.

– Nunca fiz um cara fugir no primeiro encontro antes. Sucesso.

– Não se culpe. – Jimmy me olhou por cima do menu incisivamente. – Pior pra ele. Você é ótima.

Estava tão atônita que perdi o controle.

– Você não percebe? Esse é o seu problema. A cada coisa babaca que você diz sem pensar, você logo emenda algo maravilhoso e acha que resolveu tudo. Eu não consigo me decidir porque nunca sei qual é a sua próxima jogada. Você é impossível.

Ele me olhou longamente.

– Acabou?

– Sim.

Ele se levantou e devolveu a cadeira para a mesa ao lado, sentando-se no lugar que era do baixista.

– Pensei em pedir rolinhos de alcaçuz, frango com gengibre, carne de porco grelhada e alguns pratos de legumes. Que tal?

– Ótimo.

– Você e o Ben não dariam certo, afinal. Não sei onde estava com a cabeça.

Ele não parecia particularmente incomodado com o fracasso, mas, pensando bem, eu também não estava. A parte de mim que devia estar triste era um grande

vazio. Tendo o Jimmy sentado à minha frente, me observando, meu cérebro foi tomado por hormônios de felicidade, provando novamente que eu era uma completa idiota por ele.

– Na verdade não teria sido muito melhor se eu escolhesse o cara – comentei sorrindo. – Sempre escolho os piores.

Ele não falou nada.

– Desculpa, sem querer ofender.

– Não por isso.

– A minha coleção de ex-namorados não é algo de que me orgulho.

– Ruim assim?

– Você não faz ideia. Já teve um que me traiu, um homossexual reprimido, um podólatra e uma série de caras que só queriam uma chance de conhecer a minha irmã.

– Qual o problema com o podólatra?

– Eu tinha que viver de salto alto. Meus pés estavam me matando.

– Ah.

– Bom, isso já deixou de ser um encontro.

Eu precisava dizer em voz alta, como se quisesse que o universo ouvisse. Não quero pensar no motivo.

– Não, claro que não – ele concordou de imediato, convicto. Só pra machucar. – É um jantar de negócios com a minha assistente. Estou pagando, peça o que quiser.

Tomei um longo gole de água tônica.

– Obrigada. Eu marquei o seu terno?

– Não, só preciso limpar, mas acho que você marcou minha canela.

– Você pisou no meu pé!

– Então estamos quites.

Deixei o menu de lado e me ajeitei no assento enquanto Jimmy fazia o pedido. Pobre Ben. Foi vergonhoso. Espero que ele não conte para os outros. Se bem que eles sabiam do plano do encontro, então vão descobrir mais cedo ou mais tarde. Vão poder rir bastante, o Mal não vai deixar barato. Às vezes ter amigos é um pé no saco.

Era verdade. Eu me importava com eles e isso acabou ficando visível, apesar de meus esforços para ser discreta. Pela primeira vez em muito tempo havia pessoas que eu podia chamar de amigos. Pessoas que vinham nos visitar e se divertir, que me convidavam para os lugares e genuinamente queriam que eu fosse, por mais difícil que fosse para mim aceitar um convite.

Era legal.

Antes que o garçom saísse, ergui o copo de gim, intocado.

– Já tomei o bastante, pode levar, por favor? Obrigada.

Jimmy assistiu à cena com seu ar desinteressado.

– Você podia ter bebido, eu não ia me importar.

– Eu poderia – respondi. – Mas não parece certo. Apesar de ser ótimo que você tenha opinião sobre tudo o que eu penso, visto e faço, não vou agir errado só pra te agradar.

– Você não está bebendo por minha causa, e isso não faz sentido.

Dei de ombros, abrindo um sorriso quase sincero.

– Às vezes as coisas que fazem menos sentido são as mais verdadeiras. Mistérios da vida.

Jimmy arqueou uma das sobrancelhas e me olhou por cima do menu, sacudindo a cabeça.

– Você tirou essa de um biscoito da sorte, não é?

– Talvez.

CAPÍTULO NOVE

– Você nunca comentou que a sua irmã ia se casar em breve.

– O que você está fazendo aqui e como você sabe disso? – Estava aplicando a última camada de rímel. Cabelo feito, salto alto, vestido, pronta para o segundo round da fase “sair com outras pessoas”. Com sorte as coisas correriam melhor hoje à noite, simplesmente por não terem como piorar. Jimmy e eu precisávamos de uma boa conversa sobre limites, com chances de eu chutar a bunda dele.

Nosso dia tinha sido quase normal, com uma pitada de bizarro, quando um chef especializado em sushi apareceu para me dar aulas antes do almoço. Outra surpresa de Jimmy para atender ao quarto passo da lista. Foi divertido, mas duvidei seriamente um dia poder trabalhar com alimentação. Jimmy deu uma olhada nos meus sashimis e anunciou que tomaria uma batida de vitaminas no almoço. O Senhor Nakimura simplesmente suspirou. Para ser honesta, nem me decepcionei tanto, peixe cru não era a minha praia.

Voltando à parte em que o Jimmy invadiu meu quarto.

– Isso veio parar nas minhas coisas. – Ele jogou um convite marfim brilhante na pia do banheiro. Sem meus óculos, ele era apenas um borrão sensual no espelho. – Você está elegante hoje.

Ele se inclinou, aparentemente dando uma olhada nas minhas pernas ou no comprimento da minha saia. Que seja. Eu não me deixaria levar por sua falsa atenção. Ele não estava interessado em mim, não de alguma forma que importasse à minha vagina ou ao meu coração.

– Legal. Você fica bem de vermelho.

– Obrigada. Agora vaza.

– Ponha isto. Você precisa ver uma coisa.

Ele pegou meus óculos e os colocou no meu rosto cuidadosamente. Reagi da forma clássica ao vê-lo tão perto de mim. Minha cabeça estava mais leve, meu peito se aquecia, essas coisas. Não tinha orgulho disso, mas o calor e a vibração de seu corpo inegavelmente excitavam minhas partes íntimas. Então ele tirou de trás das costas um buquê de flores em um belo vaso de vidro.

Meu Deus.

– Você me comprou flores? – A cor era impressionante. Meu coração deu um

salto no peito. – São lindas.

Ele grunhiu.

– É claro que não fui eu. Leia o cartão.

Desculpe por ir embora. Podemos ser amigos. Ben.

Ri de mim mesma, dele e do universo. Essa era a melhor saída.

– Você que disse pra ele mandar as flores, não é?

– Hum – ele murmurou, com um ar misterioso. Em seguida apoiou as flores no balcão enquanto eu fazia a última tentativa de coque em meu cabelo. Ele ali me observando não ajudava na ansiedade que antecede um encontro. Fiz o possível para ignorá-lo. Era difícil, considerando o jeito como ele me observava, com o olhar que passava por todo o meu corpo, sem esquecer nenhuma curva. Esse homem era o rei das mensagens confusas. Não sabia se queria chutá-lo ou pular nele, era ridículo. Subitamente me equilibrar no salto alto parecia um grande teste de destreza e convicção. Ele roubava o meu equilíbrio.

– Jimmy?

– Sim?

– Você está me encarando.

Seus olhos encontraram os meus e ele piscou.

– Vai precisar de quantos dias de folga pra ir ao casamento?

– Nenhum – respondi. Procurei em seu rosto algum sinal, reconhecimento ou confirmação do que ele estava fazendo, mas ele fez uma cara de reprovação, franzindo as sobrancelhas.

Não, não pode ser. Ele devia saber que estava me olhando com desejo, como uma pessoa com quem ele gostaria de fazer sexo.

Sim.

Maldito coração, malditos hormônios. Ele estava mexendo com os dois.

– Eu não vou – disse, por fim, enquanto arrumava a bagunça sobre a pia. Só precisava de um momento pra voltar a ficar bem.

– Por que não?

– A turnê sai nos próximos meses. Ando bem ocupada. Você não ia se virar sem mim.

– Bobagem. Posso te liberar por alguns dias.

– Sim, mas ninguém precisa saber disso. Sai – completei, dando um tapinha em seu nariz com a ponta dos dedos.

Ele deu um passo para trás, fechando o rosto.

– Você tem problemas familiares? Imaginei quando você não pediu folga no dia de Ação de Graças. Esse deve ser o problema com a sua irmã que você mencionou quando tive aquela questão com o David.

– Sim, é, mas eu me dou bem com o restante da família. Ligo pra minha mãe

algumas vezes por semana, falo com o meu pai também.

– O que ela te fez?

– Por que tanta curiosidade? – Apanhei meu casaco e minha bolsa e desliguei a luz. – Achei que os problemas dos reles mortais não te interessassem, ó todo-poderoso Senhor Ferris.

Parei de falar, esperando para ver se ele admitiria algo assim, mas não obtive resposta.

Ele me seguiu pelas escadas. Não estava de terno hoje; em vez disso, trajava um jeans escuro e uma camiseta preta apertada, com o cabelo bagunçado caindo sobre sua face. Era difícil decidir o que era mais potente, o Jimmy formal ou o relaxado. Gostoso de qualquer jeito.

– Então, o que sabemos desse tal de Reece, além de que é amigo da Anne? – A sala parecia um bom lugar para esperá-lo. Larguei minhas coisas no sofá e me sentei em seguida, sentindo cada músculo, do quadril aos pés, gritar de agonia. Maldita corrida. Minha noite estaria perfeita com um relaxante e um banho demorado, mas precisava me ater ao plano de sair com outras pessoas.

Minhas expectativas com relação ao encontro estavam baixas, graças aos eventos da tentativa anterior. Se ele não fosse embora durante o jantar, já seria uma grande vitória.

– Ele tem uma livraria ou algo assim. Só isso. – Jimmy sentou-se com sua graça natural, como era da natureza de bailarinas, modelos, astros do rock e outras criaturas assombrosamente estilosas. Para ser justa, Jimmy teve episódios de colapso bem dramáticos algumas vezes em público no passado. Fotos dele caído no chão circularam pelos noticiários diversas vezes. Quando ele ficou limpo, aparentemente deixou essas histórias para trás.

– Por que essa cara? – ele perguntou.

– Como você era quando ainda usava drogas?

Jimmy franziu a testa imediatamente. Essa parte de seu rosto era basicamente seu barômetro.

– De onde você tirou isso?

– Não sei, eu só… queria saber algumas coisas a seu respeito. É tão errado assim?

Seu olhar dizia que sim. Óbvio que sim. Eu só posso ter caído e batido a cabeça no chão pra ser tão retardada assim.

– Esquece – murmurei.

– Já não falamos demais disso? Eu era uma merda, Lena. Um babaca completo. Sempre com raiva, emocionalmente bagunçado, não era alguém que você ia querer conhecer. – Ele mordeu os lábios. – Agora, pelo menos, sou um pouco mais calmo. Mantenho o controle na maioria das vezes.

Concordei vagamente com a cabeça.

– Por que você não vai no casamento da sua irmã? – ele perguntou de volta.

Fiquei calada.

– Eu respondi a sua pergunta, agora responda a minha.

Fazia sentido, ainda que eu não gostasse. Admitir fraqueza na frente do Jimmy parecia algo perigoso, e esse pedacinho em particular da minha armadura incomodava bastante.

– Ela vai se casar com meu ex-namorado. Ele me largou por ela.

Jimmy ficou sem graça.

– É o traidor que você mencionou?

– Sim. Esquisito, né? Minha própria irmã e tudo mais. – Ri um pouco, no geral de mim mesma. Que sorte a minha, o cara mais decente que eu já namorei fugiu com a Alyce. – Dá pra imaginar o alívio em não ser madrinha desse casamento, né?

– Isso é muito baixo.

Meus ombros relaxaram, descendo mais baixo que de costume.

– Pensei o mesmo na época. Aparentemente eles estão felizes juntos, então…

– Não vem ao caso. – Jimmy olhava para a mesinha de centro como se sonhasse em rachá-la com um machado. – A sua irmã não ia morrer por demonstrar o mínimo de lealdade com você, não é? Não é melhor do que o que aconteceu comigo e o David, e aquilo foi… bem ruim. Ela não devia ter feito isso com você, Lena.

– Obrigada. – Franzi os lábios involuntariamente.

A opinião dele significava mais para mim do que deveria. A convicção em sua voz me acalmava. Era tentador jogar na mesa algumas coisas que o Brandon, meu ex-namorado, tinha dito. Deixar que alguém mais ouvisse aquelas bobagens, ouvir a voz de Jimmy esbravejando contra os argumentos dele, de que eu seria muito dura e difícil, desapegada e inacessível, e por isso ele teria recorrido à minha irmã, que não conhecia o significado da palavra lealdade e decidiu ficar com ele.

Fodam-se os dois.

Por outro lado, se Jimmy concordasse com algum dos argumentos do meu ex, isso me machucaria de uma forma para a qual eu simplesmente não estava preparada. Apesar de todos os seus defeitos, lá no fundo, ele me queria bem, e eu valorizava o que ele dizia mais do que poderia expressar.

– Enfim – retomei. – Obrigada por se abrir e me contar como você era naquela época… e tudo mais. Tem sido legal conhecer você melhor.

Ele deu de ombros.

– Falar costuma ajudar os dois lados nessas situações.

– Te ajuda? – perguntei.

– Não muito. Já assumi a responsabilidade por todos os problemas que causei e tenho tentado resolver. Hora de seguir em frente. – Ele ajeitou o cabelo para trás. – Isso ajuda você?

Eu o encarava paralisada. O amor era algo bem complicado e havia pouca simplicidade nesse caso. Consistia em camadas de emoções, pensamentos, lembranças, fossilizando-se em um único ponto sobrecarregado. Saber que aquela única pessoa em todo o mundo significa tudo para você. Razão e bom senso não tinham vez. Ainda que ele fosse um babaca complicado, eu ainda o adorava, inteiro.

– Não. O seu lado sombrio não me assusta, Jimmy. Nunca assustou.

– Deveria. – Ele lambeu os lábios, prendendo minha atenção completamente.

Por Deus, aquela boca, tão bela. Eu me sentia em queda livre. Parecia haver algo de real em seus olhos. Uma ligação verdadeira, uma emoção, que ultrapassava a nossa interação diária. Não sei, era difícil de explicar, mas, como sempre, estava fora do meu alcance.

Pela primeira vez eu dei as costas, em algum momento eu precisaria me proteger. A campainha tocou e o momento se perdeu. Melhor assim.

– Lembre-se, você prometeu não interferir. – Me levantei com um pulo, mas infelizmente Jimmy foi mais rápido.

– Não vou interferir, só quero conhecer o cara.

– Jimmy…

– Olá, você deve ser o Reece. – A porta se abriu e os ombros largos de Jimmy bloqueavam a visão.

– Jimmy Ferris, imagino – disse uma voz masculina amigável.

Eles trocaram um aperto de mãos e Jimmy deu um passo para trás. Reece tinha estatura média, boa aparência, um ar alternativo, cabelos negros curtos e óculos de aro grosso.

– Oi, eu sou a Lena – acenei.

Trocamos um longo olhar. Um dos protocolos sociais mais torturantes era o do primeiro encontro arranjado por outras pessoas. A pessoa que inventou isso merecia um belo tabefe na cabeça, mas, pelo sorriso de aprovação de Reece, eu parecia ter passado no teste. Talvez a noite fosse promissora, afinal.

– Vou apanhar meu casaco. – Me dirigi à sala apressada, sem perder a elegância. Sabe-se lá o que Jimmy poderia dizer ou fazer se ficasse muito tempo sozinho com ele. Esse encontro precisaria durar mais de quinze minutos, meu orgulho exigia isso.

– Onde você vai levá-la, Reece? – A voz de meu chefe ecoava em alto e bom som por toda a casa.

Apanhei meu casaco e minha bolsa e me apressei para voltar, fazendo um barulho alto de saltos batendo no chão de mármore. A inquisição precisava ser impedida antes que Jimmy afugentasse o rapaz.

– Estou pronta!

– Pensei em levá-la ao cinema, o que você acha, Lena? – perguntou Reece botando as mãos nos bolsos.

– Me parece bom. Vamos? – Rapidamente minhas bochechas já doíam de tanto sorrir. Forçar o sorriso por tanto tempo seria difícil.

Jimmy suspirou longamente sem sorrir.

– Ótimo. Espero que ela esteja de volta em… umas três ou quatro horas?

– Err, claro. – Reece arqueou as sobrancelhas ao responder.

– Apenas o ignore. – Abotoei meu casaco apressadamente. – Jimmy, falo com você mais tarde. Tenha uma boa noite.

– Dirija com cuidado – ordenou com um olhar fixo e austero que agora preocupava o meu pretendente.

– Como sempre – respondeu Reece, se encaminhando para a saída, obviamente satisfeito em estar de saída.

Segurando a maçaneta da porta, empurrei Jimmy para dentro.

– Entre, está bem frio.

Ele se manteve parado. Havia um olhar raivoso ali.

– Qual é o seu problema? – sussurrei.

– Não gosto do jeito dele.

– Ele parece legal.

Trocamos um olhar gélido.

– Não, tem algo errado com ele.

– Jimmy.

– São os óculos. Não confio neles. Deve estar tentando esconder algo.

– Eu uso óculos.

Ele deu de ombros e seu olhar dizia “como queremos demonstrar”. Idiota.

– Ele não é um maníaco com um machado, é amigo da Anne há bastante tempo. – Mantive a voz baixa. – Você prometeu se comportar.

– Mas e se…

– Você prometeu.

Ele se calou e, após uma última encarada em Reece, recuou, graças a Deus. Poucos sons eram tão prazerosos quanto o daquela porta finalmente se fechando.

– Ok – disse, ofegante, com um sorriso aliviado. – Podemos ir.

– Ele é sempre assim?

– Não, bem… Ele se preocupa às vezes, acho. – Eu não saberia explicar a súbita aparição desse sentimento de posse em Jimmy. Se ele não me queria,

precisava parar com a palhaçada.

– Anne me contou um pouco de você e da situação com o Jimmy, que você trabalha para ele e tudo. Não sou um maníaco com um machado.

– Você ouviu aquilo. Bom.

– Sem problemas – ele retribuiu meu sorriso sem graça com uma risada. – Vamos, então.

Reece tinha um carro grande e antigo, e realmente dirigiu devagar e com cuidado, a caminho do cinema na cidade. Ele comprou imediatamente um pacote grande de pipoca, o que contou vários pontos. Saber apreciar a importância desses belisquetes era fundamental. Caminhamos pelo saguão, observando os cartazes dos filmes e toda a parafernália de propagandas. Era preciso escolher o filme com cautela. Uma decisão errada e você perde duas ou três horas da sua vida, além do dinheiro.

– Nesse aqui tem coisas que explodem – eu disse, apontando para o cartaz de um filme de ação de sucesso. – E perseguições de carro.

– Você não prefere esse? – Ele se voltou para um cartaz de filme romântico. Nele havia um casal rindo sob a chuva. *Que clichê*, quase resmunguei. Tinha até a Liv Anders, a nova estrelinha loira de Hollywood.

Queria estar morta.

– Eu não sei.

– Anne disse que você podia gostar.

Havia algo no jeito como ele pronunciava o nome dela, algo que escolhi ignorar, por ora. Afinal de contas, ele já havia comprado a pipoca. Esse encontro tinha que ser melhor, era preciso que fosse.

– Aposto que termina em lágrimas – brinquei. – A heroína provavelmente pega uma gripe de tanto ficar na chuva e morre de pneumonia.

Ele piscou.

– Anne disse que tem um final feliz. Ela achou que a gente podia gostar.

Essa não, lá estava outra vez, esse tom de reverência. Certas relíquias sagradas são citadas com menos deferência do que o Reece demonstra ao falar o nome da Anne. A sensação ruim veio mais forte dessa vez e ficou em mim. Por educação decidi não perguntar diretamente se ele tinha concordado em sair comigo para agradar outra mulher, mas minhas suspeitas eram bem fortes.

– A Anne sugeriu? – perguntei.

Sorrindo, ele concordou com a cabeça tão efusivamente que temi que ele deslocasse o pescoço.

– A Anne é ótima.

Enchi a boca de pipoca e comecei a observá-lo, em vez dos cartazes, e ali estava todo o drama de que eu não precisava na minha noite. Nem era preciso

comprar ingresso para assistir ao desastre de um amor não correspondido em 3D. Nenhum carro foi danificado nem perseguido nessa produção.

– Sim, ela é. – Um ar sonhador e distante surgiu em seus olhos. Sinceramente espero que eu não seja assim quando penso em Jimmy. Vergonhoso.

– Você acha que ela está feliz com o Mal? – ele perguntou. – Quer dizer, ele parece tratá-la bem, não é? Eles não vão se separar, vão?

Não havia como não perceber o distinto tom de esperança em sua voz. Senti um arrepio nos ossos, apesar de estarmos em um lugar fechado. Meu coração chorou lágrimas tortas. Que bagunça. A noite era definitivamente uma tragédia. Um cigano com um senso de humor bastante perverso deve ter amaldiçoado a minha vida amorosa, eu tinha certeza. Todos esses encontros fenomenalmente fadados ao fracasso só tinham um elemento em comum, a minha presença, mas certamente a culpa não era apenas minha.

– Acho que não – respondi com gentileza. – Eles parecem comprometidos e apaixonados.

– Certo.

Ele retorceu a boca e imediatamente pensei que nem um filhotinho chutado pareceria tão derrotado.

– Você está a fim da Anne.

– Sim. – Suas mãos apertaram o balde de pipoca. – E você do Jimmy?

– Sim. Meu afeto também é rejeitado e não recíproco. Não somos um belo par?

Fitei o vazio na direção do bando que se amontoava na entrada do cinema. Tantas pessoas por aí, com dores e desesperos parecidos. Não somos únicos em nada, nem mesmo na dor, mas esta parecia tão grande que me consumia. Era estranho e perverso que isso fosse tão comum e cotidiano.

Droga, o amor é uma merda.

– Podemos ser amigos – sugeri.

Reece suspirou, balançando os pés.

– Amigos… claro. Ainda topa assistir àquele filme comigo?

– Claro, por que não?

– O violento?

Abri um sorriso.

– Fechado.

—

As cortinas se mexiam na janela da frente. Alguém nos espionava, e, para um homem de inteligência razoável, Jimmy Ferris não estava sendo muito racional

ultimamente – e a parte da minha vida que ele insistia em observar não era exatamente algo do que se gabar.

Reece esperou até que eu abrisse a porta da frente para ir embora, e eu assisti ainda do lado de fora à sua partida, até que as luzes de seu carro estivessem fora da minha vista. Final do segundo encontro. Vamos, Lena. Tivemos uma noite até que legal, mas não vamos sair outra vez. Ironicamente, trocar histórias de amor não correspondido e corações despedaçados não nos animou. Talvez, se eu tivesse decidido beber, a noite teria sido melhor, mas acabei me mantendo sóbria. Não sei direito, mas me sentia como se estivesse nessa jornada com Jimmy, e nenhum dos dois podia se dar ao luxo de fracassar. Parecia bobo, mas era verdade. O alcoolismo não era o meu fardo e nem simbolicamente eu conseguiria aliviar o dele. Eu não podia fazer nada.

– Já pode sair. – Fechei a porta e apoiei o casaco e a bolsa na mesinha lateral. – Sei que você está aí… espionando.

– A casa é minha e eu espiono onde eu quiser. – Ele surgiu da escuridão em que a sala se encontrava, camuflado nas sombras com sua roupa preta. – E não deixa as suas coisas largadas aqui, não, leva pro seu quarto.

– Sim, senhor.

– Como foi a noite?

Até tentei disfarçar o bocejo.

– Ok. E a sua?

Jimmy deu de ombros, entediado.

– Assisti a um pouco de televisão.

– Uhum. – Recolhi meus pertences. Era ridículo que só ele tivesse mobília e não deixasse ninguém usar, como se manter a aparência perfeita fizesse mais sentido do que realmente utilizar algo para o que foi feito de fato. Esse homem era simplesmente ridículo. – Vejo você pela manhã.

– Só isso?

Já pisando no primeiro degrau da escada, parei.

– Cheguei em casa inteira e cedo, logo, ele não é o maníaco do machado e você ainda não precisa procurar uma substituta. Precisa de mais alguma coisa?

– Você não se divertiu?

– O filme foi legal. Muitas explosões.

– Vocês se deram bem?

– Sim, ele é um cara legal, o único problema é que está apaixonado pela Anne, então não é exatamente o meu tipo.

– Ah. – Contemplativo, ele veio para perto de mim, se apoiando no corrimão. Não havia se barbeado hoje, e a minha vontade de acariciar sua barba por fazer parecia irresistível. Apertei forte minha bolsa de couro, tentando manter o

controle. Tudo nele me chamava, o olhar cauteloso e curioso, seu obscuro lado gentil.

Talvez se a mãe dele não tivesse causado tantos danos em sua infância ele seria diferente, menos gasto e danificado pelo mundo, mais aberto. Talvez, ainda, fosse um supermodelo, menos fofo e adorável. Me pergunto o que seria preciso, quantas mudanças seriam necessárias para que ele me visse de outra forma. Ele estava a menos de dois passos de mim, mas também estava infinitamente distante. Meu coração se partiu lentamente e senti cada pedacinho se estilhaçar e cair.

Não havia nada que eu pudesse fazer, nadinha.

Abri um sorriso cansado.

– Foi uma noite boa, até.

– A Anne sabe? – ele perguntou.

– Duvido muito, ou ela não teria sugerido que eu saísse com ele.

– Verdade.

– Acho melhor nenhum de nós dizer nada também.

Ele franziu a testa.

– Por que não? Não é melhor avisá-la?

– Ele tem sentimentos por ela, Jimmy, não está planejando um ataque. Esse segredo não é nosso pra espalhar e não vai mudar absolutamente nada. – Abracei meu casaco e minha bolsa contra o peito. – Reece não tem a menor chance, ela não gosta dele desse jeito, só como amigo, e ele sabe disso.

Pobre criatura.

– Não me parece certo esconder isso do Mal.

– Acho que só iria causar problemas. No fundo acho que o Mal já deve saber, não é como se o Reece escondesse bem o que sente.

Ele olhava por cima do meu ombro para a parede.

– Que estupidez, ficar preso a esse sentimento pela Anne sem ter chance alguma.

– Ninguém disse que o coração é esperto ou obediente.

Jimmy balançou a cabeça.

– É muita burrice. Ele precisa se erguer e superar isso. É patético, não me admira que a Anne não o queira.

Eu precisava me afastar dele antes que acabasse recorrendo à violência, pois essa conversa estava massacrando a minha cabeça.

– Uau. Sábias palavras.

Seus olhos brilharam e ele subitamente entendeu o problema.

– Eu não estava falando de você… Ahn, você obviamente não está na mesma categoria que ele.

– Não?

– Não, claro que não. – Ele pôs as mãos no quadril, até que mudou de ideia e as cruzou atrás da cabeça. Todos aqueles olhares estavam me enlouquecendo, mas pelo menos consegui fazê-lo parar de rir dos meus sentimentos. – Escuta, é uma situação completamente diferente.

– Que alívio.

– Sim, você ainda não percebeu que a gente nunca ia dar certo.

Ele me olhou e eu praticamente podia ver as engrenagens e parafusos trabalhando sob pressão em sua cabeça.

– Me explica melhor isso, Jimmy.

Tenho quase certeza de que vi o suor brotando em sua testa.

– Eu pareço o tipo de cara que leva um relacionamento a sério? Não, eu sou malandro.

Abaixei a cabeça.

– Só que não, nem sexo você tem feito.

– É verdade, mas, quando eu faço, não sou o tipo de cara que volta pro segundo round. Depois da primeira vez, já era. É bem o que eles falaram de mim no jantar, eu nem finjo mais estar interessado. – Ele segurou o corrimão com força. – Eles também não deveriam se preocupar mais. Sou uma aposta ruim, Lena. Vida familiar fodida, viciado em recuperação. Até os meus problemas tem problemas. Eu não quero nada disso, só quero ficar em paz, entende?

– Se você só quer ficar em paz, então por que não me deixa ir embora?

– Isso eu aguento. A gente bate boca, troca farpas, mas é bom. Eu só não consigo ir além, não mesmo.

A certeza em sua voz era de partir o coração.

– Como você sabe se nunca tentou?

– Não. – Seu olhar vinha de baixo das sobrancelhas castanhas, e seus dedos pálidos ainda seguravam com força o corrimão. – Tenho muito a perder.

Eu o encarei, atônita.

– Acho que provavelmente essa foi a coisa mais legal que alguém já me disse.

Ele cerrou os lábios, aparentemente não muito feliz com a notícia. Era muita informação para minha cabeça e eu precisava de algum tempo para organizar tudo, para entendê-lo melhor. As coisas estavam mudando de novo, eu podia sentir, mas ainda não entendia como. A situação era tão complicada quanto ele.

– De qualquer forma, eu acho que vou parar por aqui com os encontros – disse, pesarosa. – Vamos nos concentrar nas outras coisas. Se algo puder me convencer de que você é um monstro, aposto que vai ser a corrida.

– Lena, você precisa continuar com os encontros. – Pequenas rugas apareceram ao lado de seus olhos. – O próximo vai ser melhor. Divertido, eu

prometo.

– Eu não acho que Deus queira que eu tenha encontros. Os sinais foram bem claros.

– Mais um – disse, com um tom altamente persuasivo em sua voz. – Vamos lá, só mais uma chance e, se não der certo, você desiste, prometo.

– Não sei…

– Por favor? Viu, até fui educado.

– Que bom.

– Lena…

– Tudo bem, mais um e fim, e eu tenho uma condição. No próximo você fica proibido de chegar perto. Não vai nem ver, quem dirá interrogar o cara. Na verdade, não quero nem ver você. Se eu te vir por perto, fico no sofá a noite toda vendo televisão. Sem desculpas. Sem *mas* nem *talvez*. Temos um acordo?

Sua mandíbula estava tensa e tremia sob a pele.

– Combinado. O próximo encontro vai ser melhor, você não vai se arrepender.

Eu já estava arrependida.

CAPÍTULO DEZ

– O Adrian já mandou as informações dos primeiros lugares de shows, reservas de hotel etc. – Passei meu iPad para Ev.

Estávamos sentadas na escada, assistindo aos rapazes trabalharem no novo estúdio do porão. Os toques finais tinham sido dados na véspera e Jimmy tinha caprichado. As paredes estavam cobertas do chão ao teto alternadamente com vidro e revestimento à prova de som, bem como reluzentes equipamentos de ponta. A alegria em seus olhos quando os rapazes aprovaram o trabalho foi adorável. Tive a impressão de que o estúdio e o equipamento eram a sua forma de se desculpar pelo passado, sua forma de tentar consertar as coisas.

De uma forma ou de outra, o estúdio era uma boa coisa.

– Parece que a campanha publicitária só começa pra valer depois do Ano-Novo. Não tem muita coisa agendada até lá. Umas duas entrevistas, acho que só.

– Isso é bom, eles precisam de um intervalo.

– Sim.

Um australiano esquelético chamado Taylor e sua deslumbrante esposa Pam, de ascendência nativo-americana, nos esperavam na porta quando voltamos da corrida (entre tropeços e caminhadas) pela manhã. Normalmente, depois de me torturar, Jimmy costumava sair pra correr de verdade sozinho. Hoje, no entanto, ele ficou deslumbrado em receber esses convidados. Seus momentos mais amigáveis que eu já testemunhara eram breves sorrisos trocados com Ev, volta e meia. Ele até suportou um ligeiro abraço de Pam, apesar de seus braços enrijecerem e da expressão de desagrado. Nunca conheci alguém tão avesso a deixar as pessoas se aproximarem.

Taylor aparentemente era um amigo de longa data, e também auxiliar de turnê/técnico de som/guru das gravações. Sua esposa, Pam, era fotógrafa. Ela prontamente sacou uma câmera muito legal e começou a fotografar os rapazes em ação no novo estúdio. Eu a segui, fazendo uma série de perguntas.

Por sorte, ela não se importou com isso.

Pam disse que eles pensavam em usar as fotos no encarte do próximo álbum. Ela até me deixou brincar com a câmera, dando dicas de quais botões usar. O jogo de luzes em fotografia e a forma com que altera o clima de um ambiente era

incrível. Eu nunca tinha estado perto de um fotógrafo profissional antes. O dia inteiro, sempre que tive chance, andei junto dela. Era divertido, interessante e desafiador de uma forma que administração simplesmente não era, pelo menos não para mim. Fora que brincar com a câmera afastou meu mau humor.

– Segure assim – Pam recomendou, reposicionando meus dedos ao redor da Nikon.

Levei a câmera aos olhos novamente, observando atenta o zoom automático focar e desfocar diversos objetos.

– É incrível. O mundo parece tão diferente. Os detalhes, as luzes e tudo.

– Sim – sorriu Pam. – Parece mesmo.

– Eu não vou querer saber quanto custa uma destas, né?

– Não – confirmou ela. – Não mesmo.

Jimmy ofereceu a Pam e Taylor um quarto de hóspedes desocupado, mas eles recusaram, pois já tinham reservado um hotel na cidade. Uma pena, pois eu ia gostar da chance de passar mais tempo com ela e a câmera.

– Então… – começou Ev. – Jimmy ligou tarde da noite ontem. Me pediu pra organizar uma noite das meninas, me disso algo sobre você precisar se animar um pouco.

Rangi os dentes. Havia várias coisas me deixando ansiosa e agitada o dia inteiro, e o rumo dessa conversa não parecia ajudar.

– Ele não precisava fazer isso.

– Ouvi sobre o encontro com o Ben.

– Isso me lembra de que eu ainda não agradeci pelas flores.

Ev sacudiu a cabeça.

– Ainda não acredito que ele foi embora. Bem, até acredito, só preferia que não tivesse acontecido.

– O encontro com o Reece também não foi um grande sucesso. Ele é um cara legal, mas eu acho que não estou com cabeça pra esses encontros.

– O Jimmy se conteve melhor dessa vez?

Fiz sinal de mais ou menos com as mãos.

– No geral sim, mas não fez diferença, o Reece está a fim da Anne.

– Ok, resolvido. – Ev me devolveu o iPad. Olhando para o outro lado, começou a tamborilar os dedos na parede. – Preciso dizer uma coisa aqui e você pode me crucificar depois se quiser ou não, como preferir. Eu amo o Jimmy, ele é família para mim, mas você, Lena, ainda não percebeu que ele foi machucado de formas que ainda estamos começando a entender.

– Ev…

– Me deixe terminar, por favor. – Se ela estivesse sendo ligeiramente menos sincera, eu teria levantado e ido embora. Minha vida amorosa já era sofrida o

bastante sem isso.

– Tudo bem – respondi.

Ev brincava com a ponta de sua trança.

– Ele já falou alguma coisa sobre a mãe desde que ela apareceu em Idaho?

– Não, na verdade. Não é um assunto costumeiro.

E, sobre o pouco que falou, pediu segredo.

– Mas ele fala com você, mesmo que só um pouco, não sei qual o seu milagre. David disse que ele raramente discutia a infância, mesmo com o terapeuta. Recusava-se.

Seus olhos se encheram de preocupação.

– É por isso que você não pode ir embora, se você se importa…

– É claro que eu me importo.

– Mas você se importa demais, não é? Esse é o problema.

Deixei meu silêncio responder.

– Não quero ver nenhum dos dois machucado. O Jimmy tem feito muita coisa, só pra se recuperar, nos últimos seis meses – ela engoliu em seco. – Ele estava decidido a passar por isso sozinho até você chegar. Já te ocorreu que ele pode não estar pronto ainda para lidar com certos tipos de pressão? Ele foi aconselhado a não se envolver em relacionamentos sérios no primeiro ano da recuperação.

– Você acha que eu faria alguma coisa para magoá-lo?

– Não de propósito.

Subitamente senti raiva e fiquei irritada.

– Sabe, não dá pra ter o melhor dos dois mundos. Eu tenho que me importar, ficar, lidar com ele. – Levantei-me, pois precisava de mais espaço. – Mas eu não estou autorizada a ter sentimentos e complicar as coisas.

– Lena, espere.

– Você acha que eu não sei que ele é frágil?

Ev pegou o tablet e se levantou também.

– Acho que agora os dois são.

Ela talvez estivesse certa, e eu posso ter reagido em excesso a algo besta.

– O que está acontecendo? – perguntou Jimmy, surgindo no pé da escada, parecendo qualquer coisa menos frágil, pelo menos por fora.

Maravilha. Agora o David estava aqui também, todo preocupado.

– Querida.

– A culpa foi minha – disse Ev, descendo a escadaria. – Eu disse a coisa errada.

– Lena? – Jimmy começou a subir as escadas na minha direção.

Lá embaixo, David levou Ev para longe de nossa vista, me deixando sozinha

com Jimmy.

– Não, eu… Merda. – Me escorei na parede me sentindo muito estúpida e esgotada. – Está tudo bem.

– Não, não está, não minta para mim. O que está acontecendo? – ele perguntou, parado no degrau abaixo de mim. Isso nos colocava quase que exatamente na mesma altura.

Droga, ele era lindo, por dentro e por fora, e nunca será meu. Tinha essa informação como certa dentro de mim, e isso me endurecia, pois era definitivamente inegável. Ainda assim, esperava-se que eu ficasse, estivesse com ele, o apoiasse, tudo que eu, ao mesmo tempo, queria e não queria fazer profundamente.

– Estou sendo muito pouco profissional novamente – respondi.

– Só isso?

Era uma pergunta retórica, mas me fez pensar. Por dentro, o turbilhão de emoções se agitava. Não era apenas minha falta de profissionalismo.

– Preciso de um abraço – disse.

– Quê?

– Preciso de um abraço. – Repeti, apreciando a ideia. – Sim, é disso que eu preciso. Nem me fale daquela farsa de encontro com o Ben, e a noite passada com o Reece foi bem ruim também.

Sua boca se abriu, mas segui falando.

– Você é meu amigo mais próximo ultimamente, Jimmy. Esse cargo vem com certas responsabilidades.

Com os olhos bem abertos, ele observou longa e dolorosamente o teto.

– Mas que merda. Já não basta encher a geladeira com a sua torta de chocolate favorita nessa época do mês? Eu tenho que lidar com isso também?

– Sim. Aparentemente, sim. – Eu deveria ter me surpreendido, mas não foi o que ocorreu. Já estávamos vivendo juntos por vários meses e, para alguém tão autocentrado, Jimmy percebia as coisas mais estranhas. Minha menstruação, que chegara no meio da manhã, certamente explicava o meu mau humor das últimas vinte e quatro horas. – E eu gosto de torta.

– Ótimo. Eu não abraço.

– Todo mundo abraça.

– Eu não, não sou muito de toque. – Ele cruzou e descruzou os braços. – Só durante a transa, e nós não vamos fazer nada assim.

Ele estava tentando me escandalizar. Eu já sabia disso nele a essas alturas. Imaginei o quão escandalizado ele ficaria se eu me oferecesse, mas em vez disso retruquei:

– Você me tocou nada menos que dezoito vezes no último mês. Você toca

mais do que percebe.

Seus olhos se arregalaram e voltaram a se cerrar.

– Você tirou esse número da bunda, não é?

– Uns contam bebidas, eu conto toques.

– Não vou abraçar você.

– Você é um homem ou um rato? – perguntei, desafiadora.

– Sou seu chefe.

Boa resposta. Ainda assim, em Coeur d'Alene, quando ele precisou de apoio, simplesmente me agarrou. Não houve debate, sem negociação. Não me perguntou se eu queria, só pegou o que precisava. O que eu precisava agora era dele, e cada molécula dentro de mim sabia disso.

Foda-se. Me joguei sobre ele.

Jimmy me segurou com um resmungo, passando as mãos na minha cintura. Meus braços se enrolaram em seu pescoço. Podia ter acidentalmente quebrado meu nariz em sua clavícula, mas não me incomodei. Ele estava obrigado agora a me consolar, fisicamente. A dor na ponte do nariz era ignorável. O homem estava petrificado, e eu quase podia sentir o cheiro do medo, mas estar tão perto dele assim era o paraíso para mim.

Maravilha, puro prazer.

Sua respiração estava ofegante, e seu peito se movia rapidamente contra mim, suas costelas subindo e descendo. Esperei que ele me afastasse, ou tentasse me jogar longe como uma rolha de garrafa. Gradualmente, seus músculos duros feito pedra amoleceram junto de mim. Uma mão inexperiente deu tapinhas em minhas costas, fora de ritmo. Aparentemente, seus anos como músico e seu talento inato se perderam com o meu abraço. Ah, o poder, eu nunca mais ia soltá-lo.

O som das nossas respirações em conjunto ecoava na escadaria.

– Lena?

– Shh, estou me concentrando. – Apertei o abraço, caso ele tentasse se soltar e fugir.

Ele cheirava muito bem, um pouco de colônia cara misturada ao suor e ao próprio cheiro dele. Graças a Deus ele se esqueceu da camiseta que eu roubei, que ainda tinha o mesmo cheiro forte, mas nada como cheirar direto da fonte. Apesar da dor no meu nariz, era um encontro de nossas peles, ainda que apenas a base do pescoço dele. Maravilha.

– Seu nariz está frio – ele reclamou.

– Quieto. Você está estragando o clima.

– Não tem clima nenhum. Você está agindo feito louca.

Lá embaixo as pessoas falavam, ouvia-se o som da bateria, mas nada era mais

importante que o aqui e agora.

– Já acabou? – ele perguntou.

– Não.

– Só mais um minuto e acabamos com isso, Lena.

– Dois.

Ele respirou fundo.

– É bom que não seja assim todo mês daqui pra frente.

Jimmy deu mais um tapinha tímido, outro, então lentamente me abraçou, passando a mão por baixo do meu cabelo. Seus dedos acariciavam ritmadamente a minha nuca. Nos sentamos ali, e sentia meus seios amassados contra o peito dele. Seu queixo descansava no alto de minha cabeça, e eu sentia sua respiração bagunçando meu cabelo. Apesar da diferença de altura, tínhamos um encaixe perfeito. Sua outra mão deslizava para cima e para baixo por minha coluna, me aproximando ainda mais dele. Cada vez ele ia mais longe, seus dedos passavam a minha cintura e chegavam à curva da bunda. Minha respiração acelerava cada vez que sua mão ia para baixo, morrendo de curiosidade para saber quão longe ele iria, esperando que fosse ainda mais longe.

Meu abraço terapêutico estava rapidamente se tornando proibido para menores.

– Sinto muito que os encontros foram uma merda – ele disse, por fim.

Eu não queria falar sobre os encontros.

– O de hoje à noite vai ser melhor.

Qualquer outro homem ficaria confuso.

– Lena?

Maldição.

– O quê?

Sua boca parecia muito fina.

– A Ev te aborreceu mesmo?

– Não. Vamos resolver entre nós mesmas.

– Tem certeza? Eu falo com ela, se você quiser.

– Você faria isso?

– É claro!

– Você é incrível, Jimmy Ferris! – suspirei alegremente.

– Jesus, agora você está me assustando. – Ele segurou o meu quadril. – Ok?

– Sim.

Ele esboçou um ligeiro sorriso hesitante enquanto ajeitava a camisa, colocando-se apresentável. Estranhamente, ele parecia quase tímido e ainda olhava para baixo, evitando meu olhar.

– Tá certo. Vou voltar pro trabalho agora. – Ele não se moveu, em vez disso

me olhou como se não tivesse certeza de quem eu era ou o que estava fazendo em sua casa. Uma mão trêmula espanou a frente de sua camisa.

Sorri com gentileza.

– Obrigada, Jimmy, eu estava precisando.

Ele pausou como se estivesse prestes a dizer algo, mas manteve o silêncio. Por fim, acenou com a cabeça e desapareceu.

—

– Diga uma palavra que seja sobre a minha roupa e eu chuto você – ameacei o homem sentado ao pé da escada, e cada palavra era verdade.

– Eu não ousaria. Que horas ele chega? – Jimmy olhou para cima, inspecionando meu jeans e o suéter preto justinho. Por Deus, eu era atraente e sabia como usar isso a meu favor. Apesar dos meus seios fartos, sua expressão vazia se manteve inalterada. Ele estava na academia, malhando desde que todos saíram, menos de uma hora antes. O suor umedecia o seu cabelo e as costas de sua camiseta cinza.

– Ele não vem aqui – respondi. – Vou me encontrar com ele na cidade.

– Você não confia que eu não vá dizer merda?

– Não, não confio.

– Posso te levar lá então?

– Já estabelecemos que não confio que você não vai falar merda. Além disso, eu posso dirigir sozinha. Nós, mulheres, somos livres nos dias de hoje. O próximo passo é poder votar.

Ele arqueou as sobrancelhas com um olhar severo.

– Certo. Não dá pra você ir com a porcaria do seu carro, ele está fora de uso há meses. Sou eu quem dirige sempre.

– A porcaria do meu carro vai dar conta. Obrigada.

Ele soltou um longo suspiro sofrido, como quem admite a derrota.

– Leve a Mercedes então. Pelo menos assim eu sei que você vai chegar bem lá.

– Você é um doce por se preocupar comigo.

Ele grunhiu.

– Posso levar o Cuda?

– Nem fodendo.

Eu sorri, maliciosa.

– Assim você fere a minha alma, Jimmy Ferris.

Ele apenas me observava, enquanto eu ajeitava o meu cabelo no espelho da entrada.

– Vai fazer o que hoje? – perguntei.

Jimmy flexionou os ombros e braços, esticando o algodão fino da sua camiseta.

– Não decidi ainda.

Ao perceber algo em sua voz, pausei. Notei algo de solidão ou tristeza que não tinha ouvido antes. O homem parecia beirar o desânimo. Ele estar irritadiço e mal-humorado era coisa normal, já isso era diferente.

– Nenhum dos rapazes volta? – perguntei. – Não quis sair com eles? – Eles trabalharam aqui o dia todo. Vamos estar juntos em turnê todos os dias. Não preciso começar agora.

Não gostei da resposta, mas fazia sentido.

– Não está passando nenhum jogo? Não vou estar por perto para me queixar da monotonia insuportável, pelo menos desta vez.

– Não estou com cabeça para assistir à TV.

– Vai fazer o quê, então?

Ele gemeu.

– Posso me entreter sozinho.

– Claro que pode. – Apanhei o casaco e a bolsa à minha frente. – Estou confiando em você para avisar se precisar de mim por perto esta noite.

– Não preciso de você por perto.

Hesitei ao ser fitada por seus olhos frios.

– As chaves estão no carro – ele disse.

A situação me deixou pensativa quanto ao que aconteceria com Jimmy se eu fosse embora. Não me importava quantas estacas de gelo ele lançasse com seu olhar, eu sabia que ele não estava congelado por dentro, só gostava de fingir. Eu tinha visto a sua dor e insegurança. Talvez o que Ev disse mais cedo tivesse grudado na minha cabeça. Era preciso fazer concessões para mantê-lo na linha. Eu tinha que pensar adiante, fazer o que fosse melhor para ele. O amor vinha em variadas formas e tamanhos, mas se não fosse realmente baseado em fazer a coisa certa para a pessoa amada, tudo isso valia de quê, então?

Nada.

Meu sentimento por ele estava se transformando em amor. Não importava o quão assustador fosse isso tudo, havia uma espécie de calma em encarar a verdade. Talvez não fosse esse destino original, mas rapidamente se tornava um fato.

– Acho que você deveria sair com alguém também – eu disse, pronunciando cada palavra com dificuldade. Nem sei como consegui terminar a frase.

– O quê?

– Acho que você deveria ter alguns encontros também, para o nosso bem.

Pense nisso.

Ele fungou.

– Estou bem assim. É uma ideia idiota.

– E se esconder do mundo aqui é uma ideia boa? Não me parece uma boa solução a longo prazo.

– Não, Lena, você está certa. – Ele bateu palmas e esfregou as mãos freneticamente. – Já sei, vamos curtir no meu bar favorito um pouco. Bebemos umas doses pra nos lembrar dos velhos tempos, eu pego uma ou duas garotas e trago aqui em casa pra brincar. Divertido, né? Todo mundo aproveita.

Eu não tinha nada a dizer sobre aquela sugestão.

– O que foi, não gostou do meu plano?

Mudança de planos. Meu presente de Natal seria exterminar aquele sorriso estúpido da carinha dele. Ninguém mais me deixava tão doida.

– Se você conseguir parar de ser babaca por um minuto eu explico o que quis dizer – respondi.

– Por favor, então.

– Você precisa de algo a mais – continuei, enfaticamente. – Você precisa de amigos fora da banda, além de mim.

– Em resumo, eu vou para os encontros para você se sentir melhor? – Não, Jimmy. – Apertei meu casaco contra o peito como um escudo. – Você vai sair porque está pronto. Você é um homem maravilhoso que tem muito a oferecer a uma mulher quando não está sendo completamente escroto, tipo agora.

Ele aplaudiu lentamente.

– Isso foi lindo, Lena. Poético. Quase chorei.

– Quando você fica assim? Quando está assustado? É a sua forma de TPM ou o quê, exatamente? Precisa de um abraço? – Me aproximei dele. – Juro que estou tentando entender o que causa toda essa merda, mas no fim das contas você é um homem crescido, no controle da sua vida, está escolhendo agir como um completo idiota e com isso afasta as pessoas que se importam com você. Me explica.

– É um dom.

– Tente novamente. – Me ergui furiosa, enquanto ele se manteve sentado. Ele tinha muita sorte por eu não ter uma arma. Lentamente Jimmy também se ergueu e, com todo seu tamanho, quase tive que dar um passo para trás, mas me recusei. – Pois bem?

O contorno de sua boca se contorcia.

– Você não desiste nunca, né?

– Por que diabos eu ia desistir?

Naquele instante, seus olhos pareciam ter se acinzentado, como se ele tivesse

visto demais nessa vida e envelhecido subitamente. Sua voz se atenuou.

– Que destemida, você.

– Não, eu simplesmente me recuso a ter medo – disse. – Ao longo dos anos muita gente criou o hábito de correr para atender às suas ordens por medo de ser alvo dos seus comentários ácidos, ou mesmo da lendária fúria dos Ferris. É bobagem. Não vou agir assim. Você não é uma criança cansada dando chilique, é um adulto. Você pode escolher ter autocontrole e é hora de fazer essa escolha.

Ele apenas me encarou, inexpressivo.

– E então?

Ele ergueu a mão, cuidadoso como sempre, e levantou uma mecha do meu cabelo, ajeitando-a atrás da minha orelha. Em seguida, ele se inclinou o suficiente para que seus lábios roçassem minha orelha, com seu hálito quente.

– Você está certa, eu fui um babaca com você agora.

– Eu sei – sussurrei de volta.

Seus olhos sorriam, ainda que seus lábios não o fizessem. Ele levou um tempo estudando meu rosto.

– Você não precisa ter medo de mim nunca. Eu não vou te machucar.

– Sei disso também. – Não, ele nunca faria isso. Não de propósito.

– Pode ir. Vai para o seu encontro, Lena.

Ergui o queixo.

– Pense no que eu disse.

Ele suspirou e concordou com a cabeça, relutante.

– Combinado.

—

– Essa é a décima primeira vez que você pega o seu telefone na última meia hora. Tem algo errado?

– Por Deus, sinto muito – disse, guardando a porcaria do aparelho de volta na bolsa. – Você estava me explicando em detalhes o que faz um técnico de som e eu acabei me distraindo, terrivelmente rude da minha parte.

Meu pretendente abriu um sorriso torto. Merda, ele era bonito. O problema em passar uma temporada com os garotos deslumbrantes da Stage Dive é que você perde a noção de normalidade. Era com rapazes assim que se construíam os melhores sonhos pornográficos. Bem aqui ao meu lado, Dean Jennings era tudo isso e um pouco mais. Seu cabelo castanho caía sobre os ombros e os lábios exibiam um piercing de prata, enquanto os olhos verdes me encaravam com pouca graça.

– Trabalho com Jimmy já faz seis anos.

– Ele comentou.

– Escuta, eu sei que ele é bem difícil às vezes, então se você precisar voltar pra casa eu vou entender e podemos sair outra noite.

– É muito legal da sua parte, mas ele está bem. Ele me queria fora da casa mesmo, então deve estar precisando de espaço.

Dean concordou com a cabeça.

– Acho ótimo como ele ficou limpo de tudo.

– Sim.

– Não deve ter sido fácil.

– Não mesmo.

Ele cutucou o rótulo da sua garrafa de cerveja. Ao nosso redor, pessoas bacanas se divertiam no bar, que ficava no subsolo. Estávamos em Chinatown e o lugar era um dos favoritos da banda e dos botequeiros em geral.

Talvez fosse esse o bar que Jimmy disse que era seu favorito, embora eu não pudesse imaginar alguém de terno naquele ambiente. Algumas mulheres ali definitivamente chamavam atenção também. Havia uma jukebox tocando os clássicos indie, um par de máquinas de fliperama e uma mesa de sinuca. O lugar tinha um agradável ar sombrio, com o piso pegajoso, e oferecia deliciosas batatas fritas apimentadas. Provei uma e meu paladar chorou de gratidão, ou talvez eu estivesse babando, mas de qualquer forma eram muito boas.

– Desculpe. Acho que você não pode ficar falando dele, não é? – perguntou Dean, me trazendo de volta à realidade mais uma vez.

Eu meio que cobri minha boca com a mão.

– Não, não mesmo.

– Tem cláusulas no meu contrato sobre não falar deles também, mas já que você é da equipe…

– Mundo estranho o nosso, não é? Vivemos à margem da vida de pessoas famosas.

Ele riu.

– Sim, é. Já vi algumas coisas ao longo dos anos, quando todos eles eram solteiros e faziam farra toda noite, era bem insano.

– *Groupies* e todo tipo de coisa nojenta?

– Tudo isso. – Ele tomou mais um gole de cerveja.

Bem, isso me interessava. Me inclinei para a frente, com os cotovelos apoiados na mesa que compartilhávamos.

– Conte-me tudo, não me esconda nada!

– Eles me matariam.

– Se você não está disposto a correr o risco para matar a minha curiosidade, qual a sua utilidade?

Ele sacudiu a cabeça, com seus olhos brilhando. Um cara bonito, não lindo de morrer como Jimmy, mas ninguém mais era, mesmo. Eu não era nenhuma modelo e, ainda assim, Dean se aproximou de mim, sem perder o sorriso. De vez em quando, seu olhar recaía sobre os meus fartos seios. Era perdoável e, na verdade, eu até que gostava disso. Ser admirada como uma mulher de verdade era uma sensação boa que eu não tinha havia um bom tempo.

– Posso te contar da vez em que ele convidou duas garotas para o palco, em Roma, uns cinco anos atrás. É tudo mais ou menos de conhecimento público, de qualquer forma – ele disse.

Engoli em seco, horrorizada. Fofoca era terrível.

– Me lembro de ter ouvido alguns rumores na época.

– Jimmy tinha bebido demais, todos eles bebiam muito na época. No começo foi legal, elas só ficaram penduradas nele durante a apresentação, mas logo depois, durante o solo de guitarra de Dave, os três começaram a dar uns amassos. Uma delas enfiou a mão na calça do Jimmy, a outra abriu a fivela do cinto e, logo depois, o zíper. O Jim estava rindo muito, sem se importar. Os seguranças subiram no palco e acabaram com a bagunça, mas a polícia parou o show mesmo assim. Ele levou uma multa gigantesca por isso.

– Uau.

– Por sorte ninguém tirou fotos nítidas.

– Muita sorte.

Dean sacudiu lentamente a cabeça, com os olhos brilhando de admiração.

– Jimmy era infernal na época.

Fiz uma careta.

– Ele estava fora de controle, só se machucando.

– Sim. Isso também.

– Acho que prefiro o homem que ele é hoje.

– Claro – disse Dean rapidamente. – Sem dúvidas.

– Você nunca ficou tentado a pegar a guitarra ou algum instrumento e subir no palco por conta? – perguntei para mudar de assunto.

– Eu não sou Jimmy Ferris. Fico assustado pra caramba com multidões. Aquele monte de gente te encarando me dá arrepios. – Ele estremeceu ao comentar.

Eu ri.

– Tem razão, não é a minha praia também.

– Sim. Já eles, parece que foram feitos para isso. Especialmente o Jim. Esse cara é uma lenda viva.

Concordei com a cabeça. Em seguida me ocorreu o pior pensamento possível e não consegui tirar aquilo da cabeça.

– Ele não está te pagando para me levar para sair hoje, está?

– O quê? Porra, não, claro que não – respondeu, recuando. – Por que raios você pensaria isso?

Bati a testa na mesa, e meus cabelos caíram ao redor, como uma cortina para cobrir minha estupidez.

– Desculpa. Eu não quis dizer que você se prostituiu por mim.

– Lena?

– Eu sinto muito.

– Lena, olha para mim.

Uma mão apertou suavemente meu queixo, me encorajando a me levantar. Seus olhos eram tão maravilhosamente verdes que me perguntei se seriam lentes de contato. Não faria diferença, eu já estava muito grata por não serem azul-gelo. O rosto de Dean era maior que o de Jimmy, menos esculpido. Ele não era tão alto, mas olhava para mim como quem gosta do que vê, como se eu me encaixasse em seus critérios, quais fossem eles. Sem desdém, sem impaciência. Era refrescante.

– Ei – murmurei. – Vamos esquecer a minha pergunta besta?

Muito cuidadoso, ele colocou meu cabelo para trás das orelhas, como Jimmy tinha feito antes de sair de casa. O contato era surpreendente, mas eu me mantive imóvel, deixando que Dean se aproximasse, curiosa para saber onde tudo isso ia parar.

– Eu gosto de passar vergonha de vez em quando – comentei. – Deixa a vida interessante.

– Certo, vou me lembrar disso – ele sorriu. – Acho que temos uma boa oportunidade de nos divertir um pouco. Pensando nisso, que tal dançar comigo, Senhorita Morrissey?

Meu sorriso pode ter sido lento, mas era bastante sincero.

– Eu aceito.

—

Perto da meia-noite, Dean me acompanhou até o meu carro. Quer dizer, o carro do Jimmy, é claro. Dean olhou longamente para o caríssimo e brilhante veículo, mantendo-se em silêncio.

– Jimmy insistiu que eu viesse com ele – disse subitamente, sentindo-me constrangida. – Ele ficou preocupado comigo dirigindo na chuva. Eu tentei recusar, mas…

Dean apenas sacudiu a cabeça.

– Bem, de qualquer forma… – Eu precisava aprender a calar a boca. Nem me

fale em protestar demais.

Minha nuca estava suada de tanto dançar e por isso me arrepiei inteira no ar gelado da noite; senti meu corpo agradavelmente cansado enquanto meu cérebro lentamente adormecia. Eu precisava acordar se quisesse voltar dirigindo para casa. Se eu deixasse um arranhão que fosse no carro, Jimmy ia me matar.

– Gostei da nossa noite – disse, oferecendo a mão a Dean.

Sorrindo, ele segurou minha mão, puxando-me suavemente em direção a ele. Seus lábios tocaram os meus. Lábios quentes, respiração quente, tudo quente, seu rosto estava tão perto do meu. Não fechei os olhos, acho que estava um pouco abalada. Aquele momento tinha me afetado, parecia bobo, mas era verdade. Meu Deus, seus cílios eram muito longos. Eu nunca tinha beijado alguém com um piercing no lábio antes. Senti o metal pressionar o canto da minha boca, era definitivamente uma sensação estranha.

Ele deu um passo para trás e sorriu.

– Adoraria ver você de novo.

– Eu também. – E eu estava sendo sincera, tivemos uma noite muito boa.

Ele levou as mãos aos bolsos de sua calça.

– Vejo você depois, então. – Eu procurei minhas chaves na bolsa. – Boa noite.

Logo que me acomodei no carro ele se inclinou e acenou. Eu acenei de volta e parti sorrindo, enquanto ele esperava minha saída na calçada.

Esta noite tinha sido muito melhor, sem comparação com a outra. Um encontro com um cara legal, inteligente, que me surpreendeu com um beijo leve no final. Foi doce. Não é preciso encontrar alguém que revire o seu mundo para ser feliz; sentir explosões por dentro e ligeiros ataques cardíacos não era necessariamente a receita para ser feliz a longo prazo. Esse breve calor de contentamento bastava.

Jimmy ficaria satisfeito.

CAPÍTULO ONZE

Na manhã seguinte, nós estávamos na metade do quarteirão quando Jimmy parou, com a respiração ofegante. Não, tá bom, essa era eu. A respiração de Jimmy não estava nem mesmo pesada, apesar de a corrida ter me bagunçado por dentro. Isso não podia ser saudável. Se bem que eu já tinha corrido bem mais do que ontem antes de desmoronar. O progresso era uma coisa lenta, gradual e agonizante.

– Você voltou tarde ontem à noite. – Ele inclinou a cintura para se alongar.

– Sim, nós fomos dançar. – Não é de se espantar que as minhas panturrilhas estivessem me matando de manhã.

Jimmy resmungou alguma coisa que eu não fazia ideia do que queria dizer.

Quando eu liguei no meio do meu encontro para saber se estava tudo bem, ele disse alguma coisa sobre estar brincando no violão. A conversa fora breve. Ele relatou basicamente que estava bem, me mandou voltar para meu encontro e desligou na minha cara. Uma típica conversa ao telefone com Jimmy.

Ele se ergueu.

– Andei pensando no que você disse, sobre eu voltar a sair.

Tentei não parecer surpresa.

– E?

As árvores do outro lado da rua deviam ser fascinantes, pois seu olhar estava fixo nelas.

– Liguei para uma velha amiga. Ela, err… ela ficou sóbria recentemente também, passou pela reabilitação. Conversamos um tempo. Ela está pensando em vir de Los Angeles para me rever.

– Jimmy, isso é muito bom. – Eu tentei sorrir. Juro por Deus, eu dei tudo de mim, mas meu rosto estava rígido e pareceu falso.

Rever pode significar muitas coisas. Na minha mente distorcida, rever um astro do rock tinha tudo a ver com sexo e nada a ver com um café entre amigos. Afinal, estávamos falando de Jimmy Ferris. Sua abstinência ainda me surpreendia. Ele parecia um enorme animal mal-humorado rondando a casa, rosnando. Muito facilmente, minha mente produzia imagens sombrias dele, afundando os dentes em alguém, lambendo e arranhando. Agora eu estava

ofegante por outro motivo. Minha mente suja estava fora de controle.

Ele disse que só tocava as pessoas quando ele trepava. Aposto que essa velha amiga teria em pouco tempo a marca dos dedos dele por todo o corpo, moça de sorte. E pensar que eu dei essa maldita ideia.

Por Deus, como eu me odiava.

– Ótimo – soltei, tentando mentalizar Dean. Tão bonito e doce e tudo mais, bem mais perto do meu alcance. Ele não fazia o tipo destruidor de corações como Jimmy, não havia necessidade de pôr uma alerta de perigo em sua bela testa.

– Sim. – Quando ele finalmente olhou na minha direção, fiz um esforço para disfarçar minha miséria da melhor forma. – Escuta, Lena. Sinto muito ter sido um idiota quando você sugeriu, acho que me pegou um pouco de surpresa.

– Você me pedindo desculpas? – ele fez aquela idiotice com o queixo. – Uau.

– Não aja como se fosse grande coisa – ele murmurou.

– Não. Não, tudo bem. Você pode apenas repetir mais uma vez para mim?

Ele revirou os olhos.

– Sinto muito.

– Eu te perdoo. Só não faça isso de novo ou eu chuto a sua bunda até a próxima semana.

– Você tem metade do meu tamanho.

– Ah, mas eu sou bastante motivada e tenho uma excelente coleção de botas de bico fino. Considere-se avisado.

– Certo – disse ele, com um misto de cautela e diversão. Ele não fazia ideia do quão sério eu estava falando. Nos pés de uma dama rancorosa, essas botas podiam fazer um belo estrago.

Ele se aproximou de mim, inspecionando a região da minha boca.

– O que foi? – perguntei, tentada a encobrir o rosto com a mão.

– A sua pele está um pouco arranhada de barba.

– Ah. – Esfreguei os lábios, mesmo sabendo que isso só serviria para piorar as coisas. O sentimento de culpa brotou dentro de mim por algum motivo, como se um beijo no primeiro encontro fosse um crime. Tudo tinha acontecido tão rápido. Dean deu um passo na minha direção e seus lábios estavam nos meus, eu só deixei. A verdade era essa, coloquei todos os sentimentos por Jimmy de lado e deixei Dean me beijar. Ele não chegou nem à segunda base.

– E como foi? – ele perguntou, muito mais perto do que o necessário, observando fixamente os meus lábios. O medo de seu olhar estranho me imobilizou. O que eu não queria saber era exatamente o que ele estava perguntando. Se eu não perguntasse, poderia fingir que ele estava se referindo à comida da noite passada ou a algo tão inofensivo como o tempo.

– Foi… bom – eu disse.

– Bom – ele comentou, com a voz baixa e hipnotizante. – Você gostou.

Dei de ombros, e qualquer outra confirmação me parecia de alguma forma perigosa.

– Você o deixou ir até onde? – Seu olhar passou pelo meu pescoço, peito e, onde quer que ele olhasse, eu acendia. Eu estava suada, descabelada e fedendo. Quando ele me olhava desse jeito, nada mais era importante. Precisei de muito esforço para não cruzar os braços sobre o peito. Só me restava torcer para que o meu moletom com capuz fosse grosso e largo o suficiente para esconder qualquer evidência de excitação. Meus mamilos estavam em contínuo entusiasmo por aquele homem, aquilo era um erro.

– É o quê? – perguntei.

– Por baixo ou por cima da roupa?

– Isso eu não conto.

– Pensando bem – comentou pensativo –, você não parece ser do tipo que dá tudo de primeira.

Alinhei os ombros, enrijecendo a postura.

– Você está certo, Jimmy, eu sou uma virgem brilhante e pura. Minha capacidade de manter as pernas fechadas é uma inspiração para todos. Agora podemos parar de falar sobre isso?

– Você está desconfortável?

– Oh, como se não fosse esse o seu objetivo.

O canto de sua boca se contorceu.

– O que eu posso dizer? Você me interessa, não é como a maioria.

– Isso é excelente e eu me sinto quente e formigante com isso, mas, apesar de tudo, não vou te contar sobre a minha intimidade com outro homem.

Voltei a mover as pernas, uma sequência de tropeços disfarçados de corrida. Muito estilo. Muita graça.

Um momento depois, ele diminuiu o ritmo, apenas caminhando ao meu lado. Como sempre, suas pernas longas e seu bom preparo físico faziam troça da minha falta de fôlego.

– Vamos, Lena. Você não pode me deixar viver vicariamente através de você, só um pouquinho?

– Não.

– Você não está impressionada que eu conheça uma palavra dessas, logo eu, que larguei a escola? – ele riu, sem parecer exatamente feliz com isso.

– Não.

Ele me deu um sorriso cínico.

– Certo.

– Com tudo que você já conquistou nessa vida, você acha que eu ia duvidar da sua determinação ou inteligência?

– Todas as drogas e merdas, você quer dizer? Sim, disso eu conquistei um monte.

– Você é um empresário bem-sucedido e um músico experiente, já ganhou um monte de prêmios e é aclamado pela crítica – reagi. – Nossa, que terrível! Você cometeu alguns erros. Quem nunca? Você pagou por eles e seguiu em frente.

Seus olhos se estreitaram.

– É isso que você realmente pensa de mim?

– Sim. Você também tem uma triste tendência a ser um babaca ocasional, mas estamos trabalhando nisso. Tenho grandes esperanças de que você se recupere completamente.

A rigidez de sua mandíbula informava que ele não estava convencido. A insegurança sobre a sua educação era, obviamente, profunda.

– Não é como se eu tivesse feito faculdade – eu disse. – Eu não me saí bem o suficiente para conseguir uma bolsa de estudos. O pai de um amigo tinha uma empresa e ele me deu uma chance de trabalhar como recepcionista, eu tive sorte, caso contrário, eu provavelmente estaria fritando hambúrgueres pelos próximos cinquenta anos.

Ele assentiu com a cabeça.

– Obrigado.

– Sem problemas.

Corremos por um tempo em silêncio, mas, claro, ele não podia deixar isso quieto, podia?

– Então, me diga, Lena, como seria um bom primeiro encontro? Você que entende dessas merdas. Me ensine, como se faz para conquistar uma garota?

– Não posso falar. Correndo.

Ele bufou.

Nenhum de nós falou por meio quarteirão, ainda bem. Conversar com Jimmy era perigoso para a minha saúde. Ele realmente deveria vir com um grande adesivo vermelho de perigo na testa. Na verdade, o adesivo precisaria cobrir todo o seu rosto. Se você só tivesse que lidar com aquele corpo quente, talvez houvesse uma chance de resistir. Ah, e a sua voz – meu Deus, a voz dele – foi criada para fazer partes íntimas de uma garota cantarem. Não que eu quisesse pensar em sexo, em cantar ou no Jimmy, nem qualquer variação com paixão e luxúria das três coisas misturadas.

Minha mente, por outro lado, estava claramente contra mim.

– Sabe, eu acho até que estou melhorando – eu disse, por fim. Minha necessidade de preencher os silêncios era uma fraqueza. – Já não estou ficando

sem fôlego tão facilmente.

– Que bom. Então, você vai sair com ele de novo?

– Ainda estamos falando sobre isso?

– Sim. Por que ele merece um segundo encontro?

Eu gemi.

– Porque ele é agradável.

– Você anda muito liberal com essa palavra. *Agradável.* Ele é agradável. Tive uma noite agradável. Não sei se alguma mulher já usou essa palavra se referindo a mim.

Eu tirei fios molhados que grudavam na bochecha.

– Você sabe ser agradável quando é conveniente.

– Eu não quero ser agradável, Lena – ele riu. – O uso dessa palavra para descrever o Dean me faz pensar que sair com ele deve ser quase tão interessante quanto ficar por horas em uma reunião de negócios com o Adrian. Talvez você devesse sair com outra pessoa.

– Ei! Foi muito divertido sair com o Dean. Por exemplo, ele não me incomoda com perguntas pessoais inadequadas feito você.

– Você vai transar com ele?

– Jimmy!

– O quê? – Ele mal escondeu o sorriso malicioso. – Qual é o problema?

– Tenho certeza de que havia algo no nosso contrato de trabalho sobre nunca se levantar o assunto sexo. Além disso, você está sendo rude.

– O contrato de trabalho? – Sua covinha brilhou. – Acho que já passamos dessa fase, não é mesmo?

Ele tinha razão.

– Provavelmente, sim.

– Se eu me preocupasse com o contrato de trabalho, você teria sido demitida no segundo dia.

– Você não faria isso.

Ele lançou um olhar divertido.

– Bem, talvez. Mas sua vida não teria se iluminado sem mim.

– Certo – ele brincou. – E se ele tivesse levado você a um restaurante caro? Será que ele teria conseguido te tocar?

– Você está sugerindo que eu me prostituiria por uma toalha de mesa de linho e uma refeição cara completa?

– Só curiosidade. Você não seria a primeira.

– Puta merda, você está falando sério. – Ele me deixava confusa de várias maneiras. Nós realmente vínhamos de mundos diferentes. – Isso é tão… incrivelmente…

– O quê?

– Triste. Apenas triste. Jimmy, você precisa procurar algo melhor. Tente namorar pessoas que não vão cair com as pernas abertas só por causa do seu saldo bancário.

– Isso mantém a vida simples e fácil.

– Fácil. Sei. Fácil não parece ter feito muito bem a você. Na verdade, essa facilidade bagunçou todas as coisas na sua vida, é claro.

Ele revirou os olhos de novo. Se continuasse assim, ia acabar tendo alguma lesão.

– A complicação certa pode ser exatamente o que você precisa, Jimmy.

– Perda de tempo. – Sua voz era resoluta. – Se isso não rolar no primeiro encontro, por que tentar de novo?

– Bem, isso é algo que você precisa descobrir por conta própria. – O mundo pareceu borrado por um momento e precisei piscar algumas vezes para lidar com as gotas de suor ardendo em meus olhos. – Você só sai com uma mulher se quer fazer sexo com ela?

– Praticamente… Fora você. – Ele jogou o cabelo para trás.

Consegui manter o meu suspiro desejoso para mim mesma. Na verdade, era bem triste o quanto eu apreciava uma coisa tão simples.

– E essa garota que vem te visitar?

– O que tem ela?

– Bem, ela só serve para sexo ou você pode tentar ter algum tipo de relacionamento com ela?

– Eu não sei – ele disse. – Ainda não pensei nisso.

Havia muitas coisas que eu poderia dizer, porém nenhuma delas era muito certa ou imparcial.

– E se for apenas sexo? – ele perguntou.

– Você não quer mais nada?

– Tenho tudo que preciso. Você sugeriu que eu saísse mais. É isso que estou fazendo. Se rolar de eu estar fazendo isso com uma garota com quem eu gosto de trepar, qual é o problema? Eu tenho você para conversar, eu não preciso de *um relacionamento*, independente do que você pensa.

Esfreguei os olhos com o dorso das mãos. Maldito suor, tão sujo e inconveniente. De todas as secreções humanas que eu podia emitir perto dele, tinha que ser justo essa?

Ele apenas sacudiu a cabeça em face da minha aparente tolice.

– Então, você espera para fazer sexo no terceiro ou quarto encontro? Mais ou menos isso?

Eu parei, olhando para ele extremamente admirada.

– Eu por acaso te pergunto quantas vezes você se masturba, Jimmy?

– No mínimo uma vez por dia, ultimamente – ele simplesmente soltou a informação como se fosse absolutamente irrelevante. – Minha libido meio que desapareceu por um tempo, mas voltou forte e vingativa. Você está certa com o lance de namorar, se não rolar nada logo vou acabar quebrando o pulso.

– Fica quieto! – Tapei minhas orelhas, respirando profundamente. Esse era o limite. Todas as imagens do Jimmy se masturbando podiam ficar longe da minha imaginação, da minha mente suja, pervertida e excessivamente descritiva. – Não somos o tipo de amigos que fala sobre essas coisas.

– Você leva sexo muito a sério.

Eu parei de tentar bloqueá-lo, até porque não era exatamente possível, mesmo com esforço.

– Eu levo, é?

– Sim. – Aquele sorriso, ai, Deus, seu sorriso, eu queria tirar do rosto dele com uma picareta. Eu seria gentil, pode confiar.

– Por outro lado, você não leva a sério os sentimentos de jeito nenhum – eu disse. – É uma grande piada para você.

– Eles não são uma piada para mim. Mas uma coisa não depende da outra. Esse é o seu erro.

– Por Deus, Jimmy, isso é tão clichê. Você é o homem galinha e eu sou a garota sensível. E eu nem sou particularmente sensível, pelo amor de Deus, só que, comparada a você…

– Comparada a mim o quê?

– Bem, você é muito reprimido. Não se permite sentir nada até explodir e perder o controle.

Ele balançou a cabeça, deixando escapar um suspiro.

– Me explica como raios eu dizer que o sexo e as emoções não precisam estar juntos te leva a este ponto. Eu sinceramente estou perdido.

– Olha, o que você disse é verdade – respondi. – Sexo pode ser apenas uma atividade física para fazer você se sentir bem. Não tenho problema algum com isso.

Ele zombou.

– Você que acabou de me condenar por isso.

– Não. Eu só condenei a sua insistência em não poder ser nada mais que isso. Só acho que você deve ter relações sexuais com pessoas de quem você realmente gosta, pra variar. Pode ser revigorante pra você.

Um ombro grosso se contraiu, acho que foi um encolher de ombros.

– Você acha que eu deveria ter dormido com Dean na noite passada então? No primeiro encontro?

– Eu não disse isso. – Um pé de seu tênis cutucou o chão, como a grande besta feroz que ele era. – Eu só acho que falar sobre foder ou não foder não deve ser um problema. É da natureza humana, todo mundo faz.

– Exceto nós.

– Sim, com exceção de nós. Precisei passar a vida a limpo, sabe? Abandonar tudo e começar do zero, entrar nos eixos – ele disse, com um suspiro. – Abrir mão de sexo não foi nada em comparação com deixar a cocaína. Eu me sentia um Deus quando usava, nada podia me afetar. Parar não foi fácil.

– Não, eu aposto que não foi.

Ele sorriu para mim, sorriu de verdade, exibindo suas covinhas duplas. Porcaria. Meus joelhos enfraqueceram, meus dedos se curvaram, era tão impressionante que nem o brilho das estrelas e da lua se comparava àquilo. Era como se unicórnios pudessem voar.

– Então, Lena, querida, conta pra mim, por curiosidade. Quando você transa?

Me aproximei, parando bem ao seu lado. Ele demonstrou preocupação, ao franzir a testa, fazendo com que as covinhas desaparecessem. Era bom que ele se preocupasse, mesmo.

– Jimmy, meu amor – eu disse, com a voz doce e suave. – Eu não transo com um cara até ele ter coragem suficiente de vir falar comigo sobre os seus sentimentos.

Fui seguida pelo riso na maior parte da corrida de volta para casa.

—

A campainha tocou logo depois das duas da tarde. Lá embaixo, a banda e a equipe estavam tocando após um almoço feito com tudo o que tinha na geladeira. Eu já tinha alertado os nossos fornecedores de que precisaríamos de mais comida. Com os rapazes trabalhando aqui o tempo todo, podíamos facilmente triplicar o pedido de sempre, talvez até um pouco mais. Mal sozinho parecia comer o equivalente a seu peso em cada refeição. Depois disso, como ele conseguia pular e tocar bateria, eu não fazia ideia. Passei o dia servindo-os. Quando eles estavam gravando, era preciso contribuir e ajudar no que eu pudesse. Se isso significasse fazer café e buscar refrigerantes, eu fazia. Dean tinha vindo trabalhar com eles hoje, um bônus de alegria.

Corri para subir as escadas, balançando cada parte de mim. Só pra lembrar: eu não perdi o fôlego, a corrida estava começando a dar resultados. Que bom para mim.

Para o caso de haver algum paparazzo aleatório por perto, afrouxei meu rabo de cavalo para esconder o rosto. A tela da câmera de segurança mostrava uma

mulher escultural bastante desconfortável do outro lado da porta. Enormes óculos escuros cobriam seu rosto. Interessante.

– Olá? – Eu estava ali parada, abrindo minimamente a porta para dar uma boa olhada nela. Então, todo o meu mundo congelou.

Maldita. Liv. Anders.

A estrela do cinema.

Então era essa a velha amiga de Jimmy. Ela obviamente não perdeu tempo e veio logo para Portland para encontrá-lo. Meu coração voltou a funcionar gradual, lenta e dolorosamente. Ela media mais de um metro e oitenta, era magra, bronzeada, tinha cabelos loiros platinados e me olhou por cima de seus óculos de marca. Eu era a morena baixinha usando jeans e uma camiseta de manga longa. Adorável. Por gentileza, apenas ignore minha palidez. Ela usava belas sandálias de tiras, apesar do clima frio e úmido, e até mesmo seus pés estavam impecáveis. Para acalmar o meu orgulho, essa mulher não podia ter pelo menos uma unha lascada ou algo assim? Certamente, não era pedir demais.

A culpa era exclusivamente minha, na verdade, eu acho que é o que você ganha por se apaixonar por um Adônis do rock'n'roll. Suas ex-namoradas ou parceiras de foda ou o que quer que Liv fosse eram necessariamente impecáveis. O cuidado que ele tinha com seu cabelo era prova disso. Como se ele não aceitasse nada menos que um corpo perfeito.

– Oi – eu disse com uma voz fraca.

– Lena? – Com uma mão ela baixou os óculos. – Você é a Lena, não? Jimmy falou de você, mencionou que estaria aqui.

Eu pisquei.

Ela estendeu a mão.

– Oi.

Minha mão tremia muito antes do aperto. Felizmente, ela pensou que eu estava fascinada. Deixe a dama pensar o que quiser.

– Entre, por favor.

– Obrigada. – O sorriso dela oscilou diante de meu comportamento estranho. Que se dane, eu estava fazendo o melhor que podia, dadas as circunstâncias. Imagens de Jimmy e Liv juntos inundaram meus pensamentos. Ele com seu cabelo escuro e ela com seu ar ensolarado de californiana, um contraste tão dramático que faria qualquer câmera devorá-los.

Eu, por outro lado, não engolia isso. Não teria coragem de descer as escadas e ver a expressão dele quando a visse. Isso me mataria. Era tão raro ele sorrir para mim que mesmo um lampejo de sua covinha fazia o meu dia. Se Liv Anders ganhasse um sorriso completo, eu derreteria em uma poça de miséria ali mesmo.

Então, em vez disso, apontei meu polegar na direção do porão.

– Eles estão lá embaixo. Trabalhando. Eles, err… Sim. Você pode descer.

– Tudo bem. – Seu sorriso se transformou em plástico, fixado no lugar. Acho que suas habilidades de atuação não são tão boas, afinal. – Prazer em conhecê-la.

– Sim.

– Vejo você mais tarde.

Eu não tinha nada.

Com passos delicados, ela desceu. Eu queria odiá-la, minha vida seria mais fácil assim, mas Liv realmente parecia um pouco decente, até amigável. Se pelo menos ela fosse uma cadela nojenta, seria razoável que eu antipatizasse de primeira.

– Ei – exclamou Dean ao sair da cozinha. Ele apareceu naquela manhã com Taylor e esteve ocupado no estúdio o dia inteiro, eu mal tinha conseguido dar oi. – Eu estava pensando, o que acha de fazer alguma coisa hoje à noite?

– Me parece bom. – Abri para ele meu melhor sorriso. Legal, o Dean era normal. A visão dele não conseguiu acalmar meu coração, já que esse é o órgão mais desvairado que existe. Eu deveria exigir um transplante. – Gosto da ideia.

– Ótimo. Tentei ficar um pouco a sós com você o dia todo.

– É mesmo?

– Sim, estamos bem ocupados lá embaixo. – Ele se aproximou. – Eu gosto do seu cabelo assim.

– Obrigada. – Meus poros vazavam gratidão ao som de suas palavras amáveis, era realmente patético. Sua mão deslizou pelo meu braço, seus dedos passearam sobre os meus, até que estávamos de mãos dadas. Meus músculos se desembaralharam e relaxaram. Eu não estava sozinha. Minha vida não tinha acabado porque Liv Anders tinha chegado, eu podia seguir em frente.

Isso era bom.

Considerando nossa pouca intimidade, dar as mãos era como um soco. Sexo era ótimo, mas não era tudo e, em se tratando de Dean, eu simplesmente ainda não estava pronta. Ficar de mãos dadas funcionava. Isso levaria a mais beijos, um pouco de carícias, talvez alguns toques, seguidos eventualmente de uma esfregação nos lugares certos. O caminho que leva ao sexo deve ser desfrutado em um ritmo lento, as preliminares de namoro e a parte de conhecer alguém só poderiam ser feitos uma vez, portanto, precisam ocorrer da maneira certa.

E Dean era agradável.

Jimmy podia pensar o que quisesse sobre a palavra. Agradável era agradável. Tinha o seu lugar entre as coisas possíveis de se sentir por alguém no começo, e era o que eu queria sentir por Dean. O sentimento por ele era agradável, indolor e plausível. Três coisas que eu tinha começado a valorizar cada vez mais. Os meus dias de jogar coração e alma aos pés de Jimmy Ferris tinham chegado ao

fim.

Havia uma certa culpa em namorar o Dean enquanto eu tivesse sentimentos pelo Jimmy, mas se eu não quisesse esses sentimentos, se eu estava disposta a trabalhar para superá-los…

– No que você está pensando? – ele perguntou.

– Besteira do trabalho. – Não era exatamente uma mentira. – É melhor eu voltar lá pra baixo.

– Preciso voltar também – disse, dando o seu sorriso torto.

Assim acabamos descendo a escadaria que levava ao estúdio de mãos dadas, bem na hora em que os rapazes e toda a equipe estavam de saída.

Os olhos de Jimmy fitaram nossas mãos enlaçadas e seu rosto se enrijeceu. Poderia ter sido apenas impressão minha, mas tenho certeza de que a temperatura na sala disparou para níveis vulcânicos.

– Se ela está aqui, está trabalhando, Dean – ele disse, com sua voz seca e hostil.

Que diabos?

– Certo. – Dean largou a minha mão como se tivesse sido mergulhada em veneno. – Desculpe, Jim.

– Na verdade eu estava no meu intervalo – retruquei, apesar do fato de eu nunca ter tido uma pausa oficial desde que comecei a trabalhar com ele. Provavelmente havia muitas em aberto.

Um músculo saltou na mandíbula de Jimmy.

– Lena, eu te pedi as informações sobre a entrevista da semana que vem.

– Já deixei à sua espera no escritório.

– Eu não estou no escritório, Lena. Estou aqui.

– Percebi. Só um momento e eu vou lá buscar pra você.

– Se não for te dar muito trabalho.

– De forma alguma, Jimmy. Faço qualquer coisa para você.

Sua mandíbula se endureceu.

– E podemos fazer as coisas sem carregar seu namorado durante o horário comercial daqui pra frente – ele completou.

Carregando? Mas que merda. Havia muitas respostas possíveis para aquela afronta, mas todas vinham acompanhadas da possibilidade de levar Dean ao risco de demissão.

– Devidamente anotado.

– Ótimo.

– Maravilha.

Ele só me encarou.

De qualquer forma, eu tive a última palavra na discussão e ganhei. Tome isso,

seu maldito deusinho idiota, tirano e arrogante. Eu não sabia se ele estava com ciúmes ou o quê, mas talvez ele surtasse e me despedisse desta vez. Ele certamente parecia bastante irritado e seus olhos prometiam toda sorte de danos. Parte de mim esperava que ele o fizesse, meu coração batia forte dentro do peito. Faça, faça, faça.

– Isso já basta – ele retrucou.

– Eu não falei nada.

– Nem precisava.

Era verdade. Podíamos ler um ao outro muito bem, às vezes.

Todo mundo tinha congelado por um breve momento durante o nosso combate verbal, tudo para assistir à conversa. Mesmo Liv, a estrela de cinema, parecia desconfortável com a cena. Ela se virava para um lado e para o outro, com os olhos arregalados pela confusão.

Então Mal deixou escapar um lamento alto.

– Odeio quando a mamãe e o papai brigam!

O baterista enlouquecido correu até as escadas para fazer uma saída dramática. Se Dean e eu não estivéssemos colados na parede, teríamos sido derrubados. David engasgou com uma risada, Ben pelo menos teve a decência de virar as costas antes de rachar de rir e, atrás deles, Taylor e Pam não disseram nada. A estrela de cinema ainda estava alheia ao ocorrido. Em seguida, sua mão deslizou por baixo do braço de Jimmy, envolvendo e apertando com os dedos seu forte bíceps antes de soltá-lo.

– Jimmy?

Ainda agitado, a raiva começou a sumir de seu rosto.

– Sim, Liv. Por que não saímos?

Dava para entender como ela tinha feito milhões, pois seu sorriso iluminou a sala. Por sorte minha e da minha sensibilidade, o rosto de Jimmy se manteve inalterado.

– Posso trocar uma palavrinha com você antes? – perguntei a ele. Era preciso tirar a limpo essa história de dar as mãos. E o fato de eu não saber lidar com a ideia de ele ir embora com ela, e do que poderia acontecer em seguida. Eu simplesmente não estava pronta. Mais um minuto ou dois e talvez eu estivesse bem, se pudéssemos consertar essa última parte.

– Não agora – ele disse.

– Mas…

– Agora não – sua voz foi um chicote cortante em mim.

A farra dos rapazes cessou subitamente.

– Jim – disse David, com o rosto sério.

– Fica fora disso, Dave. – Jimmy estendeu a mão para Liv e ela aceitou.

Aparentemente, a questão comigo tinha sido encerrada.

– Nós vamos interferir – Ben disse, lançando olhares preocupados quando passou por mim na escada.

Eu sorri de volta, determinada.

– Até mais tarde, rapazes.

Por Deus, todo mundo sabe do meu grande amor não correspondido?

Ou não; as palavras doces do meu chefe tinham surtido efeito neles também. Talvez eles pensassem que eu ia derreter em lágrimas. Mas que inferno, seria necessário mais do que as palavras ásperas de Jimmy Ferris para me fazer isso. Dean já estava longe de mim, preocupado com seu trabalho, sem dúvida, era justo. Nós tivemos um único encontro, não era o suficiente para abrir mão de sua carreira. Quando David passou, ele estendeu a mão, segurando a minha e apertando-a. Não sei como Jimmy reagiu, pois segui seu irmão escada acima sem olhar para trás. Isso não significava que eu não o faria se arrepender por essa humilhação depois.

Liv disse algo atrás de mim e Jimmy respondeu com uma voz relativamente controlada. Eu não quis saber o que foi.

Eu pedi por isso, sugeri que ele voltasse aos encontros, o empurrei direto para ela. Por outro lado, ele me fez ir a encontros também e me atacou por eu me atrever a segurar a mão de alguém. Estava fervendo de raiva por dentro, como o inferno. Eu não precisava ouvir merda. Jimmy estava de saída, ele realmente não se preocupava nada com as informações da entrevista. Em vez de cumprir o meu dever, eu poderia muito bem ir para o segundo andar. Não corri, pois correr seria insinuar que eu era uma covarde em plena fuga. Também não bati a porta do quarto; em vez disso, tranquei-a com calma.

Tudo estava bem.

Eu estava bem.

E Jimmy Ferris podia ir se foder.

CAPÍTULO DOZE

A maçaneta da porta do meu quarto começou a chacoalhar pouco depois das cinco, me acordando da soneca vespertina. Estive escondida no meu quarto por três horas. Um mortal inferior poderia ter chorado até dormir, mas eu tirei um cochilo com uma pequena porção de drama do canal lacrimal.

Tanto faz.

Eu estava deixando Jimmy Ferris me virar do avesso. Era hora de começar a agir como uma mulher adulta e acabar com esse absurdo.

– Lena – ouvi me chamar, seguido de mais batidas.

Levantei minha cabeça cansada do travesseiro, esfregando os olhos doloridos.

Algumas batidas.

– Abra a porta.

– Você veio para se desculpar? – perguntei.

– Por que diabos eu tenho que me desculpar?

Lentamente me sentei.

– Ah, eu não sei. Digamos que por ser um hipócrita que grita comigo e me envergonha na frente de outras pessoas, para começar.

Um momento de silêncio.

– Não seja ridícula, abra a porta.

– Não.

– Abre. A. Porta.

– Podemos discutir isso amanhã, Jimmy. Boa noite. – Estava disposta a ir para cama sem jantar. Pela primeira vez, a minha barriga não importava e meu coração estava muito dilacerado para se importar.

Nesse momento, Jimmy explodiu.

– É a porra da minha casa e você trabalha pra mim. Não é legal você o carregar por aí durante o horário comercial. Onde diabos está o respeito? Você está no meu horário, e sabe muito bem disso. É uma absoluta bobagem. Vocês dois saíram totalmente da linha. Eu te pago, você é a minha assistente, e ele tem a porra da ousadia de tentar algo com você pelas minhas costas, na minha casa. Ele não tem nada que tocar você, nunca. Eu não quero ver essa merda acontecer novamente, ele vai ficar longe de você. O filho da puta nem sequer te defendeu,

Lena. Você notou isso? Eu não sei como diabos você está pensando em ter qualquer coisa com aquele merdinha.

Fiquei boquiaberta encarando a porta. Claramente, o homem tinha perdido sua preciosa cabeça. Ele não dizia coisa com coisa, mas continuou. Aparentemente, o fato de que ele arranjou o meu encontro com Dean tinha sido completamente esquecido. Incrível. Eu precisava desligar, para o bem da minha sanidade. Cruzei as pernas e encostei na cabeceira da cama, esperando que ele fosse embora.

—

Eventualmente, o silêncio tornou-se ensurdecedor em ambos os lados da porta. Esforcei-me para ouvir alguma coisa, qualquer coisa.

Então, a batida forte começou.

Boom!

O primeiro barulho de osso rangendo fez meu corpo inteiro saltar. Da segunda vez não foi muito melhor. A porta do quarto quebrou e Jimmy se encaminhou para dentro, parecendo duas vezes mais alto que o normal, de forma que deixaria a maioria das montanhas com vergonha. A justa indignação ardia em seus olhos. Vermelho tingia sua pele. Talvez devesse ter ficado com medo, mas estava muito ocupada ficando puta.

– Você acabou de arrombar a minha porta? – gritei o óbvio. – Você enlouqueceu?

– A minha porta, sim. – Ele marchou em direção à cama, parecendo ter três metros de altura. Então, subitamente ele parou. – Você estava chorando?

– Não. Eu estou muito bem. Obrigada por perguntar. A minha porta, por outro lado, nem tanto! – Tenho certeza de que minha aparência, provavelmente de olhos vermelhos e pele manchada, contavam uma história diferente. Mas que se dane. Essa era a beleza de chorar feio, seu legado duraria horas, inalterado por um sono de beleza. Eu provavelmente parecia ter sido atropelada pelo semirreboque que era a lenda do rock’n’roll Jimmy Ferris.

Ele se sentou na beirada da minha cama. Seus ombros largos estavam caídos pela metade, pelo menos.

– Você estava, você estava chorando, porra. Eu não acredito nisso.

Dai-me força! Como se fosse um crime contra ele, e eu que devesse pedir desculpas.

– Meus olhos estão autorizados a fazer o que quiserem, Jimmy. Não há nada no contrato de trabalho sobre isso.

Enquanto isso, a pobre porta estava destruída sem chance de reparo, ele tinha realmente a arrebentado. Insano. Como tinha acontecido essa guinada para o drama e a loucura total, disso eu não fazia ideia…

– Lena. – Sua voz era como uma suave ordem. – Olhe para mim.

Respirei fundo.

– O quê? O que você quer que eu diga, Jimmy?

Ele se virou, prendendo os lábios fechados.

Que confusão. Peguei um travesseiro e abracei-o contra o meu peito.

Não parecia haver indícios óbvios de sua transa com Liv Anders, mordidas em seu pescoço ou o que fosse. Não que isso estivesse me deixando louca, talvez um pouco sentida. Uma dor de cabeça fraca de todas as lágrimas permaneceu atrás dos meus olhos doloridos. Tínhamos começado o dia rindo e provocando um ao outro, e era triste tê-lo terminado dessa forma.

Jimmy se arrastou para a cama, sentando-se ao meu lado com as costas na cabeceira. O sistema de aquecimento estava ligado e era o único ruído em toda a casa.

Sentamos lado a lado, sem dizer nada.

Eu o estudei com o canto do olho, suas mãos se mexiam no colo, pegando pedaços soltos de fiapos de sua calça jeans preta, alisando-os. Quando terminou de alisá-los, ele cruzou os braços sobre o peito, mas seus dedos continuaram se estendendo e fechando, repetidamente.

– Você me magoou – eu disse, por fim; afinal, um de nós precisava ser corajoso e se confessar.

Seu queixo se ergueu.

– Não faz isso com o queixo, diga alguma coisa. – Esperei um momento, mas minha paciência não foi recompensada. – Por que você arrombou a porta?

Ele se virou para mim, com os olhos torturados.

– Jimmy?

– Eu não pude suportar isso, você me trancando para fora. – As palavras pareciam se arrastar para fora dele, chutadas e gritadas. – Você deveria ter me respondido. Não deveria ter… não deveria ter feito isso.

– Por que não?

Seus olhos se estreitaram.

– Que porra você quer dizer com “por que não”?

– Por que eu deveria abrir a porta para você, se você estava gritando comigo? Se tem agido como um idiota completo e feriu meus sentimentos? Pare por apenas um minuto, ponha-se no meu lugar e me diga, por que eu deveria deixar você entrar?

Ele emitiu um ruído nasal.

– E não me venha com essas merdas de “eu-sou-o-chefe”, “é-minha-casa”, “eu-pago-você” – eu disse. – Sim, é tudo verdade. Mas na verdade mesmo isso não importa nestas circunstâncias, estamos além disso.

– Mas…

– Não.

Suas narinas inflaram e seus olhos brilharam de emoção.

– Você não deveria ter me trancado para fora.

Apenas fiquei olhando para ele.

– Eu precisava… – Uma mão gesticulou sem rumo na frente dele enquanto ele procurava palavras. – Eu precisava falar com você cara a cara, tá bom?

Para ele, isso era tudo. Não havia mais nada além disso.

As palavras se acumulavam na minha língua, desesperadas para sair. Levei um momento para limpar meus pensamentos e formar uma frase coerente.

– Você precisava falar comigo tão desesperadamente que arrombou minha porta.

Nenhuma resposta.

– Jimmy, isso soa como uma amizade normal para você?

– Eu sei. Eu estraguei tudo – disse ele com a voz áspera.

– O que você fez? – Fui tomada pelo medo. Fora a palidez, ele parecia bem, as pupilas estavam normais. Por favor, Deus, ele não pode ter usado nada.

– Você.

– Eu?

– Você. Hoje. Eu estraguei tudo. Sinto muito, Lena, eu só… Sinto muito. Só falei merda e eu sabia que não era certo. – Ele fez uma careta. – Sinto muito.

– Honestamente, Jimmy, suas palavras não estão me convencendo.

– O que eu faço então? Diz pra mim. Eu não sei lidar com essas coisas – ele disse. – Como reagir.

– O que você quer fazer?

– Eu queria consertar as coisas, mas eu só ferrei ainda mais. – Com os olhos agitados, ele cerrou os dentes. – Na banda, sempre tinha a música para acalmar se as coisas saíssem de controle. Se a música está indo bem, o resto se arruma. Mas não há nada parecido com isso entre nós. Eu não sei o que fazer quando algo acontece.

– Você fala comigo, Jimmy. Não precisa gritar como um louco e fazer loucuras. Você simplesmente me procura para conversar – eu disse. – Simples assim.

Ele não respondeu.

– Por que você pirou quando me viu segurando a mão do Dean?

– Eu não sei. – Ele deu um rosnado baixo e recuou, olhando-me no rosto. – Apenas me diga o que fazer para me desculpar. O que você quer? Eu compro o que for preciso.

– Eu não quero que você compre nada.

– Bem, o que posso fazer?

– Nada – respondi, visto que pedir que ele ficasse pelado provavelmente estava fora de cogitação. Implorar para ele nunca mais ver a Liv Anders ficou em segundo lugar. – Você pode arrumar a minha porta. Isso seria legal.

– É claro que vou consertar a porta, mas você tem que querer mais do que isso. – Ele parecia tão inflexível, com olhos iluminados e fervorosos na ideia de reparar as coisas. O problema era que eu não poderia ter o que realmente queria. Nós já tínhamos estabelecido isso.

– Tudo bem – eu disse. – Vamos dar um passeio no Barracuda para a minha sorveteria favorita.

Ele deu de ombros.

– Claro.

– Mas… – Meu dedo indicador do destino pairava diante de seu rosto. – Eu dirijo.

Sua boca se abriu.

– Isso não é negociável. Você acabou de perguntar como poderia fazer para me compensar e eu estou dizendo como. Vou dirigir o Barracuda e você vai no banco do passageiro. Você não fará comentários sobre a minha condução e ficará feliz.

Ele lançou um olhar arrogante.

– Tudo bem. Mas só para tomar um sorvete.

– É claro, Jimmy.

—

– Você se acha muito esperta, não é?

Eu sorri e me encolhi ao seu lado, usando-o como uma proteção contra o vento. Seu grande corpo duro tinha que ser útil para alguma coisa. Estava tão frio que meus dentes batiam.

– Quem, eu?

Ele ergueu uma sobrancelha e lambeu sua casquinha de sorvete coberto com delícia de pistache. Eu não olhei para a sua língua. O meu olhar só vagou em sua direção, só isso, nem um pouco minha culpa.

– O ar salgado do oceano não é estimulante, Jimmy?

– O seu está derretendo.

– Ah. – Eu cuidei da delícia de caramelo triplo antes que escorresse pelos meus dedos. – Mm, delicioso. Melhor sorvete de todos. Eu não disse que eles têm o melhor sorvete das redondezas?

– Sim, você disse. Muitas e muitas vezes ao longo da uma hora e meia de carro até aqui.

– Ei, eu poderia ter nos levado para Seattle. – Dei de ombros, encolhendo-me em meu casaco. – Seja grato. Você se safou dessa muito facilmente.

– Certo.

– Você está se divertindo, não é?

Ele me deu um olhar de reprovação.

– Admita. – O mais breve dos sorrisos passou pelos seus lábios. – Podemos sentar no carro agora? Estou congelando.

– Não. Você não vai pingar sorvete no meu carro, Lena. Isso é estofamento de couro, um automóvel clássico, tenha um pouco de respeito.

– Eu não posso acreditar que você se importa mais com uma coisa dessas do que com o meu conforto. – Meu celular tocou silenciosamente no meu bolso. – Três chamadas não atendidas.

Jimmy se inclinou, entrando em meu espaço pessoal. Pena que eu gostava tanto de tê-lo assim. Muito.

– Você ia fazer algo com Dean essa noite?

– Eu esqueci. – Fui passando as mensagens de texto. – Merda.

– Ele pareceu meio puto na última.

– Falou o cara que chutou a porta do meu quarto. – Eu mandei uma mensagem para Dean, com um breve pedido de desculpas.

– Não acho que ele vai ficar satisfeito. Isso não soou muito sincero.

– Sim, bem, você bagunçou toda a situação. E pode ter ocorrido a Dean que eu talvez esteja um pouco chateada depois da cena com você.

Ele olhou para a imensidão negra do oceano. Ondas quebravam na costa.

– Eu já pedi desculpas.

– Dizer que está arrependido não conserta tudo imediatamente, Jimmy. Nossas ações têm repercussões, você acima de todas as pessoas deveria saber disso.

Fizemos uma pausa.

– Você não perguntou sobre a Liv.

Meu corpo estremeceu inteiro, estava tentando não pensar em Liv. Na verdade, perguntar sobre ela parecia simplesmente um suicídio.

– Eu deveria? Tinha entendido que não era da minha conta.

– Fomos para um hotel e conversamos por um tempo. Liguei apenas para saber se você estava bem. – Ele andou alguns passos até a lixeira e jogou sua casquinha de sorvete. A vasta extensão de suas costas no casaco de lã preto era uma sombra nítida contra o resto da vista.

– Você ligou? – perguntei, surpresa.

– Sim, e você não atendeu.

– Não, eu estava dormindo.

Ele se virou, com o vento soprando o cabelo em seu rosto. Com uma mão ele

segurava-o para trás.

– Comecei a me preocupar que tivesse ido embora. Que tivesse desistido de mim e ido embora, como ia antes.

– Eu não faria isso sem falar com você primeiro.

– Eu não tinha certeza. – Ele evitou meus olhos. – Depois do jeito como eu te tratei, pensei que você poderia ter facilmente partido.

– Foi isso que te deixou tão agitado?

Ele encolheu as bochechas, assentindo com a cabeça. De repente, o sorvete perdeu o sabor para mim também. Joguei o resto fora, lambendo meus dedos pegajosos. Jimmy observou o tempo todo, sem demonstrar qualquer expressão. Essa conversa era um campo minado. Tudo o que eu podia fazer era dizer a verdade, fazer o meu melhor por nós dois.

– Eu fiquei com ciúmes – admiti, colocando tudo para fora. – É por isso que queria falar com você, para pedir que não saísse com ela. Eu simplesmente não estava pronta.

– Sim, eu sei.

Balancei a cabeça, coloquei minhas mãos nos bolsos e esperei. E então esperei um pouco mais.

Nada.

Eu segurei meu grunhido por um tempo.

– Jimmy, agora é sua vez de admitir que estava com ciúmes quando me viu segurando a mão do Dean. Um relacionamento é dar e receber, sabe?

Ele bufou. Então deu uma volta, contorcendo a boca como se tivesse mordido algo sujo. Eu meio que esperava que ele fugisse correndo, se valendo de todas as táticas de evasão apresentadas até ali.

– Quando você estiver pronto – eu disse.

– Eu…

– Sim?

Ele fez uma careta.

– Eu acho que não pensei direito como seria se você realmente gostasse de um deles.

– Mesmo que esse fosse o objetivo? Gostar de um deles mais do que eu gosto de você? – Ele deu de ombros. – Você superou isso agora? – perguntei.

– Sim – ele riu. – Claro que está tudo bem. Não vai acontecer de novo.

Ah, a ambiguidade quase me convenceu. Eu não conseguiria fa-zê-lo admitir que se importava comigo mais do que gostaria. Eu não tinha controle algum sobre ele.

– Tudo bem, mais uma vez. Eu gostei de sair com Dean e eu estava ansiosa para vê-lo novamente.

– Ok. É bom.

– Com uma condição.

Ele me deu um olhar desconfiado.

– O quê?

– Você conhecer o Tom.

O queixo majestoso subiu a alturas imprevistas.

– Aquele cara substituto? Não. Claro que não. Nós já conversamos sobre isso, você precisa se comprometer com o plano, Lena.

– Meu plano original era realmente um trabalho temporário. E, dado o quanto estamos nos sufocando, acho que pode ser bom ter um plano B no caso de eu não poder continuar. – Eu inclinei meus ombros, erguendo minha postura.

– Eu não acho que seja preciso fazer isso.

– Jimmy…

– Se você fizesse um esforço, Lena.

Foi então que realmente as coisas ficaram claras: o amor era difícil para todos os envolvidos. Às vezes, porém, você só tinha que deixar acontecer.

– Jimmy, eu não estou pedindo para você. Eu estou te comunicando. Você vai falar com ele.

Eu gostaria de ter tirado uma foto da surpresa em seus olhos. Sua mandíbula se moveu e seu rosto se enrijeceu.

– Tá, tudo bem.

Ergui as chaves do carro para ele, refletindo nelas a luz do luar.

– Você quer dirigir até em casa?

Ele arrancou as chaves da minha mão. Algo me dizia que seria uma viagem longa e dolorosa.

CAPÍTULO TREZE

Na noite seguinte, a atitude de Jimmy não tinha melhorado. Sua resistência ao muito alto, magro e educado Tom Moorecomb era evidente em sua linguagem corporal. Se ele girasse mais em seu lugar, daria as costas completamente ao pobre homem.

– Tom esteve envolvido em aconselhamento de casais, Jimmy. Isso não é interessante? – eu disse, meu maxilar estava doendo de tanto cerrá-lo. A dor de cabeça avançava lenta mas constantemente por trás dos meus olhos. – Jimmy?

O babaca nem sequer tirou os olhos de seu celular. Era como tentar lidar com uma criança muito irritadiça. Infelizmente, ele sentou do lado oposto da sala, longe do alcance dos meus chutes. Eu odiaria ter que bater na cabeça dele com um travesseiro na frente de Tom. Talvez isso pudesse ser deixado como minha opção final.

– Jimmy?

Ele me olhou por debaixo de sua franja escura.

– O quê?

A campainha tocou. Sorte dele, na verdade.

– Deixe-me apenas atender enquanto vocês dois conversam. – Eu dei ao idiota ignorante um olhar significativo.

Ele apenas piscou.

Antes que eu pudesse chegar à porta, Mal e Ben entraram rapidamente.

– Lena, oláááá. – Mal apertou minha mão tão energicamente que eu temia que meu ombro fosse ser deslocado. – Nossa, você ganha um ar de esperta e durona nessa roupa de negócios. Eu receberia ordens de você se meu coração e alma não tivessem dona.

– Obrigada. – Eu tinha comprado o terninho azul marinho em uma tentativa de passar a impressão certa para Tom. Jimmy tinha acabado de lançar um olhar estranho à minha roupa nova e me disse que meus fartos seios não combinavam com uma garota nesse traje. Eu passei a mexer nervosamente nos botões do blazer desde então.

– Estamos na sala de estar, ok? – Ben perguntou, já se encaminhando para lá.

– Espere, estamos…

– Oi. – David, Ev, e Anne o seguiam de perto. Ev e Anne estavam arrumadas, a primeira com jeans e um top justo, a segunda em um vestido de tricô verde. Seus visuais estavam incríveis, porém não respondiam a nenhuma das perguntas que brotavam em minha cabeça.

– Oi – Ev disse, beijando minha bochecha, enquanto David me deu a erguida de queixo dos astros do rock.

– Eu estou realmente ansiosa para esta noite – disse Anne.

– Ótimo – sorri.

Ela parou e me estudou.

– Merda, você não tem ideia do que está acontecendo, não é? Ev.

– O que está acontecendo? – Ev virou-se sobre suas botas.

– Lena não está sabendo de nada.

O rosto dela caiu.

– O quê?

– Não.

– Merda.

– Sim.

– Por favor – eu disse, ficando um pouco desesperada. – O que está acontecendo? Por que vocês estão todos aqui?

– Jimmy nos convidou para jantar – Ev disse.

– Ele fez isso?

Pela porta aberta adentrou e marchou um pequeno exército de mordomos e um chef. E, portanto, muitos ternos pretos com um alto chapéu branco inchado na cabeça.

– Nós vamos nos preparar – o mais velho dos mordomos disse ao entrar.

– Certo – murmurei, voltando para Anne e Ev. – Jimmy me superou dessa vez.

– Às vezes… – Ev disse, colocando um braço em volta do meu pescoço. – Você só precisa acompanhar o plano do Jimmy.

– Você está louca? Ele vai me levar direto para o inferno.

– Talvez. Mas ele gosta de você, então suponho que ele te traga de volta sã e salva.

Cerrei os olhos para aquela loucura.

– Estamos entrevistando meu substituto. Agora mesmo.

O queixo dela caiu mais uma vez.

– Precisamos entrar lá – Anne disse.

– Então, Tom. Tom é o seu nome, não é? – Mal projetou sua voz. Ela ecoou positivamente pelos corredores de mármore do palacete de Jimmy.

Todas as três corremos para a sala de estar.

O baterista sentou-se ao lado do pobre e inocente Tom. Seus braços

musculosos estavam estendidos ao longo das costas do sofá de dois lugares.

– Sim, Senhor Ericson. É sim – respondeu Tom vibrando seu saltado pomo de Adão.

Ah, que Deus o ajudasse, eles iam comê-lo vivo. Eu nivelei um olhar mortal à altura de Jimmy, apenas mais um esforço fútil lançado ao vento, pois ele não percebeu.

– Tom, você se considera um homem de rock'n'roll? – Mal perguntou.

Meu coração parou quando Tom pausou visivelmente.

– Ah, na verdade, eu prefiro música clássica.

Ben deixou escapar uma risada. Ele estava fora da minha lista de cartões de Natal.

– Ah, sim, ele vai se encaixar perfeitamente. Boa, Lena.

– Ele está aqui para discutir o cargo de companheiro de sobriedade de Jimmy – eu disse. – A música que ele ouve é irrelevante.

– Claro, claro – Mal disse, suavemente. – Era só curiosidade.

Ev tinha se empoleirado no braço da cadeira de David, enquanto Anne sentou-se prensada entre Ben e Jimmy no sofá ao lado de Tom e Mal. Estávamos com a casa cheia. Com todos os assentos tomados, optei por ficar em pé.

– Agora, Jimmy gosta de passar seu tempo livre malhando – Mal disse. – Como você se sente sobre correr e levantar peso, Tom?

Pela aparência dele, eu duvidava que Tom levantasse algo mais pesado do que um livro.

– Mal, isso é o suficiente – intercedi. Alguém precisava fazê-lo.

– Agora você está correndo com ele, Lena. Ele está acostumado a ter companhia. Você negaria isso a ele? Todos nós só queremos o que é melhor para Jim, não é?

O homem em questão tinha coberto a mão com a boca, virando o rosto para longe de mim. Fiquei contente que ele achou graça.

– Ele ainda corre sozinho também. – Eu levantei, pondo as mãos no quadril.

– Talvez. Tom, Lena também gasta todo o seu tempo livre com Jim, assistindo à TV ou geralmente só relaxando com ele. Isso seria um problema?

O homem me deu um olhar preocupado.

– Ser um companheiro de sobriedade é um grande compromisso, é claro. Mas… ela não tem uma vida própria, afinal?

– Claro que eu tenho a minha própria vida – eu disse, elevando ligeiramente a voz.

– Jimmy é a vida dela, Tom. Esse homem é tudo para ela – Mal cruzou as pernas e relaxou contra o sofá. – Você está disposto a isso? – Tom empalideceu. – Lena também vem trabalhando com Jim para quebrar seus limites com relação

a contato físico. Uma espécie de terapia de abraço, digamos assim. Eu acredito que seu próximo passo nesse processo delicado será dormir com ele todas as noites com práticas avançadas de carinho. Isso será um problema para você?

Tom olhou em volta, confuso.

– Certo – bati palmas, chamando a atenção da sala. – Jimmy, vamos conversar na cozinha. Agora.

Ele levantou-se lentamente de sua cadeira, com o rosto mais calmo possível.

Virei-me para o baterista.

– Mal, você diz uma palavra e eu atiro em você.

Ele recuou, horrorizado.

– Ameaças de violência não são necessárias. Tom, rápido, aconselhe alguma coisa, ela está perdendo o controle!

Nesse ponto, graças a Deus, Anne entrou em cena e salvou o dia. Ela fez isso se sentando com as pernas mais afastadas. Foi realmente incrível, quase como se Mal tivesse algum tipo de percepção extrassensorial quando se tratava da garota e seu sexo. Seu olhar saltou para a abertura cada vez maior entre seus joelhos e tudo desapareceu. A sombra sob a saia parecia chamá-lo em algum nível superior místico. Ou ao nível da virilha, era difícil dizer qual exatamente.

– O que eu estava dizendo? – Mal murmurou, inclinando-se, tentando ter uma visão melhor da saia de Anne.

– Nada importante – Ben disse, jogando em seu telefone.

– Algo sobre como Tom parecia ótimo para o trabalho. – Ev passou um braço em volta do pescoço de David. – Não que alguma de nós queira perder a Lena.

– Certo, certo. – Mal se inclinou um pouco mais.

Não havia braços no sofá de dois lugares onde Tom e Mal estavam sentados. Logo, quando Mal finalmente se inclinou longe demais em sua tentativa de ver entre as coxas de Anne, ele caiu para fora do sofá. David riu e Ev sorriu. O grande Ben nem percebeu, de tão distraído que estava com as suas mensagens. Essas pessoas, eu os amava tanto quanto eles me deixavam doida.

Anne apenas sorriu.

– Oops! Você está bem, querido?

– Tudo bem. – O homem se endireitou, ainda sentado no chão. – Mas eu preciso te dizer uma coisa no banheiro.

– Você precisa?

– Sim. Tem que ser agora.

– Uma coisa boa? – ela perguntou, com certo brilho lascivo em seus olhos.

– Sim, alguma coisa boa. É uma daquelas coisas que é melhor mostrar do que falar, acho que você vai gostar muito.

– Ok.

Mal ficou em pé, erguendo as mãos no ar.

– Viva! Rápido, vamos. Depressa, mulher, não temos tempo a perder.

Com muitas risadinhas, Mal arrastou Anne da sala. Ah, o amor jovem, muitos sentimentos.

– Depois de você – Jimmy disse, de pé ao meu lado, todo calmo. Isso imediatamente trouxe a minha raiva de volta à frente de batalha.

– Na verdade, vamos para o escritório – eu disse. – Esqueci que a sua equipe de jantar está ocupando a cozinha.

– Claro, Lena.

Eu devia ter imaginado que ele iria planejar algo. Para alguém tão resistente à ideia da minha substituição, ele tinha aceitado a reunião muito facilmente. Uma camisa de abotoar preta de manga comprida, calça da mesma cor e sapatos brilhantes adornavam sua bela figura. Seu cabelo estava cuidadosamente penteado para trás. Normalmente, em casa, ele usava jeans e camiseta. Todos os sinais estavam lá, mas eu ainda poderia salvar essa situação complicada, logo depois que acertasse as contas com Jimmy.

Só que era tarde demais. Tom se levantou, com movimentos bruscos.

– Eu acho que é melhor eu ir. Você obviamente tem convidados para entreter.

Eu dei um passo para frente.

– O quê? Não. Tom…

– É uma pena – Jimmy respondeu. – Prazer em conhecê-lo, Tom. Vejo você por aí.

– Quieto. – Virei-me para o conselheiro, com as mãos estendidas. – Por favor, Tom. Apenas… apenas me dê um minuto para falar com o meu chefe. Eles não são sempre assim.

– Não minta para o homem – disse Jimmy. – Isso é exatamente o que eu e meus amigos somos o tempo todo.

Eu rosnei.

– A solução seria ótima… se o plano fosse afastá-lo de vez.

– A honestidade é a melhor política.

– Você é um idiota.

– Olha a boca, Lena – ele resmungou. – Olha a boca.

Tom pigarreou, ajeitando a gravata já insuportavelmente reta.

– Senhor Ferris, receio não estar mais interessado no cargo. E Lena, você parece ser uma garota legal, mas essa relação que você tem com seu chefe não é saudável.

– Epa! – exclamou Jimmy, olhando de cima para baixo o homem. – Não fale do que você não entende.

– Acredite em mim, Tom, eu sei – respondi. O homem obviamente conhecia

um desastre quando via um.

Com um último aceno de cabeça, ele saiu, levando consigo a minha última esperança de uma saída fácil. Isso sempre foi uma ilusão, na verdade, eu deveria saber. Nada com o Jimmy era fácil.

Falando nisso, eu aproveitei a oportunidade para bater no braço dele com o dorso da minha mão.

– O que foi isso? – ele reclamou, esfregando o braço como se tivesse realmente o machucado.

– Nem começa.

Sua carranca aumentou.

– Nós ainda vamos conversar no escritório?

– Não, pra que o esforço? Você já conseguiu botar ele pra correr – repliquei, cruzando os braços sob meus seios. – Bom trabalho, Jimmy.

– Você disse que eu tinha que conhecê-lo. Eu o conheci.

– Você recebe ordens dela agora? – Ben perguntou, deixando seu telefone pela primeira vez. – Quando isso começou?

Jimmy nem sequer olhou para ele.

– Cala a boca, Ben.

– Sim, você o conheceu… – eu disse. – E então você o aterrorizou. Você provavelmente só encurtou em uns dez anos a vida dele.

– Não fui eu. Foi o Mal. Porra, ninguém pode controlá-lo.

Cutuquei seu peito.

– Você soltou o Mal naquele pobre homem desavisado. Foi cruel, Jimmy.

– Essas pessoas são a minha família, Lena. Por que tenho que escondê-los e agir como se tivesse vergonha deles? O cara era um idiota, cheio de julgamentos, um escroto. Ele teria durado no máximo dois segundos comigo. Nunca teria funcionado.

– Isso não é verdade. Você tinha formado a sua opinião antes mesmo que ele entrasse.

Ele estalou sua mandíbula.

– Olha, apenas o deixe ir embora, Lena. Todo mundo está aqui. Podemos jantar agora?

– Eu tenho um encontro com Dean. Aproveite o seu jantar.

– O quê? Você não tinha falado nada disso.

– Você sabia que eu ia sair com ele novamente.

Pequenas linhas apareceram no canto de sua boca e certamente isso não significava alegria.

– Mas hoje não. Eu organizei isso aqui.

– Sim, pelas minhas costas. Sinto muito, eu não posso ficar.

Seu queixo se ergueu e por um momento ele não disse nada, apenas me olhou.

– Você não parece sentir muito.

– É? Bem, acho que estou brava com você agora – eu disse, meu sangue ainda correndo em mim. – É meio difícil me preocupar com seus sentimentos quando você dá tão pouca atenção aos meus.

– Isso não é justo – ele cuspiu.

– Ah, sério?

– Você sabe que eu tenho tentado.

– Hoje não, você não tentou – retruquei. – Hoje você fez única e exclusivamente o que queria e deu um foda-se pro que era importante pra mim.

Quando alguém fez um barulho realmente assustado, rodopiei sobre os meus calcanhares e fiquei boquiaberta. Eu tinha esquecido completamente dos outros. Esqueci totalmente o nosso público de três pessoas, sentados nos bastidores, assistindo ao drama. David parecia em estado de choque, com a boca escancarada. Ev estava ocupada esfregando o ombro dele, oferecendo conforto. Enquanto isso, os olhos do baixista estavam arregalados e brancos como duas luas.

– Hmm – soltou Ben.

Pelo corredor, Mal e Anne saíram do banheiro do piso térreo, ambos rindo. Eles ainda estavam arrumando suas roupas. Isso serviria de distração, perfeitamente cronometrada, se eu pudesse fugir pela porta.

– Isso foi rápido – Jimmy disse, com a voz cortante.

– Mas foi significativo – Mal gritou. – E cale a boca, Jimbo. O que você sabe sobre as relações íntimas significativas?

– Me parece que o Jim sabe mais sobre elas do que imaginávamos. – David lançou a seu irmão um olhar especulativo.

Jimmy rangeu os dentes.

– Porra, Davie. Ela trabalha para mim. Fim de papo.

Isso não me magoou. Até porque não poderia. O meu coração idiota teria que aceitar a verdade eventualmente. Essa dura realidade, que fora esfregada na minha cara tantas vezes que tinha formado horríveis cicatrizes sobre as feridas.

– Ah, entendo – Mal comentou, ainda abotoando a calça jeans. – Interessante. Eu vou dizer o que eu disse pro Killer no treinamento de filhotes hoje, quando ele tentou montar em uma poodle toy que tinha acabado de conhecer: “Se ela significa algo para você, você tem que cortejá-la, filho. Você não pode simplesmente tentar colocar nela.”

– Pelo amor de Deus. – Jimmy esfregou o rosto com as mãos. Teria sido divertido se não fosse sobre mim.

– E com essa eu me despeço – eu disse, acenando e caminhando de costas.

Meu quadril, é claro, bateu na quina da mesa ao lado, eu simplesmente não conseguia fazer saídas rápidas ou suaves. – Merda. Ai. Tenham uma boa noite.

– Você está bem? Lena, vamos lá. Larga disso – ele engoliu em seco. – Não se preocupe com esse conselheiro.

– Tom. O nome dele é Tom.

– Eu organizei o jantar para tentar me desculpar com você pela porta.

Encolhi os ombros.

– Não era necessário. Eu já tinha perdoado você por isso. Por que você não tenta se desculpar por sabotar o encontro com Tom em vez disso? – Seus lábios se apertaram. – Certo. Bem, por que não convida a Liv, Jimmy? Tenho certeza de que ela ficaria encantada em receber um convite. Vou me encontrar com Dean na cidade, então tenho que ir. Boa noite.

Corri escada abaixo. Certo, então, eu só tinha que ficar longe dele o mais rápido possível. Uma pena que perderia uma noite com Ev e os caras. Apesar da loucura, eles estavam cada vez mais próximos, como uma família, e naquele momento era tudo de que eu precisava.

—

O falso bar de motoqueiros estava quente e lotado e eu definitivamente não estava me divertindo. Se mais uma pessoa legal e interessante vestida de couro acidentalmente batesse em mim, eu daria um soco na cara dela. Aparentemente, essa era a galera do Dean. Ele parecia conhecer todos por aqui. Com certeza, nenhum motoqueiro que se preze pisaria nesse lugar. Você não tem que ser uma especialista na cultura de motociclismo para saber que o lugar era uma fraude. Eu tinha mais chance de tropeçar em uma sapatilha de couro legítimo do que numa bota de motoqueiro de verdade.

Aposto que eles estavam se divertindo na festa de jantar de Jimmy.

Talvez eu não devesse ter tentado forçar o Tom neles. Merda, eu já tinha perdido a noção do que é certo ou errado a se fazer quando o assunto é o deus Jimmy Ferris. Se é que eu já tive alguma vez. Desde o primeiro dia eu estava nadando em águas profundas, infestadas de tubarões. Eu me perguntava se ele teria ligado para Liv e a convidado, como eu sugeri. O ciúme estremeceu minha espinha. Namorar era a coisa certa para Jimmy. Minha incapacidade de ficar em paz e harmonia com isso era exclusivamente problema meu.

Hora de superar isso, baby.

Dean estava a poucos metros de mim, completamente envolvido em uma conversa com um cara sobre os valores de diferentes mesas de som. Ninguém poderia culpá-lo. Hoje à noite, eu estava oficialmente eleita a pior companhia do

mundo. Eu brincava com o canudo no meu gim-tônica, empurrando a fatia de limão primeiro para a esquerda, depois para a direita. Para frente e para trás, para trás e para frente. Eu realmente queria tomar um gole de verdade, mas isso seria errado. Como se eu estivesse traindo alguém. Estúpido, mas é verdade.

Stage Dive começou a tocar no sistema de som e fiz de tudo para não gritar. Mais uma prova de minha situação. Meu mundo inteiro era Jimmy Ferris e isso era totalmente minha culpa. Por anos fiquei me remoendo sobre a traição da minha encantadora irmã e seu maravilhoso noivo. Era hora de começar a fazer planos novamente. Se ao menos eu conseguisse descobrir o que eu queria…

Talvez eu devesse falar com Pam novamente, perguntar sobre como ela começou na fotografia. Havia algo em ver o mundo através da lente que me atraía. Entediada, peguei meu celular e comecei a tirar algumas fotos. Os dreads de um dos bartenders balançando enquanto ele agitava uma bebida. Uma multidão de mãos dos clientes habituais, estendidas pelo balcão do bar, chamando o serviço. Uma foto parcial de um casal, duas mulheres juntas, de mãos dadas. Isso era divertido. Minha noite tinha sido salva.

Alinhei a visão a algumas das garrafas atrás do bar. A TV de tela plana ao lado delas chamou minha atenção e eu abaixei minha câmera. Na tela estava um rosto, um estranhamente familiar. O interior de meus ossos congelou.

– Ah, não.

Estava mais limpa, mas definitivamente ainda era ela, a mãe de Jimmy e de David. Sua pele doente e em geral pálida tinha sido coberta por uma maquiagem berrante. O visual dela era laranja, com uns borrões rosa-coral em vez de lábios. Ainda muito magra, com um brilho desagradável em seus olhos azuis, a cadela. Em seguida, uma série de fotos de Jimmy apareceu, ele andando para a reabilitação e outra, obviamente, ele chapado de alguma coisa. Em seguida, havia uma foto da própria cobra sentada em um sofá, abrindo seu coração para a câmera, com os olhos marejados de lágrimas. O texto corria ao longo da parte inferior da tela. Eu não podia ouvir nada por causa da música.

– Eu sou uma sem-teto. Estou na rua enquanto eles vivem em mansões. Eles viraram as costas para mim, porque agora têm dinheiro e fama. Eles têm vergonha do lar amoroso e simples de onde vieram. É como uma traição. Meu coração está partido, eu não sei mais o que dizer.

Uma lágrima grande e gorda correu pelo seu rosto, deixando uma listra em sua maquiagem. A entrevistadora loira, igualmente arrumada, esticou a mão, apertando a sua, oferecendo apoio. Meu estômago revirou, enjoado.

– Merda – murmurei.

– Lena? – Dean agarrou no meu braço. – O que aconteceu?

– Eu preciso ir embora. Desculpa, eu tenho que ir. – Eu o afastei, sem nem

mesmo olhar para trás.

Ele gritou alguma coisa, mas eu não reduzi a velocidade. Adeusinho, bar de motoqueiros. Os saltos não podiam me levar para casa rápido o suficiente, então precisei tirá-los. Eu pulei e arranquei o primeiro, depois o outro, desfazendo-me dos dois. O frio intenso do concreto ardia nas solas dos pés, com a sujeira e areia aderindo à minha pele. O importante agora era chegar em casa.

Jimmy.

Por favor, espero que ele esteja bem. Ele não lidaria muito bem com isso, uma traição de sua própria mãe. A mulher era pura maldade. Meu coração batia forte e o suor escorria na minha testa. As pessoas saíram do meu caminho, o que era uma coisa boa.

– Onde estão as malditas chaves? – Procurei enfurecida em minha bolsa, esquecendo-me completamente que a Mercedes abria só de estar perto dela. Obrigada pela tecnologia.

Me joguei para dentro do carro, batendo a porta atrás de mim. O motor ligou e eu parti, correndo pelo tráfego noturno. Alguém entrou no meu caminho e eu o infernizei com a buzina. O cara me deu o dedo do meio, como se eu me importasse. Se um policial me visse dirigindo dessa forma eu estaria perdida.

Pareceu levar uma eternidade para chegar em casa e, quando cheguei, todas as luzes estavam acesas, como um farol sinistro na névoa. Um filme de terror não poderia ter feito melhor. Eu parei na garagem, com os pneus cantando. Um dos mordomos olhou de trás de uma van branca, onde arrumava seu material, com o rosto assustado.

Dentro da casa eu corri.

– Jimmy!

O rosto de Ev apareceu no topo da escada.

– Aqui em cima, Lena.

Eu poderia ter arrebentado um pulmão ou dois ao longo do caminho, pois em dado momento só conseguia ofegar. Apesar disso eu tinha chegado lá, e é tudo o que importava.

Todo mundo estava rondando o lado de fora da porta do quarto de Jimmy, incluindo Liv. Ela tinha sido convidada antes ou depois que decidi não participar? Não importava.

Tensão e dor marcavam o rosto de David.

– Lena, oi. Ele se recusa a falar com qualquer pessoa, se trancou aí dentro. Ela fez um excelente trabalho desta vez, veio atrás dele da pior forma.

– Posso imaginar. – Dado que ela concentrou seu ataque sobre ele em Idaho, fazia sentido. – Vocês podem nos dar um minuto?

Muitos olhares preocupados. Tanto Mal como Ben se voltaram para David,

esperando que ele falasse.

– Por favor – eu pedi.

Finalmente David assentiu e, lentamente, o grupo desceu as escadas, Anne empurrando Liv junto. Não importava quantas vezes Liv olhasse para trás, eu não fitaria seus olhos. Um apocalipse de cada vez. Esperei o último deles sair, sentindo o mármore congelante sob meus pés. Então eu bati na porta.

– Jimmy?

Nenhuma resposta.

– Jimmy, sou eu. Abre a porta, por favor. – Eu bati de novo em seguida e tentei girar a maçaneta. Ela estava trancada, claro. – Jimmy.

Nada.

Eu coloquei minhas mãos espalmadas sobre a madeira lisa em súplica.

– Eu sei que você está chateado e quer ficar sozinho, mas eu não vou embora até nós conversarmos. Você precisa me deixar entrar, eu tenho que ver que você está bem. Por favor, abra a porta.

O silêncio encheu a sala.

– Jimmy?

Nada.

– De uma forma ou de outra eu vou entrar. – Eu descansei minha testa contra a porta, com a frustração roendo minhas entranhas. Não houve explosões ou acidentes, pelo menos, apenas uma espécie de silêncio assustador. Imaginar o que ele poderia estar pensando me aterrorizava. Eu odiava me sentir impotente. Seu chilique da outra noite, quando eu o tranquei para fora, fazia todo o sentido agora. Cara, nós éramos confusos. “Apenas sua assistente” o caralho.

– James Dylan Ferris, abra essa maldita porta. – Eu bati minha mão contra a porta, aguardando e torcendo, embora eu realmente não esperasse que ele respondesse. Aquele idiota teimoso. – Tudo bem. Não diga que eu não avisei.

Se ele pôde, eu também poderia.

– Você não vai me deixar para fora.

E, pensando bem, o quão difícil pode ser arrombar uma porta? As pessoas faziam isso o tempo todo nos filmes. Eu corria bastante ultimamente e estava em melhor forma do que antes, apesar do suor que no momento cobria as minhas costas. Às vezes, uma garota só tem que fazer o que uma garota tem que fazer. E eu tinha que chegar até o Jimmy. Ele não tinha aberto a porta para a sua família, logo, pedir que ajudassem não parecia certo. Primeiro, eu ia tentar por minha própria conta. Até onde eu sabia, ele poderia estar chorando novamente, e se eu deixasse que David e a turma o vissem naquelas condições, não seria bom. Ele tinha o seu orgulho.

Eu dei alguns passos para trás, angulando o meu braço, e bati naquela

desgraça. Dei tudo de mim.

Bam!

Puta merda. AI!

A porta sacudiu e meu braço ardeu do ombro ao cotovelo. Meu senso de humor ficou homicida, fazendo com que eu me encolhesse. Tudo bem, então isso era mais difícil do que parecia. Hora de tentar outra coisa.

Ergui uma perna e me apoiei, respirando fundo. Não havia espaço para o medo. Sim, eu podia e queria fazer isso por ser mulher, então ouça meu rugido.

Em vez disso, eu uivei.

Meu pé bateu na porta e a dor reverberou em minha perna, em ondas intermináveis.

– Filho da puta! – Minha bunda bateu no chão (o que também doeu) e meus olhos se encheram de lágrimas. – Ai.

A porta abriu.

– Lena?

– Oi. – À minha frente, Jimmy encarnava a preocupação com os olhos lacrimejantes. – Oi.

– Que porra é essa que você fez?

– Eu estava tentando arrombar sua porta. Não deu certo. – Minha voz não era alta, era patética e lamuriosa. Não choraminguei. Em vez disso, eu segurava apertado meu tornozelo dolorido com as duas mãos, falando uma tempestade de palavrões por dentro. – Eu acho que torci.

Muitos passos subiram as escadas.

– Ela está bem? – Isso soou como Ben.

– Peguem um pouco de gelo – Jimmy pediu, ajoelhando ao meu lado. – Lena, o que diabos você achou que estava fazendo? Você não é forte o suficiente para arrombar portas, pelo amor de Deus.

– Bem, eu não sabia. – Eu solucei, piscando loucamente, tentando conter o fluxo embaraçoso de lágrimas escorrendo pelo meu rosto, malditos rios. Felizmente, Jimmy ficou entre mim e todos os outros. Às vezes, esconder-se realmente é a melhor resposta se você espera ter alguma dignidade na manhã seguinte.

– Deixe-me ver. – Ele levantou minhas mãos, sentindo cautelosamente o meu tornozelo. – Mexa os dedos dos pés.

Eu obedeci.

– Provavelmente não está quebrado.

– Não.

Com os dedos suaves, ele limpou a sola do meu pé.

– Por que os seus pés estão sujos?

– Eu vi a notícia sobre a entrevista em uma TV no bar. Alguma vez você já tentou correr de salto alto?

– Tudo bem, acalme-se. – Sem aviso, ele passou o braço por baixo dos meus joelhos. O outro foi por trás das minhas costas e então fui levantada. Uau, o homem era forte. Não ouvi joelhos rangendo nem vi uma mera aparência de dor lombar. Todo o levantamento de peso que ele fazia devia estar valendo a pena. Ele me colocou em sua cama enquanto eu piscava, tentando tirar as lágrimas dos meus olhos. Meu tornozelo aparentemente tinha se arrebentado todo.

Eu nunca tinha estado no quarto de Jimmy antes. Ele tinha uma cama muito grande, coberta por lençóis pretos supermacios – algodão egípcio seria o meu palpite. As paredes eram pintadas de um cinza suave e alguns móveis de madeira escura estavam cuidadosamente organizados. Não admira que ele tenha ficado horrorizado com a bagunça do meu quarto. À exceção do abajur destruído no chão, o lugar estava impecável. Ele me viu olhar para o abajur quebrado e não disse nada. As sombras em seus olhos eram uma coisa horrível de se ver.

Ela era uma maldita por magoá-lo dessa maneira. Ela já não tinha causado danos demais quando eles eram pequenos?

– Eu sempre achei que você teria espelhos no teto – eu disse, inclinando a cabeça para trás, tentando afastar o drama de seus pensamentos.

– Eu vou dar um jeito nisso. – Ele se sentou no colchão extremamente grande ao meu lado, colocando meu pé em seu colo. – O que diabos passou pela sua cabeça lá fora, hein?

– Reciprocidade. Você destrói quartos de hotel e arromba portas, agora eu ataco portas também. Temos algo em comum, sabe? Isso ia ser um belo momento, de criar laços verdadeiros.

– Lena – ele rosnou.

– Eu precisava chegar até você. – Era a verdade simples, sem adornos. Isso não significava que eu precisava estar olhando para ele enquanto dizia isso. Muito lentamente, eu flexionei o meu tornozelo, virando-o de um lado para o outro. Doía, mas não ia morrer ou desmaiar. Agora parecia uma leve forma de tortura. – Merda, ai.

– Dave, chame um médico – ele gritou para o corredor. – Preciso dele aqui agora.

– Vou chamar – ele respondeu.

Oh, ótimo. Todos estavam presentes para ver o meu momento de triunfo. Eu levei os dedos por entre os óculos para enxugar quaisquer últimos vestígios de lágrimas. Essa era a segunda noite seguida que eu acabava reduzida a esse estado. Quando a minha vida tinha ficado tão louca? Mexi os ombros para tirar meu casaco, ficando mais confortável.

– Aqui. – Ben entrou correndo e entregou para Jimmy uma bolsa de gelo e um pano de prato.

Ele apertou o gelo sobre o meu heroico ferimento de guerra, e o frio me arrepiou. Embora, francamente, agora que eu podia ver com mais clareza, Jimmy não parecesse estar tão impressionado com a minha coragem e determinação. O cabelo escuro caía em torno de seu rosto enquanto ele franzia a testa olhando para o meu pé. Havia umas boas cinco ou seis rugas na testa, um amontoado crítico de vincos. O homem estava seriamente infeliz.

Naquele momento, todo mundo já tinha entrado, atraídos pelo drama. Liv não parecia particularmente encantada pelo desenrolar dos acontecimentos. Embora encantada não se encaixasse. Uma mistura de perplexidade e consternação poderia descrever melhor a sua expressão.

– Você precisa de alguma coisa? – Ben perguntou, pairando a poucos metros de suas costas.

– Não – disse Jimmy, olhando para a francesinha dos dedos dos meus pés, cortesia da esteticista que ele tinha pago. – Vamos apenas esperar o médico.

David passou o braço em volta do pescoço de Ev.

– Tudo bem, vamos estar nas escadas até ele chegar. Grite se precisar de alguma coisa.

Jimmy assentiu, ainda segurando a bolsa de gelo sobre meu tornozelo. Sua outra mão segurava firmemente a base do meu pé. Como se eu fosse mesmo tentar fugir se ele me tocasse. Isso já nem era mais possível.

Pessoas se arrastaram para fora.

– Jimmy? – A voz de Liv continha um ligeiro tremor.

– Falo com você mais tarde, Liv.

Suas mãos se moviam inquietas.

– Provavelmente é melhor eu voltar para Los Angeles. Tenho provas em poucos dias.

– Certo.

– Ok. – Liv abriu um sorriso bonito. Essa era a marca registrada dela, aquela mulher era uma puta atriz, no fim das contas. – Tchau.

– Sim. – Ele nem sequer olhou para ela, o babaca. Era muito tentador chutá-lo com o meu pé bom, para fazer com que fosse educado, pelo menos, mas isso não resolveria nada, além de ser extremamente hipócrita da minha parte. Apesar de saber que Jimmy deveria namorar, vê-lo com outra mulher doía muito além do atual latejar do meu pé. O problema era que a dor nos olhos dela era uma que eu conhecia muito bem, eu não podia deixar de me compadecer.

Eu e a dor, nós éramos melhores amigas em diversos níveis. Jimmy Ferris era o inferno para o coração de uma garota (e, ocasionalmente, para tornozelos

também).

Liv saiu.

Por alguns minutos ficamos em silêncio, enquanto meu pé lentamente congelava descansando sobre sua coxa.

– Jimmy?

– Hã?

– Você vai me dizer o que aconteceu?

Seus dedos ficaram tensos em volta do meu calcanhar.

– Estávamos sentados no jantar e de repente o celular de todo mundo começou a enlouquecer. Aparentemente, ela só ganhou quinze mil por isso, deveria ter pedido mais. Adrian tem advogados no caso, mas… eu disse a ele para deixar pra lá.

– Por quê? – eu ofeguei.

– As coisas que ela disse, é tudo verdade. Não é como se ela tivesse assinado uma renúncia quando deu à luz, sabe. Acho que ela tem direito à sua fatia do bolo.

– Uma ova. Ela não tem direito a absolutamente nada.

O fantasma de um sorriso apareceu em seus lábios. Eu só conseguia vê-lo através da bagunça de seu cabelo. Da última vez que o vira, estava cuidadosamente penteado para trás. Agora, seus dedos tinham obviamente causado algum tipo de revolta. A necessidade de estender a mão e jogar os fios para trás de sua orelha para que eu pudesse vê-lo era enorme.

– Você viu? – ele perguntou. – O que ela disse?

– Só a parte em que ela estava dizendo que ela era sem-teto enquanto vocês dois vivem em mansões.

– Bem, você perdeu a melhor parte. – Seu queixo quase tocou seu peito. – Que eu costumo gritar todos os tipos de merda pra ela, atirar coisas. E que eu só bati nela uma vez, apesar de tudo.

Minha garganta apertou até doer.

– Por que você bateu nela, Jimmy?

– Eu cheguei em casa e ela estava fazendo a limpa, pronta para finalmente ir embora – ele contou. – Eu tinha catorze anos. Dave estava ocupado na casa do Mal, graças a Deus. Uma de suas amigas maconheiras estava com um carro carregado no quintal com tudo o que tinha de valor. Não que tivesse muita coisa, a TV, micro-ondas, essas merdas. Ela estava saindo da casa carregando o violão do Dave. Ele trabalhou pra caramba, cortando grama durante todo o verão, para pagar por aquela coisa. Era um bem barato, de uma casa de penhores, nada de valor. Mas ele queria aquilo havia tanto tempo, achava que era tudo de bom.

– Eu aposto que sim.

– Eu disse para ela devolver, disse que isso partiria o coração do Dave, mas ela não se importou. Disse que ele era mimado, que seria bom ele endurecer um pouco. Como se algum de nós pudesse ser mimado vivendo naquela casa com ela, usando roupas esburacadas, era um milagre a gente comer. – Um lado de sua boca repuxou para cima, mas isso não era um sorriso. – Ela foi sarcástica comigo, me disse para sair do caminho. Ela estava usando um anel. – Ele apontou para uma pequena cicatriz em formato de estrela na parte de cima do seu lábio, meio escondida pela barba incipiente. – Dá pra ver?

– Estou vendo.

– Eu dei um tapa nela, e peguei o violão de suas mãos. Eu não era tão grande ainda, entrei na fase de crescimento aos quinze anos, mas era grande o suficiente. – Ele olhou para a palma de sua mão. – Seu rosto estava vermelho, brilhante. Parecia horrível, mas ela não fez nada. Apenas ficou olhando para o violão, atordoada porque eu o peguei e ela não. Em seguida, sua amiga chegou, arrastou-a para dentro do carro e elas foram embora. Assim, a mamãe se tornou apenas uma lembrança. Bem, no fim ela acabou voltando… infelizmente.

Ele olhou para mim, com o rosto pálido.

– Tudo o que ela disse é verdade. Ninguém precisa inventar merda nenhuma a meu respeito.

– Alguma vez você contou a David sobre isso?

– Não, só o teria perturbado. Ele ainda pensa que ela vai ficar sóbria um dia, deixar todas as merdas para trás e ser uma mãe de verdade. Ele sempre foi um sonhador, desde aquela época.

– Depois de tudo o que ela fez?

Ele não respondeu.

– Você o protegeu durante anos, não foi?

– Alguém tinha que fazê-lo. Eu dizia a ele para se esconder assim que ela começava, não queria que ele visse. Ele deve ter ouvido, porém, porque às vezes ela gritava. Mamãe foi uma bêbada agressiva. Quando estava drogada ela ficava na dela, deixando todo mundo em paz, mas deixe com ela uma garrafa de bourbon e toda a vizinhança ficava sabendo. – Ele agarrou a parte de trás do seu pescoço, com o rosto triste. – Ela me batia direto. Não poderia deixá-la fazer isso com Dave. Ele sempre foi o mais sensível. Não era um problema. Além disso, era engraçado pra caramba vê-la tropeçando por aí.

– Por que o pai de vocês não fazia nada a respeito?

– No geral ela ficava um pouco melhor quando ele estava em casa. Mas ele fingia que não estava acontecendo nada. Não era como se os sinais não estivessem todos lá, a nossa lata de lixo transbordava de tantas garrafas, nunca tinha comida na geladeira porque ela gastava todo o dinheiro em bebida e

porcaria. – Ele se virou para mim. – Ele a amava, Lena. Amava tanto que ele ficou com ela e não com a gente. Isso é o que o amor faz, ele destrói você.

– Nem sempre. Olhe para David e Ev.

Ele inspirou.

– Eles estão felizes agora. Mas um dia um deles vai ser igual o pai do Mal, como o meu pai tem sido desde que ela o deixou.

– Por isso é preferível viver sua vida sozinho e infeliz?

– É melhor do que acabar destruído. Melhor do que destruir alguém.

Eu não sabia o que dizer.

– As primeiras pílulas que tomei foram roubadas do esconderijo da minha mãe. Era o meu grande foda-se para ela. – Seu riso era amargo. – Já que ela repetia tanto que eu ia ficar igual a ela, era melhor atender às expectativas. Veja como isso acabou. Eu sou igual a ela, Lena.

– Não, você não é. Você está limpo agora, você venceu.

– Fiz muita merda no passado. – Por um momento os seus olhos se fecharam. Então ele voltou a estudar o meu pé e remanejou a bolsa de gelo fria e úmida. – Todas as coisas que ela me disse… ela tinha razão. Eu nunca vou ficar limpo, não realmente. Serei sempre um viciado por dentro.

– Jimmy, isso simplesmente não é verdade. Você sabe que não é. Você fez a pior parte, você ficou limpo. – Eu sabia um pouco sobre como as pessoas diziam as coisas, ferindo os outros com palavras. As cicatrizes ficavam por um longo, longo tempo.

Seus lábios estavam finos e brancos.

– Alguma vez você já contou pra alguém?

Ele negou rapidamente com a cabeça.

– Não.

– Pode confiar em mim, sabe? Eu não vou julgar você ou pensar menos de você, isso nunca vai acontecer.

– Não faça promessas que não possa cumprir.

Ergui minha cabeça.

– Você acabou de me chamar de mentirosa?

Ele jogou seu cabelo para trás (finalmente), e seus olhos cautelosos apareceram. Aquele homem não estava com pressa alguma de falar, visto que ele me deixou esperando um bom tempo.

– Hein? – inquiri.

– Essa é uma daquelas armadilhas que as mulheres usam. Não importa o que eu diga, eu vou me dar mal.

– Eu só estou pedindo que tenha pouco de fé. – Eu olhava para ele tão atentamente como ele olhava para mim. – O que quer que aquela mulher tenha

dito é a mais pura besteira e, Jimmy, você sabe disso. Então, por que você ainda deixa tudo isso preso dentro de você?

Ele gentilmente esfregou a palma da mão contra a sola do meu pé.

– Quebre alguma coisa muitas vezes e não verá motivo nenhum em tentar consertar.

– É isso que você diz a si mesmo?

– É só a verdade.

– Claro que não. Não é. – Eu estendi a mão, agarrando seu braço. Através do tecido fino da camisa seus músculos estavam tensos, e sua pele, quente. Por mais de vinte anos, ele vinha carregando por aí toda essa dor, raiva e autoaversão. As duas pessoas responsáveis por amar e cuidar dele quando ele era pequeno e indefeso haviam falhado miseravelmente. Não é de se admirar que estivesse tão na defensiva, ele tinha sido ensinado a esperar o ataque, a não confiar em ninguém. – Você é uma boa pessoa, Jimmy. Você é um homem bom.

– Lena. – Ele olhou para minha mão.

– Ela não sabe quem você é hoje. Eu sei. Então, em quem você vai acreditar?

Sua boca se abriu e eu esperei um pouco mais.

Sim, ele estava falando comigo, mas eu precisava de mais, precisava de uma abertura com ele. A dor que ele carregava tinha que acabar. Poucos mereciam se libertar de seu passado tanto quanto Jimmy merecia. Ele tinha trabalhado tão duro, transformado toda a sua vida.

Sua mandíbula se moveu e talvez, apenas talvez, dessa vez…

Alguém bateu na porta, a mesma que eu definitivamente não tinha conseguido quebrar. É claro que eles bateram, que se dane todo o resto. Agora, pensando honestamente, quais eram as chances de que Jimmy viesse a dar esse passo final e confiar em mim?

Improvável.

Não, eu não podia me dar ao luxo de pensar assim. Eu tinha que fazê-lo se abrir.

Uma mulher de meia-idade, elegante e com cabelos escuros e curtos, entrou com uma bolsa na mão. David seguiu atrás dela, alternando seu olhar entre mim e seu irmão com curiosidade.

– Essa é a Courtney. Ela veio aqui para ver o pé de Lena.

– Isso foi rápido. – A médica. Droga. Meu maldito tornozelo tinha arruinado tudo. Eu realmente precisava não tentar atacar o castelo, num futuro próximo não poderia bater nas portas inocentes. Mas se eu não tivesse feito isso, se eu tivesse ficado contente em me sentar do lado de fora, bloqueada, Jimmy não teria me contado nada. Tenho certeza de que uma certa distância tinha sido reduzida. O que isso significava, por outro lado, era incerto.

Jimmy ergueu minha perna de seu colo, saindo de baixo de mim.

– Ela tentou derrubar a porta com um chute.

O olhar da Dra. Courtney foi cortante.

Dei de ombros.

– Eu precisava falar uma coisa e ele não queria abrir a porta.

Ela instantaneamente voltou seu olhar de julgamento para Jimmy. Vitória da sororidade.

– Não foi minha culpa – disse ele, fazendo beiço.

– Já me chamaram por causa de muitas brigas de amantes ao longo dos anos, mas essa é nova pra mim – falou a doutora.

– Nós não temos nada – repliquei rápido.

A boa médica grunhiu algo e se ocupou de meu pé. Não tão cuidadosa, ela o puxou e virou para lá e para cá. Gemi e resmunguei conforme a necessidade. Finalmente ela emitiu o veredito de tornozelo torcido. Recusei qualquer remédio para a dor, não queria nada daquilo pela casa. Ela recomendou que eu tomasse ibuprofeno para parar o inchaço e um suporte tipo bota bastante estiloso que chegaria em uma hora. Pelo menos assim eu poderia fugir da corrida matinal. Algo de bom nisso tudo.

Ela avisou a Jimmy que receberia a conta e partiu.

– Você vai ter que me carregar pra cima e pra baixo na escada – comentei, tentando ficar sem sorrir. – Vai ser praticamente o meu escravinho.

Jimmy suspirou ao me entregar um copo d'água, para que eu pudesse engolir os dois comprimidos cavalares. Pelo menos ele parecia ter parado de pensar em sua mãe. Eu preferia que o método não envolvesse danos ao meu corpo, mas era o que tinha.

– Provavelmente vou precisar de um sino para tocar quando precisar de você.

– Nem pensar.

– Você quer que eu grite pela casa?

– Considerando que você já faz isso, não seria uma grande mudança. – ele respondeu. – Parece que você não vai embora tão cedo, e é tudo culpa sua.

Olhei para ele com cara de brava.

David entrou no quarto limpando a garganta.

– Ei. Vocês dois já estão obviamente melhores, então nós vamos indo.

– Tá bom – disse Jimmy. – Desculpa pelo jantar…

– Jim – retrucou seu irmão, que o segurou pelo ombro e o puxou para um abraço caloroso. Depois de um momento, Jimmy bateu em suas costas levemente em resposta. Um enorme avanço, devo admitir.

Não pude deixar de sorrir em aprovação.

Os dois irmãos conversaram em silêncio por um momento e fiz o meu melhor

pra não ouvir. Então David se aproximou, passando a mão na minha cabeça como se me desse uma bênção.

– Pega leve, Lena.

– Pode deixar.

Seu sorriso era caloroso.

– Cuida dele.

– É pra isso que estou aqui.

– Vou avisar o pessoal pra falar com você depois. Boa noite. – Tive a distinta impressão de que estavam deixando Jimmy e eu a sós por motivos de romantismo, pelo menos da parte do Ferris caçula. Seus amigos e família já tinham essa ideia a nosso respeito. Tudo bem. A trupe Stage Dive podia pensar o que quisesse da minha relação supercomplicada com Jimmy Ferris, isso já não estava no meu controle.

Do outro lado do quarto, Jimmy estava encostado na parede, me observando com seus olhos encobertos.

– Como o Dean reagiu à sua fuga?

– Não sei, provavelmente não muito bem. – Para ser sincera, eu nem tinha pensado nisso, e provavelmente eu e Dean não tínhamos mais nada. Deitei de costas na cama de Jimmy, com os pés no travesseiro. – A sua cama é mais confortável que a minha.

– É mesmo?

– Vou ficar bem aqui por enquanto. – Pessoas machucadas podiam abusar um pouco da sorte, todo mundo sabe disso. – Me acorde quando a bota chegar, escravo.

Ele não disse nada, só assistiu enquanto eu me sentia em casa em sua cama.

– Esse colchão é maior que alguns países da Europa. – Tirei o casaco que estava embaixo de mim. Um procedimento delicado que exigia muito gingado. Minha camiseta se ergueu e tive de puxá-la de volta para cobrir a barriga. – Fala alguma coisa, estou ficando desconfortável.

– Por que você estaria desconfortável, Lena? Só porque está rolando na minha cama?

– Você pode se sentar e voltar a conversar comigo. – Dei um tapinha no colchão ao meu lado, amigável e convidativamente.

– Já falamos demais por uma noite.

Ele apagou a luz, deixando o brilho solitário de seu abajur de cabeceira. Então, ele se dirigiu ao outro lado da cama e sentou-se. Chutou para longe seus tênis e, que o bom Deus me ajude, se deitou de costas, com as mãos sobre o abdome, e encarou o teto, com sua habitual careta de descontentamento.

Jimmy estava na cama comigo.

Juro pra você, minha virilha estava se contorcendo.

Isso era melhor do que se alguém tivesse juntado o meu aniversário e o Natal em uma única data, com ou sem o tornozelo dolorido. O homem mais lindo do mundo estava deitado ao meu lado, quase ao alcance do toque. Era absurdamente delicioso. Ridiculamente. Seu rosto, de perfil, deixava aparente a curva de seus lábios e a linha perfeita de seu nariz. Eu não tinha palavras para descrevê-lo. Nenhuma. Meu coração batia duas vezes mais rápido, não dava para ignorar.

– Você está bem? – perguntei, com a voz não muito mais alta que um sussurro.

– Melhor que você.

Ele disse que tinha falado demais, então, em minha infinita sabedoria, deixei o assunto quieto dessa vez.

– Você realmente precisa de espelhos no teto – eu disse.

Ele olhou para o lado com um ar impaciente.

– De onde você tira essas ideias malucas?

Apenas ri.

– Chega. – Ele se virou para o lado e desligou o abajur de cabeceira. – Feche os olhos e vá dormir, o dia foi bem longo.

– E a bota?

– Eu levanto quando chegar.

– Tá bom.

Não falamos por algum tempo. Então, quando eu não esperava, veio um murmúrio.

– Agradeço por ter vindo pra casa.

Procurei sua mão livre e a segurei assim que encontrei. Seus dedos se entrelaçaram nos meus.

Sorri na escuridão.

– Sempre que precisar.

CAPÍTULO CATORZE

– Ai, meu Deus, esse suflê é incrível. É como se o paraíso estivesse na minha boca. Céus, Jimmy, você está me ouvindo? – Eu lambia o restinho de chocolate da minha colher, tentando encontrar mais. A porcaria da colher estava vazia, mas era melhor verificar novamente apenas por segurança.

– Eu ouvi. – Seu olhar seguiu a minha língua até o comprimento da colher e ele engoliu em seco.

Hum.

O astro do rock em questão se sentou à mesa na minha frente, já tendo tomado o seu café havia algum tempo. Ele provavelmente levantou ao romper da aurora, em forma e cheio de energia. Foi para a academia do porão, já que os paparazzi estavam à espreita do lado de fora em função da entrevista de sua mãe. Dois rapazes da segurança estavam lá fora, de olho nas coisas. Então, definitivamente estávamos sem corrida por várias razões, mas por causa do meu tornozelo machucado eu tinha que ficar na cama de qualquer jeito.

Na minha própria cama menor, infelizmente.

Assim que a bota chegou, na noite anterior, ele me expulsou de seu quarto. Bem, ele me ajudou a mancar para o meu. De qualquer forma, o resultado final foi o mesmo, eu dormi sozinha.

Na hora em que mandei uma mensagem para ele vir me ajudar a descer as escadas, ele já tinha tomado banho e estava vestindo jeans e uma camiseta preta lisa. E agora eu provava os restos abundantes de seu grande jantar da noite anterior. Dane-se o cereal do café da manhã, a sobremesa era definitivamente melhor. Nós estaríamos jantando sobras por dias, massa caseira com cogumelos selvagens e panceta, alguns pratos exóticos de peixe e o melhor maldito suflê de chocolate com calda de frutas vermelhas que eu já provei em toda a minha vida.

Melhor. Café da manhã. De todos.

– Eu quero ter filhos com esse suflê.

– Ótimo – ele disse, me observando enquanto eu devorava aquela sobremesa inocente com muito zelo. O olhar em seu rosto me preocupava com tantos segredos. Seu olhar estava reservado, mas havia outra coisa lá também, algo mais. Uma intensidade a que eu não tinha certeza se poderia corresponder a essa

hora da manhã.

– Precisamos conversar – ele disse.

Haveria outras palavras tão temidas em toda a linguagem humana? Eu achava que não tinha feito nada, mas ainda assim…

– Sobre a sua mãe? – perguntei, esperançosa.

– Não. – Seus olhos fecharam. – Não há nada a ser feito sobre isso. Ela fez sua jogada e eu só quero esquecê-la por enquanto.

Era mais do que justo.

– Ok. O quê, então?

– Você decidiu se vai sair com Dean novamente ou não?

Isso não foi tão ruim. Eu bati a colher de prata contra os meus lábios, pensativa. Nosso primeiro encontro tinha ido tão bem, mas então eu corri dele na noite passada. E ainda teve aquele de que eu me esqueci, porque estava tomando sorvete com Jimmy. A probabilidade era que ele não estivesse interessado em me ver novamente.

– Acho que não – respondi. – Ele é um cara legal, mas… Talvez em outras circunstâncias, sabe? Em uma outra vida.

– Tanto faz. Precisamos falar sobre o ponto cinco em sua lista. O ponto quatro não está funcionando, então vamos desistir dos encontros.

– Hmm. – Coloquei a colher no meu prato infelizmente ainda vazio. – Não havia um ponto cinco na minha lista. Havia apenas quatro, namorar outras pessoas, focar em suas falhas, não ser patética, ter uma vida etc.

– Sim, eu inventei o número cinco. Essa lista que você encontrou era uma besteira total e absoluta.

– Estou começando a chegar à mesma conclusão.

Havia algo de diferente nele. Um tipo estranho de tensão. Ele se sentou inclinado para a frente, com os cotovelos sobre a mesa, batendo o pé. Era audível, o ruído constante igualando-se ao ritmo excessivamente ansioso do meu coração. Vamos fingir que o açúcar do suflê me agitou, que não era o efeito da companhia.

– Então? – eu incitei. – Você vai me dizer o que é esse misterioso ponto cinco?

– Nós fodermos.

Tudo parou.

Jimmy olhou para mim, totalmente calmo.

Aquilo não podia estar acontecendo.

Não. Isso não estava certo.

– Ah, qual é! – Eu ri, sentada na minha cadeira. – Por Deus, você quase me pegou por um minuto.

– Estou falando sério.

– Claro que está. – Revirei os olhos, balançando a cabeça, ainda rindo

– Pense nisso. Tudo o que os encontros fizeram foi nos estressar.

E, para ser totalmente honesto, estou me sentindo sexualmente frustrado esses dias. Não lhe darei muita informação, Lena, mas eu nunca tinha me masturbado tanto desde… sempre.

Eu ri.

E eu ri mais um pouco.

E então eu parei de rir, porque a expressão de Jimmy não tinha mudado. Nem um pingo. Ele apenas ficou lá, me avaliando com seus frios olhos azuis, seus lábios estavam apertados, aparentemente sinceros.

– Isso é uma piada – resmunguei, porque minha garganta se fechou.

– Não. Não é piada. Eu digo que devemos tentar transar e desencanar.

– Não é piada? – Mas tinha que ser. Cristo, eu não conseguia respirar. Ar, eu precisava de ar imediatamente.

Jimmy empurrou a cadeira para trás e correu pelo mármore ao redor da mesa e me puxou para cima, com as mãos debaixo dos meus braços.

– Respire, Lena. Você está ficando azul.

Ao seu comando, meus pulmões voltaram a funcionar em alta velocidade, se enchendo de oxigênio, fazendo o seu trabalho. Uma mão forte esfregava para cima e para baixo as minhas costas, me encorajando. Ele empurrou minha cadeira de lado, com seu corpo sólido parado logo atrás de mim, me aquecendo.

– Você está bem? – ele perguntou, inclinando-se por cima do meu ombro.

Eu balancei a cabeça.

Ele não se afastou. A mão esfregando minhas costas não parava. Cara, isso era bom.

– Você, ah… Você meio que me surpreendeu – eu disse.

– Hmm.

– Você está realmente… Você quer… – Eu não podia dizer isso. As palavras estavam emaranhadas, me impossibilitando de falar.

– Por que não? Eu vejo isso como uma situação favorável para ambas as partes. Eu começo a liberar um pouco da minha frustração e você começa a liberar quaisquer sentimentos persistentes da sua cabeça. Nós fodemos, vemos que não temos química, seguimos em frente. Ou melhor ainda, tudo se desmorona como acontece normalmente, você estará feliz e voltaremos a ser amigos. O que você diz?

Fazer ou não fazer sexo com Jimmy. Conclusão um pouco óbvia.

– Claro, por que não?

Ele se endireitou, saindo do meu campo de visão, embora sua presença nunca pudesse ser posta em dúvida. O homem era magnético, seu calor e músculos me

puxavam. A maneira como se abriu comigo e me contou seus segredos, o jeito como confiou em mim, tudo isso me aproximou. A tentação de me inclinar para trás contra ele era quase irresistível. Cuidadosamente, ele desfez o meu rabo de cavalo, derramando meu cabelo escuro sobre os ombros.

Ele girou um fio em torno de seu dedo, esfregando o polegar para trás e para frente.

– Gosto do seu cabelo.

– Obrigada.

Lentamente, ele desenrolou o cabelo de seu dedo. Sua mão deslizou até a base da minha coluna e depois foi mais para baixo, sobre a minha bunda, até a borda do meu vestido vermelho de jersey. Nunca o caminho percorrido pela mão de alguém tinha sido tão importante. Arrepios cobriram minhas costas e não era de frio.

– Eu gosto de você de vermelho – ele disse, roçando seus lábios contra a ponta da minha orelha.

– Você gosta? – Eu estava feliz de não estar de moletom. A bota imobilizadora muito sexy, azul, brilhante e com tiras brancas em toda a frente já era ruim o suficiente.

– Oh, sim. – Seus dedos patinaram até a parte de trás da minha perna nua, me fazendo tremer. – Muitíssimo.

Jimmy Ferris não brincava em serviço.

– Você quer fazer isso a-agora? – gaguejei.

– Não vejo por que não. – Sua outra mão deslizou pelo meu peito, parando sob os meus seios. Ele pressionou seu corpo duro contra o meu, pressionando sua ereção contra minha bunda, me causando dor. – Não estou sendo inconveniente, estou, Lena?

Eu respirei fundo, minha mente a mil.

– Não. Não tinha nenhum plano para hoje.

– Ótimo. – Ele correu um dedo ao longo do elástico da minha calcinha em volta do topo da minha perna, deslizando por baixo para tocar o osso do meu quadril. Me sentia tão bem que o meu estômago praticamente virou do avesso em euforia.

Ao tê-lo tão perto, seu calor em minhas costas, o sabonete e a sutil loção pós-barba perfumaram o ar; era o êxtase. Nunca em meus sonhos mais loucos imaginei isso, a chance de realmente estar com ele. Minha pele estava quente, febril, e o meu coração começou a bater em algum lugar entre as minhas pernas. Por Deus, eu precisava que ele me tocasse lá.

– Parece mais seguro se você ficar deitada de costas – ele disse.

Suas palavras flutuaram em mim como um ruído sem sentido. Até que me

rodeou e afastou a tigela e a colher. Ele me virou e me pegou, me colocando em cima da mesa.

– Deite-se – disse. Aquele olhar e tensão eram fome de mim. Incrível. Nunca tinha visto nada tão bonito em toda a minha vida. – Deite-se, Lena. – Sua mão segurou meu ombro até que eu estivesse deitada contra a madeira dura.

– Nós vamos realmente fazer isso? – Tudo o que podia ouvir era a minha respiração pesada. Tão incrivelmente alta. Não me surpreenderia se os vizinhos reclamassem dos níveis de ruído. – Jimmy?

Em vez de uma resposta, ele deslizou as mãos por baixo da minha saia e começou a despir minha delicada e confortável calcinha de algodão preta. Usava essa, pois a possibilidade de ser colocada na mesa da cozinha pelo meu chefe realmente não tinha passado pela minha cabeça. No entanto, lá foram elas, voando por cima do seu ombro.

– Eu acho que vamos – eu disse.

Ele puxou uma cadeira e se sentou, mantendo os olhos quentes em mim o tempo todo. Um músculo saltava em sua mandíbula repetidamente. Graças a Deus eu não era a única que estava nervosa.

Eu me apoiei em um cotovelo, com nervos zumbindo na minha cabeça.

– O que você está fazendo?

– O que as pessoas fazem nas mesas. – Mãos fortes mantinham as minhas pernas abertas. – Comendo.

Meu estômago caiu.

– Oh, Deus!

Sua cabeça desapareceu debaixo da minha saia.

Jimmy Ferris realmente não brincava em serviço.

A respiração quente bateu no meu lugar mais secreto. Ok, sem eufemismos, era na minha vagina. Em seguida, ele arrastou sua língua até o comprimento dos meus lábios, mandando raios direto para minha espinha.

– Puta merda. – O ruído que ele fazia sob o meu vestido era o som mais doce de toda a criação.

Eu me contorcia, tentando me aproximar.

– Jimmy.

Sua boca chegou primeiro a um lábio e depois ao outro, sugando com força. O sangue correu pelas minhas veias à velocidade da luz, indo parar na minha boceta. Fazia muito tempo que não tinha isso, e nunca com alguém tão descarado. Sua boca me cobriu, quente e com fome. Dedos afundaram em minhas coxas e sua língua lambia meus lábios, fazendo-me gemer. Eu não sei quando minhas costas voltaram a bater na mesa. Logo no início, seria o meu palpite. O mesmo vale para quando minhas pálpebras se fecharam para o teto. O

que Jimmy estava fazendo tinha minha completa atenção, cada um daqueles sons molhados e sensações ferozes me deixavam selvagem. Meus quadris se sacudiam, eu virava a cabeça para lá e para cá. Era demais e não o suficiente. Eu queria que aquilo não acabasse nunca.

Saber que era ele ali me afetava de várias maneiras, fazendo o meu amor e desejo emergirem rugindo. Tanta emoção e eu me sentia prestes a entrar em combustão. Estava tudo na ponta da língua para ser dito, para oferecer qualquer coisa. Quão incrivelmente tolo isso seria? Eu mordi com força minha língua, e o gosto metálico de sangue ficou na minha boca.

Ele me devorou como um homem necessitado, morrendo de fome.

Ele me devorou como se fosse a sua refeição favorita.

Aparentemente, cantores tinham excelente força e controle da língua. Abençoados sejam por isso, muitas e muitas vezes. Na verdade, ele se destacou no oral, muito além dos meus sonhos mais selvagens. Ele trabalhou a boca entre os lábios do meu sexo, sua língua mergulhava profundamente, me degustando. Então, ele percorreu o caminho até o meu clitóris e me provocou até eu gritar. Foi sublime. Os músculos das minhas coxas se apertaram. Ele me deu longas e fortes lambidas, indo do períneo até o clitóris, seguido de beijos doces. Minha cabeça girava, meus sentidos ainda não tinham se recuperado da sobrecarga. Meu sexo nunca fora tão mimado.

E foi assim que, em seguida, com toda a minha elegante tendência ao desastre, a maldita bota imobilizadora e robusta bateu forte na lateral de sua cabeça e choramos juntos. De dor.

– Merda. – Ele saiu debaixo da minha roupa, esfregando o crânio. – Você está bem?

– Sim. Você só tem uma cabeça muito dura. – Ele balançou a dita cabeça. – Por favor, não pare. – A dor não importava, só gozar importava. – Por favor?

– Só um minuto. – Cuidadosamente, ele envolveu a perna machucada por cima do seu ombro. – Lá vamos nós. Tem certeza de que está bem?

– Eu estou bem – respondi, ofegante.

– Tem certeza disso?

– Jimmy!

O bastardo sorriu maliciosamente.

– Ok, Lena. Não fique animada demais. Agora, onde é que eu estava?

– Você quer que eu bata na sua cabeça novamente com a bota? – O desespero surgiu em minha voz, e pensamentos assassinos atravessaram meu cérebro. Eu estava uma bagunça, suada e com tesão, ele precisava começar a levar a mim e meu orgasmo a sério. Agora. – Você quer? Sério, Jimmy, é isso que você está me dizendo?

Ele riu.

E então ele empurrou a minha saia e retomou de onde tinha parado, para sua sorte. Seus lábios, sempre tão talentosos, me levaram a alturas jamais alcançadas antes. Era mais do que apenas sexo oral. Eu estava tão alterada que não era possível que ele não estivesse sentindo essa doce emoção calorosa. Seu poder de me bagunçar toda, de me levar à loucura, era intenso.

Ele não tinha como não sentir.

A ponta de sua língua percorreu a minha abertura, fazendo com que os meus músculos se contraíssem. Um maldito vazio. Cada centímetro meu estava tenso, minhas pernas tremiam. Minha bunda se esfregava contra a superfície lisa da mesa. Ele me deixou tão incrivelmente molhada que minha boceta estava inchada e dolorida. Eu precisava gozar mais do que precisava respirar. Quando a sua língua ligeira e astuta se focou em meu clitóris, estava quase pronta. Sua longa e firme chupada acabou comigo, me deixando no limite. A queda livre foi magnífica. O mundo ficou desfocado e o sangue rugia nas minhas orelhas. Era basicamente uma experiência extra-corpórea. Minha boca se abriu em um grito silencioso. Tanto prazer, tanta alegria.

Levei algum tempo para descer. Quando voltei a mim, Jimmy estava ocupado, abrindo uma embalagem de camisinha com os dentes. Ele veio preparado.

– Estamos bem? – ele perguntou.

Minha respiração… eu a tinha perdido em algum lugar. Não importava. Eu apenas fiquei ali, com a minha boceta brilhando e ainda pulsante com os tremores. Perfeito.

– Lena? – Seu sorriso disfarçado era tão arrogante. Havia um vislumbre de covinha e tudo. Mas, honestamente, ele tinha feito um trabalho magnífico em mim. Isso era completamente merecido.

Eu assenti, dando uma prova de que estava viva. Minha mente ainda estava voltando dos céus. Meu Deus. Sexo nunca tinha sido realmente celestial antes. Tudo o que ele tinha feito foi colocar a boca em mim, eu não poderia sobreviver a muito mais.

Embora eu definitivamente morreria feliz depois disso.

Ele olhou para mim com as mãos ocupadas, desenrolando a camisinha sobre seu pau. Antes que eu pudesse me apoiar sobre um cotovelo para dar uma olhada, ele estava se posicionando na minha entrada. A leve pressão da cabeça de seu pênis causou pequenos choques cintilantes. Pequenos fogos de artifício. Arrepios correram por toda a minha pele. Ele acariciou minha barriga, colocando a palma da mão contra a pele úmida, alcançando até as curvas das minhas coxas, tão brancas e grandes. Todas as minhas inseguranças voltaram, apesar do desejo em seus olhos. Ele era tão grande e bonito em cima de mim.

– Você é linda – ele sussurrou, com a voz rasgada.

Eu não podia falar, minha garganta estava seca como areia. Então, eu só assenti. Certamente ele tinha toda a permissão que precisava. Fiquei ali, dizimada por ele, molhada e disposta.

– Já faz um tempo. – Uma gota de suor correu pela lateral de seu rosto. Seus ombros subiam e desciam furiosamente, a luta pelo controle era óbvia em cada parte dele. – Quero que seja bom para você.

Eu juro que meu coração subiu e morreu com a dúvida em sua voz. Às vezes, éramos mais parecidos do que imaginava.

– Jimmy. Eu preciso de você dentro de mim.

Algo se aliviou em seus olhos e ele assentiu.

– Sim. Você precisa.

Eu ri, surpresa.

Então calei a boca. Mãos capazes seguraram as minhas pernas e ele começou a me penetrar. E como. Os lábios da minha boceta se esticaram em volta dele para acomodar o seu tamanho. Lentamente, mas sem hesitar, seu membro longo e duro preencheu lugares que eu nem sabia que existiam. Honestamente, não foi muito confortável. Fazia alguns meses desde a última vez, mas isso era ridículo.

Mexi e envolvi minha perna boa em volta dele, tentando ficar em uma posição melhor. Realmente, eu deveria estar molhada o suficiente após o orgasmo fenomenal.

– Quão grande você é?

– Você consegue me aguentar. – Sua língua passou por cima de seu exuberante lábio inferior e seu olhar fixou-se onde estávamos unidos.

– Isso não responde à minha pergunta.

Ele me deu um olhar rápido.

– Não gosto de me medir.

– Isso ainda não é uma resposta.

– Pelo amor de Deus. Nós podemos não discutir quando estamos fazendo sexo? Por favor?

– Tudo bem. – Eu parei de observá-lo por sobre os meus seios, ainda arfando, e olhei para o teto. Apesar de suas habilidades excessivas com sexo oral, parecia que nós não combinávamos lá embaixo. Que triste. Pelo menos daqui a uns anos, quando olhasse para trás, eu saberia que tinha tentado.

Seu polegar brincou com meu clitóris ainda supersensível, fazendo minhas costas se arquearem.

– Cuidado. – Eu respirei.

Ele assentiu, mas não me olhou. Aparentemente, nossas virilhas eram fascinantes demais. Ele recuou antes de penetrar outra vez em mim. Então,

novamente, ele deslizou para fora, retirando ainda mais dessa vez, antes de afundar novamente. Cada vez que fazia isso parecia melhor, e ele fez isso repetidas vezes, tomando muito cuidado. O homem se movia como se fosse uma máquina, nenhuma emoção, com os olhos focados. Apenas suas mãos o traíram, esfregando para cima e para baixo as minhas coxas, segurando, apertando e soltando, o suficiente para deixar marcas. Elas não conseguiam ficar paradas, estavam muito ocupadas explorando minha pele. Ele apertou os meus joelhos com força contra ele, mantendo-nos o mais perto possível. Claro, eventualmente o formigamento começou em todos os meus lugares favoritos, a tensão se construía embaixo da minha barriga. Eu raramente ou nunca gozava duas vezes na mesma noite. Isso simplesmente não acontecia, mas tê-lo dentro de mim agora era um prazer, não uma dor.

– Jimmy. – Eu engasguei quando ele bateu em algo particularmente maravilhoso.

Ele não olhou para cima.

– Sim?

– Faça isso de novo. – Meus seios estavam pesados, os mamilos estavam duros e contidos. Péssima lingerie. Eu precisava queimar meus sutiãs.

– O quê… isto? – Seu incrível pau obedeceu ao pedido, batendo exatamente no lugar certo, me iluminando como se eu fosse elétrica.

– Deus. – Meus olhos rolaram para trás. – Sim, sim, sim.

– Eu acho que você gosta do meu pau. – Ele riu diabolicamente, pegando ritmo, concentrado em meu lugar feliz, me deixando enlouquecida.

– Eu acho que amo o seu pau. – Eu ofeguei, minha bunda colada na mesa.

– Porra, isso é tão bom.

Ele martelava em mim de uma forma que era pura arte. Nossos corpos se entendiam perfeitamente. O encaixe e a sensação me marcavam por dentro, me tomando inteira, era perfeito. Cada um e todos os músculos em mim se contraíam, fazendo com que eu me contorcesse como uma louca. Jimmy entrava em mim forte e rápido enquanto eu gemia e gemia de prazer.

Caralho, ele sabia foder.

Eu nunca conheci alguém como ele. De jeito nenhum eu poderia manter meus olhos fechados, precisava assistir. Com a pele escorregadia de suor e olhos bem apertados, ele martelava em mim com uma precisão absoluta. Ele era tão divino e glorioso que chegava a ser assustador. Isso tinha que ser um sonho. Quando ele abriu os olhos, a escuridão da sua pupila parecia ter engolido todo o azul pálido. Ele olhou para mim, com seu coração e sua mente expostos.

Ele sentiu. Eu sei que ele sentiu. Era tão grande, tão devorador, como ele não sentiria?

Dessa vez, quando gozei, o mundo inteiro se apagou. Meu corpo inteiro foi lançado em alguma orgia de êxtase sem sentido. Parece loucura, mas é verdade. Meu sangue ferveu e meu cérebro apagou, cada pedacinho de mim tremia. Ele me transformou em uma criatura do sexo, feita para ele. E a recompensa foi sublime.

Eu ouvi um grito, depois um peso quente repousou sobre mim.

Nós dois estávamos ofegantes. O barulho ecoava, enchendo o recinto junto com a batida frenética do meu coração.

Lentamente, eu abri meus olhos de novo. O mundo ainda estava lá, apesar de todas as evidências corporais internas dizerem o contrário. As endorfinas fizeram uma festa com todo o meu ser. Como era incrível e marcante fazer sexo com Jimmy. Me dê cinco minutos e eu definitivamente voltaria para outra rodada. Agora, porém, ele merecia uma pausa.

– Ei. – Acariciei seu belo cabelo preto.

Imediatamente, ele começou a endireitar-se. Ele se levantou de cima de mim e começou a lidar com a camisinha. Ele amarrou-a na ponta e, em seguida, guardou seu pênis de volta em seus jeans, fechando o zíper e os botões. Eu senti falta do calor dele instantaneamente.

– Jimmy?

Ele não olhou para mim.

Entre minhas pernas estava uma maravilhosa bagunça molhada. O delicioso aroma almiscarado de sexo estava espesso no ar. Nenhum dinheiro no mundo compraria o sorriso idiota de êxtase do meu rosto. Eu não conseguia me importar e muito menos ficar constrangida. Ele me fez sentir muito bem.

– Jimmy?

– Sim? – Ele jogou fora a camisinha usada e apoiou as mãos ao lado da pia, olhando para fora da janela da cozinha.

– Você está bem?

– Claro. Sim, sem problemas.

– Bom.

Ele olhou por cima do ombro para mim, com a preocupação expressa nas sobrancelhas.

– Como você está?

– Bem. Obrigada. – Cara, isso tudo foi muito educado. Em seguida, poderíamos pedir torradas e chá e conversar sobre o tempo.

Seus ombros estavam tensos, ele não disse nada por um longo tempo. Ele estava me isolando novamente. As paredes estavam erguidas. Ele me estudou em silêncio e eu podia sentir a distância voltando a nos contornar. Primeiro centímetros, em seguida metros, até oceanos inteiros nos separavam de onde

estávamos.

Eu não aguentava mais, o silêncio estava me matando.

– Qual é o problema?

– Você não pode olhar para mim desse jeito.

Certo. Lá vai.

Meu corpo esfriou instantaneamente, tudo se evaporou. Eu estava sobre a mesa, seriamente necessitada de outro banho, meu cabelo transformado em um emaranhado gigante. A criatura do sexo se foi, dispensada. Eu alisei meu vestido novamente, cobrindo minhas partes íntimas arrebatadas antes de levantar. Esse definitivamente não era o tipo de conversa que eu queria ter deitada de costas, com tudo à mostra. Orgulho importava.

– Eu quero foder você de todas as formas que eu conheço – ele disse. – Mas você não pode olhar para mim desse jeito.

– Entendo.

– Eu, ah… eu preciso de um pouco de ar. – Ele caminhou até a porta da cozinha, sem hesitar nem olhar para trás. Em vez disso, ele foi direto para o frio ventoso da manhã de Portland sem uma jaqueta. A bunda dele ia congelar. E, na verdade, eu estava bem com isso naquele momento.

—

Meus olhos ardiam, apesar de eu não estar chorando. Atordoada parecia a resposta certa. Eu só… Eu não podia acreditar que ele me deu as costas bem depois desse sexo magnífico. Eu não tinha me apegado a ele, exigindo um anel. Não tinha havido nenhuma discussão sobre bebês. Toda a etiqueta do sexo casual havia sido respeitada.

Como se eu pudesse evitar o jeito como eu olhava para ele.

Chutei o ar, balançando desajeitadamente a bota médica para frente e para trás. Não havia sinal dele no pátio dos fundos. Porra, eu sabia para onde ele tinha ido.

– Você poderia ter pelo menos me ajudado a descer, seu babaca! – eu gritei, apesar de ele estar bem longe para ouvir. – Mal tinha razão, você não tem nenhum cuidado depois.

Pior pós-coito de todos.

CAPÍTULO QUINZE

No dia seguinte, os caras estavam de volta ao estúdio. Foi um longo dia em todas as frentes de ação, ou tanta ação quanto eu era capaz com a bota. Ev assumiu a maior parte da correria. Jimmy se tornara visivelmente ausente no dia seguinte ao acasalamento febril na mesa da cozinha. Independente de onde eu estivesse na casa, ele se colocava no ponto mais distante possível. Foda-se ele.

Como se transar com ele tivesse sido uma brilhante ideia minha.

Hoje, no entanto, ele aparentemente havia superado o episódio e estava pronto para retomar a vida como de costume. Sim, certo, como se fosse tão simples depois da forma como ele se comportou.

Eu o ignorei na parte da manhã. Eu o ignorei durante a tarde.

Eu o ignorei no andar superior e no inferior também.

Aparentemente, ele não gostava muito disso, já que ficou bastante carrancudo. Com certeza não pedi ajuda com as escadas. Com a bota, eu poderia cambalear suficientemente bem, lenta e incomodamente. Maldito Jimmy Ferris, com sua boca e pênis incríveis. Quem precisava dele? Eu não, eu sabia cuidar de mim mesma.

É por isso que os deuses inventaram vibradores, muito obrigada. Masturbação era muito mais seguro. Meus dedos nunca me deram esse tipo de problema.

Sim, em algum momento nas últimas vinte e quatro horas uma guerra fria tinha se instalado. Uma mulher desprezada, a quem fora negado o acesso ao seu pau. Ambos funcionavam. Se eu estivesse prestando atenção, eu teria visto que ele lançou olhares estranhos para mim durante toda a manhã. Mas, já que ele não estava mesmo no meu radar, isso passou despercebido. Na maior parte do tempo. Sim, eu estava tão farta dele que nem sequer o vi se aproximar novamente com o canto do olho.

– Lena.

Eu não respondi.

– Aqui.

Um pacote foi enfiado debaixo do meu nariz.

Ev e eu estávamos sentadas trabalhando nas adoráveis cadeiras confortáveis que eu havia trazido para fora do estúdio de gravação. Um azul-turquesa

brilhante, que se dane ele. Sentar na escada ficou cansativo depois de um tempo e eu tinha acesso aos seus cartões de crédito, então, por que não? Eu tinha feito outra compra na tarde de ontem, e ele ainda não sabia disso.

Mas não vamos entrar em detalhes.

A entrevista com a mãe dele tinha agitado as coisas. Com os paparazzi de prontidão do lado de fora, acampados na frente da casa, e com o telefone desligado, não tinha sido o melhor dia de muitas formas. Jimmy tinha todas as razões para estar pisando em ovos, tenso e infeliz. Eu tinha colocado o celular no silencioso e me concentrei em cuidar do mais recente acúmulo de e-mails. Mais cedo, eu tinha cometido o erro de atender a porta e fui bombardeada por câmeras. Eles gritaram perguntas para mim, tentando abrir caminho com tanta força que meu coração disparou e tive um ataque de claustrofobia. Os dois rapazes da segurança tiveram que se apressar, empurrando-os para fora, e me ajudaram a fechar a porta. Era a última vez que eu cometeria esse erro. Meia hora depois a minha foto com um olhar assustado e o cabelo de merda estava por toda a internet. Uma hora depois a minha mãe telefonou querendo saber se eu estava bem. E eu estava bem, só precisava de um pouco de Photoshop. Parecia um momento bom o suficiente para distraí-la com a história do meu tornozelo torcido. Só que, nessa versão, eu acidentalmente tropecei em um degrau. Sim, a mentira é uma coisa ruim, muito ruim. Mas não importava a minha idade, eu não podia admitir à minha mãe que eu tinha tentado chutar a porta de um cara. Isso momentaneamente atrasou a encheção dela quanto à minha presença no casamento da minha irmã. Uma bênção.

De qualquer forma, eu duvidava que estivessem conseguindo trabalhar direito dentro do estúdio. Todo mundo parecia distraído, agindo estranhamente alegre ou seriamente deprimido. Mal tinha tocado sua bateria por pouco tempo e todos deixaram por isso mesmo. De qualquer forma, foi bom que tivessem se reunido por causa do Jimmy. Eu também teria sido um baluarte de força e apoio se ele não tivesse me insultado e depois me abandonado na cozinha no dia anterior. Pelo que ele estava passando, eu realmente queria ser pura doçura e luminosidade. Então eu me lembrei de que ele me deu as costas nem dois minutos após estar dentro de mim. Ele ainda não tinha se desculpado, portanto, eu ainda não podia perdoá-lo.

Eu passei parte do dia no estúdio tirando fotos de todos (exceto Jimmy) com a câmera da Pam. Todo mundo amou as fotos e ela me deu muito incentivo e dicas úteis. Disse até que algumas delas podem ser usadas de verdade no encarte do próximo álbum.

Meu desentendimento com Jimmy só não tinha passado despercebido por ninguém, especialmente Ev. Ela tentou abordar o assunto de seu cunhado

comigo. Lancei a ela um sorriso triste e segui discutindo a logística para a próxima turnê. O que estava, ou não, acontecendo entre Jimmy e eu era assunto só nosso.

Eu ainda não havia falado com ele por causa do protocolo da guerra fria.

– Lena, vamos lá, pega – ele disse.

Minhas mãos permaneceram grudadas no iPad.

Ele suspirou.

– Ev, diz pra ela pegar essa merda?

– Jimmy, você não vai me arrastar para essa briga com a Lena, isso seria errado. – Com um sorriso de aço, Ev cruzou as pernas. – Não seria?

Muitos palavrões foram murmurados.

– Ei, me escolhe! Eu topo ser arrastado. – Como o mergulhão que era, Mal saltou sobre as costas do sofá de camurça cinza e sentou-se ao meu lado. – O que você gostaria que eu transmitisse à Lena por você, Jim?

– Esquece isso – ele rosnou.

O pacote foi recolhido e aberto. Fita preta e papel de embrulho branco, brilhante e desfiado caíram sobre os meus pés. Eu sabia disso pois ainda me recusava a olhar para ele, como a adulta que eu era. Uma câmera foi enfiada na minha frente, mas não qualquer câmera.

– Aqui – disse ele novamente.

– Jimmy disse “aqui” – reportou Mal ao meu lado.

Meus olhos se arregalaram.

– Essa é igual à da Pam.

– Lena disse: “essa é igual à da Pam” – continuou Mal.

Jimmy o ignorou.

– Sim, uma Nikon D4. Ela disse que é o que você precisa, se você estiver a fim de levar isso a sério.

Mal deu um assobio.

– Boa jogada, Jim. Estou impressionado. Mandou bem.

Eu olhei para ele, com a boca aberta. O Google tinha me dito exatamente o quanto custaria esse lindo bebê, tais como todos os acessórios. O Google tinha quase me feito chorar.

– Mas custa milhares e milhares de dólares. É uma câmera muito cara.

Um de seus ombros se ergueu.

– É para você.

– Eu não posso aceitar isso.

– Pam disse que, se você vier em turnê com a gente, pode ficar junto com ela algumas vezes. Seria como um aprendizado.

A empolgação com as possibilidades confundia a minha mente.

– Sério?

– Sim. – Com mais um de seus tradicionais suspiros, Jimmy entregou a câmera para Mal. Em seguida, segurou embaixo dos meus braços e gentilmente me botou de pé. – Olha, eu preciso que você pare de ficar puta comigo.

– Então, peça desculpas. É isso que você faz quando fere os sentimentos de alguém, Jimmy. Você pede desculpas.

– Acabei de fazer.

– Não, você só tentou me comprar. É muito diferente. Peça desculpas sinceras. Isso seria um pedido de desculpas… – eu disse, apontando para a câmera. Acrescentei: – Isso é um suborno.

– Isto torna o trabalho mais rápido.

Minhas mãos se remexeram ao meu lado.

– Eu não posso aceitar isso. Eu não posso me permitir ser comprada por você.

– Mas você não quer a câmera?

– Claro que eu quero a câmera – respondi. – Mas isso não vem ao caso.

– Não, Lena. É exatamente essa a questão.

Estávamos rodeados por sussurros, pois, é claro, tínhamos atraído uma multidão. Essas pessoas, tão excessivamente envolvidas na vida uma das outras… Isso não poderia ser saudável. Eu também sabia que estávamos sendo observados por conta da forma como o corpo de Jimmy ficou tenso. Por baixo da Henley preta de mangas compridas, seus ombros enrijeceram.

– Confie em mim. Nada disso é fácil. – Seu olhar correu de um lado para o outro. A linha dura de sua mandíbula se alterou com o que viu. – Todo mundo está olhando e, mesmo assim, eu estou falando com você.

Ev ficou de pé.

– Ok, gente. Vamos para outro lugar, deem um momento a sós para eles.

– Eu sou o baterista do Stage Dive. – Mal colocou a câmera loucamente cara na cadeira ao lado dele. – Você não pode me dar ordens, noiva criança.

– É tão fofo que você ainda ache engraçado, me chamar de noiva criança. – Do bolso traseiro do seu jeans, Ev tirou seu celular. – Vou ligar para Anne agora, fofocar sobre a sua recusa em dar um pouco de privacidade a Jimmy e a Lena, pode ser?

– Você não ousaria.

Seu dedo se moveu pela tela.

– Ah, eu acho que ousaria.

David e Ben riram, com ares de durões, mas obedeceram e voltaram para o estúdio de gravação. Eles claramente não queriam enfrentar a moça.

Um segundo depois, Mal os seguiu.

– Eu não gosto que vocês mulheres sejam tão amigas. Isso não é certo.

– Conta tudo pra sua namorada quando se encontrar com ela de noite. Eu adoraria saber o que ela tem a dizer. – Com um aceno final, Ev retornou para dentro da sala de mixagem ou seja lá o nome que tinha.

Não importava.

Jimmy e eu estávamos quase cara a cara, observando um ao outro cautelosamente.

– Comprei para você – ele disse. – Se você não aceitar eu vou jogar fora. Você não ia gostar que eu fizesse isso, não é?

– Isso é chantagem.

– Sim. Pode me processar.

Cruzei os braços.

– Diga que você está arrependido.

Ele gemeu.

– Lena.

– Você fez sexo comigo e depois ficou horrível e feriu meus sentimentos. Isso não é pouca coisa. É, na verdade, na ordem das coisas, muito, muito grande. – Meus dedos se apertaram em torno de seu pulso forte. – E dois orgasmos antecipados não compensam isso. Peça desculpas com sinceridade.

– É só que… não era o que eu esperava.

– O sexo?

– Sim – ele respondeu.

– O que você esperava?

– Eu não sei. – Sua testa ficou toda enrugada. – Alguma coisa menos do que bom.

– Foi apenas bom? Eu achei que foi ótimo.

Ele esfregou o rosto com sua mão.

– Que se dane. Tudo bem, sim, foi ótimo. Sua boceta é perfeita e eu não consigo pensar em mais nada, tudo bem?

Eu tinha que sorrir.

– Bem, pelo menos você está apaixonado por uma parte minha.

– Isso quer dizer que você me perdoa?

– Não, nem perto disso.

– Droga, Lena. – Ele passou seus braços ao meu redor, me apertando com força contra ele. Meu rosto estava todo amassado contra seu peito. Seu duro e inflexível peito me permitiu perceber o fato de que provavelmente ele parou de respirar em algum momento. Seus braços grossos, de aço, congelaram ao meu redor.

– Jimmy, você está me abraçando de verdade?

Um grunhido.

– Ok, você está indo muito bem. – Eu ajustei meu queixo em seu peito e olhei para ele. – Estou orgulhosa de você.

– Você vai parar de me ignorar agora, e podemos voltar a ser… a gente?

– Sim.

Ele soltou o ar, enfim.

– Bom. Isso é bom.

Passei meus braços ao redor dele o mais apertado que consegui. Ele era o meu Romeu de jeans preto e essa história tinha a mesma chance de acabar em uma trágica morte. Então, todo o amor que eu tinha por ele em meu coração transbordou, preenchendo cada parte minha com esses sentimentos afetuosos. Eu já tinha me apaixonado antes, com certeza. A diferença aqui é que eu o amava, tudo nele, e nada tinha ficado mais fácil. Cada parte de mim o desejava, eu ansiava por ele em um nível celular. Não havia chance de escapar de emoções dessa magnitude. Seu lado bom e mau, claro e escuro, suas partes agradáveis e desagradáveis.

Eu amava tudo o que ele era, e isso me deixava completamente impotente.

Como seria se ele soubesse disso, se ele alguma vez suspeitasse da verdade inteira, que isso não era apenas alguma fantasia passageira? Bem, eu levaria um pé na bunda tão rápido que eu sequer encostaria no chão por três quarteirões. Então, eu o amava em silêncio.

Em troca, ele me deu tapinhas leves na cabeça.

– Fico feliz que resolvemos isso – disse ele, com os braços caídos. Eu o apertei com mais força. – Preciso voltar ao trabalho. Os caras estão esperando. Mas Lena, você pode me fazer um favor?

– O quê?

– Aceite a câmera. Por favor. Eu quero que você fique com ela.

– Mas é muito cara.

– É só dinheiro, Lena. Relaxe. Eu tenho mais.

– Bem, eu estou achando cada vez mais difícil de resistir.

– Então não resista.

Soltei um longo suspiro, esfregando sorrateiramente meus seios nele (não me julguem).

– Ok, mas só porque seria terrivelmente rude não aceitar um presente tão generoso.

– Não é nada, nada mesmo. Com a quantidade de dinheiro que tenho, isso é uma gota no oceano.

Eu estudei o rosto dele e, com certeza, a sua calma habitual e o comportamento de quem não se importa tinha voltado.

– Ah.

– Tudo certo? – Seus pés se embaralharam, e a conexão entre nós foi repentinamente cortada. – Estamos bem?

– Vinte mil – disse a voz baixa e profunda de Ben, suavemente, em algum lugar atrás de mim.

– Não vou tomar seu dinheiro de novo – Mal respondeu. – É muito fácil.

– Tudo bem, aposto quarenta mil que eles terminam até o Natal.

– Por que você está sempre apostando contra o amor verdadeiro, Benny? Qual é a sua?

– É tudo uma merda – resmungou Ben.

– Ben… – alertou Jimmy. – Cuidado com sua maldita boca.

– Sinto muito. – Alguns resmungos de Ben. – Não tinha percebido que vocês estavam ouvindo.

– Claro que estamos ouvindo, seu idiota. Não somos surdos. Chega disso. – Jimmy deu um passo para trás, se desvencilhando gentil mas firmemente de mim. Minhas mãos gananciosas não tiveram chance alguma. Ele era muito forte, caramba. – Hora de voltar ao trabalho.

– Espere. – Abracei-me para me sentir menos despojada. – É verdade o que você disse sobre eu ir como aprendiz da Pam na turnê?

– Sim. Ela que sugeriu, então fale com ela. Ela disse que você tinha um talento natural e a ajuda seria bem-vinda.

– Mas eu pensei que você queria que eu continuasse trabalhando para você como assistente.

Ele repuxou os lábios para o lado, com uma expressão interrogativa.

– Acho que você provavelmente vai acabar enjoando disso, eventualmente. Vai ficar entediada. Você vai trabalhar com a Pam, então ainda poderá trabalhar para mim e fazer outras coisas também.

– Então vai ser como um segundo emprego?

– Claro. Por que não?

– Eu vou pensar no assunto e converso com a Pam.

– Faça isso e depois aproveite a oportunidade. Vai ser uma grande experiência para você.

– Eu vou pensar no caso.

– E quanto ao sexo? – ele perguntou.

– O que tem?

– Eu quero fazer de novo. Com você. – Sua voz ficou mais baixa. – O que me diz?

– Honestamente, eu não sei.

Ele olhou para o meu rosto, sem dizer nada por um bom tempo. Dedos agitados começaram a bater de leve na parte inferior das minhas costas. Por fim,

disse:

– Nós ainda não superamos um ao outro, não é mesmo? Assim, as razões originais ficam mantidas.

Meu coração parou.

– Ainda não, né?

– Sim. – Ele fez uma pausa e suspirou. – É a verdade, não é?

– Eu acho que é. É bom ouvir isso.

– Então, eu acho que devemos fazer mesmo, tentar algumas posições diferentes, dar uma sacudida nas coisas. Talvez até conserte as coisas, nunca se sabe.

– Você realmente acha que me dar uma "tesoura", "borboleta" ou "volta do dragão" vai consertar as coisas entre nós?

Seus olhos vidraram.

– Lena… Ah, cara.

– O quê?

Com o movimento de sua mão, ele focou minha atenção para baixo. Definitivamente havia algo acontecendo dentro de sua calça.

– Não é minha culpa se você não consegue controlá-lo. Não é como se estivesse pregado em mim.

Ele gemeu.

– Bem, a nossa transa vai definitivamente corrigir uma coisa.

– Verdade. – Uau, realmente havia uma clara protuberância atrás de seu zíper. E lá se foi a minha calcinha. Pensamentos frios. Pensamentos chatos. – Mas você não reagiu bem a uma boa transa comigo da última vez.

– Isso não vai acontecer novamente. Eu prometo.

– Você promete, né?

– Absolutamente. – Ele se aproximou. – Palavra de escoteiro.

– Você não me parece alguém que foi escoteiro.

– Eu não fui. Mas ainda posso fazer um puta nó.

Minha boca se abriu, mas sim… Nada. Ah, os pensamentos sujos dançavam em minha cabeça. Queria saber tudo sobre eles em detalhes.

Ele sorriu.

– Essa é a primeira vez que eu vejo você sem palavras.

– Cala a boca. – Meu rosto parecia queimar. Limpei a garganta algumas dezenas de vezes. – Enfim, eu só queria aproveitar esta oportunidade para dizer pessoalmente o quanto eu me sinto horrível porque você gostou de fazer sexo comigo. Não, realmente, Jimmy. Estou sinceramente me desculpando pelo comportamento da minha vagina aqui.

– Sim, ok. – Ele virou o rosto, tentando reprimir um sorriso. – Agora você está

gostando um pouco demais disso.

– Impossível.

– E eu sei sobre as flores que você mandou pra Liv por mim.

– Sabe mesmo? – Minha excitação se retraiu de leve.

– Ela ligou, parecia muito, muito feliz com elas. Quanto você gastou exatamente?

Forcei algumas risadas.

– Você disse que o dinheiro não era um grande problema, e que tem muito mais. – Ele agarrou meus ombros. A firmeza com que seus lábios estavam apertados sugeria muito mau humor em um futuro imediato. – Ei, eu fiz uma coisa legal para outro ser humano, para ajudá-la a se sentir bem consigo mesma. Aconteceu de fazer com o seu dinheiro. Mas, Jimmy, você não foi gentil quando ela saiu daqui, e eu me senti… Sabe, foi você que a convidou para vir até aqui, e então…

Ele só olhou para mim.

– Podemos voltar para a parte em que eu estou certa e você está errado? Pessoalmente, isso era mais divertido para mim.

Ouvi passos descendo as escadas atrás de mim.

Companhia para me salvar, viva!

Jimmy não pareceu se importar se havia público ou não para o meu estrangulamento. Em vez disso, ele envolveu sua mão ao redor do meu rabo de cavalo, puxando gentilmente até que deixei minha cabeça pender para trás.

– Eu não dou a mínima pras flores – ele disse, se inclinando e pressionando seu rosto contra minha testa. Droga, isso era bom, eu não tinha ideia de que a testa era tão sensível. Meu corpo ficou fraco, repleto de boas vibrações. Foi basicamente como ganhar um grande e feliz beijo no meu rosto, levemente embaraçoso, mas muito gratificante. Imagine se ele tivesse me beijado lá, eu provavelmente teria gozado.

– Foi uma boa ideia – ele disse. – Você fez a coisa certa. Obrigado.

– De nada.

– Não se preocupe com as cadeiras, caso esteja se perguntando. – Eu sorri e fiquei perfeitamente imóvel, enquanto ele acariciava minha bochecha com os nós de seus dedos. Era tão bom ser tocada por ele novamente, ficar tão perto. Seu olhar se dirigiu para o alto, indo direto para alguém atrás de mim.

– Oi, Dean.

– Jim – Dean respondeu, com a voz lacônica.

Eu parei. No momento em que ele me tocou eu tinha me esquecido completamente de que alguém estava lá, tal era o seu poder. E ali estava ele, me usando para fazer um ponto, mostrando a Dean que ganhou ou alguma outra

besteira masculina.

– Lena – Dean disse.

Com as duas mãos, empurrei o abdome de Jimmy, forçando-o para trás.

– Oi, Dean.

Seu rosto estava fechado, com o semblante sério.

– O que aconteceu com seu pé?

– Ela tentou arrombar a minha porta – disse Jimmy, abençoado seja o seu atencioso coraçãozinho. Tenho certeza de que não havia nenhum traço de presunção em sua voz, isso seria apenas coisa da minha imaginação.

Dean vagou em direção ao estúdio.

– É melhor voltar ao trabalho.

A porta silenciosamente se fechou.

– O que foi isso? – perguntei, com a voz enganosamente calma.

– O quê? – perguntou Jimmy, dando de ombros em protesto pela sua inocência.

– Você fez isso de propósito, só para atingir Dean.

– Espera aí, você quer ou não que eu te toque?

– Você pensou que eu não iria dizer a ele que não podia mais vê-lo?

Ele revirou os olhos, lançando um olhar entediado.

– Eu estava só brincando.

– Não, você agiu como um idiota ciumento – informei com toda a calma possível. – Isso foi um insulto para mim, e você foi um idiota com o Dean. O cara trabalha com você faz anos e merece mais respeito.

Ele segurou a minha mão.

– Você está brava comigo de novo?

– Ah, você viu o que você fez?

– Lena, vamos lá.

Desvencilhei minha mão da sua.

– Corrija isso.

– O quê? Como?

– Vou te dar uma dica. Não é comprando nada. Descubra sozinho dessa vez.

—

A minha conta de e-mail particular de repente tinha sido bombardeada por todos os tipos de mensagens. Principalmente com palavras como “ah, ei, você conhece alguém famoso. Quer sair uma hora dessas?”, esse tipo de coisa. Acho que as pessoas são muito volúveis aos vinte e poucos anos. A maioria dos meus amigos não pareceu ter sentido a minha falta quando eu fugi de casa depois do

anúncio do noivado da minha irmã com o meu ex, logo, eu podia passar muito bem sem esse interesse súbito em mim devido à minha associação a um dos irmãos Ferris.

– Oi.

Olhei por cima do laptop e avistei David Ferris na porta do escritório. Não era alguém que eu esperava que viesse me chamar.

– Olá, David.

– Podemos conversar por um segundo? – perguntou ele, com o rosto sério.

– Claro.

Deu dois passos, examinando a sala. Havia apenas a mesa, duas cadeiras, algumas prateleiras com vários prêmios de música e afins. Provavelmente, era o lugar mais simples em toda a casa, o cômodo mais bem utilizado. Ele provavelmente nunca estivera aqui antes.

– Jim está ocupado na cabine, mas encerramos em breve – disse ele, com os lábios desenhando um certo sorriso estranho.

– Certo. Tem algo em que eu possa ajudá-lo?

– Eu queria conversar com você sobre ele. – Minha guarda subiu um pouco. Novamente todos eles se metendo na vida uns dos outros. Mantive minha boca fechada. – Fico feliz que vocês dois tenham feito as pazes. Mas, Lena, ele vai continuar estragando tudo. Ele não pode evitar.

– Eu não acho que devemos…

– Na escola, ele podia ter a garota que quisesse com um olhar. Eu juro, isso era tudo o que precisava, e elas vinham correndo.

Aposto que iam mesmo.

– Tem sido igual desde então. Ele nunca foi do tipo que volta para o segundo encontro. Nenhuma delas nunca lhe interessou muito.

Eu enterrei minhas mãos no meu colo, olhando para longe. Aonde quer que ele estivesse indo com aquele assunto, eu não estava gostando. Além disso, não importava o quanto as coisas estivessem complicadas para Jimmy, não ia falar sobre ele com seu irmão pelas suas costas.

– Já ouvi falar. David, eu não me sinto confortável mesmo com isso.

– Ele está realmente a fim de você. Você entra na sala e só existe isso para ele, Lena. Observa você às escondidas, ouvindo tudo que você diz. Eu não sei se você percebeu…

Eu pisquei.

– Não. Não percebi.

– Jimmy sempre foi um tipo difícil, fechado.

– Não. Ele é apenas complicado. – Saltei em sua defesa sem pensar duas vezes. Essas foram as mesmas coisas que o idiota do meu ex tinha me acusado

de ser. Qualquer situação parecida acionava o grande botão vermelho da raiva dentro de mim, prestes a explodir.

– Lena… – disse David. – Apenas permita-me explicar. Por favor.

Eu sacudi a cabeça. Seu olhar se voltou aos troféus brilhantes. Ele realmente era um homem muito atraente, mas tudo o que eu conseguia ver eram as semelhanças com o Jimmy, a genética que compartilhavam. Ou talvez fosse o amor procurando em toda parte traços do que a gente deseja. Talvez eu começasse a ver o Jimmy em todo lugar de agora em diante.

– Você sabia que foi ideia dele começar a banda?

– Não, eu não sabia.

David assentiu, dando um meio sorriso.

– Sim, ele gosta de falar que fui eu, mas não. Jim disse que, se estávamos gastando tanto tempo brincando com guitarras e essas coisas, poderíamos muito bem tentar fazer algum dinheiro com isso. Mas não era disso que se tratava para ele, não mesmo.

Apesar de tudo, eu me inclinei para a frente na minha cadeira, ansiosa para saber mais.

– O que era, então?

– Família, Lena. Ele queria todos nós juntos. Eu acho que… Bem, eu sei, mesmo naquela época, ele estava começando a se desenvencilhar. Ele já estava bebendo e fumando maconha. Não apenas casualmente, mas em excesso. Então a banda foi crescendo, assim como as suas angústias. – Seu maxilar deslocou de um lado para outro. – Era como se ele não sentisse que merecia o sucesso, então, quanto mais isso vinha em sua direção, mais o assustava.

– Por que você está me dizendo isso?

– Porque agora ele está fugindo de você. Ele está com medo de você, Lena. – Eu pisquei. – Ele está sempre de olho em você, e, em seguida, no minuto em que você entra no espaço dele, fica agitado e tenso. É como se você fosse a sua nova droga. Só que você faz realmente bem para ele. – David cerrou os olhos e franziu o cenho. – O problema é que ele simplesmente não sabe como lidar com você. Não se sente digno do tipo de amor que tenho com a Ev, ou o que Mal tem com Anne.

– Eu não tenho muita certeza do que fazer com relação a isso – comentei, movendo minha perna, que começava a doer, para uma posição mais confortável. Minha mente estava rodopiando. Tinha sido um dia longo. – O que você está me dizendo, David? O que você quer de mim?

– Ah, eu não sei. – Ele riu. – Eu acho que estou te pedindo para ter paciência, para não desistir dele. – Eu apenas olhava. – Não parta o coração dele, Lena. Porra, ele mal sabe que tem um, mas ele tem. E é um muito bom, de verdade.

Basta dar a ele uma chance de descobrir o que fazer com isso. Por favor?

– David…

Ele ergueu a mão, impedindo as minhas palavras, se eu tivesse alguma.

– Apenas pense nisso.

– Há algo que eu preciso que você pense também – repliquei. – Por favor.

– O que é?

Eu respirei fundo, escolhendo as palavras com cuidado.

– Depois de Idaho, quando sua mãe apareceu e lhe disse aquelas coisas, isso magoou o Jimmy, de uma maneira ruim.

Seu olhar escureceu.

– Lena.

– Ele te protegeu dela, muito mais do que você imagina. Eu não posso contar… – Dei de ombros, ainda com as mãos entrelaçadas no colo. – Não é certo que eu fale mais, mas ele precisa do seu apoio quando o assunto é ela. É o que ele mais merece.

David olhou para o chão e balançou lentamente a cabeça.

– Eu sei. E eu vou.

– Obrigada.

Ele me dirigiu um olhar pensativo debaixo de suas sobrancelhas. – Acho que nós dois o amamos, não é?

Meus lábios se separaram para confirmar, mas eu simplesmente não podia dizer isso. As palavras desapareceram.

Ele sorriu e saiu.

Eu fiquei lá sentada por um longo tempo, pensativa.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Era por volta da meia-noite quando ele chegou na ponta dos pés. Eu quase sorri ao imaginar Jimmy sorrateiramente no meu quarto depois do apagar das luzes, era tão divertido. Era como ter dezesseis anos novamente.

– Lena? – ele sussurrou, se arrastando sobre a cama. – Você está acordada?

Depois de brigar, fazer as pazes, brigar novamente e de conversar com David, eu estava exausta. Aborrecida. Emocionalmente, eu só precisava ser pendurada para secar por um tempo, então eu decidi fingir que estava dormindo. Eu meio que também queria saber o que ele faria se eu não respondesse.

Ele tinha ido correr com Ben depois que terminaram o trabalho no estúdio. Eu fiz um prato de comida e me retirei para o quarto. Vou te contar, me arrastar escada acima, com um prato na mão, não foi uma coisa fácil. Talvez não tenha sido uma boa ideia. Mas lá embaixo ainda havia pessoas trabalhando e, honestamente, eu precisava de algum tempo em silêncio, só eu, comida boa e a câmera nova.

Foi bom para desacelerar. As coisas andavam bem intensas ultimamente.

Jimmy deslizou por baixo do cobertor, e o colchão se moveu com o seu peso. Deitei de costas, apoiando o meu pé em um travesseiro. Por um tempo, ele pareceu satisfeito apenas em ficar deitado perto de mim. Meus ouvidos se apuraram para ouvir cada suspiro seu, cada farfalhar do lençol. O que ele estava fazendo aqui? Tinha que ser sexo, com certeza. Eu fiz uma careta na escuridão, aguardando a revelação e sem receber absolutamente nada pelo meu incômodo. Não entender nada parecia ser o tema do ano.

– Pedi desculpas a Dean – disse ele, calmamente.

– Pediu mesmo?

– Sim.

– Bom. Fico feliz. – Então alguns dedos vieram me procurando. Eles rastejaram por cima do meu quadril, pararam e puxaram o material da minha camiseta de dormir, tocando um dos diversos buraquinhos na barra.

– Essa é minha camiseta velha, não é? – Ele se aproximou. O colchão se moveu de novo quando ele estendeu a mão sobre mim e acendeu o abajur na mesinha de cabeceira. Pequenas luzes dançavam diante dos meus olhos. Quando

minha visão clareou, ele estava parado sobre mim, um pouco embaçado, pois eu estava sem óculos. – Eu sabia que você tinha pegado.

– Eu não tenho a menor ideia de como ela se misturou com a minha roupa.

– Você mente muito mal.

Segurei um sorriso. Se ele pensava que eu ia devolver a camiseta, estava sonhando.

– Isso não é uma coisa legal de se dizer.

– Você quer algo legal? – ele perguntou, com a voz caindo em um tom sensual. – Eu posso ser legal.

– Eu sei que pode.

– Eu simplesmente não pensei quando vi o Dean. Você estava certa, eu fico com ciúmes. – Ele calmamente xingou, ainda brincando com a barra da minha camiseta. Seu polegar se escondeu debaixo dela e acariciou a pele nua da minha barriga. Era uma sensação doce e delicada. Era sexo, tal como eu suspeitava, e eu me envergonhava por não me importar. Minha mãe deveria gritar comigo por ser tão fácil.

Eu parei de respirar por um momento. Quando se tratava dele, eu era simplesmente uma tola.

– Fale comigo – ele disse, com a voz suave.

– Sobre o quê? – perguntei tão suavemente quanto ele.

– Qualquer coisa.

O que dizer? Eu me virei para encará-lo. Sua cabeça estava sobre o travesseiro ao lado, nem muito perto, nem muito longe. A distância perfeita para tocar ou falar. Como seria bom se eu o visse toda noite e acordasse com ele toda manhã, deitado ao meu lado.

– Quer que eu cuide lá de baixo de novo? – As pontas de seus dedos acariciaram a minha barriga, fazendo tudo lá embaixo despertar de uma vez só. Um pouco mais disso e o estado da minha calcinha seria deplorável. Ele se levantou, apoiando-se em um cotovelo, um movimento que eu senti mesmo sem poder ver. – Lena? Você ainda está brava comigo por causa do Dean?

– Não, não estou, embora eu preferisse que você não tivesse a necessidade de fazer isso. Temos que parar de brigar o tempo todo, isso está me desgastando.

Sua mão agarrou meu quadril.

– Você quer dizer que eu preciso parar de estragar tudo.

– Eu quero dizer que nós dois precisamos descobrir uma maneira de não ficar constantemente chateados com tudo o que o outro faz.

– Hmm. – A palma da sua mão deslizava sob meu quadril, me erguendo ligeiramente da cama para agarrar uma nádega. Tão sutil. – Eu tenho uma coisa que vai fazer sua bunda se sentir melhor.

– Eu duvido, considerando o seu tamanho.

Ele riu em silêncio.

– Estou falando sério, Jimmy. Precisamos aprender a viver com um pouco mais de paz e harmonia, antes de acidentalmente de propósito matarmos um ao outro um dia desses. – Eu estendi a mão, tocando em seu cabelo. Conforme o costume, ele enrijeceu, mas logo relaxou novamente, permitindo. Era como lidar com um animal selvagem, nunca se sabe quando os dentes podem sair. Seus dedos amassaram minha nádega, apertando firme.

– Nós dois temos temperamentos fortes – ele disse. – Mas eu devo dizer que você guarda rancor por muito tempo.

– Você me deixou sentada sem calcinha na mesa da cozinha. Descer de lá com essa bota maldita não foi fácil.

– Sinto muito. Isso foi uma coisa babaca de se fazer. – Direto, sem hesitar. Talvez ainda houvesse esperança para ele.

– Obrigada, você está perdoado. Então, o que foi? – perguntei. – Você simplesmente ficou entediado em seu quarto?

– Algo assim. – Sua grande sombra se inclinou sobre mim.

– Ou você quer algo em particular? – Minha mão deslizou até seu pescoço, acariciando os músculos rígidos. Sua pele era tão fina, suave e quente. Talvez, se eu pedisse com muito jeitinho, ele tiraria a camiseta? Não, mão boba! Fica me fazendo pensar toda sorte de pensamentos indesejados.

– Eu não queria dormir sem falar com você – ele disse. – Estive ocupado hoje, e você foi para a cama mais cedo.

– Você sentiu minha falta?

Ele suspirou e assentiu com a cabeça.

– Isso é bom. Uma garota gosta que sintam sua falta.

Meu polegar tocou o seu queixo com barba por fazer. Ele pegou meu dedo com os dentes, mordendo suavemente, me surpreendendo. Jimmy não era alguém que eu imaginava como brincalhão. Seus dentes não me soltaram. Mexi minha mão, tentando me libertar.

– Você é um animal – ri, finalmente puxando meu polegar. Chega dessa bobagem, eu quero sexo. A despeito do que o meu cérebro queria, minha barriga estava enrolada, e meus músculos da coxa, contraídos. Me sentei e Jimmy recuou, mantendo a mesma distância entre nós. – Me beija – eu pedi.

Ele deu um apertão no meu quadril.

– Abre as pernas, me deixe chupar você.

– Primeiro eu quero um beijo.

– Eu vou beijar a sua doce boceta. – Outro apertão, na coxa, desta vez. – Vamos, Lena, abre.

Eu gostei dessa ideia, realmente, juro por Deus que gostei, porque era preciso ser uma idiota completa para não gostar. No entanto, tinha algo mais acontecendo por aqui. Minha mão se atrapalhou com meus óculos sobre a mesa de cabeceira.

– O que aconteceu? – ele perguntou.

– Você nunca me beijou.

Jimmy riu. Ele parecia lindamente despenteado ao final do longo dia, seu cabelo estava todo bagunçado.

– Nós só transamos uma vez.

– A maioria das pessoas se beija antes disso. Na verdade, é uma espécie de tradição. Sabe, nem mesmo hoje à tarde, quando você estava fazendo aquela declaração de virilidade para o Dean, você me beijou. Você só pressionou a bochecha contra a minha testa.

– A camiseta fica muito bem em você – disse ele, dando o cuidado merecido a meus alegres mamilos. Era legal da parte dele reparar nisso, mas completamente fora de questão.

– Você não faz isso, não é? – Eu o vi olhar para todo lado, para qualquer lugar em que eu não estivesse. – Você não tem problemas com toque, se for feito devagar, mas beijar de verdade é um problema.

Ele balançou a cabeça e retirou a mão da minha perna.

– Lena…

– Eu tenho que dizer, mergulhar de cabeça embaixo da saia de uma garota é um excelente método de evitar a sua boca. Nota máxima, Jimmy, isso é um plano genial.

Ele pelo menos teve a decência de parecer envergonhado.

– É muito pessoal, não é?

Ele bufou.

– Isso é uma baita loucura, como pode ser muito pessoal? Adoro lamber a sua boceta, por que eu teria medo do seu rosto?

– Me diga você.

Aparentemente ele decidiu não dizer, visto que seus lábios ficaram firmemente fechados.

– Eu quero te beijar, Jimmy. Eu quero faz uma eternidade. Me beija?

Com as sobrancelhas baixas, ele me respondeu com uma carranca.

– Vem aqui, está tudo bem. – Eu me agarrei à frente de sua camiseta, puxando-o para mim. – Sou eu.

Ele se afastou um ou dois centímetros.

– É que eu não curto muito isso. Não é nada de mais, todo mundo gosta de coisas diferentes, sabe?

– Eu sei. – Puxei-o um pouco mais perto. – Só preciso saber que gosto tem os seus lábios.

– As outras garotas nunca se importaram. Não é como se eu as deixasse necessitadas, sempre fiz questão que elas gozassem.

– Isso é bom. – Puxei um pouco mais para perto.

– Eu só… Você sabe, eu não queria ficar só no rosto, nem ficar muito próximo delas. Eu não gosto disto. Eu já beijei garotas antes. Já fiz isso, só que realmente nunca me interessei.

– Ok. – Lentamente, eu o arrastei até nossos narizes estarem próximos. Deixa eu te contar, ele não estava gostando nada daquilo. – Vamos apenas nos beijar um pouco. Não é grande coisa.

– Não, eu sei. – Ele fez beicinho.

– E se você realmente não gostar, eu paro.

Ele concordou, hesitante.

Doce e suavemente, pressionei meus lábios contra o canto de sua boca. Ambos mantivemos os olhos abertos o tempo todo. Ele lambeu os lábios e soltou um suspiro. Quando ele não fez nenhum movimento imediato para saltar fora da cama e escapar, ousei tentar novamente. Um único beijo contra seu belo lábio inferior. Ele se encolheu, mas não recuou.

Inclinei minha cabeça, beijando de novo aquele ponto, com mais contato, desta vez, por causa do ângulo.

– Como foi? – perguntei, sentindo seu hálito quente em meus lábios.

Ele deu de ombros.

– Não foi ruim. Não me incomodou.

– Quer tentar mais um?

– Certo. Mais um.

– Você pode abrir um pouco mais dessa vez?

Seus lábios se abriram um pouco e ele se manteve rígido, deixando-me assumir a liderança. A expressão hesitante em seu rosto diminuiu até se parecer com curiosidade, seus olhos foram se fechando gradualmente.

– Obrigada. – Eu passei meus lábios nos dele, bem de leve. – Você tem uma boca tão bonita, Jimmy, e os seus lábios são tão quentes e macios. – Ele fez um barulho como aviso. Acho que foi bom. – Eu estava morrendo de vontade de te beijar.

Nossos narizes bateram um no outro e eu sorri, mudei a inclinação do meu queixo e continuei. Abri meus lábios um pouco, beijando seu lábio superior mais e mais. Podia sentir sua respiração contra o meu rosto e sua barba na minha pele. Eu queria afundar inteira nele, conhecê-lo por dentro e por fora. Eu queria proteger e estimar, incentivar e amar. Muito lentamente ele se inclinou, se

aproximando, me encontrando no meio do caminho. Quando toquei seu lábio inferior com a ponta da minha língua, ele respirou fundo, e seus olhos se abriram.

– Você prefere sem língua? – perguntei.

– Pode ser com língua. – Seus olhos estavam atordoados, e suas pupilas, dilatadas.

– Abre a boca um pouco mais para mim?

Ele balançou a cabeça, fazendo o que eu disse. Sua mão deslizou pela minha perna e seus dedos fortes amassaram minha coxa. Dessa vez, quando me inclinei, ele veio em minha direção também. Caramba, sucesso! Uma doce euforia corria em minhas veias. Ele queria. Eu inclinei a minha cabeça e gentilmente cobri sua boca com a minha, contornando com a língua a borda de seus dentes, explorando. Ele expirou e eu inspirei.

Timidamente, a língua dele alcançou a minha. Um toque rápido e ela se foi outra vez. Eu continuei deslizando sobre seus dentes, brincando com seus lábios, tentando-o a ir mais longe. Ele tinha um gosto tão bom que eu nem conseguia dizer. Então, novamente, sua língua tocou a minha, esfregando, me fazendo gemer. O beijo ficou mais profundo e mais firme quando Jimmy se empolgou, e nossas línguas se enredaram repetidas vezes. Quando ele finalmente se soltou, nos sentamos com a respiração ofegante, olhando um para o outro.

– Você gostou? – perguntei.

Seu olhar ficou colado aos meus lábios inchados pelos beijos. Cautelosamente, ele tocou sua boca.

– Não foi tão ruim com você.

– Não?

– Mais um. – Sua mão deslizou pela minha nuca e me puxou quando sua boca encontrou a minha. Nossos lábios, dentes e língua lutavam pelo domínio, mas era a mais doce de todas as batalhas. Ambos venceriam no final.

Sem hesitar, ele estendeu a mão para a barra da minha camiseta e a arrancou por cima da minha cabeça, jogando-a de lado. Em seguida, suas mãos seguraram meus seios, sentindo o seu peso.

– Eu precisava fazer isso.

– Precisava? – ofeguei.

– Ah, sim. Seus seios são incríveis. Precisava colocar as mãos neles há algum tempo. – Seus polegares acariciavam os meus mamilos, brincando com eles, deixando-os duros. Meus seios estavam inchados e pesados, e as coisas lá embaixo se agitaram bastante. Era ligeiramente vergonhoso o quão molhada ele me deixava. Que estímulo para minha confiança ver o quanto ele gostava do meu corpo. Seus dedos acariciavam a curva dos meus quadris e o redondo da minha

barriga (infelizmente, eu gostava muito de comida para que ela fosse reta). Em seus olhos não havia hesitação, apenas apreciação. Simplesmente estar tão perto dele, ter as suas mãos sobre mim, afastou todos os outros pensamentos da minha cabeça. Só o agora importava.

Ele beliscou meus mamilos levemente e eu engasguei.

– Sensível? – perguntou.

– Sim.

– Quer que eu pare?

– Por Deus, não!

– Você é tão gostosa – ele sussurrou. – Você não faz ideia.

– Nunca percebi que você reparava em mim desse jeito.

– Eu não podia deixar de reparar, e acredite em mim, eu tentei. Exceto no escritório do Adrian. Você estava usando aquela camisa branca apertada, me encarando como se estivesse pronta para acabar comigo. Quase morri por não poder te morder.

– Você se lembra do que eu estava vestindo quando nos conhecemos?

– Bem, sim. Não é grande coisa. – Eu não tinha tanta certeza disso. Ou talvez fossem apenas minhas esperanças. Ele riu, baixo e obsceno. – E quando vamos correr… Merda. Nunca compre um sutiã esportivo melhor. Eu acho que eu choraria se não pudesse vê-los saltando todas as manhãs.

– Eles não são tão ruins.

– Não – ele disse. – São ótimos.

– O que mais você tem notado, Senhor Ferris?

Seu sorriso era tão mau. Eu adorava. O tempo todo suas mãos seguiram tocando os meus seios, moldando-os com os dedos, me deixando louca. Meus pulmões se esforçavam para respirar, eu estava hiperexcitada. Parecia haver uma linha de êxtase se espalhando entre os meus mamilos e o meu sexo. Se ele continuasse assim, eu simplesmente gozaria.

– O quê? – perguntei, com a respiração um pouco mais pesada. – E esse olhar?

– Sua bunda, quando você sobe as escadas. Me mata ter que me segurar e não te agarrar.

Meus lábios se separaram.

– É por isso que você sempre me deixa ir primeiro. Seu sacana, eu pensei que você estava apenas sendo educado.

– Eu sei – ele disse. – Deite.

Me deitei, formigando inteira de emoção. Suas mãos grandes ainda me cobriam, e seus dedos brincavam com meus mamilos duros. Cara, eu me sentia bem. Eu me doía toda, da melhor maneira possível, cada centímetro da minha pele. Tê-lo tão perto, sentir seu toque era a própria recompensa, por dentro e por

fora. Tenho quase certeza de que eu brilhava cada vez que ele chegava perto de mim. Esse homem me afetava nesse nível.

Suas mãos deslizaram pelo meu corpo, se enfiando no elástico da minha calcinha. O calor em seus olhos fez meu sexo ficar apertado.

– Preciso de você nua – ele murmurou, já arrastando minha calcinha pelas minhas pernas.

E sim, eu estava um pouco nervosa em ficar totalmente nua na frente do homem dos meus sonhos. Na mesa da cozinha eu ainda estava quase toda coberta por meu vestido. Desta vez, porém, eu não tinha nada, nem mesmo a minha calcinha. Estava tudo ali, para fora, em exposição. Jimmy Ferris, renomado mundialmente, uma imagem perfeita e um cantor maravilhoso, me encarava. As borboletas no meu estômago foram à loucura, mas nada nos olhos dele indicava ser tempo de parar. A mais pura luxúria enchia seu rosto e isso fazia a excitação me dominar. Realmente precisávamos nos ocupar um do outro. Agora.

– Jimmy?

– Hmm? – Cuidadosamente, ele levantou a minha perna machucada, movendo-a, tirando o travesseiro também. Ele abriu minhas pernas até que houvesse espaço suficiente para ele entre as minhas coxas.

– Tire a roupa também – eu disse. – Eu quero ver tudo de você.

Ele veio pela beira da cama, arrancou a camiseta e abriu os botões do seu jeans. Apenas fez uma pausa para apanhar uma camisinha do bolso e se jogou na cama ao meu lado.

Sem cueca.

Absolutamente nada, nem boxer ou samba-canção. Porcaria. Eu estava ferrada. Minha respiração parou e meu coração teve palpitações. Como raios eu iria trabalhar novamente sabendo que ele não usava mais nada sob sua única camada de roupa? Eu conhecia a minha mente, e quando se tratava dele, era obscenidade pura. Eu não seria capaz de parar de olhar para o contorno de seu pênis cada vez que ele se movesse.

Eu estava condenada.

– Tem algo de errado? – ele perguntou, subindo de volta na cama, ajoelhando-se entre as minhas pernas.

A minha boca se abriu, mas as palavras não saíam. O seu pênis ereto e pesado apontava diretamente para mim, e ai, bom Deus, como eu queria aquilo. Eu me derreti por ele ali mesmo. Meu coração ansiava por cuidar dele, abraçá-lo. Alguém no céu estava inspirado no dia que em esse homem nasceu. Eu nunca achei um pênis tão particularmente gracioso antes, mas o de Jimmy parecia ter a proporção correta e pendia ligeiramente para a esquerda. Era definitivamente um

ou dois números maior do que o necessário, tão típico de sua parte ter um pouco demais. Uma gota de pré-gozo formou-se no topo da cabeça vermelho-escura e minha boca se encheu d'água. Observei, extasiada, enquanto ele botava a camisinha.

– Lena, foco. Por que a careta?

Eu olhava para o seu pau, hipnotizada. Mesmo envolvido em látex, ainda era uma beleza. Se eu tivesse algum talento com uma caneta, teria escrito poemas. Um haikai, provavelmente.

– Lena?

Eu estava hipnotizada, impotente. Fascinada pelo pau.

Jimmy xingou e se ergueu sobre mim.

– Ei, meus olhos estão aqui em cima.

– O-o quê? – Obviamente o meu autocontrole e Jimmy duro não poderiam coexistir pacificamente no mesmo espaço.

– Você se esqueceu de mim – ele disse, em tom de acusação. Seu cabelo caía em seu rosto enquanto olhava para mim.

– Não é minha culpa. Você ficou nu.

– Você gostou, é?

– Sim.

Ele deu um meio sorriso e se levantou de volta sobre seus joelhos.

– Não se vá. – Minhas mãos pegajosas alcançaram-no, agarrando-lhe o pulso. – Por favor? Venha aqui, quero você em cima de mim.

– Você quer fazer papai-e-mamãe comigo? – Ele colocou as mãos nos quadris, com os dedos descansando sobre as linhas impressionantes que levavam até aquela virilha que só as pessoas realmente sensuais têm. – Sério, essa é a sua fantasia sexual?

– Sim. Da próxima vez, podemos arrumar um desses lençóis com um buraco cortado no meio para que só as nossas partes íntimas se juntem, acho que vai ser um verdadeiro tesão. – Fiz para ele um gesto com os dedos, passando um pelo círculo formado pela outra mão. – Entendeu?

Ele não parecia ter achado graça.

– Precisamos de uma regra pra evitar gracinhas ou brigas durante o sexo.

– Ok. Desculpe. Isso foi minha culpa.

Ele balançou a cabeça.

– Podemos voltar para nossa foda agora?

– Sim, eu só… Venha aqui. Por favor. – Eu agitei meus braços, chamando-o para mais perto.

– Só dessa vez – disse ele. – Ninguém mais deve fazer papai-e-mamãe nos dias de hoje. É considerado chato.

– Você está certo, eu sei. Meu repertório sexual está profundamente desatualizado e você está sendo muito gentil em me conceder isso.

Fui coberta pelo calor dele. Rapidamente joguei minha perna boa sobre seu quadril e passei meus braços em volta do seu pescoço, apenas para o caso de ele tentar fugir. Seu enorme corpo quente me pressionou contra o colchão e eu estava no paraíso do sexo.

– Me fale se eu estiver esmagando você – ele disse.

– Você não está.

Ele ergueu seu peso com os braços do mesmo jeito, pressionando seu peito contra os meus seios. Mesmo o menor toque dos pelos que iam de seu peitoral até seu umbigo era um deleite sensorial que provocava a minha pele e me excitava. Senti o peso de sua ereção contra o meu sexo, pronto e esperando. Isso tornava praticamente impossível não tentar me esfregar freneticamente nele. Inclinei meus quadris, tentando ter mais contato, sem prejudicar meu tornozelo machucado. Com a testa franzida e as sobrancelhas apertadas, ele olhava para mim. A expressão em seus olhos parecia curiosa. Como se ele não conseguisse se lembrar de como eu fui parar ali embaixo.

– Você está bem? – eu perguntei.

– Sim. – Ele fez uma pausa, como se fosse dizer algo mais, mas não o fez. Em vez disso, inclinou a cabeça e apertou os lábios timidamente nos meus. Uma, duas, três vezes. Tão doce. Sua língua se arrastou pelo meu lábio inferior e um suspiro escapou de mim.

– Tudo bem? – me perguntou.

– Muito. – Abri a boca e ele aceitou o convite, me beijando profundamente, e meu interior se liquefez. Na questão do beijo, ele pode ter começado tarde, mas demonstrava todos os sinais de quem queria compensar rapidamente o tempo perdido. Ele tinha um dom. Nós basicamente comemos a boca um do outro. Eu não estou dizendo que foi bonito, mas era gostoso demais. Com as línguas emaranhadas e os dentes tilintando, não nos incomodamos em parar para respirar. Respirar era para fracotes. Eu me atrapalhei tirando os meus óculos, jogando-os de lado antes que se quebrassem.

Seu pênis se esfregou contra os lábios do meu sexo, me excitando ainda mais e fazendo minhas sinapses chiarem. Tudo lá embaixo estava latejante e molhado, pronto para ser possuído. A sensação dele, o cheiro dele, não havia nada em Jimmy que não me excitasse. Eu já tive transas ardentes antes. Mas a transa ardente com alguém por quem seu coração estava enlouquecido era outra coisa, completamente diferente. Quando há amor envolvido, tudo se transforma em algo completamente diferente.

Em dado momento, ele se apoiou sobre um de seus braços, deixando o outro

livre para se mover entre nós. A cabeça de seu pau se esfregou contra a minha abertura antes de afundar lentamente dentro dela.

– Ai, meu Deus – suspirei diretamente em sua boca.

Seus quadris se moveram contra mim, forçando seu pau bem fundo. Perfeito. Totalmente perfeito, malditamente perfeito, era isso que fazer sexo com Jimmy significava. Em um movimento suave ele me possuiu, me enchendo e acendendo cada centímetro meu. Eu adorava que ele fosse mais do que suficientemente grande para que sua presença fosse sentida. Com ele dentro e em cima de mim, entendi o que é sexo e o sentido de fazer amor. Cada parte minha estava pronta para levá-lo para dentro e nos tornar um só corpo. Talvez David tivesse razão sobre eu ser a nova droga de Jimmy. Ele certamente era a minha.

Nós éramos uma única entidade quente em busca dessa elevação. Parece loucura, mas é verdade.

Jimmy enfiou seu pau em mim repetidamente. Quanto mais meus dedos se cravavam em sua pele suada, mais eu me perdia no vazio. Suas mãos afundavam no meu cabelo, puxando suavemente, enquanto sua boca procurava a minha. Era uma batalha interminável pela dominação em que ambos venceriam. Seu pau grosso mergulhava em mim mais e mais rápido. Uma espécie de gemido comovente de verdade escapou da minha garganta.

Eu já não me importava mais. Se eu apenas pudesse gozar…

Sua boca percorreu meu queixo, sua barba por fazer arranhava o meu pescoço. Dentes beliscaram e minha boceta se contraiu. Jimmy gemeu e foi mais rápido, martelando em mim. Eram grandes as chances de eu estar machucada da cabeça aos pés no final de tudo, mas, por Deus, valeria a pena.

Muito tempo passou, não faço ideia de quanto. Aquela vez na mesa da cozinha deve ter sido um breve resumo. Na cama, ele me deu a história completa.

Estávamos fodendo freneticamente.

Sua mão segurou minha coxa contra ele, mantendo minha perna boa enrolada na sua cintura. A intensidade de seu olhar me prendeu, me desafiando a lhe mostrar exatamente o quanto ele me afetava. Naquele momento, ele estava no controle do meu corpo, eu não. As linhas e os ângulos de seu rosto pareciam gravados em pedra, uma máscara de concentração. Tudo que eu podia fazer era segurar firme e mantê-lo o mais próximo possível. Sua pelve batia contra a minha, fazendo seu pênis ir mais fundo, me levando cada vez mais alto.

– Jimmy – eu gemi.

Tudo dentro de mim vibrou e ficou tenso, cada músculo meu estremeceu, e isso foi antes de eu começar a gozar. Seu pênis mergulhou fundo, a parte inferior moendo o meu clitóris, e BUM! Fogos de artifício. Um céu inteiro cheio deles.

Meu corpo era uma grande explosão. Estrelas no céu. Meus músculos mais íntimos apertaram seu pênis, minhas unhas se cravaram em suas costas. Se a minha garganta não estivesse fechada, tenho certeza de que eu teria gritado.

Quando voltei a mim, Jimmy estava cuidadosamente saindo de cima de mim.

– Ei – sussurrei.

Um baque. Seu grande corpo caiu no colchão, me fazendo saltar. O suor me cobria da cabeça aos pés e uma espécie de letargia sublime penetrou em minhas veias. Pareceu levar uma eternidade para recuperar o fôlego.

– Jimmy?

Ele estava deitado de bruços, e seu tórax trabalhava duro para recuperar o fôlego. Eu tinha feito isso com ele, eu e minha vagina. Belo trabalho em equipe. De vez em quando um músculo se contraía em minhas coxas ou no baixo ventre, repercussões finais do orgasmo. Minhas pernas pareciam gelatina, trêmulas e fracas.

– Você está bem? – perguntei, ousando tocá-lo. Meus dedos percorreram a musculatura do seu braço até a mão.

– Sim – respondeu, deslizando os dedos entre os meus.

Ele rolou de costas, tirando a camisinha, embalada de forma segura em lenço de papel para jogar fora depois.

– Por que não podemos fazer isso em vez de correr? – perguntei. Ele sorriu.

– Acho que prefiro queimar calorias assim.

– Nós vamos fazer as duas coisas – comentou ele, dando um aperto em meus dedos.

– Tudo bem. – Eu respirei fundo, me arrastando um pouco mais para perto do calor de seu corpo. O cheiro de um quarto depois do sexo era o melhor. Em um mundo perfeito, eu o engarrafaria e levaria sempre comigo.

– Você se importa se eu ficar aqui com você?

– Não. Eu gosto da ideia. – Puxei os cobertores e apaguei a luz. Era tão bom e normal. Tão certo. Ele continuou segurando minha mão o tempo todo.

– Cansada? – ele murmurou.

– Sono – respondi.

Ele fez que sim com a cabeça.

E dormimos. Eu tive os sonhos mais incríveis.

CAPÍTULO DEZESSETE

– Lena, faça alguma coisa com sua vida – provocou Jimmy.

– Estou fazendo – respondi, brincando com a minha câmera, sentada no seu supino.

Seus punhos batendo no saco de pancadas, pow, pow, pow. Não é de se admirar que minha virilha estivesse sensível esta manhã, considerando toda a sua força. Ele usava apenas uma calça de moletom preta e tênis. Sob a iluminação brilhante, sua pele reluzia divinamente com todos os seus músculos lindos em exposição. As linhas do seu rosto eram tão distintas e seus lábios tão determinados que eu poderia observar durante anos e nunca ficaria entediada.

– Me observar socar o saco de pancadas não é fazer alguma coisa. – As mãos se acalmaram e ele respirou profundamente.

– Eu estou tirando fotos de você também. – Eu levantei a câmera nova e brilhante e dei alguns cliques como demonstração. – Você não se importa se eu tirar fotos suas, não é?

– Não.

– Excelente. Você pode tirar todas as suas roupas para mim, por favor? Eu gostaria de tirar algumas fotos nuas.

Ele me deu aquele olhar.

– É para fins artísticos, eu juro.

– Acho que não. – Ele soltou as tiras de suas luvas. Elas eram como as luvas de boxe tradicionais, porém menos volumosas.

– Eu vou fazer valer a pena. – Brinquei com o decote do meu suéter.

– Como? – Seus olhos escureceram, com ar de interesse.

Ah, a emoção de ter uma pequena quantidade de poder sexual sobre esse homem. Eu fiquei tonta só de pensar nisso, meus hormônios iam à loucura.

– De diversas formas. Eu quero que você saiba, eu posso ser muito criativa quando estou motivada. Você só tem que confiar em mim.

Ele caminhou em minha direção, lenta e casualmente, mas seus olhos diziam outra coisa.

– Você está brincando comigo, Lena?

– Não – abaixei a câmera. – Você me deixou no comando ontem à noite. Não

foi tão ruim, foi?

– Quando você me beijou?

– Sim.

Ele aproximou seu rosto do meu.

– Quando você me fez deitar em cima de você?

– Isso também.

– Pensei que você não gostava do meu suor – ele disse, me provocando. – Na verdade, eu me lembro perfeitamente de você dizer muito isso, sempre me mandando tomar banho.

– Não use isso contra mim. Eu estava tentando resistir a você, era uma questão de sobrevivência. – Eu gemi em desespero, minha boca salivando por ele.

Meu celular começou a tocar lá do outro lado da sala.

Jimmy correu e o apanhou, checando a tela.

– Quem é Alyce?

– A minha irmã. – Fiz sinal de desdém com a mão. Nós mal tínhamos nos falado no último ano ou algo assim, logo, o que quer que fosse, podia esperar. Beijar Jimmy, por outro lado, não podia. – Deixa para lá. Ligo para ela mais tarde.

Com um sorriso malicioso, ele bateu na tela e colocou o telefone na orelha.

– Alô? – Não acreditei. Meu queixo foi ao chão, despencou. – Sim, sou Jimmy Ferris, chefe dela. – Ele fez uma pausa, escutando. – É isso mesmo, do Stage Dive. – Outra pausa acompanhada por um sorriso maroto na minha direção. – Obrigado, não sabia que você era uma fã. – Mais uma vez ele ouviu. – Lena mencionou, sim. Ela, na verdade, me contou um pouco sobre como você fodeu com o namorado dela e agora vocês dois vão se casar. Como estão as coisas?

– Jimmy. Não. – Merda, merda, merda. Eu coloquei a câmera de lado e comecei o delicado processo de me arrastar ao seu encontro, mancando pelo chão almofadado da área da academia. – Não é da sua conta.

O sacana deu um passo para trás, e depois outro, aumentando a distância entre nós. Seu rosto estava sério agora, os lábios apertados. Aparentemente, tudo o que ele estava ouvindo não o agradou.

Ele bufou.

– Eu não penso assim. O fato é que, Alyce, no fim das contas, você roubou o homem da sua irmã. A menos que você esteja ligando para finalmente pedir desculpas a ela, eu realmente não acho que tenha algo a ser dito. Eu não dou a mínima se era amor verdadeiro ou o que quer que seja. Você foi injusta com ela. Quer saber como eu sei disso? Porque eu fiz uma coisa semelhante com o meu irmão. É uma coisa babaca, feita por merdinhas inseguros, mas você sabe o que mais, Alyce? Pelo menos eu tenho um pau. Qual é a sua desculpa?

Eu imitei uma lâmina deslizando pela garganta, ainda saltando em direção a ele tão rápido quanto o pânico e uma bota imobilizadora permitiriam. Quando encurtei a distância, Jimmy passou um braço em volta da minha cintura, me impedindo de alcançá-lo. Eu me estiquei bastante, mas minha altura medíocre era minha pior inimiga.

– Você não está ajudando – silvei. – Pare com isso.

– Sim, eu acho que eu sou o protetor de Lena. Ou talvez eu seja apenas a única pessoa preparada para entender o ridículo de toda essa situação.

– Me dê o celular. – Tentei escalar o corpo dele para me aproximar, mas meus dedos deslizaram sobre seus ombros suados e escorregadios. Maldito corpo quente.

A voz da minha irmã parecia pequena, muito longe. Eu não conseguia distinguir as palavras. Seu tom, entretanto, mostrava bem toda a agitação e o quanto ela estava puta. Você pode apostar que a princesinha perfeita não estava gostando nem um pouco dessa conversa. Parte de mim gostou um pouco disso, mas a maior parte queria rasgar Jimmy em pedaços por meter o seu nariz onde não tinha sido chamado. Apesar de tudo, eu não precisava ir à guerra com a minha irmã, mas era exatamente em guerra que acabaríamos se ele continuasse com essa merda.

– Me dá isso.

Ele me ignorou.

– Jimmy! – A frustração borbulhava em mim, e dei um tapa em seu rosto (eu sei, não deveria ter feito isso, mas eu fiz). Ele reagiu imediatamente. Fez uma careta e me bateu bem forte na bunda em troca. Eu gritei, e minha nádega oscilou em chamas.

– Não faça mais isso, Lena – ele disse.

– Me dê o celular. – Agarrei-o pelo braço, tentando forçar o membro longo e extremamente forte para baixo.

– Você só pode estar brincando comigo! – ele disse ao celular, com voz incrédula. – Por que diabos você imaginou que sua irmã estaria disposta a ser uma de suas damas de honra quando você vai se casar com o ex dela? Por que ela deveria salvar sua pele, hein? Essa sua amiga que desistiu, você transou com o homem dela também?

Ouvi muitos gritos de ódio do outro lado da linha.

– Ela quer que eu faça o quê? – perguntei, confusa. Devo ter ouvido errado o que ele falou. Alyce não poderia me pedir algo tão horrível e brega. Eu de pé no altar, enquanto ela se casava com meu ex, o homem que ela me roubou, tal qual Jimmy dissera. – De jeito nenhum.

A raiva fez o meu sangue ferver. Eu podia sentir o vapor saindo das minhas

orelhas.

– Sua maldita, imprudente, insensível, mimada, vaca do caralho! – eu gritei muito alto, o suficiente para que minha amada irmã ouvisse.

Jimmy ficou de olhos arregalados.

– Eu não acredito em você, Alyce!

Ele me passou o celular e eu o segurei contra a orelha.

– Você espera seriamente que eu entre e seja uma porcaria de dama de honra? Pode esquecer. Eu fiz o meu melhor para não causar drama, porque todo mundo estava entusiasmado com o seu noivado. Como você se atreve a pensar que isso importava tão pouco para mim? Você deveria ser minha irmã! Isso não significa nada para você?

– Lena… – disse minha irmã, soando distintamente surpresa. – Hum…

– Você nem sequer pediu desculpas. Deus, Alyce, se você tivesse apenas admitido que o que você fez foi errado, eu teria superado isso, sabe? Eu teria perdoado. – Eu me inclinei contra Jimmy, para pegar emprestado um pouco de sua força. – Mas você agiu como se ele fosse seu por direito, dado por Deus, e que se dane quem se machucasse no processo.

– E-eu o amo.

– É mesmo? Bem, eu também o amava. E doeu. Doeu bastante o que você fez comigo. O que os dois fizeram comigo.

A mão de Jimmy acariciava minhas costas em movimentos circulares, enquanto seu outro braço me segurava. Eu encostei minha bochecha em seu peito, sentindo sua respiração, ouvindo os seus batimentos.

– Sinto muito – ela disse, finalmente cedendo. – Eu… Você está certa. O que fizemos com você foi errado e eu sinto muito. Eu deveria ter dito na época.

Finalmente. Todo o ar me deixou de súbito. Meus ombros desabaram e eu tive a pior sensação. Algumas lágrimas tinham conseguido escapar dos meus olhos.

– Obrigada.

– Por favor, você pode vir ao casamento? Eu gostaria que você entrasse como dama de honra, já que a Tiffany desistiu. Mas vou entender se você disser não. Não me parece certo você estar ausente. Você ainda é minha irmã.

Oh, cara. Eu não sabia se isso era algo que eu podia fazer. A maldita cerimônia aconteceria em apenas três dias. Jimmy me deu um aperto, só para me avisar que ele estava lá. Isso ajudou.

– Eu não sei, Alyce. Deixe-me pensar no assunto.

– Tudo bem, eu entendo. Obrigada, Lena. – Ela desligou.

Com meu braço em volta de sua cintura e meu rosto pressionado contra ele, eu fiquei ali, e levei um momento para me reorientar.

– Isso foi inesperado.

– Hmm.

– Nunca mais atenda o meu celular.

– Nunca mais me bata.

– Sinto muito.

Eu apoiei meu queixo no seu peito, olhando para o seu rosto impecável. Suas mãos pararam sobre os meus ombros e ele franziu o cenho. Talvez agora ele me empurrasse para longe, reclamasse o seu espaço pessoal e parasse com toda essa tolice sentimental. Mas não foi o que ele fez.

– Minha bunda está ardendo – eu disse, apenas puxando assunto.

– Que bom. Você vai ao casamento de sua irmã ou não?

– Eu honestamente não sei. Ela pareceu sincera, mas…

Ele cruzou os braços, parecendo muito grande, forte e lindo de morrer. Ele tinha me protegido bem quando a Alyce quase me fez perder a cabeça.

– Você iria comigo se eu fosse? – me atrevi a perguntar.

Ele fez uma careta.

– Eu não sei. Não sou muito bom com coisas de família.

– Sim, talvez seja melhor.

– Se você me levasse como seu namorado, eu teria que conhecer toda a sua família, e seria bem estranho, considerando a natureza de nossa relação.

Eu apertei os olhos para ele.

– E qual é a natureza de nossa relação, Jimmy?

– Eu sou seu chefe e parceiro sexual ocasional – ele respondeu, me dando uma piscadela confiante.

– Você é? – questionei, com a voz completamente desprovida de emoção.

– Bem, sim. Ainda falando de sexo, ouvi dizer que sexo em casamentos é muito excitante, talvez por isso…

– Está tudo bem, Jimmy, não há necessidade de complicar o nosso relacionamento casual. Agora, se me der licença…

– Por Cristo, Lena, o que foi que eu disse agora?

– Tenho que trabalhar! – Acenei para ele quando saí. Isso foi provavelmente mais do que ele merecia.

—

Jimmy estava me observando. Eu podia sentir seus olhos em mim do outro lado da sala. Apesar de ser prazeroso, em outra ocasião teria sido melhor. Uma ocasião em que não estivéssemos cercados por cada membro de sua extensa família, junto com algumas outras pessoas também.

A noite das garotas que ele tinha sugerido que Ev organizasse para mim

naquela noite do encontro horroroso com Reece tinha finalmente dado frutos. Exceto que, devido ao ataque da mídia causado pela aparição de sua mãe na televisão, não podíamos realmente ir a boates para agitar nossas bundinhas. Parecia que cada câmera no país estava apontada na direção dos irmãos Ferris, particularmente em Jimmy. Portanto, ficamos todos na casa de David e Ev. Havia música tocando e as pessoas estavam bebendo, praticamente todas, exceto Jimmy, e eu não poderia deixar de me perguntar se isso o fazia se sentir deixado de fora, excluído. Ele descansava como só ele sabia, em um sofá branco, enquanto Mal estava falando sobre alguma coisa ao lado dele. Anne sentou-se no colo do baterista, tomando uma Corona e brincando com seu cabelo. Eu olhei em sua direção, apenas relaxando. David e Ben estavam ali por perto, sem dúvida brincando com as guitarras.

Eu estava feliz de ter sido libertada da temida bota imobilizadora. Meu tornozelo ainda doía um pouco, mas eu ia sobreviver.

– Psst.

Mas o que…?

– Psst, Lena. – A melhor amiga de Ev, Lauren, jogou uma noz em meu decote. Uma garota bastante agradável, mas arremessar nozes em mim era desnecessário.

Eu pesquei-a para fora e coloquei na boca.

– Há algo com que eu possa ajudá-la, Lauren?

Ev e a irmã de Anne, Lizzy, também se aproximaram do meu lugar neutro perto das janelas da varanda. O condomínio realmente tinha uma vista deslumbrante do Distrito Pearl. E tinha o Jimmy.

– Viemos em busca de informações sobre você e Jimmy – disse Ev.

– Bobagem – Lauren riu. – Ela já transou com ele. É incrivelmente óbvio.

Eu empurrei os meus longos cabelos escuros para trás dos meus ombros enquanto analisava atentamente as pretensas inquisidoras.

– Eu não sei do que você está falando.

– Você realmente arrebentou o tornozelo tentando chutar a porta? – Lizzy perguntou, me avaliando.

– Bem, sim. Isso aconteceu.

O rosto dela ficou todo sonhador.

– Acho que isso é realmente romântico.

– Eu acho que é divertido – Ev disse. – Tirando a parte em que você se machucou, é claro.

– É claro. – Eu sorri.

– O que está acontecendo, Lena? – Ev se reclinou na porta de vidro com olhos curiosos.

– Eu não sei do que vocês estão falando.

Seus olhos se estreitaram.

– Por favor, o jeito como ele está olhando para você.

– Como ele está olhando para mim?

– Como se você tivesse inventado… O quê, me ajude aqui… – Ela se virou para a amiga.

– O boquete – completou Lauren.

– Certo. – Ev cruzou os braços. – Jimmy está te olhando como se você tivesse inventado o boquete e você ainda está tentando bancar a inocente comigo? Isso não vai colar. Você e ele estão muito, muito envolvidos.

Eu não entreguei nada.

– A Anne também não quis me dizer nada. Vocês são inúteis para fofocar – Ev suspirou. – Você não esconderia isso de mim, não é, Lizzy?

– Não, Ev. Eu não me atreveria.

Ela me deu um olhar de lado.

– Por que eu não acredito em você?

Lizzy riu.

– Ok, eu vou arrastar a minha irmã para longe do namorado dela por alguns minutos. Até mais tarde, senhoras.

– Até depois – respondi, dando uma olhada sutil por cima do ombro para conferir a disposição do terreno. Jimmy estava olhando diretamente para mim, com os olhos perturbados. Com Mal agora ocupado, conversando com Lizzy e Anne, ele não tinha nenhuma distração. Eu, por outro lado, tinha Ev e Lauren observando cada movimento meu.

– Ela é um caso perdido – comentou Lauren.

– Sim – Ev concordou. – Mas eu suspeito que ele esteja mesmo bastante apaixonado.

Ignorei as duas. Mais ou menos.

– Que tal, em vez de se preocuparem com os dramas românticos que eu posso ou não estar vivendo, nós não nos perguntamos o que está acontecendo com a vaca da mãe deles? Alguma notícia dela?

Ev estremeceu.

– A última que David ouviu foi que ela tinha pegado o dinheiro e corrido.

– Jimmy age como se não o afetasse, mas afeta – eu disse, voltando a olhar para o objeto de desejo do meu coração no reflexo da janela.

Seu cabelo escuro estava penteado para trás e ele usava uma camisa preta, um jeans azul e botas pretas brilhantes. As mangas de sua camisa estavam enroladas, mostrando suas tatuagens. Eu ainda não tinha ouvido histórias delas, o que elas significavam para ele. Era triste isso, de que sempre haveria coisas inacabadas

entre nós enquanto eu fosse apenas sua parceira de sexo casual.

– Lena? – Ev se aproximou baixando a voz. – Você está bem?

– Sim. Claro. – Eu dei o meu melhor sorriso.

Ela não retribuiu.

Eu fechei o meu, já que não foi convincente.

– É que tem muita coisa acontecendo agora.

– Você não está pensando em ir embora, está?

Lauren tinha se afastado para ficar com o namorado, o irmão de Ev, Nate. Estávamos sozinhas. Ev, eu e todas as minhas preocupações e dúvidas em pé no canto da festa, vendo a vida passar.

– Aconteceu uma merda entre minha irmã e meu ex um tempo atrás. Eles se encontravam pelas minhas costas e agora vão se casar – eu disse, abrindo o jogo. Algo me disse que ela não só me ajudaria como isso também me faria bem. Por mais que eu amasse Jimmy, às vezes uma garota precisa de uma amiga para conversar.

Ev ficou boquiaberta.

– Que merda.

– Sim, bem terrível. Acho que perdi a confiança, sabe?

– Aposto que sim. – Ela puxou sua elegante trança loira com olhos pensativos. – Como estão as coisas entre você e sua irmã agora?

– Ela diz que está arrependida. Ela quer que eu vá para casa para o casamento e assuma o lugar de uma dama de honra que desistiu.

– Hum – Ev deixou escapar um suspiro. – Isso é bastante grande para se pedir assim.

– Sim, é. – Eu ri, apesar da situação ser nitidamente sem graça.

– Você vai?

– Eu ainda não decidi. Eu não quero deixar o Jimmy nem me sujeitar a isso, mas casamentos são importantes. Se eu fosse, teria que viajar. E toda a família vai estar lá. Eu andei afastada no último ano, então eles estão todos animadinhos para que eu apareça, pelo menos. Embora eu ache que eu nunca seria uma dama de honra, isso está bem fora de questão.

Ela não disse nada a princípio, apenas olhou para mim.

– Lena, esse casamento vai te machucar? Ou vai ser só uma coisinha de nada para permanecer sentada e em silêncio, tomar umas bebidas, sorrir para as pessoas certas e depois dar o fora de lá assim que você puder?

– A segunda opção, acho. – Eu suspirei. – Acho que vou me sentir melhor se eu for, afinal. Isso vai encerrar algumas coisas.

– Então vá. Jimmy ficará bem por alguns dias.

Era verdade, mas as chances de eu ficar para baixo e desanimada longe dele

eram boas. Não que isso importasse.

Ele não queria ficar de namorico comigo. Nada permanente, de qualquer forma.

Eu não era o que ele queria. Ele disse isso tantas vezes, de tantas maneiras diferentes. Parecia que somente agora, porém, o meu coração estava realmente compreendendo e desistindo. Nosso tempo juntos tinha chegado a um fim. Eu não conseguia deixar de amá-lo, e ele se recusava a começar a me amar. Essa era a verdade nua e crua.

Eu precisava aproveitar o aqui e agora. Aproveitar o quanto pudesse, enquanto eu pudesse.

Em algum momento as coisas ficariam problemáticas e eu iria embora, tal como tinha planejado no começo.

– Obrigada, Ev.

Ela sorriu.

– Você é uma de nós, Lena. Quando precisar.

– Ei. – A voz profunda e familiar veio logo atrás de mim, me fazendo pular.

Eu não o tinha visto se levantar.

– Jimmy. Olá.

– Lena, eu posso falar com você um minuto?

– Claro.

Uma espécie de olhar especulativo surgiu nos olhos de Ev.

– Eu tenho que fazer uma coisa na cozinha. Agora.

– Certo. – Eu balancei a cabeça. A mulher era sutil como uma marreta.

– Sobre o que você gostaria de falar?

– Aqui não. Vamos lá. – Jimmy colocou a mão na parte inferior das minhas costas, me guiando em direção ao banheiro.

Segui para onde ele me levava, mas se ele achava que haveria sexo depois de seus comentários idiotas pela manhã, ele estava redondamente enganado.

Ele fechou a porta. Era um banheiro agradável. Superfícies de pedra cinza brilhante, um enorme espelho bem iluminado e um monte de cromo.

– O que está acontecendo? – perguntei, dando um passo para trás e cruzando os braços.

– Estive pensando sobre o casamento de sua irmã e outras coisas.

Eu fiz uma careta.

– E?

– E eu fiz algumas pesquisas. – Ele empurrou o cabelo para trás e alisou a frente de sua camisa. Se eu não o conhecesse melhor, teria dito que ele estava nervoso. Só que Jimmy não ficava nervoso, certamente não por minha causa. – Sua cidade natal não tem nenhum lugar decente para ficar, por isso, tudo que eu

pude fazer foi reservar um quarto de motel. Mas eu tenho bilhetes de primeira classe de ida e volta e um carro alugado, o mesmo tipo de Mercedes que eu tenho, assim você estará confortável dirigindo. Vai estar à sua espera no aeroporto. Mas eu posso facilmente arrumar um motorista para você, se preferir. Não tinha certeza do que você preferiria.

Ajeitei meus óculos com a cabeça explodindo.

– Você organizou tudo isso?

– Sim. E a moça no motel disse que eles têm um pequeno restaurante ao lado, mas eu verifiquei on-line e me pareceu uma merda. Eu não quero que você pegue uma intoxicação alimentar ou algo assim, então eu vou combinar com o restaurante que faz comida lá pra casa para mandar as coisas para lá. Vou mandar alguns lençóis decentes também. Ela disse que os deles eram só de algodão. – Seus lábios se curvaram expressando claramente o que ele achava disso. Como dormir em algo inferior a algodão egípcio podia significar a morte. Merda, como ele era fofo. – E eu disse a Sam para organizar a segurança, uma vez que ainda tenho alguns paparazzi por perto. Apenas por precaução. Eles serão discretos, eu prometo.

– Jimmy, eu não posso ir com seguranças no casamento da minha irmã.

– Tem certeza?

– Sim. – Eu sorri.

– Tudo bem. Mas também me ocorreu que você pode precisar de um vestido ou coisas assim, minha estilista já está com a tarefa – anunciou. – Eu descrevi você e enviei a ela as suas medidas. Não se preocupe, ela vai mandar algumas coisas para você experimentar.

– Vai, é?

– Algo variado para que você possa escolher por si mesma. Eu disse a ela para não esquecer os sapatos e essas tranqueiras.

– Você pensou em tudo. – Eu ergui a cabeça. – Mas como é que você sabe minhas medidas?

Ele parou.

– Lena, eu estive com as mãos em você algumas vezes nesses dias. Eu conheço o seu corpo. Eu não vou esquecer tão cedo.

– Oh.

– Eu não estou sendo presunçoso, eu juro – ele disse, com os olhos sinceros. – Se você decidir não ir, tudo bem. Não é um problema. Mas eu queria tudo no lugar para você, por via das dúvidas.

– Você fez tudo isso? Para mim?

Ele levantou de seus fortes ombros.

– Só nessa tarde?

– A Ev ajudou – admitiu. – Eu sei que você provavelmente não vê sua família faz um tempo. Como alguém inteligente uma vez me disse, família é importante. – Ele se apoiou contra o balcão do banheiro, me olhando. – Não quis ferir seus sentimentos. Eu sei que você acha que estou tentando comprar seu perdão, mas não é verdade. Eu teria feito isso de qualquer maneira. Eu só quero o melhor para você, porque isso é o que você merece.

Meus olhos ficaram perturbadoramente líquidos. Pisquei várias vezes, fungando levemente.

Ele gemeu.

– Lena, não chore. Isso não é certo.

– Eu não vou chorar. Eu não ousaria.

– Você acha que eu não me importo com você, mas eu me importo. Se você ainda quiser que eu vá com você, então está bem. – Ele fez uma careta. – Quero dizer, eu quero ir. O que você decidir, ok?

– Ok. – Eu olhei para ele maravilhada e cambaleei com meu coração e minha mente, lutando para acompanhar tudo. – Obrigada, Jimmy.

Ele apenas me observava com cautela, sem se mover. Então me movi, em vez disso, diretamente para seus braços. Sem hesitar, ele me esmagou contra seu peito.

– Não me odeie, Lena – ele sussurrou. – Se quiser sentir raiva de mim quando eu faço coisas estúpidas, tudo bem. Mas nunca me odeie. Eu não conseguiria viver com isso, não vindo de você.

Eu coloquei minha mão em sua bochecha, desfeita pela crueza de sua voz e sua aparente vulnerabilidade.

– Ei. Eu nunca poderia te odiar.

– Promete?

– Eu prometo. – E era verdade. Ele me deixava frustrada e irritada a todo maldito momento. Não havia nenhuma possibilidade de que eu pudesse me forçar a odiá-lo. Eu embalava seu rosto em minhas mãos. Ele era tão precioso para mim, mas parecia tão sozinho, perdido e assustado como uma criança. – Isso nunca vai acontecer.

Jimmy fechou os olhos e suspirou forte. Ele esfregou o rosto mal barbeado contra a minha mão, arranhando suavemente a palma, fazendo a pele formigar. Estiquei-me na ponta dos pés e ele encaixou seus lábios firmemente nos meus. Sua língua buscou a minha dentro da boca. Por Cristo, ele tinha conseguido ficar bom nisso muito rápido. O seu gosto, a sensação familiar de seu corpo contra o meu, era tudo tão perfeito.

Ele fazia com que me sentisse em casa.

Ele me deu um beijo lento e molhado, que só poderia ser descrito como um

minucioso ataque frontal sensual. Sua boca conquistava da melhor maneira possível. Toda a sua preocupação apenas alimentou a fome, eu acho, e ele parecia insaciável. Suas mãos deslizaram sobre mim, fazendo carícias em meu rosto e pescoço, tocando cada parte minha. A minha pele ganhou vida sob os seus dedos. Nenhum outro homem me fez sentir tão querida e adorada. Com certeza, nenhum deles nunca ligou para mim do jeito que ele ligava, de corpo e alma.

– Você me perdoa? – ele perguntou, arrastando beijos quentes pelo meu pescoço.

– Sim. Mas não faça isso de novo. E não pare de me beijar.

– Entendi. Deixe-me pedir desculpas corretamente. Deixe eu te beijar entre as pernas então. – Suas mãos fortes seguravam a minha bunda, me apertando contra a sua ereção. – Eu quero te chupar, Lena.

– Você gosta de fazer isso, não é? – perguntei, um pouco espantada. Namorados do passado não tinham achado a experiência tão boa.

– Porra, sim. Eu adoro ter você se contorcendo contra o meu rosto, esfregando sua boceta em mim.

– Deus. – Seu membro duro firmemente pressionado contra minha barriga me excitava, mas foram as suas palavras que fizeram meu sangue esquentar.

– O seu cheiro, o seu gosto, eu amo comer você – sussurrou ele.

– Chega. – Eu cobri a sua boca com a minha mão, mantendo minhas pernas firmemente unidas. O estado da minha calcinha era uma lástima. Ele me deixava úmida e necessitada sem sequer me tocar abaixo da cintura. Aquele homem estava em uma agitação sexual fora de controle. Ou eu que estava, era difícil dizer. De qualquer maneira, ele tinha que ser interrompido. – Alguém pode ouvir.

Ele escapou da minha mão com as covinhas piscando.

– Ninguém vai ouvir nada. Este lugar tem um excelente isolamento de som. Como você acha que Dave e Ev conseguem transar durante as festas? Paredes grossas. Não se preocupe.

– Melhor não arriscar.

Seus olhos se estreitaram.

– Você está molhada por mim, Lena? A sua linda boceta está ficando pronta para minha boca? Estou muito faminto. Você vai gozar mais de uma vez para mim esta noite.

Meu rosto ardia e o meio de minhas pernas latejava.

– Eu sabia. Você gosta que eu fale sacanagem – ele disse, com os dentes beliscando minha clavícula antes de enrolar a língua. Aquele enorme animal.

– Não, eu não gosto. Você está inventando isso.

– Você está praticamente vibrando de excitação. Você ama isso. – Seu riso era diabólico, seu hálito quente na minha pele. – Ah, Lena. Eu tenho algumas coisas sujas que eu preciso dizer a você.

Eu escondi meu rosto em seu pescoço, dando a ele uma ou duas das minhas mordidas de amor. Cara, sua pele tinha um gosto bom. Jimmy era puro sabor e calor. Seu cheiro era ainda melhor. Seus dedos afundaram na minha bunda, segurando com força. A presença aparentemente constante de sua ereção foi notada, cutucando meu estômago. Se ele ficasse mais duro era capaz que se machucasse.

– Me diga, Lena. Sua calcinha está muito molhada?

Ele só saberia aquilo sobre o meu cadáver. Ou em uma pequena e suave luta livre erótica. O mais provável era a segunda opção. É válido notar que esse jogo era feito para dois, e jogar com ele era muito divertido. Ele podia estar ganhando, mas eu não estava muito atrás.

– Você está tão duro, Jimmy.

– Estou? – ele perguntou, puxando meu cabelo um pouco. O suficiente para fazer vibrar cada terminação nervosa do meu couro cabeludo.

Engoli em seco.

– Eu amo os ruídos que você faz – ele disse. – Eu me pergunto como você vai soar quando eu morder sua bunda. É realmente magnífico, Lena. É claro que eu vou dedilhar sua boceta linda enquanto faço isso. Eu jamais a negligenciaria.

– Isso é muito gentil de sua parte. – Eu coloquei a mão entre nós, agarrando seu pau enorme. – Você gostaria que eu o lambesse, Jimmy? Posso chupar também, é claro.

– Pode, é?

– Nós não fizemos isso ainda.

Ele pressionou sua testa contra a minha.

– Não, não fizemos. E você tem uma boca linda. – Eu coloquei minhas mãos contra seu abdome e pressionei, dando um passo para trás. Seus braços caíram. – Agora? – perguntou ele.

– O que poderia ser mais romântico? – Eu sorri.

Ele riu desenfreadamente.

– Eu não sei muito sobre romance. Mas eu teria que ser um idiota completo para recusar um boquete seu. Você tem certeza?

– Sim.

Havia toalhas brancas grossas e macias penduradas na grade. Puxei uma, dobrei e joguei a seus pés.

Seu olhar foi da toalha até mim.

– Você tem certeza?

– Muita. – Tirei outra toalha e joguei-a em cima da primeira.

Eu caí de joelhos.

Suas pupilas pareciam ter praticamente dobrado de tamanho.

– Lena.

– Sim? – Minha mão viajou até suas pernas, sobre as suas coxas firmes. Eu desfiz a fivela do cinto, abri o botão e o zíper de sua calça jeans.

– Esqueci o que eu ia dizer…

– Não importa. Gosto muito que você ande sem cueca. – Eu o segurei em minha mão. Cristo, ele estava quente, tão maravilhosamente quente. A pele era suave e aveludada, a cabeça larga tendia para um tom vermelho. Ele enchia minha mão de uma maneira ótima.

Suas mãos estavam fechadas ao lado do corpo.

– Eu realmente gosto do seu pau, Jimmy.

– Cristo.

– Quero dizer, sério, eu gosto dele. – Meu polegar alisou o seu pênis, apenas para provocar. Os músculos de suas coxas se contraíram. – Mas eu gosto de você inteiro ainda mais.

Ele ficou tenso.

– Obrigado.

– Sempre que quiser. – Eu sorri. – Você quer que tire os meus óculos para isso?

– Não – ele respondeu de imediato.

– Ok, mas não goze nas lentes, isso não é legal. Combinado?

Um músculo saltou em sua mandíbula.

– Tudo bem, então.

Eu arrastei minha língua pela cabeça de seu pênis, coletando uma gota de pré-sêmen salgado. Gostoso. Quero mais. Normalmente, o esperma não me empolgava muito, mas qualquer coisa que o corpo desse homem fizesse para mim devia ser saboreada.

Essa era a loucura absoluta do meu amor por ele.

Eu queria fazê-lo se sentir tão adorado e desejado quanto eu o adorava e desejava. Tirar a dúvida de seus olhos e lhe dar nada menos do que prazer.

Levei-o para minha boca, chupando antes de lamber a parte inferior com a minha língua. Todo o devido cuidado foi dado. Eu o massageei com a ponta da minha língua até fazê-lo praguejar, jogando os quadris para a frente. Minha mão segurava as suas bolas, acariciando-as com cuidado, sua pele era tão macia e delicada. Sua carne dura esticava meu queixo, enchia minha boca, e o aroma almiscarado dele era tudo o que eu conseguia sentir. Levei o mais fundo que pude, trabalhando com a língua, dentes e lábios. Minha mão acariciava o resto

do seu corpo, mantendo todo ele ocupado. Tomando cuidado com os meus dentes, eu recuei, então me joguei para a frente mais uma vez.

– Porra, Lena. – Seu saco pesado se retraiu. – Isso é tão bom!

E ele usou uma palavra que eu precisava questionar. Seu pau saiu da minha boca com um fraco estalido.

– Bom? – perguntei, sorrindo com os lábios inchados.

Ele me olhou com as pálpebras encobertas.

– Muito bom.

Eu coloquei meus lábios em volta da cabeça mais uma vez, chupando forte. Seus quadris empurraram em resposta. Estava na hora de acabar com isso. Os músculos de seu abdome se esticaram, e suas pernas ficaram rígidas. Chupei com toda a minha força, esvaziei minhas bochechas e o levei às profundezas.

– Puta que pariu, Lena. – Vários resmungos e ruídos rosnados vieram de cima de mim. Ele era como um animal.

Um gozo quente, salgado e amargo encheu minha boca e garganta. Engoli tudo rapidamente, sem desperdício. Nunca passou pela minha cabeça cuspir… Afinal, era do Jimmy. Ele gozou e gozou enquanto eu cuidava dele suavemente, acariciando seu pau e esfregando suas bolas com carinho. Todo o seu corpo desabou e ele ofegava. Meu trabalho estava feito. O homem estava dizimado.

– Me ajude a levantar – eu disse, puxando sua calça jeans. Seus olhos lentamente se abriram e ele estendeu a mão para mim. Eu a segurei, deixando para ele o esforço de me erguer. – Obrigada.

Um braço se aproximou, envolvendo o meu pescoço, me puxando para ele. Todo o seu corpo tremia.

– Você está bem? – perguntei. Ele fez que sim com a cabeça. – Sentindo-se um pouco emotivo, hein? – Eu acariciei seu cabelo. – Tudo bem. Foi mesmo um boquete bastante emocional.

Ele bufou.

Dei-lhe um apertão.

– Fico feliz que você tenha gostado.

– Estou limpo, Lena – ele disse, com o rosto pressionado contra o meu pescoço. – Fui testado, tudo deu negativo, tá bem?

– Ah, é verdade, eu engoli. Nem pensei nisso.

Os braços de aço à minha volta não vacilaram.

– Eu gostei que você engoliu.

Lábios úmidos e quentes se esfregaram contra o meu pescoço. Essa afeição dele, eu nunca tinha conhecido algo assim. Minha cabeça nadava em alegria e as palavras mais perturbadoras se ergueram crescentes dentro de mim, até que ficaram presas na minha garganta. Elas ainda tentavam insistentemente procurar

pela saída, em um tolo ato impensado. Eu tentei impedi-las, pois eu sabia que não devia dizê-las, eu realmente sabia. Mas elas escaparam da minha alma torturada e apaixonada enquanto meu cérebro observava absolutamente horrorizado.

– Eu amo você, Jimmy.

Silêncio.

Um silêncio mortal absoluto.

O homem em meus braços congelou, e até a sua respiração vacilou.

– Quero dizer, não que isso seja grande coisa ou algo assim. – Minha boca, eu queria matá-la lenta e dolorosamente de muitas e variadas maneiras. O momento estava ótimo, mas eu tinha que ir e destruir, exigindo mais. – Você não tem que dizer nada. Na verdade, você não deveria, seria melhor se você não o fizesse, e nós vamos continuar exatamente como estamos e fingir que isso nunca aconteceu, ok? Porque nós estamos indo muito bem, muito bem, e eu realmente não quero que nada mude.

Suas mãos agarraram meus braços e ele forçosamente me afastou de si. Todos os instintos me disseram para me abaixar e procurar proteção, correr. Não importa o que houvesse, eu não deveria ter olhado para seu rosto. Porque estava pálido e cansado, e seus olhos estavam vagamente apavorados.

– Você me ama?

– Jimmy…

Ele olhou para mim como se eu fosse uma estranha para ele, desconhecida e indesejada em todos os sentidos.

– Lena, eu não posso… Eu não…

– Não, eu sei. – Naquele momento, eu estava morta de todas as formas. Meus pulmões só não tinham percebido isso ainda.

Lá de baixo veio um rosnado e um latido. Pequenas unhas arranharam as minhas meias pretas, rasgando-as irreparavelmente. Ele devia estar cochilando embaixo do balcão e acordou com os gritos de Jimmy.

– Oi, Killer. – Eu peguei o pequeno pacotinho de terror preto e branco. Ele era a distração perfeita para o meu coração despedaçado. – Eu não te vi aqui. Onde você estava escondido?

– É melhor voltarmos para fora. – Jimmy estudava a parede oposta com grande empenho. Eu acho que qualquer coisa era melhor do que olhar para mim e minhas emoções insanas e bagunçadas. Tão constrangedor.

– Sim. Eu acho que sim. – Eu o conduzi em direção à saída, da mesma forma como eu o conduzira para a armadilha do “boquete emocional” em primeiro lugar. As mulheres eram as piores. Killer esfregou seu focinho úmido no meu queixo.

– Filho – Mal saudou o cachorro. Ele ainda estava conversando com Anne e Lizzy no sofá. – Eu estava aqui me perguntando por onde você andava.

– Eu o encontrei cochilando no banheiro. – Entreguei o bebê peludo para seu pai.

Os olhos verdes de Mal se estreitaram.

– Seus lábios estão anormalmente inchados e seu batom está borrado. O que diabos vocês dois estavam fazendo no banheiro, bem na frente do meu primogênito?

– Nada – eu disse, recuando um passo. Essa era a última coisa de que eu precisava.

Ele segurou o cachorro na frente de seu rosto.

– Killer, diz pro papai, onde as pessoas más te tocaram?

– Nós não fizemos nada. – Eu virei para Jimmy, mas ele ainda estava muito ocupado em estado de choque, aquele idiota inútil.

– Ele está traumatizado! Basta olhar para ele. – Mal levantou o filhote de cachorro para que todos vissem. Deliciando-se com a atenção, Killer balançou o rabo e latiu alto duas vezes.

– Aqui, me dê. – Anne agarrou o cão com cuidado das mãos de Mal. – Ele não está traumatizado. Talvez um pouco mais experiente do que ele precisava ser, mas não é como se ele não tivesse dormido em nosso quarto enquanto estávamos ocupados um com o outro.

– Não é ruim o suficiente que ele tenha que crescer com a vergonha de seu pai não ser casado? – Com tristeza, Mal balançou a cabeça. – Meu pobre menino, ele nunca teve a chance de ter uma vida normal.

– Hmm. – Anne entregou o cão para a sua irmã. Nesse ritmo, as patas de Killer não tocariam o chão pelos próximos anos. Ele devia ser o cachorro mais mimado do mundo, bem adequado ao estilo de vida dos ricos e famosos. E sim, preocupar-se com o cachorrinho mimado era muito mais seguro do que me virar para ver se Jimmy já tinha saído do coma.

Anne ficou de pé, e em seguida ficou de joelhos na frente do baterista loiro.

– Você quer se casar comigo?

Todas as conversas em nossa volta silenciaram.

– Sou eu quem faz as gracinhas – disse Mal, com sobrancelhas baixas. – Não você.

– Eu não estou fazendo gracinha. – Suas mãos encontraram as dele e as seguraram. – Eu te amo e quero me casar com você, Malcolm Ericson. O que você me diz?

A boca de Mal se abriu e todos nós esperamos com a respiração suspensa, mas ele não disse nada.

Um pouco depois, Anne falou de novo.

– Eu não tenho mais medo. Eu sei que isso é certo e se você ainda quiser, então eu quero também, de todo o meu coração.

– Podemos voar para Las Vegas e sermos casados pelo Papai Elvis no Natal? – Mal perguntou com olhos suspeitosamente brilhantes.

Uma única lágrima percorreu o rosto de Anne.

– Eu ia gostar muito disso.

O pandemônio prosseguiu quando Mal saltou sobre Anne e o casal feliz começou a rolar pelo chão. Todo mundo explodiu em aplausos e gritos e Deus sabe mais o quê. Killer latiu e se afastou de toda a comoção. Apenas Jimmy e eu ficamos separados, ambos ainda muito atordoados pela minha confissão. Eu queria estar feliz por eles. Eu realmente queria, mas estar lá com o gosto de Jimmy na minha boca e meu coração partido flutuando à minha volta era como se pedaços afiados de lâminas cortassem as minhas entranhas.

Uma mão tocou meu braço antes de afastar.

– Vamos indo.

Eu olhei para seu belo e amado rosto e lancei o meu sorriso mais cruel.

– Sim.

Em meio a toda a celebração e confusão, nos esgueiramos para o elevador, fazendo a viagem inebriante de volta para o térreo. Nenhum de nós disse uma palavra. Do lado de fora, uma espécie de garoa muito fria estava caindo. Me encolhi fundo em meu casaco enquanto Jimmy abria a porta do passageiro da Mercedes para mim. Um casal feliz corria de mãos dadas em frente à rua. As luzes da cidade ficaram borradas quando manchas de água embaçaram as lentes dos meus óculos.

Sabe aquelas vezes à beira do inverno, quando o frio penetra tão profundamente dentro de você que parece que não é mais possível se esquentar novamente? Essa era uma delas.

– Lena… – ele disse, segurando a porta do carro.

– Sinto muito. – Subi no assento de couro perfumado de luxo da Mercedes e Jimmy cuidadosamente fechou a porta atrás de mim. No momento seguinte, ele estava no banco do motorista, limpando a chuva do rosto. Nenhum de nós falou nada. Não havia realmente nada a dizer. A viagem de volta para casa correu sem problemas, e observei as luzes e os prédios passando por mim muito rápido. Em pouco tempo, as paredes cinza sombrias de seu palácio erguiam-se diante de nós. Alguns fotógrafos corajosos desafiando o mau tempo pairavam na frente, retidos pelos dois robustos seguranças.

Dirigimos para os fundos e descemos para a garagem subterrânea. O portão da garagem se fechou atrás de nós. Estupidamente atordoada, eu fiquei sentada por

tanto tempo que Jimmy abriu a porta do carro, me estendendo a mão.

– Obrigada. – Eu saí por minha conta. – Eu estou bem.

Eu não estava nem um pouco bem, para dizer a verdade. Amor não correspondido era uma droga.

Subindo as escadas, fomos para o segundo andar. A porta do meu quarto era a segunda à esquerda. Ele fez uma pausa na entrada e eu acendi a luz aos poucos. Era uma espécie de iluminação noturna.

– Lena. – Ele engoliu em seco com seus olhos escurecendo. – Me deixe entrar.

– Eu não posso.

– Mas…

– Eu não posso – repeti. – Precisamos parar.

– Não, não precisamos.

– Nós precisamos – eu disse. – Isso não está funcionando para mim. Eu não consigo bloqueá-lo. Eu não posso fingir que não sinto coisas por você. Eu não fui feita dessa forma.

– Não, nós estamos bem. Eu juro que estamos bem. – Suas mãos corriam sobre meus braços e costas, me puxando. Eu o desejava, queria tudo dele, desesperadamente. Seu toque ficou irresistível. – Está tudo bem.

– Jimmy…

– Shh, está tudo bem. Está tudo bem, sou eu. – Ele apertou seus lábios nos meus, e o gosto dele… ai, Deus. Nada que eu tivesse provado era melhor, nem jamais seria. E eu não conseguia segurar, nem se eu tentasse. Eu inclinei meu rosto, abrindo a boca para tocar seus lábios com a minha língua. Um ruído de puro desejo escapou de sua garganta e suas mãos agarraram meus quadris com dedos ferozes.

Haveria marcas pela manhã.

Minhas mãos envolveram seu pescoço, segurando firme, enquanto ele tentava tirar o casaco dos meus ombros, então eu tive que soltar. Se ele era o grande amor da minha vida, então era justo que nós terminássemos com uma explosão. Nada poderia consertar as coisas agora que as palavras tinham sido ditas. Eu sabia disso. Eu sentia isso em cada fibra do meu ser. Isso era um adeus.

Nós nos tateávamos por cima da roupa, tropeçando na direção da cama. Chegamos à metade do caminho e as mãos de Jimmy alisavam as minhas coxas, erguendo minha saia até a cintura. Agradeço a Deus pelas meias sete-oitavos. Nossas bocas estavam uma sobre a outra, e as línguas se esfregavam provocativas. Ele arrancou minha calcinha, pressionando-me contra a parede mais próxima, e então caiu de joelhos.

A sensação de sua boca em mim era o êxtase, o chicotear de sua língua e a sucção dos seus lábios… Todo o meu sangue correu diretamente para a região.

Eu espremia a minha boceta contra seu rosto e ele gemia em aprovação. Ele estava com tanta fome de mim. Quem dera isso fosse suficiente.

– Oh, Deus, Jimmy. – Minhas mãos encontraram seu cabelo e sua língua encontrou meu clitóris e, porra… Tão bom. Meus olhos se reviraram. Com cuidado, ele pôs minha perna sobre seu ombro, me abrindo mais para seus cuidados. Ele me chupava forte e rápido até chegar ao clímax, e todo o meu corpo tremia. Eu estava meio que preparada por conta do oral de antes, apesar da turbulência emocional. E vaginas, graças a Deus, não se importam com dores e corações partidos. Eu não queria perder nenhum momento, era a nossa última vez juntos.

Dois dedos grossos deslizaram em mim, se curvaram e pressionaram contra um ponto específico no meu interior. Ele disse que conhecia o meu corpo e não estava mentindo. Eu gritei e gozei, surpreendida pela requintada sensação. Meus dedos agarraram seus cabelos, puxando forte, mas ele não se queixou. Meus ossos chacoalhavam, minha mente esvaziou e isso foi lindo. Por um momento brilhante, todo o mundo fazia sentido. Eu estava exatamente onde eu devia estar. Então, a realidade e a tristeza desabaram novamente. Com os olhos fechados, seus lábios pressionaram o meu osso púbico em um beijo suave, reverente. Parecia quase um ato de bênção. Ele pressionou a testa contra minha barriga, parando por um momento, como se ele é que tivesse sido virado do avesso, e não eu.

Os fios de seda de seu cabelo escorriam por entre meus dedos.

– Ei, você está bem?

– Sim.

Jimmy Ferris não brincava em serviço.

Ele se levantou, abriu o seu zíper e estendeu a mão para mim. Eu ainda tinha que parar de tremer por ter gozado, mas ele não esperou. Ele me levantou em seus braços e enrolei minhas pernas em volta de sua cintura. Eu desejava ser forte o suficiente para ficar com ele para sempre dessa forma. A cabeça grossa e dura de seu pênis pressionava a minha abertura e, lentamente, ele afundou no meu interior. Ele me preenchia de uma forma que ninguém mais conseguia, e isso não tinha nada a ver com o tamanho.

– Você é tão bonita, Lena.

– Deus. Jimmy.

– Preciso de você.

Dentes mordiscaram o lóbulo da minha orelha, a picada doce correu através de mim, me fazendo ofegar. Ele cobriu meu rosto com beijos, seus lábios quentes moviam-se sobre a minha pele, me marcando como sua. Parecia que ele não se cansava de mim. Suas mãos, boca e pênis estavam determinados a deixar

a sua marca no meu corpo. Meu coração estúpido batia forte e rápido, transbordando, mas não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso. Segurei-o rapidamente, deixando que ele martelasse em mim, grudando em todos os poros. Tudo em mim pertencia a ele, eu quisesse ou não.

Independentemente do que fizesse sentido, meu coração estava totalmente entregue.

Mas era assim que funcionavam alguns amores, não é mesmo? Ele gozou forte, com seu pau fazendo pressão dentro de mim, com os dentes cravados em meu pescoço. A cabeça dele repousava no meu ombro enquanto ele prendia a respiração, ambos nos apoiando contra a parede.

Ele me levou para a cama, deixando-se cair sobre o colchão em seguida. Eu rolei e fiquei de lado para encará-lo. Ele parecia dizimado, exausto. É justo, eu mesma queria dormir por mil anos. O cabelo escuro caía sobre seu rosto, escondendo seus olhos de mim. A luz estava ofuscante. Eu devia tê-la reduzido. Merda, eu devia mesmo era ter desligado.

– Eu não posso continuar fazendo isso – eu disse, enfim.

Ele não respondeu.

– Precisamos voltar a ser estritamente profissionais. Vai ser melhor assim. – Eu não tinha palavras melhores.

Um arrepio percorreu o seu corpo e ele rolou para o lado, dando as costas para mim.

O homem mais bonito que eu já conheci se arrastou para fora da minha cama, pouco antes da meia-noite, e eu o deixei ir.

CAPÍTULO DEZOITO

Dormi demais. Quando acordei, o som dos gritos e risadas já se espalhava pela casa.

Outro dia agitado no mundo do Stage Dive.

Honestamente, eu não sabia o que vinha a seguir. Já que ele tinha feito Tom sair correndo, eu teria que encontrar outro substituto de companheiro/assistente para ele. O tempo diria se eu ainda conseguiria fazer o estágio com Pam. Talvez eu decidisse me matricular em uma faculdade de artes ou algo assim, estudar fotografia de outra maneira. Eu finalmente encontrei o que eu queria fazer pelo resto da minha vida. Alguma coisa pela qual eu pudesse me apaixonar. Havia algo extremamente positivo que poderia sair dessa porcaria de situação.

– Olá – eu disse, andando para a cozinha, com o meu cabelo ainda molhado do banho.

O pessoal estava reunido em volta da mesa, tomando café e várias bebidas energéticas. Mal aparentemente estava praticando seu discurso de casamento, pronto para Vegas. Ele ficou de pé em uma cadeira, enquanto os outros vaiavam e atiravam bolas de papel. Dean estava encostado no canto, e abriu uma breve tentativa de sorriso. Até mesmo Taylor e Pam estavam aqui, de pé, com os braços em volta um do outro. Mais uma prova de amor eterno e felicidade conjugal.

Da próxima vez eu faria a coisa certa e teria a certeza de me apaixonar por alguém que me quisesse de verdade. Da próxima vez.

– Lena concorda comigo. Não é, Lena? – Mal gritou logo após minha entrada na sala.

– É claro, Mal.

– Você não faz ideia com o que acabou de concordar – Ben disse, sorrindo para mim por cima da borda de sua xícara de café.

– Cale-se, Ben… – disse o baterista maluco. – Todo casamento em Vegas precisa de um par de dançarinas extravagantes para ter efeito, Lena entende disso. Ela é mais esclarecida do que vocês, seus tolos.

– Anne vai cair de pau em cima de você – Ben disse.

Eu balancei a cabeça e continuei andando. De jeito nenhum eu ia me meter

nessa discussão.

Avistei Jimmy com o canto do olho, vestido como sempre, todo de preto, encostado no balcão. Se eu não olhasse para ele diretamente, talvez eu ainda pudesse sair dessa com ao menos um pequeno pedaço de mim intacto. Antes de tudo, café. Peguei a garrafa e enchi uma caneca até a borda. Esqueça açúcar e leite, eu precisava bombear cafeína diretamente em minha corrente sanguínea antes que alguém se machucasse.

– Dave, tire a porra das botas de cima da mesa – Jimmy resmungou.

– Você está um deus da alegria hoje, Jim – David disse. – Aconteceu alguma coisa que justifique o bom humor?

Seu irmão não respondeu.

Tomei um pouco de café, queimando minha língua. Não importava, era uma dorzinha; quase nada, na verdade.

– Eu preciso dessa merda pronta na entrevista e os planos para a primeira etapa da turnê, Lena. Agora. – Jimmy bateu com sua caneca vazia na pia de forma bruta. Fiquei surpresa de não ter quebrado. – Tente chegar na hora e pronta para o trabalho no futuro, entendido?

Lentamente, eu me virei para encará-lo, com o café ainda na mão.

Ele olhou diretamente para mim.

– Nada mais de enrolação. Certo, Lena?

Minha caneca começou a tremer. Sua mensagem era pertinente em tantos níveis. Então era isso, não posso dizer que foi inesperado. Isso veio quase como um alívio realmente, uma demonstração dos nossos ressentimentos, tudo exposto, para todo mundo ver. Porém ele podia ter esperado até que eu já não tivesse seu sêmen dentro de mim, apenas por polidez, pelo amor de Deus.

– Certo – concordei, com minha voz seca, estranha. Aquilo não parecia em nada comigo.

Seus gélidos olhos claros estavam delineados pela sombra, e sua boca e bochechas pareciam mais duras que o normal. Eu tinha dormido um pouco, mas parecia que Jimmy não tinha dormido nada. Ele parecia que estava a ponto de explodir, no limite.

Toda conversa parou. Até Mal desceu de sua cadeira.

– Você precisa encontrar outra pessoa para te acompanhar no casamento da sua irmã. Vou voar para Los Angeles para ver Liv. – Suas mãos agarraram o balcão atrás dele, e os músculos de seus braços flexionaram. – Estarei ocupado.

Assenti com a cabeça. Meus canais lacrimais estavam se preparando para algo grande, eu podia sentir.

– E, quando você voltar, comece a procurar sua própria casa.

Engoli em seco, meu estômago se contraiu. Na verdade, senti como tivesse

levado um chute e ele tivesse acertado uma costela ou duas. Tanto sofrimento, por dentro e por fora. Tolice minha, na verdade. Esse terrível fim estava escrito desde o começo. Você não se apaixona por um homem como Jimmy Ferris.

– Não preciso de você grudada em mim a porra do tempo inteiro – ele disse. – Você trabalha das nove às cinco, e quando a gente sair em turnê, no horário que for preciso. Entendido?

David se levantou lentamente.

– Jim…

– Fique fora disso. Isso é entre mim e ela. – Ele se virou para mim, seus lábios finos demonstravam uma óbvia hostilidade. – Entendido, Lena?

Ben praguejou baixinho.

– Entendido. Mais alguma coisa, Senhor Ferris? – perguntei, colocando minha xícara de café de lado antes que eu a derrubasse.

Sua voz me cortou como uma espada.

– Nada que seja da sua conta. Temos uma relação estritamente profissional. Não quero sua opinião e com certeza não preciso da porra dos seus conselhos. – Minha garganta estava seca. – Faça seu trabalho a partir de agora e é isso.

– Jimmy. – David bateu as mãos na mesa. Aquela em que Jimmy e eu fizemos amor. Transamos. Tanto faz.

– Pare com isso! – David disse, com o rosto marcado pela fúria. – Não fale com ela desse jeito.

– Ela não é da sua conta, Dave. Nunca foi.

Fiquei ali paralisada, mas sabia o que eu tinha que fazer.

– Me demita.

– O quê?

Todos os olhos estavam em mim, mas eu só olhei para ele. Ele queria plateia e tinha conseguido uma. Eu estaria ferrada se entrasse no jogo dele. As pessoas pensariam o que quisessem e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso, ele estava certo quanto a isso. Entramos em queda livre quando eu disse que o amava. Era hora de bater no fundo do poço.

– Me demita – repeti. – É assim que isso termina.

As narinas de Jimmy se dilataram.

– É assim que isso acaba.

Fúria brilhou em seus olhos.

– Vá em frente.

– Não é isso que você quer – ele disse, com uma sombra de dúvida cruzando seu semblante pela primeira vez.

– Não posso ter o que eu quero, Jimmy. Nunca pude. Tudo que você tem a fazer é me demitir e eu vou embora. Você não vai ter que pensar sobre isso

nunca mais. Vai ser como se nunca tivesse acontecido. Isso é o que você quer, não é?

Quem disse que amor e ódio eram semelhantes sabia do que estava falando. Porque a maneira como Jimmy estava olhando para mim teria acabado com qualquer outra mulher. Ontem à noite ele me amou, ou amou meu corpo, pelo menos. Agora, havia apenas cinzas em meu lugar.

– Vou embora e tudo será fácil novamente, sem complicação – continuei. – Você pode voltar a se esconder do mundo. Eu não estarei aqui para detê-lo.

– Cale-se.

– Me demita, Jimmy. – Meu sorriso deve ter parecido tão amargo quanto eu me sentia. – Me mande embora.

Alguém disse alguma coisa, mas isso passou direto por mim. Havia apenas eu e ele.

– Você sabe que quer – eu disse. – Seria muito mais simples se eu não estivesse aqui.

– Cala a boca, Lena.

– Vá em frente – insisti, inclinando-me pra frente. – Não há momento melhor que o agora, certo? Faça isso. – Um músculo saltou em sua mandíbula. – FAÇA!

Seu queixo saltou para cima.

Feito.

Perdi o fôlego e, de súbito, fechei os olhos. As lágrimas escaparam de qualquer forma, as malditas ardilosas. Nem me fale da porcaria do drama. Chega.

– Você prometeu que não teria uma recaída se eu partisse. Espero que mantenha sua palavra – eu disse, com minha voz embargada, as palavras saíam muito mais difíceis agora.

Outro aceno de cabeça.

– Espere aí – Mal disse apressadamente. – Jim, cara. Qual é, é a Lena. Você não pode demiti-la!

– Lena, espere. – David estendeu a mão.

– Está tudo bem – eu disse, enxugando meu rosto, forçando meu caminho para passar pela banda.

Eu não queria ver os outros, mas naturalmente olhei para eles, tomando a cena que já estava bem feia, patética. Um monte de rostos em estado de choque e um olhar vagamente envergonhado por parte de Dean. Não era como se realmente importasse, eu nunca mais veria nenhum deles. Esta parte da minha vida tinha acabado.

Uma discussão começou ali atrás na cozinha, inúmeras vozes subiram com raiva e consternação. Eu não desacelerei, não voltei atrás.

Provavelmente há um monte de coisas que eu poderia dizer sobre a natureza do amor. Exatamente o que eu significava ou não para Jimmy jamais seria conhecido, talvez nem mesmo por ele. O amor era realmente um dos mistérios da vida. Que isso possa te foder em todos os sentidos imagináveis e ainda permanecer tão absolutamente desconcertante e desconhecido era meio impressionante. Acho que tudo depende de como você olha para isso. Logo em seguida, eu estava olhando para o longo caminho solitário pra casa. Quer dizer, a casa da minha infância. A casa que eu dividi com ele se fora.

As lágrimas corriam mais rápidas e eu as deixei cair sem controle.

Algumas coisas foram feitas para serem sentidas ao máximo. Pôr para fora, acabar com isso, e todo o resto.

Eu gostava de pensar que ele ia sentir minha falta, mas a verdade era que ele só ficaria bem quando eu tivesse ido embora. Haveria outra pessoa no meu lugar, alguém para responder a seus e-mails e mantê-lo na linha. A maior possibilidade era que fariam um trabalho melhor do que eu tinha feito.

Fim.

—

Um enorme laço de cetim branco foi colocado no lugar de destaque na porta de entrada. Cristo, Alyce e toda aquela besteira de querer chamar atenção. Este casamento claramente tinha assumido proporções gigantescas na minha ausência. Talvez eu devesse ter me escondido em um quarto de hotel até que tudo isso tivesse passado.

Não, isso era papo de perdedor.

Eu era feita de um material mais resistente.

Afinal, eu já tinha me afastado esta semana de uma situação que mudara minha vida e partira meu coração. Resistir ao casamento de minha irmã e meu ex não seria nada de mais. Gritos femininos de alegria de perfurar os tímpanos podiam ser ouvidos vindos lá de dentro. Era a noite de véspera do casamento, acho que ela tinha todas as suas três damas de honra restantes. A música de Britney Spears bombava de repente, em alto e bom som.

Sim, não, tudo bem, eu não ia conseguir.

De jeito nenhum.

Meu corpo e mente cansados já tinham sido arrastados pela metade do caminho para o outro lado do maldito país. Eu tinha deixado um monte de coisas para trás encaixotadas com uma mensagem para Ev encaminhá-las para mim. Tudo que importava era conseguir dar o fora da porra da casa dele razoavelmente inteira.

Pam me levou para o aeroporto, apesar de meus protestos a respeito de pegar um táxi. Era uma mulher tão adorável, era uma pena que eu nunca chegaria a ser sua aprendiz. O resto da banda e companhia felizmente permaneceram lá embaixo. Encarar qualquer um deles logo depois do meu rompimento dramático com Jimmy teria sido mais do que eu podia suportar. A Nikon de dez mil ficou para trás, sobre o móvel anteriormente conhecido como minha mesa de cabeceira.

Jimmy podia fazer o que quisesse com ela. De jeito nenhum eu a levaria comigo.

Minha existência imediata girava em torno de expurgar todos os vestígios dele da minha memória. Eu esqueceria o som de sua voz e o cheiro dele coberto de suor. Nunca mais pensaria sobre as cento e uma conversas estúpidas que tivemos, sobre todas as coisas pelas quais brigamos. Meu coração partido tinha sido remendado e colado à perfeição. E todas essas coisas foram embora.

Elas tinham que ir para que eu pudesse enfrentar o futuro e colocá-lo no passado.

Não havia como enfrentar aquele inferno que estava acontecendo na minha vida dentro da casa em que cresci. Britney Spears. Dai-me força. Eu estava prestes a dar meia volta, preparando-me para arrastar minha mala cheia por duas quadras até a cidade, já que o meu táxi tinha ido embora. Até que lembrei que Toni ainda trabalhava na pousada Burns. Se eu lhe desse vinte pratas, ela manteria meu paradeiro em segredo por alguns dias.

Mas não, de pé, exatamente no meio da minha planejada rota de fuga, estava meu pai. O tempo não tinha proporcionado grandes mudanças, ele ainda era tão forte e sólido como sempre fora. Seu cabelo estava um pouco mais grisalho, talvez. Em cada mão havia um saco cheio até a borda com recipientes do restaurante chinês Kwong. A melhor comida na minha cidade natal, na minha experiente opinião.

– Lena? – Ele piscou para mim na luz do anoitecer. O peso em meu coração diminuiu um pouco.

– Olá, papai.

Ele me olhou com o rosto congelado, em estado de choque.

– Minha garota voltou para casa!

– É. Estou de volta. – No mesmo instante, liguei o sistema hidráulico e meu rosto ficou bagunçado. Minhas emoções precisavam se acalmar, porra.

Papai deu dois grandes passos adiante e me deu o melhor abraço possível, apesar das embalagens de comida. O delicioso aroma de frango xadrez me deu água na boca e minha barriga roncou. Aparentemente, seria pedir demais que eu fosse uma dessas garotas que realmente perdem peso quando sua vida amorosa

vai à merda.

Eu o abracei, procurando conforto.

– É bom ter você em casa, querida – disse ele.

– É bom estar em casa. – E era.

Por um momento, nós apenas olhamos um para o outro, sorrindo maravilhados. Era bom saber que algumas coisas não podem ser perdidas. O vínculo entre mim e meu pai era uma dessas coisas.

– Foi uma coisa terrível o que sua irmã fez – ele disse. – Sua mãe e eu fomos firmes com ela a respeito disso.

– Vocês foram? – Huh, eu sempre pensei que Alyce, a criança prodígio, não fazia nada errado. Vivendo e aprendendo.

– Bem, é claro que fomos. Apesar de que você sempre foi muita areia para aquele idiota do Brandon. Ele nunca teria feito você feliz. – Papai olhou para mim por cima do aro dos óculos. – E você ainda não está feliz. O que há de errado, querida?

– Tive meu coração partido novamente. – Eu ri e dei de ombros. – Estúpido de minha parte, né?

– Ele que é estúpido, isso sim. Minha menina é uma rainha. Qualquer rapaz que não consiga ver isso não merece ficar a um cuspe de distância. – O homem devia ser presidente. Ele dizia as coisas mais agradáveis.

– Obrigada, papai.

Ele me encarou fixamente, esperando por mais informações.

– É realmente uma longa história – eu disse.

Um grito estridente, particularmente ensurdecedor, comunicando o que eu supunha ser extremo prazer, veio de dentro da casa. Estremeci.

– Vai ser uma longa noite – suspirou papai. – O que você acha de ir lá pra dentro, cumprimentar o povo e depois se esconder no porão com a minha geladeira de cerveja?

– Parece um bom plano.

– Sua mãe sentiu saudades de você, Lena. – Ele enfiou a mão no bolso do casaco procurando pelas chaves. Uma missão impossível, por causa dos muitos fardos saborosos.

– Aqui, me deixe ajudar. – Peguei uma das sacolas de suas mãos. – Senti falta dela também. Eu só precisava me afastar por um tempo, me encontrar e outras coisas.

– E o que você encontrou?

– Descobri que ainda não tenho bom senso quando se trata de escolher homens. Mas você sabe o que mais, papai?

– O que, Lena? – ele perguntou com um sorriso.

– Estou bem sozinha.

As chaves tilintaram enquanto ele procurava pela certa.

– É claro que está, você sempre foi a mais forte das minhas garotas. Sua irmã sempre teve ciúme de você, sabia?

– De jeito nenhum! – Eu ri. A ideia toda era ridícula. – A brilhante e perfeita Alyce?

– E que tal a brilhante e atrevida Lena? Sempre pronta, com um comentário inteligente e capaz de falar com qualquer pessoa. – Papai sorriu e abriu a porta da frente.

Fomos atingidos por luz e barulho, junto com muitas garotas surpresas gritando meu nome.

– Oi. – Dei um aceno com o dedo.

Alyce me deu um sorriso trêmulo. Um metro e setenta e sete, graciosamente esguia, com uma cascata de cabelos brilhantes como o mogno.

– Lena. Oi.

– Oi – repeti, apenas provando exatamente o quanto eu era excelente com conversa.

Papai se esgueirou por mim, levando a comida consigo para a cozinha. Suas damas de honra observavam com olhos grandes e curiosos, as malditas fofoqueiras. A notícias do meu retorno sem dúvida seriam enviadas por torpedo para a cidade toda em poucos minutos.

– Obrigada por ter voltado – disse minha irmã, parecendo tímida e incerta. Seu olhar vagou por todo o lugar, incapaz de me olhar por muito tempo.

– Sem problema.

Então, o pequeno furacão que era minha mãe voou da cozinha e me atacou com um abraço. Nossos seios fartos bateram com um baque macio. Lutadores de vale-tudo teriam caído de bunda. Meus óculos definitivamente estavam mais tortos.

– Já era hora – ela sussurrou. – Bem-vinda de volta, querida.

– Obrigada, mãe. – Eu a abracei até meus braços doerem. Esta foi a decisão certa a se tomar, voltar para casa. Eu já me sentia melhor, mais leve. Poderia juntar meus pedaços em paz aqui. Esquecer os astros do rock, ternos estilosos e todo o resto.

Mamãe, papai e eu empilhamos porco agridoce e tudo o mais em nossos pratos e, em seguida, nos retiramos lá pra baixo. O bando de ferozes damas de honra podia correr selvagens com seus gritinhos estridentes no térreo. Parecia que até mesmo a mamãe estava pronta para dar uma pausa no estrogênio.

Rapidamente derrotamos papai e o jogo foi colocado de lado, em favor de um filme antigo em preto e branco que passava na TV. Era bom estar em casa com

meus pais. Muito bom.

– Outra cerveja, Lena? – papai perguntou de seu assento no canto.

– Esse é seu jeito sutil de me pedir para ir buscar uma?

– Eu sou um homem velho. Você tem que cuidar de seu pai.

– Certo.

Mamãe só ria. Deus sabe quanto vinho branco ela já enxugara antes de nós chegarmos em casa. Eu não a invejo, os planos de casamento de Alyce obviamente tinham feito suas vítimas.

O porão era o palácio do meu pai. Uma enorme TV de tela plana, sofás confortáveis e, claro, a mencionada geladeira de cerveja no canto. Fotos emolduradas de camisas de futebol cobriam as paredes. Às vezes eu me perguntava se papai lamentava não ter filhos homens, mas ele nunca disse ou indicou qualquer frustração do gênero. Meus pais eram pessoas boas. Mas, embora fosse realmente ótimo estar de volta, eu não pertencia a esse lugar a longo prazo.

Era preciso esquecer o passado, eu faria as minhas coisas (seja lá quais fossem) e seria feliz. Decisão tomada.

Peguei a cerveja do meu pai, a segunda dele, e fiquei olhando estática. Eu não tenho problemas com bebida. Não beber foi algo que fiz em apoio a Jimmy.

– Foda-se – murmurei, pegando outra cerveja na geladeira. Eu podia relaxar com meus pais e desfrutar de uma bebida sem que isso fosse um problema. Jimmy Ferris não mandava em mim de nenhuma maneira, forma ou aspecto. Nunca mandou e nunca mandaria. Não que ele algum dia tivesse me impedido de beber, isso era uma demonstração voluntária minha de solidariedade, e veja aonde isso me levou.

Tanto faz. Era hora de descontrair e relaxar. Eu ia tomar uma cerveja.

– Esse não é o homem para quem você estava trabalhando? – mamãe perguntou.

Eu me virei e lá estavam eles, em cores vibrantes, ao vivo, direto de Hollywood. Jimmy e Liv no tapete vermelho em algum evento. Ele parecia bem pra caramba com seu cabelo escuro bem cortado e um terno preto. Foi como uma faca se retorcendo dentro do meu peito. Todo o meu corpo entrou em choque. As garrafas de cerveja caíram dos meus dedos, quebrando-se no piso. Cacos de vidro e espuma de cerveja tinham espirrado em todos os lugares. Olhei para cima e ele se foi, o anúncio acabou, a notícia tinha mudado. Nosso velho e doce filme em preto e branco voltara à tela.

Mamãe e papai saltaram de suas cadeiras e correram na minha direção.

– Sinto muito – eu disse, olhando inutilmente para a bagunça que tinha feito. Meu cérebro vagou. No entanto, Jimmy certamente não tinha perdido tempo. Ele

partiu meu coração, me botou pra fora e voltou a ser o bad boy do rock’n’roll. – Foda-se ele – sussurrei.

Minha irmã correu escada abaixo.

– O que foi isso?

– Sua irmã teve um pequeno acidente – disse mamãe, pegando uma toalha da pilha de roupas ao lado da secadora.

– Cometi um erro – concordei. – Um bem grande.

Papai piscou para mim como uma coruja por trás dos óculos.

– Ah, querida.

As lágrimas começaram e não pararam por um longo, longo tempo. Acho que finalmente chorei até secar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Tenho quase certeza absoluta de que Dante tinha a intenção de incluir os casamentos no inferno e acabou se esquecendo disso.

Estava sentada sozinha no canto do grande salão de baile de Long Oak enquanto as pessoas se misturavam e dançavam à minha volta. O lugar foi decorado todo em prata e branco. Balões, faixas, flores, o que você pensar. A enorme quantidade de flores me lembrou do funeral de Lori; as faixas, a gravata de seda de Jimmy. Ele disse que o mundo inteiro era um gatilho para ele quando se tratava do vício. Agora eu entendia exatamente o que ele quis dizer. Minha heroína tinha 1,86m de altura e era tão lindo como o pecado. Tinha me deixado mais chapada do que nunca, espalhou-se pelas minhas veias. Então, de forma não tão surpreendente, ele tinha realmente me jogado à sarjeta.

Podia se dizer que estava rolando esse lance de autocomiseração comigo ao invés do despertar da garota festeira.

Tomei outro gole de limonada com meu canudinho brilhante de casamento.

Ah, os momentos divertidos. As pessoas de coração partido realmente só precisavam ser deixadas em paz, porra. Nós não somos companhia adequada para ninguém.

Luzes minúsculas de LED e velas compunham a iluminação e, no palco, a banda cantava clássicos do rock e canções pop de amor. Eu peguei emprestado um vestido meio fora de moda de uma velha amiga (na altura do joelho, de cetim cinza prateado e renda muito bonita, se não fosse um pouco apertado na altura do peito). Brandon tinha se aproximado de mim uma vez e eu mostrei meus dentes a ele. Não, eu realmente mostrei. Foi muito engraçado como ele fugiu rápido. Ele não tentou mais falar comigo. Aparentemente, eu tinha dificuldade em perdoar as pessoas que fizeram merda para mim.

Agora já estava perto da meia-noite e a festa finalmente estava mostrando sinais de encerramento. Alyce e Brandon dançavam uma música lenta no meio da pista, trocando olhares amorosos. Apesar de seu início duvidoso, acho que eles realmente tinham uma chance de fazer tudo isso dar certo. Mamãe e papai dançavam ao lado deles, cedendo a um beijo ocasional. Todos pareciam estar se divertindo muito.

A lambada do Tio Bob passou por mim e ergui os dois polegares, dizendo que estava legal.

– Está ótimo. Vai, Tio Bob – disse, sem um único toque de sarcasmo, porque sou incrível assim.

Tirei um pouco os óculos, esfregando a ponte do meu nariz. A dor de cabeça estava se formando por detrás dos meus olhos havia horas, graças ao penteado sofisticado muito complicado pelo qual eu tinha optado. Era lindo, mas esticado pra caramba. Eu não queria nem pensar em quanto tempo ia levar para tirar todos os grampos.

Não notei o cara de terno preto a princípio. Estava bastante ocupada sentindo pena de mim mesma. Ele era apenas uma sombra se movendo entre as imagens borradas dos casais na pista de dança. Porém, quando uma confusão eclodiu pelo microfone, ele teve toda a minha atenção.

– Para trás, porra – disse uma voz rouca pelos alto-falantes.

Era estranhamente familiar.

Suspiros foram ouvidos. Então, vozes abafadas discutindo ao fundo, quase inaudíveis.

– Sim, eu entendo que é um casamento – ele disse, de forma agradável e clara. – Eu tenho a música perfeita para o feliz casal.

– Não. Não pode ser. – Endireitei-me na cadeira, chegando para a frente, apertando os olhos, tentando ver através de todas as velas e fitilhos de balão pendurados do teto. – Isso não é possível.

A voz mais suave eclodiu no palco. Pessoas se embolaram na pista de dança, a multidão estava ficando inquieta. Acho que este sequestro de casamento não foi muito bem ensaiado.

– Tudo bem, o que vocês sabem tocar? – o estranho homem de terno perguntou. Mais conversa. – Sim, está bem, façam isso.

As notas de abertura de uma música começaram, alguns dedilhados nas cordas da guitarra. Eu conhecia a melodia. Era “She Will Be Loved”, do Maroon 5. A música pop seguia e era muito boa, uma das minhas favoritas.

Em seguida, o vocalista intruso abriu a boca.

– *Beauty queen of only…*

Meus joelhos tremiam e todas as dúvidas fugiram.

Que porra é essa, o que ele estava fazendo aqui?

Graças à praticidade de um microfone sem fio, Jimmy pulou do palco e começou a procurar no meio da multidão. Talvez fosse alguma coincidência bizarra e ele decidiu começar a aparecer em pequenos eventos. Ele saiu empurrando o mar de balões de hélio, virando a cabeça pra lá e pra cá. Ainda cantando.

Eu não sabia o que fazer.

Havia essa estranha sensação quente se expandindo no meu peito. Eu só podia supor que estava tendo um ataque cardíaco de algum tipo. A letra não cabia na situação. Nem um pouco. Só pra constar, meu sorriso não se quebrou, estava apenas um pouco trêmulo por causa da emoção. Além disso, ele só me teve três vezes, não foram tantas assim, e ele não me segurou quando eu tentei chutar a porta e caí de bunda no chão. Tudo isso me levou à convicção de que aquele homem era um maldito cantor pop mentiroso.

Jimmy Ferris se moveu entre a multidão, ainda procurando. Sua voz era tão sugestiva e suave, a coisa mais doce que já ouvi. Várias mulheres de variadas idades coravam e abanavam o rosto enquanto ele passava. Minha mãe parecia prestes a desmaiar diante de sua diabólica boa aparência.

Na beira da pista de dança, ele parou e esticou o pescoço. Então ele finalmente encontrou seu alvo. Olhou diretamente para mim, sem se preocupar em continuar cantando a música. Um murmúrio de decepção atravessou a multidão.

– Lena? – Sua voz era levada a todos os cantos e recantos pelo sistema de som. – Que porra você está fazendo sentada aí no canto?

Meu coração batia forte. Simplesmente fiquei ali, parecendo nervosa. Honestamente, eu não sabia o que responder.

Jimmy entregou o microfone para um garçom que passava, enquanto a banda continuava tocando. Seus passos até minha mesa foram medidos, sem pressa. Eu meio que queria dar um tiro nele. Não tinha jeito de ele não saber que eu estava tendo um verdadeiro colapso enquanto ele desfilava lentamente. O homem tinha vestido um dos seus ternos feitos sob medida para a ocasião. Suponho que eu deveria ser grata por tal esforço. Infelizmente, devido ao surto, fiquei um pouco ocupada logo em seguida.

– Oi – ele disse quando finalmente chegou perto.

Eu levantei a mão em saudação.

– Você está linda.

– Obrigada. – É, eu conseguia falar, ao menos. Alisei a saia do vestido com a mão, mexi na bainha. Por que diabos eu estava nervosa? Era ele quem deveria estar nervoso. Merda, o bastardo tinha que estar morrendo de medo.

– Acho que você está se perguntando o que estou fazendo aqui.

Inspirei profundamente.

– Só um pouco, sim.

– Eu… – Seu olhar vagava pelo meu rosto, inquieto.

– O quê? Você o quê? – exclamei, eventualmente perdendo toda a paciência. Então eu me sentei sobre minhas mãos, porque isto era estranho pra caramba. Meus dedos coçavam para enterrar as garras nele, ferir ou agarrar, eu ainda

estava indecisa. Mas seria ruim matá-lo em público. Muitas testemunhas.

Ele agarrou a cadeira mais próxima e puxou-a, sentando-se. Arrastei minha bunda para trás um centímetro ou dois, ganhando tanto espaço quanto fosse possível. Era realmente ele. As linhas tão familiares de seu rosto e o olhar cauteloso em seus olhos me causavam dor. Eu não conseguia parar de encará-lo, embriaguei-me na visão dele como se estivesse vagando por anos.

– Pensei um pouco depois que você partiu – ele disse, inclinando-se para frente com os cotovelos em cima dos joelhos – Sobre essas coisas.

O detector de mentira soou alto e orgulhosamente dentro da minha cabeça.

– Não, não pensou. Você foi a uma festa com Liv Anders, não minta pra mim.

– Mas…

– Não.

– Nada aconteceu, Lena. Eu juro. Por favor, me permita explicar.

Muito ofendido, ele esfregou o rosto com uma mão.

– Eu não sabia como lidar com o que você disse. Eu só… se você se sentia assim em relação a mim, as chances de eu estragar tudo e você ir embora para sempre eram muito altas.

– Você estragou tudo e eu parti.

– Sim, você partiu.

Abri os olhos dolorosamente arregalados.

– Então, e daí?

– Daí que eu preciso que você volte. Reagi errado. Volte e vamos consertar isso.

– Como exatamente você acha que vamos consertar isso, Jimmy? Sua testa franziu. A expressão em seu rosto perfeito era tão sincera e tão angustiadamente perdida.

– Bem, não me importo que você se sinta assim. Está tudo bem. Você volta comigo e trabalha para mim novamente, e podemos continuar transando. Pode até ser exclusivo, se é isso que você quer, certo?

– Não, não é. – Eu tentei sorrir, como se houvesse alguma maneira de suavizar o golpe para qualquer um de nós. Minhas mãos se contorciam e reviravam, deitadas no meu colo. – Você precisa ir embora, Jimmy.

– O quê?

Doía olhar pra ele. Doía ainda mais amá-lo.

– Você precisa ir embora. Eu não vou voltar. Isso não vai acontecer.

– Lena. – Ele agarrou meu pulso, segurando firme. – Você não quer dizer isso, você me ama.

– Sim, eu realmente amo, sabe. – Minha garganta doía e meus olhos ardiam.

– Então por que não volta? – questionou, ainda apertando meu pulso.

– Autoestima e autopreservação, essas duas coisas. E porque você estar disposto a tolerar meu amor não é bom o suficiente. Nem de longe. Não vou ser sua companheira de foda que mora com você, Jimmy, exclusiva ou não. Sua oferta inteira arrasa com a minha alma.

Seus olhos escureceram.

– Pensei que isso te deixaria feliz.

– Bem, não deixou.

– Estou tentando dar o que você quer, Lena.

– Não, você está tentando me dar o que *você* quer. Não é assim que os relacionamentos funcionam. Você não aprendeu nada – eu disse, com o queixo tenso ficando trêmulo de emoção. Droga, era irritante. – Imaginar o que eu poderia querer nem sequer passou pela sua cabeça.

– Pelo amor de Deus, o que você quer então, hein? – ele cuspiu.

– Quero que você me ame. – Eu empurrei seus dedos. Desta vez ele me soltou.

Frustração encheu seu rosto.

– Peça outra coisa… Qualquer coisa.

Nós acabamos. Lentamente eu me levantei.

Jimmy levantou os olhos para mim, com sua mandíbula inflexível.

– Eu não posso.

– Então não deveria ter vindo até aqui. Você deveria ter me deixado.

Ele se levantou em um pulo, empurrando a cadeira violentamente para trás.

– Espere.

– O quê?

– Ela disse que ninguém jamais me amaria.

Ela, no caso, era a vaca da mãe dele, é claro. Eu balancei a cabeça tristemente.

– Ela estava errada.

O salão nadou em meus olhos cheios de lágrimas. Foda-se o amor. Por Deus, eu estava tão cansada dessa merda. Não sei quantas vezes uma garota pode ter seu coração partido por um cara, mas sério, nem me fale sobre estar acabada. Eu precisava ver se mamãe tinha um lenço de papel.

Além disso, por que a banda ainda estava tocando aquela música estúpida? A partir de agora, eu oficialmente a odiava. Seria mais uma das minhas superstições, como por exemplo nunca dizer “morra” e coisas assim. Meu pai me deixaria em casa. O único homem de quem uma garota podia depender era seu pai.

– Lena. – Eu parei. Rostos estavam encarando, mas nenhum deles importava. – Sinto muito – ele disse, com a voz perto, atrás de mim.

– Jimmy…

– Só ouça. Por favor. Só me deixe colocar isso pra fora.

Meu queixo estremeceu.

– Preciso que você volte comigo, por favor. – Sua respiração aqueceu meu ouvido. O calor de seu corpo estava contra minhas costas. – Não suporto ficar sem ter você ali, sem saber o que está pensando, o que está fazendo, não ser capaz de te contar as coisas e compartilhar tudo com você. Isso… Nada é a mesma coisa. Odeio acordar sem você e me preocupo constantemente se você está bem, se tem tudo que precisa. Olha, a verdade é que só penso em você, Lena. Você é minha melhor amiga. Você é minha garota.

Fechei os olhos apenas ouvindo suas palavras.

– Ninguém jamais significou o que você significa para mim. Por favor, só… só volte comigo e fique. Para sempre.

Meus ombros começaram a tremer desta vez, aparentemente meus joelhos estavam exauridos. Malditos astros do rock. Sério. Mãos fortes deslizaram sobre meus ombros me virando.

– Sinto muito que estraguei tudo. Pensei que, se pudéssemos ficar na mesma, então tudo ficaria bem e você nunca iria partir. Mas eu não dei o que você precisava e tudo foi pra merda. – Seus belos olhos azuis cintilavam, suspeitosamente brilhantes. – Sinto muito. Eu não quero mais ninguém. Você é tudo para mim, Lena. Nunca me senti assim com ninguém. Preciso que você saiba disso. Você tem que entender isso, ok?

Eu só olhei fixamente para ele, paralisada.

– Diga alguma coisa – ele insistiu.

– Jimmy, isso é amor.

Sua boca se abriu e fechou novamente. O olhar de surpresa teria sido hilário se meu coração, alma e futura felicidade não estivessem em jogo. Eu não estava projetando, ele realmente disse todas essas coisas. Havia uma chance de um final feliz, tinha que ter. Porque você não sentia tanta coisa por alguém e depois simplesmente ia embora novamente. Não é assim.

– Amor – ele disse, como se estivesse testando as palavras, considerando as possibilidades. Suas mãos se fixaram, uma em cada lado do meu pescoço, com os polegares acariciando meu queixo. – Merda. Ok. Tudo bem. – Eu esperei. Seus olhos pareciam incrivelmente grandes.

– Sim, você está certa. Eu amo você.

– Você tem certeza? – eu precisava perguntar.

Lentamente ele acenou com a cabeça.

– Sim. Tenho. Não achei que eu pudesse fazer isso, mas…

Agarrei dois punhados da camisa branca insanamente cara e enterrei meu rosto no seu peito. Isso tudo foi demais. Seus braços me envolveram, segurando apertado. Honestamente, eu estava meio tentada a chutar sua canela por me fazer

passar por tudo isso.

– Sinto muito – disse ele, com o rosto enterrado no meu cabelo. – Estou arrependido pra caralho por te machucar. Eu te amo, Lena. Pra caramba.

– Eu também te amo. – Funguei, qualquer chance de decoro estava muito longe.

Ele balançava e eu sacudia, e nem tenho certeza sobre como ficamos de pé e intactos. Nós nos abraçamos, balançando na pista de dança, enquanto a banda cantava de maneira esganiçada uma canção clássica de amor de ninguém menos do que… adivinhe qual banda?

– Por Cristo – ele murmurou. – Precisamos sair daqui. Esse cara não pode fazer essa merda.

Nesse ponto eu perdi o controle, rindo pra caramba.

Vida. O que você podia fazer?

Jimmy encaixou sua boca na minha e todo humor da situação sumiu, substituído pela fome crua. Meu Deus, eu senti falta dele. Pode ter sido apenas por uns dias, mas parecia uma eternidade. O gosto e a sensação dele, o cheiro de sua pele. Tudo e cada coisa a respeito dele, tanto o lado bom quanto o mau. Sua língua entrou na minha boca e meus olhos basicamente se reviraram. Céus. Nós agimos como se estivéssemos sozinhos e não sendo assediados por uma centena de convidados em um casamento. Eu o beijei de um jeito firme e gostoso até os meus lábios ficarem dormentes e meu cérebro dar voltas dentro da minha cabeça, faminto por oxigênio e me deixando tonta.

– Você realmente me ama? – perguntei de novo, enquanto ele descansava sua testa contra a minha.

Ele resmungou.

– Diga.

Um raro sorriso.

– Eu amo você, Lena.

– Já era hora, Jimmy – sorri.

Ele riu e, em seguida, me beijou um pouco mais.

E essa é a história de como minha irmã se casou com o idiota do meu ex-namorado, enquanto eu fui para casa com o homem mais bonito do planeta, Jimmy Ferris, o vocalista do Stage Dive.

EPÍLOGO

O que era para ser uma festa de noivado para Mal e Anne havia se degenerado em algum tipo bizarro de bacanal musical hedonista. Instrumentos, presentes, pizzas vegetarianas e bebidas estavam espalhados aqui, ali e em todos os lugares. O casal feliz havia desaparecido em um dos quartos de David e Ev algum tempo atrás. Killer, o cachorrinho, estava perseguindo Ben, o baixista, enquanto Lizzy estava deitada no sofá, rindo.

Foi muito engraçado, dadas as diferenças de tamanho.

Jimmy e David estavam tocando guitarra enquanto Jimmy cantava “Ain’t No Sunshine”, a velha e triste canção de Bill Withers. Eu sentei no chão em frente, fazendo fotos dele com a Nikon. Meu namorado era um dos temas mais fascinantes. E Deus salve minhas calcinhas quando ele começava com uma música melosa, porque elas não tinham chance nenhuma.

Ele finalmente se atreveu a contar para o seu irmão sobre aprender a tocar guitarra. David não fez nada além de dar apoio, ajudando-o a praticar. Eles estavam falando sobre as chances de Jimmy tocar guitarra sempre para dar suporte a seu irmão na próxima turnê. Ele parecia confiante e feliz em ter mais a oferecer à banda.

– Tudo bem? – Ev perguntou, caindo no chão ao meu lado.

– Muito bem. E você?

Ela sorriu.

– Só inchada, obrigada por perguntar.

Acima, através das portas da varanda, Nate e Lauren estavam dançando lentamente, perdidos um no outro. Ah, o amor. Tão adorável e uma merda. O mundo era um lugar glorioso.

– Vamos planejar seu casamento e do Jimmy em breve? – Ev sorveu um pouco da sua cerveja.

– Não, acho que não. Nós estamos bem assim.

– Nós estamos o quê? – perguntou Jimmy, terminando a música. Ele estendeu a mão para mim e eu bamboleei de joelhos, toda graciosa.

– Ev perguntou se vamos nos casar em breve. – Coloquei minha câmera cuidadosamente na mesa de café antes de subir no seu colo. Ele me querer ali em

cima dele era ao mesmo tempo um dever e um privilégio. Bem, um privilégio, na maioria das vezes.

– Você quer? – ele perguntou, inclinando a cabeça.

– Algum dia.

– Tudo bem.

– Jimmy – me inclinei para sussurrar em seu ouvido. – Acho que estou excitada.

Uma mão deslizou para o meu cabelo enquanto a outra agarrou meu quadril.

– Está?

– Mencionei um grande compromisso para algum dia e você está bem com isso. Sinto que posso ter o que eu quiser com você ultimamente. Está começando a me deixar um pouco excitada demais.

Ele virou a cabeça, beijando-me suavemente nos lábios.

– Gosto de você superexcitada. Mantém as coisas interessantes.

– Vou me lembrar disso.

Ele mordiscou meu lábio inferior.

Eu sorri, me esquivando para trás, tentando escapar de seus dentes provocadores.

– Animal – ri.

– É. Eu sou. Isso é um problema?

Meus dedos deslizaram em seu cabelo.

– Não. Gosto de você assim mesmo.

– Amo você, Lena – disse. Ele dizia isso para mim o tempo todo nestes dias. Nunca precisei duvidar. Minhas coisas foram transferidas diretamente para o quarto dele quando voltamos e Jimmy tinha definido que estarmos juntos seria uma informação pública. Eu não tinha escutado atrás da porta sua conversa com Liv Anders quando deu a notícia a ela. Confiava nele. Depois do modo que ele saiu de Los Angeles para chegar ao casamento da minha irmã a tempo, ela aparentemente não ficou surpresa.

Ela tinha a minha simpatia. Eu sabia o que era amá-lo e perdê-lo. Mas eu não o daria de volta.

Em meio a muitas risadas e latidos de cachorro, Mal e Anne finalmente saíram do quarto. O rosto de Anne estava corado e Mal ainda estava colocando sua jaqueta de cetim branco bordada no melhor estilo Elvis. Minha mente ainda estava tentando entender por que exatamente ele sentia a necessidade de usá-la. Obviamente a ideia do casamento em Vegas foi abraçada de coração inteiro.

– O rei está vivo! – ele gritou, com as mãos acima da cabeça. – E aí, menino Benny?

O baixista desabou em uma cadeira no canto, Killer ainda latindo em seus

calcanhares.

– E aí?

– Agora que a valorosa Lena domou o poderoso Jim, você é o último solteiro dando mole.

Ben riu.

– E pode apostar que vou ficar desse jeito.

– Ah, qual é? – Ev subiu no sofá ao lado de David, jogando um braço em volta dele. – Olhe para todos os casais delirantemente felizes nesta sala. Você não está nem mesmo tentado a se estabelecer?

– Não – ele respondeu, simplesmente.

– Ninguém especial que você queira nos contar, Benny? – Mal perguntou, lançando olhares curiosos.

– Não. – Ben cruzou os braços sobre o peito largo. – Estou feliz fazendo o que faço, me divertindo. Por que me limitar?

As mulheres vaiaram. Todas, exceto Lizzy, que de repente se levantou abruptamente do sofá.

– Tenho que ir. Tive um ótimo dia. – A garota jogou um braço em volta de Anne, dando-lhe um aperto. – Parabéns, mais uma vez.

– Obrigada. Mais uma vez. – Anne riu. – Vejo você amanhã no café da manhã?

– Com certeza. – Ela deu um tchau para a sala. – Boa noite a todos!

– Espera, vamos pegar um táxi com você – disse Lauren, se desembaraçando de um Nate bastante amoroso. Ambos tinham tomado algumas bebidas, ninguém estava apto a dirigir. Quando Anne e Mal se mudaram para o condomínio, a irmã dela ficou no seu antigo apartamento. Já que Mal pagou o aluguel para o próximo ano, teria sido uma pena desperdiçá-lo. Lizzy ficou muito feliz em deixar seu quartinho no dormitório da universidade em favor de um apartamento um pouco maior.

– Boa noite – eu disse, acenando para os três partindo porta afora.

Ben observou o grupo partir com um cenho franzido. Curioso.

Fui rapidamente distraída por Jimmy passando o nariz carinhosamente na minha bochecha.

– Você não disse que me ama, Lena.

– Eu te amo, Jimmy. – Sorri e beijei-o nos lábios.

Desde a descoberta do amor, ele se propôs a tornar-se um conhecedor da emoção. Tenho que admitir, eu estava definitivamente colhendo os benefícios sexuais e emocionais. O dano que sua mãe tinha feito estava lentamente sendo curado. O seu relacionamento com o irmão era melhor do que nunca. Ele me deixou encontrar um novo terapeuta para ele e estava aprendendo a confiar e se

abrir de todas as formas. Na verdade, acho que nós dois estávamos, e isso era uma coisa boa. Nem sempre era fácil, mas perseverávamos porque valia a pena para nós dois. Nossa dedicação em ficarmos juntos agora era absoluta.

– Me leva para casa? – pedi.

Jimmy sorriu, e ambas as covinhas apareceram. Elas sempre faziam meu estômago revirar e meu sexo derreter. O que acontecia com meu coração não podia ser descrito.

– O que você quiser, Lena.